

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Escola de Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura

Paulo Faltay Filho

**MÁQUINAS PARANOIDES E SUJEITO INFLUENCIÁVEL:
CONSPIRAÇÃO, CONHECIMENTO E SUBJETIVIDADE EM REDES
ALGORÍTMICAS**

Rio de Janeiro, 2020

PAULO FALTAY FILHO

Máquinas paranoides e sujeito influenciável:
conspiração, conhecimento e subjetividade em redes algorítmicas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (Tecnologias da Comunicação e Estética); Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dr. Fernanda Glória Bruno

Rio de Janeiro, RJ

2020

CIP - Catalogação na Publicação

FF197m Faltay Filho, Paulo
Máquinas Paranoídes e Sujeito Influenciável:
conspiração, conhecimento e subjetividade em redes
algorítmicas / Paulo Faltay Filho. -- Rio de
Janeiro, 2020.
212 f.

Orientadora: Fernanda Glória Bruno.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós
Graduação em Comunicação, 2020.

1. algoritmos. 2. paranoia. 3. subjetividade. 4.
teorias da conspiração. 5. sujeito influenciável .
I. Bruno, Fernanda Glória, orient. II. Título.

Agradecimentos

Ao encontro com as pesquisadoras e pesquisadores do MediaLab.UFRJ por quatro anos de trocas e de prazer na pesquisa coletiva. A Fernanda Bruno, pela amizade e orientação. A Anna Bentes pelo companheirismo e pelo pensar junto. A Paula Cardoso, Lori Regattieri, Wilson Milani, Mariana Antoun, Debora Pio, Helena Strecker, Natassia Rocha, Moises Costa e Adriano Belisário.

A Henrique Antoun, Henrique Parra, Letícia Cesário, Icaro Vidal, Andre Mintz e Fernanda Carrera por gentilmente aceitar o convite para compor a banca, cedendo tempo para discutir a pesquisa. A Karla Martins pela contribuição na qualificação. A Francisco Kerche pela ajuda imprescindível. A Capes e a Faperj pelas bolsas que permitiram a pesquisa ser realizada. Ao PPGCOM/UFRJ, em especial a Thiago Couto, pelo auxílio e ajuda nos meandros burocráticos. Aos colegas Rodrigo Sombra, Isabel Stein, Isabel Veiga, Arthur Frazão e Flávia Meirelles pela convivência e conversas sobre as pesquisas.

A Izabel Fontes, Hermano Callou, Pedro Neves, Julio Paschoal, Gabriela Barreto e Julia Lopes pelo convívio nos anos morando no Rio e amizade de sempre.

A Luís pela leitura, revisão e inquietação. Ao meu pai, minha mãe, Priscila e Alexandre.

Resumo

FALTAY, Paulo. **Máquinas paranoides e sujeito influenciável:** conspiração, conhecimento e subjetividade em redes algorítmicas. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A tese se debruça sobre o grupo autointitulado *Targeted Individuals (TIs)*, ou Indivíduos-Alvo. Reunidos em sites, blogs e redes sociais digitais, os *TIs* partilham da crença de serem vítimas de manipulação e de controle mental por meio de aparelhos eletrônicos e tecnologias digitais. A análise da produção de conteúdo pelo grupo em canais do *YouTube* permite notar como a percepção de influência pela tecnologia, para além de circunscrita a delírios e fantasias psíquicas particulares, se apresenta como uma tentativa de elaboração de sentido frente à centralidade ocupada por plataformas e opacas mediações algorítmicas na reorganização das vidas sociais e subjetivas. A hipótese aqui desenvolvida é de que a crescente proliferação de narrativas paranoides e conspiratórias se deve não apenas às impossibilidades cada vez maiores de distinção entre verdade e mentira, e ao caos e à insegurança informacional advindos de disputas epistemológicas e políticas no debate público. É fruto também dos investimentos das empresas de tecnologia em técnicas e procedimentos de produção de conhecimento sobre indivíduos e populações de modo a influenciar, gerir e intervir no comportamento. Os modos de percepção e subjetivação paranoide são, assim, relacionados à emergência da figura do sujeito influenciável. A tese pretende mostrar que a noção de influenciabilidade dos sujeitos, tornados objetos de intervenções a partir do comportamento monitorado, articula modos de percepção paranoides sobre as relações de poder, os regimes de saber e os modos de ser em redes algorítmicas do capitalismo orientado por dados. Trata-se de dimensões relacionadas, respectivamente, com o conspiracionismo; com a crença na eficácia tecnocientífica e nos conhecimentos produzidos a partir de dados digitais; e com os modos de subjetivação e de constituição de si ante a promessa de personalização dos sistemas automatizados de recomendação e direcionamento de conteúdo.

Palavras-chave: algoritmos; paranoia; subjetividade; teorias da conspiração; sujeito influenciável

Abstract

FALTAY, Paulo. **Paranoid machines and influenceable subjects: conspiracy, knowledge and subjectivities in algorithmic networks.** Thesis (Doctorate in Communication and Culture) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The thesis focuses on the self-titled group Targeted Individuals (TIs), or *Indivíduos-Alvo*, in Portuguese. Congregating on websites, blogs and digital social networks, TIs share the belief that they are victims of manipulation and mind control through electronic devices and digital technologies. Analysis of content created by this group and disseminated on YouTube channels affords us a grasp on how their perception of technological influence is not circumscribed to private psychic fantasies and ravings, but is framed as an attempt to make sense of the centrality of platforms and murky algorithmic mediations in the reorganization of social and subjective lives. The hypothesis developed here is that the growing proliferation of paranoid and conspiratorial narratives is not only due to the increasing impossibility of distinguishing between truth and lies and to the chaos and informational insecurity arising from epistemological and political disputes in public debate. It is also the result of investments by technology companies in techniques and procedures for producing knowledge about individuals and populations in order to influence, manage and intervene in their behavior. The modes of paranoid perception and subjectivity are thus related to the emergence of the figure of the influenceable subject. The thesis intends to show that the notion of the subjects' influenceability by data and algorithms articulates paranoid ways of elaborating the meaning of regimes of power, knowledge and modes of being in algorithmic networks of data oriented capitalism. Dimensions related, respectively, to conspiracy, to the belief in technoscientific effectiveness and in knowledge regimes built from digital data, and to modes of subjectivation and self-constitution in the face of the promise of personalization of automated systems for recommending and directing content.

Keywords: algorithms; paranoia; subjectivity; conspiracy theories; influenceable subject

Lista de figuras

Figura 1: Incidência da procura do termo “targeted individual” no buscador da Google	21
Figuras 2, 3 e 4: Notícias compartilhadas sobre controle da mente no grupo Targeted Individuals	22
Figuras 5 e 6: Notícia no grupo Targeted Individuals sobre o monitoramento de empresas de tecnologia e da economia digital	23
Figura 7: Vídeo com relatos de pessoas que argumentam sofrer com os efeitos de procedimentos e drogas criados pelo <i>MK-ULTRA</i>	23
Figura 8: Usuário de um canal procura provar a tortura psicotrônica sofrida com um aparelho detector de radiação infravermelha	23
Figuras 9 e 10: Relato em um site de <i>TIs</i> sobre os efeitos do assédio eletrônico	24
Figura 11: Ilustração de James Tilly Matthews do tear de ar	32
Figura 12: Detalhes do painel do tear de ar	33
Figura 13: Dispositivo magnético retratado por Fredrich Krauss em <i>Grito de aflição de uma vítima de envenenamento magnético</i> (1852).....	34
Figura 14: <i>Provas</i> (Beweisse, 1909), de Jakob Mohr	35
Figura 15: Lista das principais plataformas (Machado, Oliveira, Souza, e Silveira, 2018).....	40
Figuras 16, 17, 18 e 19: Posts em grupos de Facebook relacionados aos <i>TIs</i> com recomendação e link para vídeos no <i>YouTube</i>	47
Figura 20: Post em site com vídeos compartilhados do <i>YouTube</i> que supostamente apresentam evidências do assédio eletrônico	48
Figura 21: Texto de abertura da página inicial do <i>Targeted Justice</i> . Ao final, há recomendação de vídeo que mostraria um exemplo de implante tecnológico	48
Figura. 22: Rede de 70 canais após coleta de dois graus	55
Figura 23: <i>Clusters</i> identificados por cores e com a porcentagem referente ao número de canais entre o total de 491 analisados	64
Figura 24: Rede total formada pelos 491 canais	65
Figura 25: Detalhe da rede apresentada na figura 10 com o <i>cluster</i> 21	67
Figuras 26 e 27: Vídeos do canal. <i>Jeremiah Cohen</i>	69
Figura 28: Vídeos mais visualizados do canal <i>ella f</i>	70
Figura 29: As diversas organizações dominadas por agentes da <i>Nova Ordem Mundial</i> apresentadas como sistemas neurais	71
Figuras 30, 31, 32 e 33: Exemplos de como referências à ciência são usadas no conteúdo do canal <i>AsYLuM of GhoSTs</i>	72

Figura 34: Vídeo de um canal que se propõe a exibir, em formato de crônica, comentários e apresentações acerca de pesquisas sobre psicologia e temas relacionados ao universo dos <i>TIs</i>	73
Figura 35: Canal que se apresenta como diários visuais	74
Figuras 36 e 37: Vídeo com organograma de um aparelho que teria a capacidade de "ler" e "escrever" pensamentos e uma interface que supostamente monitora a atividade cerebral	75
Figura 38: Vídeo em que o usuário <i>charles hall</i> demonstra, por meio de uma imagem no programa <i>Paint</i> , como é o funcionamento de tecnologias <i>v2k</i> , que implantariam vozes na cabeça das pessoas	76
Figuras 39 e 40: Vídeos do canal <i>EYA</i> em que se atribui a dispositivos tecnológicos e científicos a causa das alterações do Efeito Mandela	88
Figuras 41 e 42: Vídeos do canal <i>EYA</i> com as supostas citações proféticas e alterações na Bíblia causadas pelo Efeito Mandela	88
Figura 43: Exemplo de imagem gerada pelo código do <i>Interceptionism</i> que produziu figuras de bananas a partir do reconhecimento de padrões visuais em ruídos	119
Figura 44: Imagens interpretadas e modificadas pelo <i>Deep Dream</i> de acordo com os padrões de reconhecimento dos algoritmos	120
Figura 45: <i>O grito</i> (Edvard Munch, 1893) modificado pelo <i>Deep Dream</i> com algoritmos treinados a reconhecer rostos de animais	121
Figuras 47 e 48: Exemplos de vídeos de canais que se dedicam a ser diários pessoais, geralmente filmados no enquadramento vertical	150
Figura 49: Trecho de vídeo em que Matthew Aaron apresenta uma suposta evidência do assédio eletrônico	153

Sumário

Introdução - Só porque você é paranoico não significa que não estão atrás de você	8
Eixo 1 - Máquinas paranoides	
Capítulo 1. Tecnoparanoia	18
1.1 "Você é um experimento": os <i>Targeted Individuals</i>	18
1.2 Delírios e tecnologia.....	27
1.3 Máquinas de influenciar	31
Capítulo 2. Mapeando e visualizando os TIs no YouTube	43
2.1 Plataformas e mediações: a escolha do <i>YouTube</i>	51
2.2 Percurso e fundamentação metodológicos	61
2.3 Visualizando a rede TI no Youtube.....	66
2.3.1 A rede e os caminhos do sujeito influenciável.....	68
Eixo 2 - Sujeito influenciável	
Capítulo 3. Conspiracionismo	78
3.1 Cultura da conspiração	82
3.2 Conspiracionismo e disputa do conhecimento	91
3.3 Conspiracionismo e plataformas	96
Capítulo 4. Conhecimento e o mercado da influência.....	104
4.1. Dataficação do comportamento.....	106
4.2 O estilo paranoide dos algoritmos	117
Capítulo 5. Subjetividades paranoides	128
5.1 Paranoia tecnológica entre individualidades e dividualidades	130
5.2 Corpo individual x subjetividade dividual	134
5.3 Confissão e participação em redes algorítmicas.....	139
5.4 Subjetividades paranoides e espelhos de si	146
5.5 Subjetividades paranoides: Nem cura, nem patologia.....	152
Considerações finais	157
Referências	172
Anexos.....	190

Introdução - Só porque você é paranoico não significa que não estão atrás de você

Chat 1

- o algoritmo do Tinder mudou
- tenho certeza!
- como assim?
- Meus *matches* diminuíram consideravelmente nas últimas semanas depois da atualização.

Chat 2

- só recebo publicidade de grávida
- tu fez alguma busca sobre?
- eu sempre busco no google a semana que X tá pra acompanhar o desenvolvimento dxs bebês
- no começo acho que o algoritmo achava que era eu
- apareceu propaganda de fralda etc
- agora é como se soubesse que não sou eu, mas investe pra que seja
- mostra propaganda de congelamento de óvulos
- (ou 'a todas que ainda serão')
- e o pior de tudo é que consegue fazer com que eu me sinta mal, tu acredita?
- é um reflexo de como sou vista, mulher envelhecendo sem parir

As conversas acima ilustram algo que foi se tornando gradativamente recorrente desde que o doutorado se iniciou. No princípio, o termo *algoritmo* provocava surpresa diante das respostas um tanto enroladas envolvendo o tema da pesquisa, que, a depender de com quem o diálogo era travado, se encaminhavam para um “*vigilância na internet*”. A expressão soava ainda abstrata, dado o sentimento de que os dois termos, de tão amplamente implicados nos modos de sociabilidades e subjetividades contemporâneos, por si só não diziam muito, ou diziam demais. A combinação deles, entretanto, sempre despertava alguma familiaridade. Aqui e ali, surgiam lembranças de casos envolvendo anúncios em redes sociais e espanto ou curiosidade relacionados ao monitoramento intrusivo do comportamento online para fins de propaganda e marketing.

Até então, para além da *vigilância*, a pesquisa se direcionava às consequências nocivas, para determinados indivíduos ou grupos de pessoas, de decisões automatizadas em aplicações de sistemas de busca, de setores legais, financeiros, etc. Entretanto, a investigações dos preconceitos ou discriminações algorítmicas e os impactos dos opacos meandros decisórios destes sistemas, por mais interessante e relevante, não era o caminho que me interessa trilhar.

O termo *algoritmo*, por sua vez, foi se popularizando com a maior incidência de notícias que expunham o caráter intrusivo da economia de dados, a maior percepção de padrões na oferta de informação e do visível nas redes sociais e a crescente popularização de plataformas de conteúdo recomendado, como o Netflix e o Spotify. Assim, eventuais conversas puxadas sobre a pesquisa intercalam assuntos relacionados a casos de discriminação, mas também a episódios de desconfiança, interrogação e especulação aos modos como nos relacionamos com as redes sociotécnicas (Latour, 1994).

Algumas inquietações encontravam ressonâncias na lógica de funcionamento das plataformas e outras aplicações e produtos tecnológicos - como a disputa pela atenção de pessoas usuárias e a exploração de vulnerabilidades sociais e psicológicas para fins publicitários - como ilustrado nos diálogos acima. Outras tantas pareciam ser apenas meras coincidências. Toda forma, entre o espantar-se e o habituar-se aos serviços e produtos da economia digital contemporânea, um sentimento persecutório difuso parecia cada vez mais fornecer explicações e pautar a experiência com a tecnologia e a vida midiática contemporânea. Sentimento que ressoa o que Rodriguez (2007, p. 12) aponta como uma característica particular dos humanos quando, ao criar objetos e sistemas técnicos, também cria em relação a eles "fantasias de libertação ou subjugação que depende da tonalidade afetiva do tempo"¹.

Regulando, influenciando e gerenciando nossas rotinas (Kitchin, 2016), os algoritmos assumiram protagonismo nas narrativas tecnológicas, culturais e políticas contemporâneas. Em uma cultura algorítmica (Galloway, 2006; Striplhas, 2015), o termo parece invocar “peças de mágica técnica cotidiana”² (Finn, 2017, p.16), adquirindo tons de devoção ou temor quase míticos (Bogost, 2015; Ziewtiz, 2015) e oraculares (Bruno, 2013). Aqui uma primeira pista. Ao contrário de outras expressões que definiam mecanismos sociotécnicos enquanto processos - *profiling*, *data mining*, *dataveillance* etc -, o termo algoritmo encarna um ente único, com um modo de existência delimitado e dotado de ação própria e diretiva. Ironicamente, a própria atribuição de valores humanos ao algoritmo, como “preconceito” ou “discriminação”, aponta para essa característica de mistificação da agência tecnológica e para a tendência do pensamento

¹ Livre tradução para: “(...) hacen proliferar la materia en el mundo através de la creación de objetos y sistemas técnicos y se acoplan o desajustan respecto de ellos, creando fantasias de liberación o de sojuzgamiento que dependen de la tonalidad afectiva de la época”.

² Livre tradução para: “pieces of quotidian technical magic”.

ocidental de polarizar, em dualismo reducionista, o humano e a técnica (Law, 2003; Latour, 1994).

Por sua vez, as oscilações entre o determinismo humanista/social e o determinismo técnico escapavam do escopo propriamente teórico da pesquisa, ainda voltado para as discriminações fundamentadas por ferramentas automatizadas. Quanto mais o interesse de pesquisa escorregava deste tema central para as lógicas especulativas e as angústias sobre os possíveis condicionamentos exercidos pela tecnologia - reunidas e imaginadas em torno do *algoritmo* -, mais referências a casos em que as rede sociotécnicas fomentavam situações e estruturas opressivas apareciam. Episódios, notícias, análises e livros acerca da temática, como *The Black Box Society* (Pasquale, 2015), *Weapons of math destruction* (O'Neil, 2016), *Algorithms of Oppression* (Noble, 2018), surgiam frequentemente nos *feeds* das plataformas, anúncios de redes sociais ou em recomendações de livrarias online.

Para além das minhas pesquisas, essas recomendações sugeriram que quanto mais me afastava do tema, os "algoritmos" insistiam em continuar o escolhendo, o assunto parecia se insinuando, se recomendar, intervir para se impor. A percepção era de que os próprios algoritmos se deslocavam da posição de objetos para também condicionar os rumos da pesquisa, de modo que o sentimento persecutório parecia estar permeando e costurando o próprio processo da tese. Assim, a escolha. Decido, portanto, abraçar este *pânico de influência*³ (Melley, 2000) e investigar as característica paranoides dos delírios de perseguição e de influência em relação aos sistemas algorítmicos como tema central.

Para tanto, a tese se debruça sobre o grupo autointitulado *Targeted Individuals (TIs)*, ou Indivíduos-Alvo em português. Reunidos em sites, blogs e plataformas em que expõem suas experiências e angústias, os *TIs* partilham da crença de serem vítimas de manipulação e de controle mental por meio de aparelhos eletrônicos e tecnologias digitais. Um problema se apresenta de saída nesta ligação entre processos psíquicos e contextos políticos, técnicos e culturais. Um tropeço possível é, na ênfase ao caráter patológico da paranoia, tomar um dos dois campos, psíquico e social, como causa ou consequência do outro. A aproximação com o entendimento de paranoia, em especial na psicanálise, se dará menos em uma revisão ou discussão sobre o conceito em si ou sobre a estrutura clínica, mas destacará o aspecto da paranoia

³ *agency panic*, em inglês, é definido pelo autor como uma intensa ansiedade sobre a aparente perda de autonomia e autocontrole diante da convicção de que a ação e o comportamento estão sendo controlados por agentes externos (Melley, 2000, p.8)

como um conjunto de práticas e lógicas interpretativas que elaboram e organizam as relações materiais e simbólicas. Ainda, tomo a paranoia como um modo de construção e estruturação do eu e de sua coerência, bem como uma percepção de cunho defensivo que em contextos de instabilidade, procura driblar sentimentos de desagregação e fragmentação experimentados por condições estruturais ou contingentes.

O tratamento da paranoia, portanto, se encaminha para ser menos um diagnóstico e mais uma orientação ao perceber, “a partir dos exageros e distorções do patológico, o que é aparentemente simples no normal” (Freud, 1914/2010, p.17). Por mais que a tentação de rapidamente envelopar os *TIs* enquanto paranoicos ou esquizofrênicos seja grande, me parece que tal interpretação acaba por reduzir e subestimar o fenômeno. Se ele reforça e legitima aspectos delirantes da relação entre humanos e máquinas, ele também ultrapassa as dimensões psíquicas particulares ao oferecer uma função explicativa dos problemas psíquicos, produzindo uma autoinvenção de identidade coletiva e o entendimento de mundo compartilhado. Ao se estabelecerem como espécies de sessões de terapia em grupo - tanto como espaço para a negociação de consensos e constituição de autoidentidade, quanto como facilitadoras e instâncias de intensificação de conteúdos ilusórios e potencialmente nocivos - a produção dos *TIs* em redes sociais dão pistas para uma questão mais ampla e fundamental na tese: a centralidade que as plataformas ocupam na circulação de informação e de conteúdo na esfera pública, organizando cada vez mais nossas vidas sociais e subjetivas.

No cenário contemporâneo, a quantidade de informações online disponível podem potencialmente justificar quase qualquer teoria da conspiração, crença marginalizada ou experiências individuais inusitadas. Embaralham, assim, as definições do que seriam crenças ilusórias particulares. Qualquer pessoa pode encontrar muitas evidências e indícios que justifiquem suas interpretações e percepções, independentemente da validade e das fontes que as embasam. Ao nos depararmos com transformações estruturais, sejam sociais, políticas, comunicacionais e epistemológicas, como nos comportar diante das promessas negativas de futuros distópicos cada vez mais presentes em crescentes ameaças de violência, contextos políticos de exceção, mudanças climáticas, doenças contagiosas e crises econômicas? Diante de fenômenos cujas dimensões extrapolam nossa capacidade de interpretação, deliberação e ação, como afastar o sentimento de desorientação por estarmos “ontologicamente inseguros”? Insegurança ontológica que refere-se à descontinuidade não só dos ambientes de ação social e

material circundantes à humanidade, mas também da inconstância do modo como percebemos e vivenciamos nossa autoidentidade (Giddens, 1991, p.95).

A hipótese que seguirei, assim, procura mostrar como os modos de subjetivação paranoides se apresentam como uma tentativa de organização e elaboração de sentido frente à crescente fragmentação causada pelas mediações algorítmicas nas esferas pública e privada. Dimensões estas que, por sua vez, têm os limites também borrados pelas dinâmicas de visibilidade, pertencimento e de constituição de identidades sustentadas pelas plataformas. Assim, as subjetividades paranoides podem ser apontadas tanto como consequências, quanto como elementos que reforçam o senso de instabilidade e fragmentação que permeia redes algorítmicas. Isso não significa tomar a tecnologia, as aplicações comunicacionais e as plataformas digitais como agentes determinantes de fenômenos da sociedade contemporânea, mas, antes, como componentes que afetam e incitam os modos dos sujeitos produzir sentido.

O cotejo à paranoia desponta, então, como ferramenta para investigar a produção de subjetividade entendida não como um predicado das almas humanas, mas um atributo da própria montagem dos sujeitos (Latour, 2012, p. 313). Ao tratar das dimensões maquínicas de subjetivação, como nos lembra Guattari (2006), não é o caso de examiná-las propriamente como positivas ou negativas, mas de estar atento para as articulações que são inventadas em agenciamentos coletivos e heterogêneos. A tese abordará como a proliferação de narrativas paranoides e conspiratórias não se deve apenas às impossibilidades cada vez maiores de distinção entre fato e invenção e ao caos e à insegurança informacional advindos de disputas epistemológicas e políticas dos regimes de verdade no debate público. É fruto também dos investimentos das empresas de tecnologia em elaborar técnicas e procedimentos para produzir conhecimento sobre indivíduos e populações com o objetivo de influenciar, gerir e intervir no comportamento. Dito de outra forma, quando efetivamente há uma série de elementos e agentes heterogêneos que anseiam conduzir e modular os modos de subjetivação e sociabilidade a partir de dados, algoritmos e redes sociais digitais.

Ao longo da tese, a produção dos *TIs* me auxilia no exame da emergência da figura do *sujeito influenciável*, noção que tomo de empréstimo de Marres (2018), como elemento crucial aos modos de socialização e subjetivação das redes algorítmicas das plataformas. Por sujeito influenciável eu considero o entendimento de que é possível, mediante o monitoramento do comportamento online, tornar os indivíduos e suas condutas objetos de intervenção a partir do

conhecimento produzido pela identificação, classificação e cálculo automatizados de dados digitais pessoais e relacionais. Essa definição basilar se desdobrará em três dimensões que articulam a noção da influenciabilidade dos sujeitos com modos de percepção paranoide em torno das relações de poder, das formas de saber e dos modos de subjetivação presentes nas mediações sociotécnicas das plataformas. São três dimensões⁴ que estão mutuamente implicadas e pelas quais os indivíduos percebem e negociam sentidos de agência e de impotência, bem como aspectos da constituição de identidades, mas que separo para fins de clareza. Detalharei elas nas próximas páginas ao descrever a estrutura da tese.

A tese se desdobra, então, em dois eixos. O primeiro intitulado “Máquinas paranoides”⁵ se debruçará sobre o *TIs* e sobre o delírio de influência relacionado à técnica e à tecnologia como uma questão da subjetividade moderna. Ou em outras palavras: a tecnologia como questão da paranoia. No primeiro capítulo serão apresentados os *TIs* em uma breve incursão na produção do conteúdo do grupo em sites, blogs e redes sociais digitais. Este capítulo ainda se desdobra na relação entre tecnologia e paranoia a partir do ensaio de Victor Tausk sobre as máquinas de influenciar (1919) e de ilustrações produzidas por pessoas diagnosticadas com esquizofrenia-paranoide que versam sobre o controle psíquico e comportamental dos humanos por máquinas fantásticas. Tratarei, ainda, neste capítulo da paranoia como conceito em Freud (1911/2010; 1914/2010; 1915/2010) em especial com o caso Schreber. A apreciação da paranoia enquanto conceito se dará articulada com a análise de Santner (1997) que identifica o caso Schreber, e a própria interpretação desenvolvida por Freud, como ilustrativo de uma crise de “investidura simbólica”. Crise no qual o autor aponta refletem não apenas em sentimentos de alienação, depressão, vazio profundo e anomia, ou seja, percepções da ausência, mas também em “um excesso de proximidade, de perda da distância de uma presença obscena e malévola que parece exercer um controle direto sobre o íntimo do sujeito” (idem, p.11). O recuo aos casos de paranoia da modernidade me permite posicionar a percepção de atenuação do poder e da autoridade simbólicos enquanto vivenciadas não apenas no colapso das organizações e instituições sociais,

⁴ Esses enfoques também se relacionam com as três camadas - a econômica; a epistemológica; e a de gestão e controle comportamental (Bruno, Bentes e Faltay, 2019) - da *Economia Psíquica dos Algoritmos*, conceito que vem sendo desenvolvido no projeto de pesquisa “Economia Psíquica Dos Algoritmos: racionalidade, subjetividade e conduta em plataformas digitais”, coordenado pela prof.^a Fernanda Bruno no MediaLab.UFRJ, com o apoio do CNPq, e do qual esta pesquisa é um desdobramento específico.

⁵ Título que faz alusão explícita às máquinas celibatárias de Michel Carrouges.

mas também no que é caracterizado como a singularidade dos sujeitos, seu corpo, sua psique, sua personalidade, sua consciência.

O segundo capítulo, última parte deste primeiro eixo, é um capítulo teórico e metodológico. Teórico porque discuto como sob a noção de “plataformas”, aplicações e serviços de empresas da economia digital ganham escalas e níveis de utilização gigantescos, passando a desempenhar um preponderante papel na organização de importantes áreas da vida social e subjetiva. Não se configurando apenas como novas formas de intermediação e tráfego de dados, mas uma reorganização nas mediações das produções de sociabilidade e subjetividade e na instauração de novas relações de poder, regimes de saber e modos de ser. Metodológico porque se, em um primeiro momento, trago alguns relatos dos *TIs* em uma coleta ancorada na observação exploratória, se impôs o desafio de organizar o conteúdo produzido pelo grupo em um esquema melhor estruturado. Para tanto, escolho o *YouTube* como a plataforma de investigação sobre o grupo por quatro fatores que se relacionam: a recorrência observada na exploração inicial de postagens contendo links ou recomendações sobre canais e vídeos da plataforma; o lugar privilegiado que o serviço de compartilhamento de vídeos alcançou como ferramenta de circulação de conteúdo e de influência na opinião pública; o fato dele ter se tornado um grande celeiro de divulgação, veiculação e compartilhamento de narrativas de tons paranoides e de teorias da conspiração; e, por fim, ser um espaço para a divulgação de representações visuais. Utilizando ferramentas e procedimentos do campo da Análise de Redes Sociais (*ARS*), como o *YouTube Data Tools (YTDT)*⁶ (Rieder, 2015) e o *Gephi*, são identificados 491 canais, que serão a base da análise e para a produção de visualizações.

As perspectivas teórica e metodológica se entrelaçam, ainda, em uma discussão sobre o campo dos Métodos Digitais, a colaboração e manejo de metodologias diferentes e os limites que as investigações digitais esbarram, especialmente, aquelas baseadas em *APIs*⁷ e em parâmetros e informações fornecidas pelas próprias plataformas. Na parte final do capítulo, apresento as visualizações e faço uma breve incursão no mapeamento dos canais a partir de três divisões temáticas dos vídeos: os que abordam as relações de poder, os em torno da produção conhecimento e os de relatos pessoais. É uma divisão que me permite examinar como a produção

⁶ <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>

⁷ A sigla *API* significa "*Application Programming Interface*", em português Interface de Programação de Aplicativos, é uma interface com uma série de instruções e padrões de programação que permitem que recursos de uma aplicação possam ser usados por outras aplicações, em uma interoperabilidade automatizada entre diferentes sistemas.

dos *TIs* dá pistas sobre a relação entre as dimensões do sujeito influenciável e os modos de percepção paranoide. Uma relação que tem o conspiracionismo como forma de entendimento das relações de poder; a crença na eficácia tecnocientífica – que irei relacionar aos regimes de saber construídos a partir da produção e análise automatizada dados pessoais e relacionais digitais; e as tensões entre o corpo físico unificado e a subjetividade dividual como modo de percepção e exame de si – que serão as bases para analisar os modos de subjetividade que emergem das negociações entre os indivíduos e o processo de personalização dos sistemas algorítmicos de recomendação e direcionamento de conteúdo.

Passamos, então, ao segundo eixo, intitulado “Sujeitos influenciáveis”. O terceiro capítulo se dedica ao fenômeno caracterizado no começo do século como "cultura de conspiração" (Knight, 2000; Barkun, 2003) ou ainda uma "cultura da paranoia" (Melley, 2000) e que chamo de *conspiracionismo*: o crescente deslocamento para o *mainstream* de teorias da conspiração e narrativas paranoides. Tomo o conspiracionismo não como uma "teoria", mas uma estilística, um maneira de interpretar e produzir sentido que tem suas tonalidades e traços modificados a depender das relações que estabelece em diferentes suportes, grupos, ferramentas e contextos. Atualmente, defendendo, a disseminação desses discursos apresenta estreitas relações com os usos de informações pessoais digitais por parte das empresas de tecnologia e de como são articuladas às relações de poder, às formas de saber e os modos de subjetivação em suas redes sociotécnicas. Discutirei como a percepção da modulação do comportamento pela tecnologia, assim, é tanto causa quanto consequência da disseminação do conspiracionismo. De modo que a figura do sujeito influenciável é, ao mesmo tempo, personagem dessas narrativas e, parcialmente, o motivo pelo qual elas se proliferam nesses serviços.

No quarto capítulo me debruço em enunciados sobre a eficácia da influenciabilidade dos sujeitos e da possibilidade de intervenção no comportamento a partir do conhecimento produzido por meio de dados pessoais e relacionais que informam sistemas algorítmicos de direcionamento de conteúdo. A partir das controvérsias envolvendo a consultoria de marketing político *Cambridge Analytica* examino a produção teórica do *Psychometrics Centre*, da Universidade de Cambridge. A rápida mudança de foco na plataforma tem duas razões. A primeira é a grande recorrência do episódio em diversos vídeos do mapeamento realizado. Por sua vez, o caso envolvendo a empresa demonstra como tentativas de inferir características psíquicas e emocionais das pessoas usuárias, ao combinar saberes do campo da psicologia com as técnicas e

pressupostos da ciência de dados (Stark, 2018), vêm ganhando destaque na definição de estratégias para o direcionamento de conteúdo nas plataformas (Bruno, Bentes e Faltay, 2019). Me interessa apontar o deslocamento de como são percebidos e operados a satisfação e o desejo das pessoas, ou ainda, as formas de produção de conhecimento sobre o sujeito e as estratégias de intervenção para persuasão e influência sobre o comportamento. Neste sentido, convoco um artigo escrito por engenheiros do *YouTube* (Covington, Adams e Sargin, 2016) para discutir como mediações algorítmicas não mais miram em sujeitos individualizados e coerentes, mas voltam-se ao escrutínio do valor das relações entre as pessoas, que passam a ser mensuradas e quantificadas como padrões de dados (Rouvroy e Berns, 2016).

A relação entre modos paranoides de sentido e o sujeito influenciável, portanto, a ser explorada no capítulo o versa sobre a forma como sistemas algoritmos pretendem nos conhecer. Mais do que debater a validade científica de tais procedimentos, a discussão se dará em como os fluxos sem precedentes em volume e variedade de dados constantemente coletados fornecem as bases epistemológicas de ferramentas que identificam padrões, extraem conexões e dão forma às intervenções no comportamento. Interessa mostrar, ainda, como estes procedimentos podem apresentar características apofênicas - encontrar sentido onde ele não existe – próprias de uma “paranoia matemática” (Pasquinelli, 2015) presente nos próprios sistemas.

Já o quinto e último capítulo, o interesse se volta para como a mediação algorítmica influencia na percepção que as pessoas têm de si nos encontros com as ferramentas automatizadas de direcionamento personalizado de conteúdo. Neste capítulo, as questões a serem debatidas levam em como os sujeitos se imaginam, se percebem e negociam com a imagem de si nestas redes. Retomando considerações sobre a paranoia do primeiro capítulo, a percepção de influenciabilidade dos sujeitos é discutida em três aspectos associados que apresentam tendências a fomentar subjetividades com características paranoides: a instabilidade das fronteiras do eu, a fixação narcísica e o engrandecimento de si e a própria construção de um meio social privado que é tomado como a realidade.

O primeiro aspecto refere-se à visada algorítmica que fragmenta o indivíduo em rastros divisíveis e parciais. Recombinados em compilações de dados de populações que constroem perfis pela identificação de padrões relacionais entre pessoas, os indivíduos, nos processos de personalização das redes algorítmicas, são sempre “mais e menos do que um” (Lury e Day, p. 15). A autonomia individual não é posta em ameaça apenas como uma intrusão externa no íntimo

dos sujeitos, mas também no ofuscamento da distinção entre categorias da constituição da imagem de si entre a integridade e unidade corporal e os modos de subjetivação individuais.

O segundo aspecto refere-se ao modo como esta inclusão relacional da personalização envolve uma constituição de si alterdirigida, na proximidade com o outro e orientada para o olhar alheio. Pela característica espontânea das pessoas em expor de maneira relativamente livre aspectos pessoais e privados em plataformas sociais, convoco, então, o dispositivo de confissão para discutir como as pessoas se inserem em circuitos de revelação de si para outros em redes algorítmicas. É um tipo de confissão que não se dirige a uma alteridade inscrita privilegiadamente na norma, uma estrutura de consistência de contornos mais rígidos. É, assim, menos da ordem da proibição, da limitação e do impedimento e mais na incitação do desempenho da constituição de si em virtudes maleáveis e flexíveis em recorrentemente reelaboração. É uma forma de produção de discursos sobre si associada à concepção neoliberal de capital humano. Neste sentido, aponto a instável negociação da constituição de si e do senso de identidade nos perfis de plataformas. Constituídos por duas escalas, a dimensão vestigial dos dados e a dimensão declarativa dos discursos, os perfis sustentam uma cultura da participação que toma as métricas e cálculos de conexão como modos de mediação e valoração dos sujeitos.

Abordo, por fim, a característica do processo de personalização em ofertar uma organização da informação e do visível com o pressuposto de que o conteúdo direcionado aos perfis é definido pelo monitoramento do comportamento pregresso das pessoas, tendo assim, a promessa de “nos conhecer melhor do que nós mesmos” (Bruno, 2018). Aponto, ainda que sustentadas pelo princípio da homofilia, ou seja a premissa de que iremos nos interessar por algo que já nos interessa – ou que é do interesse de pessoas cujos perfis seriam parecidos conosco, os perfis de redes sociais favorecem também uma propensão recursiva para a constituição do senso de identidade. Tanto no aspecto individual das mediações algorítmicas da personalização, quanto na dimensão discursiva é uma realização do eu que tende a voltar-se a si na sua constituição.

Haraway (2009, pp. 41-42) nos conta que nas máquinas pré-cibernéticas havia sempre o espectro de um fantasma, como se fossem habitadas por um espírito, ainda que não fossem vistas como autônomas. Pensar diferente, como se elas se autoconstituíssem em um movimento próprio, seria uma fantasia paranoica. Entretanto, “agora já não estamos assim tão seguros. (...) Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes”. Talvez. Veremos a seguir.

Eixo 1 - Máquinas paranoides

Capítulo 1 – Tecnoparanoia

1.1. Você é o experimento: os *Targeted Individuals*

Tortura psicotrônica, assédio eletrônico, controle da mente, monitoramento neural remoto, armas de energia direcionadas, voz para o crânio (*V2K, voice to skull*, em inglês) e telepatia sintética. Termos que aparentam ser um inventário de expressões oriundas de obras de ficção científica compõem um vocabulário compartilhado por vasta produção textual e audiovisual de uma comunidade online autointitulada *Targeted Individuals*, ou *TIs*, em português, Indivíduos-Alvo. Os *TIs* se reúnem e povoam páginas de redes sociais, fóruns, blogs e canais de vídeos em que relatam experiências, sofrimentos e angústias por serem vítimas de diversas práticas, que podem ser divididas brevemente em duas modalidades: o *gangstalking*, perseguições e monitoramentos sistemáticos promovidos por grupos organizados, e a manipulação e o controle mental por meio de aparelhos eletrônicos e tecnologias digitais.

Na definição própria de um site dedicado ao grupo⁸, o significado de ser um *TI* é eloquente: “você é um experimento”. Um *TI* é, segundo o site, “alguém que foi selecionado pelo *Deep State* (geralmente FBI, DHS ou CIA) para participar involuntariamente de um programa experimental de tortura do governo”. O *Deep State* nomeia uma rede fundada no corporativismo e compadrio de servidores de carreira, funcionários não concursados e membros não eleitos do serviço público que existiriam no sistema estatal e governamental dos EUA. Essa rede constituiria uma espécie de governo oculto, trabalhando para impor uma agenda que não é referendada, acompanhada e debatida pelo escrutínio público⁹.

⁸ <https://www.targetedjustice.com/what-is-a-targeted-individual.html>

⁹ A melhor definição do que seria o *Deep State* dentro de uma narrativa conspiratória que encontrei vem de uma *thread* no *Twitter* de Filipe Martins, Assessor Especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais, bastante próximo ao escritor e astrólogo Olavo de Carvalho e apontado como um dos mais proeminentes conselheiros de Jair Bolsonaro. Escreve Martins: Em um esforço para diminuir o poder de controle e vigilância da sociedade sobre o poder político, há quem deseje desvincular as agências administrativas do presidente eleito, dando a grupos de burocratas não-eleitos a autonomia de regulamentar todos os aspectos das nossas vidas. É urgente entender a natureza e o alcance do "Estado Administrativo" (o *Deep State*, como diria Trump): uma espécie de 4º poder que cada vez mais estende seus tentáculos sobre todos os aspectos de nossas vidas, sem se importar com o processo democrático e legislativo tradicionais. A tentativa de estabelecer um regime tecnocrático, no qual seríamos governados por pseudo-especialistas respaldados por um repertório supostamente técnico criado por instituições nacionais ou internacionais ideologicamente aparelhadas, precisa ser exposta e freada o quanto antes. Por imperfeita que seja, a ordem constitucional baseada no império da lei e na democracia representativa precisa ser protegida e a tentativa de substituí-la pela autoridade pseudo-científica de agências que governariam por meio de atos

Ainda segundo a descrição, o projeto que utiliza os *TIs* como cobaias humanas foi desenvolvido no âmbito do *MK-Ultra* e tem como objetivo colapsar e “neutralizar” a pessoa, utilizando de procedimentos que causariam estresse psicológico, físico e emocional. A pretensão final seria o controle de toda a população por meio de intimidação e ameaças e da manipulação e domínio da mente. Um adendo: o *MK-Ultra* de fato existiu. Embora muitos detalhes do programa tenham se perdido devido à destruição de documentos oficiais por parte do governo estadunidense, as linhas gerais do seu escopo, atuação e realização são de amplo conhecimento público desde que a investigação de um comitê do Senado dos EUA revelou sua existência em 1975¹⁰.

Oficialmente em operação durante os anos de 1953 e 1973, o *MK Ultra* foi um projeto ilegal e clandestino da CIA que envolvia experiências em seres humanos para identificar e elaborar procedimentos, substâncias e tecnologias para auxiliar interrogatórios e torturas e que "explorou aparentemente todas as estratégias eletrônicas, psíquicas e químicas possíveis, em um esforço para desenvolver (e se defender de) várias técnicas de 'controle da mente'" (Sconce, 2019, p.264). O interesse dos *TIs* se direciona a duas séries de experimentos relacionados ao programa (idem, pp. 265-268). A primeira é uma pesquisa do psiquiatra Donald Ewen Cameron, que foi professor da Universidade de McGill (Canadá), financiada pelo *MK-Ultra* por meio do *Subproject 68*, nos anos 1950 e início dos 1960. Cameron desenvolveu as técnicas “*psychic driving*” e “*despatterning*”, baseadas na privação sensorial e tendo como objetivo a busca por possíveis curas para a esquizofrenia. O *psychic driving* consistia no uso de drogas para induzir pacientes ao coma por dias ou semanas, período no qual os pacientes ouviam ruídos em *loops* e declarações repetitivas, em um esforço para “apagar” os componentes esquizofrênicos da personalidade. Por sua vez, ainda mais intrusiva, a técnica de *despatterning* combinava o sono induzido com intensas séries de eletrochoques. O objetivo era eliminar por completo nos pacientes o senso de si, “apagar o cérebro”, e os sintomas da esquizofrenia, permitindo ao paciente “começar do zero”. Os experimentos de Cameron são abordados por Naomi Klein em *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism* (2007), no qual ela aponta as técnicas do psiquiatra como fundamentos para o “Kubark”, manual de tortura usado em inquiridos da CIA.

administrativos precisa ser rechaçada. Sem desmontar o "Estado Administrativo" e diminuir e limitar, tanto quanto possível, a capacidade do Estado de interferir em nossas vidas e de regulamentá-las até mesmo em seus aspectos mais íntimos e específicos, nossas liberdades seguirão sendo desrespeitadas e sob ameaça”. Fonte: <https://twitter.com/filgmartin/status/1143009391265898496>

¹⁰ http://www.nytimes.com/packages/pdf/national/13inmate_ProjectMKULTRA.pdf

Klein também opera uma aproximação dos experimentos com a implementação de políticas neoliberais, que são conceituadas pela autora como "doutrinas de choque".

A segunda série de experimentos que desperta inquietação nos *TIs* são referentes à psicocirurgia e implantes cerebrais eletrônicos. A grande referência, nesse caso, é o trabalho de José Manuel Rodríguez Delgado, que foi do departamento de neurofisiologia da Universidade de Yale (EUA). Não há qualquer indício de que o professor tenha feito parte do *MK-Ultra*, porém, os *TIs*, ainda segundo Sconce (2019), defendem que a pesquisa dele contribuiu para o desenvolvimento de tecnologias de controle da mente por parte de órgãos do governo estadunidense. A pesquisa conduzida por Delgado consistia em implantar eletrodos no crânio como forma de identificar as correlações entre padrões elétricos do cérebro e manifestações comportamentais. Com efeito, a pesquisa mais recente relacionada ao *MK-Ultra* que se tornou pública, em dezembro de 2018, consistia em um experimento que buscou controlar remotamente seis cachorros, os fazendo correr, virar de lado e parar, por meio de implantes cerebrais¹¹.

Os *TIs* não possuem escala significativa – cálculo realizado em 2016 pelo *The New York Times* estima em 10 mil pessoas nos EUA¹² –, e é relativamente recente. As primeiras buscas no Google para o termo “*targeted individual*” surgiram em maio de 2004 e aumentaram a partir do segundo semestre de 2013 (Figura 1), quando os critérios para caracterizar a relação entre paranoia e tecnologia precisaram ser redefinidos após as revelações de Edward Snowden¹³.

¹¹ <https://nypost.com/2018/12/11/cia-once-secretly-implanted-mind-control-devices-in-dogs-brains/>.

¹² <https://www.nytimes.com/2016/06/11/health/gang-stalking-targeted-individuals.html>

¹³ Em 2013, o analista de sistemas vazou aos jornais *The Guardian* e *The Washington Post* documentos com detalhes de vários programas de vigilância e espionagem das comunicações eletrônicas em escala global capitaneados pelo governo dos EUA em parceria com países aliados e organizações comerciais, como Google, Microsoft, Facebook.

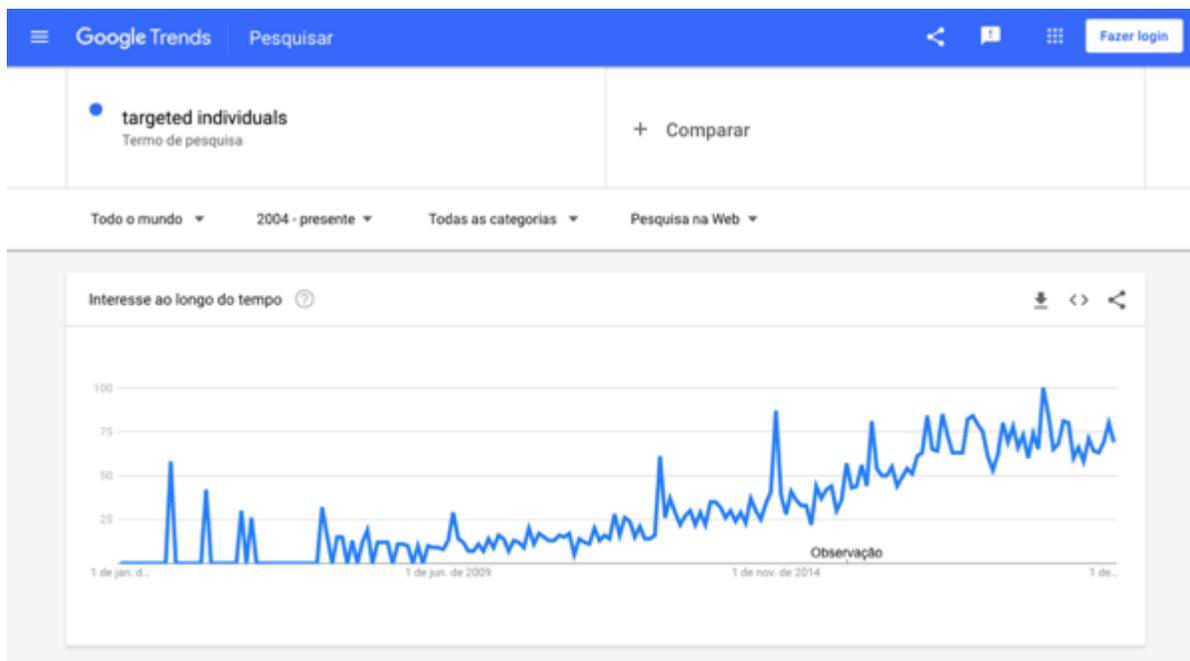


Figura 1: incidência da procura do termo “*targeted individual*” no buscador do Google. Busca realizada pelo autor em abril de 2020.

O grupo está congregado em sites como Targeted Justice¹⁴ *Targeted-Individuals.net*¹⁵, *Gang Stalking World*¹⁶, *Targeted Individuals Association*¹⁷, *Gang Stalking Wiki Brasil*¹⁸ e canais no YouTube como *Targeting Must End*¹⁹ (com 4.880 pessoas inscritas) e *TVPRIVACIDADE1*²⁰ (1.071) e pulverizados em blogs, e, especialmente, em páginas e grupos em redes sociais e canais de vídeos no *YouTube*. No *Facebook*, eles se reúnem em páginas como *Targeted Individuals*²¹ (3.958 pessoas seguidoras); *Ban Electronic Warfare on Civilians*²² (1.888); *Targeted Individuals*²³ (2.136); *Electronic Harassment Must Stop!!*²⁴ (1.597) e o grupo fechado *Targeted Individuals International (OFFICIAL)*²⁵, sendo este último o fórum mais ativo e o que reúne o maior número de pessoas, com cerca de 13 mil membros. O conteúdo produzido e compartilhado

¹⁴ <https://www.targetedjustice.com>

¹⁵ <http://www.targeted-individuals.net>

¹⁶ <http://gangstalking.wordpress.com>

¹⁷ <http://eucach.org/>

¹⁸ <http://gangstalkingwikibrasil.blogspot.com.br/>

¹⁹ <https://www.youtube.com/channel/UCgEwb9DiE7X-dN7PS08adNQ>

²⁰ <https://www.youtube.com/user/TVPRIVACIDADE1>

²¹ <https://www.facebook.com/TargetedIndividuals1/>

²² <https://www.facebook.com/TargetedIndividuals>

²³ <https://www.facebook.com/Targeted-Individuals-278726642143797>

²⁴ <https://www.facebook.com/AntiSat/>

²⁵ <https://www.facebook.com/groups/targetedindividualsinternational>

apresenta desde a história de programas e pesquisas de cunho alegadamente científico sobre tecnologias de manipulação da mente (Figuras 2 e 3), notícias sobre programas de vigilância de governos (Figura 4) e sobre o monitoramento de empresas de tecnologia e da economia digital (Figuras 5 e 6) e testemunhos e casos com supostas evidências do assédio, da persuasão e devassa psicológica causada pela tecnologia (Figuras 7 e 8).

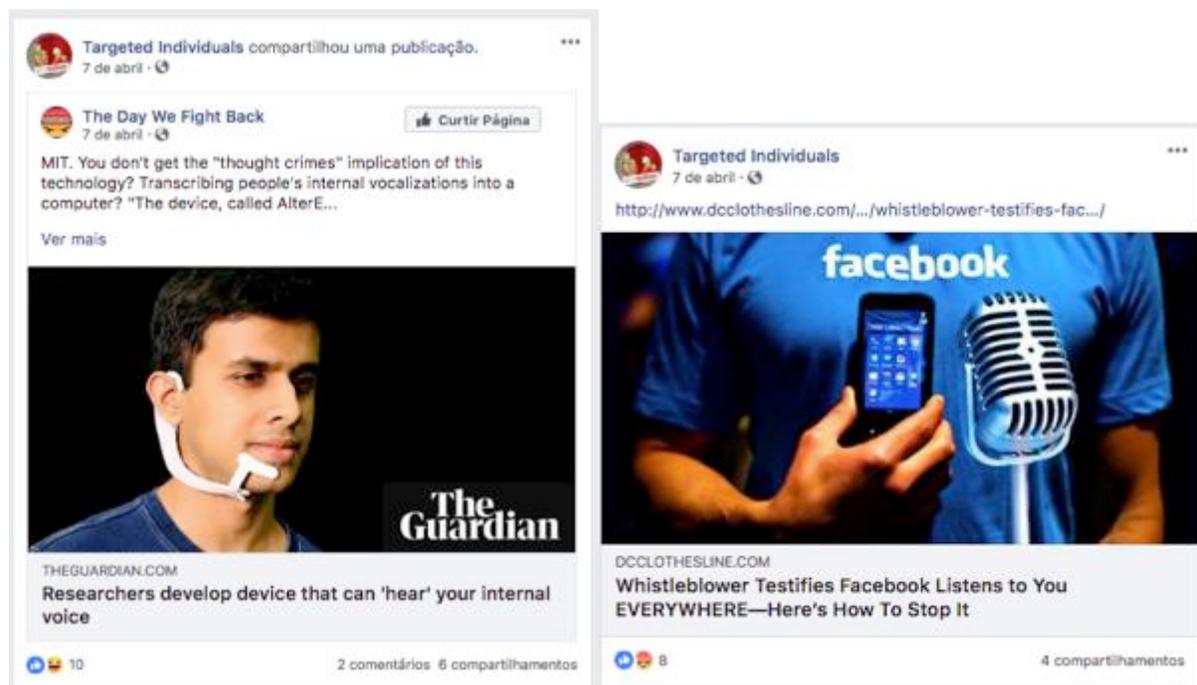


Figuras 2 e 3: Notícias compartilhadas no grupo Targeted Individuals, no Facebook sobre programas governamentais de manipulação e controle da mente, como o MK-Ultra, programa clandestino desenvolvido pela CIA para criar ferramentas de confissão em interrogatórios e torturas usando o controle da mente Fonte: <https://www.facebook.com/groups/targetedindividualsinternational>



Figura 4: Notícia compartilhada no grupo Targeted Individuals sobre o Sistema de Crédito Social chinês.

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/targetedindividualsinternacional>



Figuras 5 e 6: Notícia no grupo Targeted Individuals sobre o monitoramento de empresas de tecnologia e da economia digital. Fonte: <https://www.facebook.com/groups/targetedindividualsinternacional>

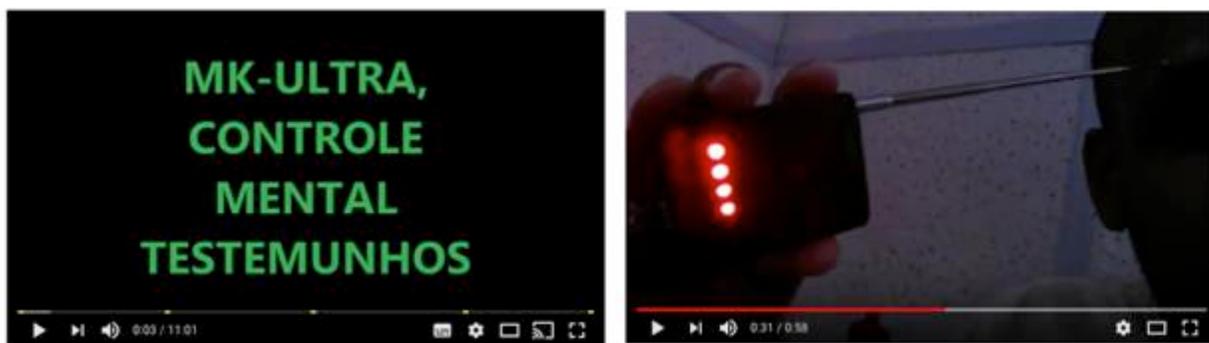


Figura 7: Vídeo com relatos de pessoas que argumentam sofrer com os efeitos de procedimentos e drogas criados pelo *MK-ULTRA*.

Figura 8: Usuário de um canal procura provar a tortura psicotrônica sofrida com um aparelho detector de radiação infravermelha: o aparelho demonstra captar mais sinais de radiação à medida em que ele o aproxima da sua cabeça.

Tendo a tecnologia tanto como foco de seus anseios e angustias quanto a condição de possibilidade de autoinvenção da identidade coletiva, os *TIs* nestas redes alternam toda sorte do que usualmente são consideradas teorias da conspiração com matérias factuais dos usos invasivos da tecnologia. O conteúdo veiculado por esses canais também é fortemente marcado por

campanhas de conscientização (pressão) institucionais²⁶ e a partilha de sintomas, dos efeitos de sofrimentos provocados pelo assédio eletrônico e como canais de ajuda e acolhida desses sofrimentos. Como no relato abaixo (Figuras 9 e Figuras 10):

De: IN HOC S...
IP: 177.48.252.179
Assunto: Tortura psicotronica

esses filhos da puta inventaram essa merda de psicotronica pra torturar e matar as pessoas a distancia sem deixar provas, atualmente existe um aparelho capaz de produzir vozes direto no cerebro, tal equipamento é conhecido como voz intracraniana v2k muito usado por militares em época de guerra, essa arma do inferno possibilita a telepatia sintetica e o monitoramento constante da vitima, através dessa patente norte americana que já chegou ao Brasil os ladrões de pensamentos roubam todos os nossos dados pessoais, perdemos a privacidade e o direito de pensar graças a essa brilhante(horrivel) ideia desses filmadores clandestinos da vida alheia, todo e qualquer movimento esta sendo monitorado, vigiado, observado por pessoas com intenção de matar o ser humano independente de quem seja ou o que faça, o objetivo é realmente matar a pessoa lentamente causando dor e sofrimento, a vitima se ver ridicularizada quando percebe que toda sua intimidade e particularidade foi exposta ao publico e é nesse momento que os terroristas psicologicos aproveitam-se pra desgastar a vitima até o fim tornando-a debilitada e deprimida, depois que a vitima sabe que esta sendo vigiada e percebe que agora podem saber o que ela esta pensando começa o verdadeiro inferno, nada de privacidade, nada de liberdade de pensamentos, nunca mais sono tranquilo, esqueça o convívio social, tudo pra vitima é mais difícil devido a interferencia em seus pensamentos, o que resta é assistir junto dos espíões assassinos o proprio fim, vc pode se perguntar, como isso é possível? saber o que uma pessoa pensa? vigiar alguem por 24 horas em tempo real? enviar vozes de comando direto pro cerebro? Eu respondo: COM UM SISTEMA DE EEG(ELETROENCEFALOGRAMA) por radar, com um CHIP RFID(IDENTIFICAÇÃO DE RADIO FREQUENCIA A

DISTANCIA), COM ARMAS DE ENERGIA DIRIGIDA(ONDAS ELETROMAGNETICAS), COM O AUXILIO DAS MICROONDAS, COM UM COMPUTADOR, UM SOFTWARE DE MAPEAMENTO CEREBRAL, UM LEITOR BIO METRICO, UMA ANTENA E UM MICROFONE ou seja maneiras tecnologicas não faltam para realizar esse tipo de ação hoje em dia, além da tortura psicologica a distancia usando meios eletronicos os canibais de cerebro simulam situações nos lugares publicos no sentido de irritar, amedrontar, debochar, estressar a vitima o maximo que podem para desestabilizar o sistema nervoso da vitima, esse fenomeno onde o grupo que viola privacidade e atinge o cerebro segue as vitimas por toda parte onde quer que a vitima va é conhecido como GANG STALKING ou teatro de rua, e isso que citei aqui é apenas um resumo do que verdadeiramente acontece, quem souber bloquear as ondas invisiveis que permitem a transmissão de dados a distancia por favor me mande um email explicando [REDACTED] ou ligue 0 [REDACTED]



Figura 9 e 10: Relato de uma pessoa encontrado em um site relacionado aos TIs sobre os efeitos e sofrimentos do que percebe como assédio eletrônico.

No site *targeted individual europe*²⁷ são encontradas as descrições mais detalhadas dos

²⁶ Neste sentido, os TIs estadunidenses conseguiram aprovar uma resolução na cidade de Richmond, na Califórnia, proibindo o uso de “armas espaciais” (<http://richmondstandard.com/2015/05/20/richmond-council-passes-resolution-supporting-ban-on-space-based-weapons-2/>), após sessões em que membros da comunidade online relataram ataques físicos e psicológicos realizados por meio de “transmissão remota” de máquinas posicionadas no céu. No Brasil, a Câmara Municipal de Santa Bárbara d'Oeste, interior de São Paulo, aprovou proposta semelhante, porém fruto de iniciativa individual e isolada com forte cunho religioso, em que proibia a implantação de chips em seres humanos. Segundo o vereador que a propôs, a lei visava a proteger os cidadãos de dispositivos eletrônicos e eletromagnéticos que após serem incutidos na pele seriam, na verdade, “a marca da besta” (<http://liberal.com.br/cidades/s-barbara/justica-derruba-a-lei-do-chip-da-besta-em-santa-barbara-548984/>). Posteriormente derrubada por extravasar a competência legislativa municipal, a lei surgiu em decorrência de boato que circulou em redes sociais e aplicativos de mensagens, no começo de 2015, quando Dilma Rousseff enviou ao Congresso Nacional o projeto para criar o Registro Civil Nacional, medida destinada a reunir toda a identificação dos brasileiros, como o número da carteira de identidade, do CPF, do título de eleitor e a biometria, em um único documento munido com um microchip. Um tema que poderia ser considerado menor, diante das turbulências políticas no país no período, entretanto chamou bastante atenção: durante abril daquele ano, um mês após as maiores manifestações de rua contra a ex-presidenta, o termo mais associado com “Dilma” no buscador Google foi “chip”, ultrapassando inclusive “impeachment”, de acordo com o Google Trends.

²⁷ <https://targetedindividualseurope.wordpress.com/ti-symptoms/>

dispositivos tecnológicos de assédio e perseguição, bem como dos sintomas e efeitos psicossomáticos relatados pelos *TIs*. São três as principais categorias, que possuem características intercambiáveis: o controle social e da mente, a vigilância e as torturas físicas, mentais e psíquicas. Por controle da mente, o site relata a condução e manipulação dos pensamentos, das emoções e do comportamento por meio de ferramentas como: mecanismos de programação neurolinguística e palavras-gatilho hipnóticas que relacionam sentimentos a certas palavras, cores, tipos de pessoas ou objetos, criando na pessoa uma sensação de culpa e angústia; leitura da mente em tempo real podendo apagar memórias e pensamentos antes deles se tornarem conscientes, induzindo também a problemas de memória de curta duração; memórias e sonhos induzidos e/ou manipulados e associações “sintéticas” realizadas por um computador.

Já o controle social, segundo os *TIs* têm como objetivo o isolamento das vítimas e é operado através de: fabricação de falsas evidências de crimes e disseminação de rumores; criação de “sintomas” de adoecimento psicológico com a introdução de vozes no subconsciente, o V2K; criação de sintomas de abuso de substâncias químicas ou de “demência” por meio da adulteração de alimentos com drogas, venenos ou medicamentos provocando, assim, visão turva, olhos avermelhados, desorientação, dores de cabeça, perda de memória e a dificuldade provocada por meio da tecnologia de expressar sentimentos e pensamentos, que termina por colocar a vítima em tratamento psiquiátrico.

Na categoria da vigilância, o site reúne as modalidades de monitoramento que sofrem os *TIs* e as consequências relatadas pelas vítimas. Fazem parte desse conjunto de procedimentos: o monitoramento neural remoto (alguns indivíduos-alvo afirmam que o cérebro de uma pessoa pode funcionar como uma impressão digital e que, portanto, pode ser localizado por satélite, permitindo a vigilância do indivíduo e do seu pensamento em tempo real por GPS); a capacidade dos assediadores em ver o que o TI vê, como se estivesse vendo pelos olhos deles, podendo descobrir para onde direcionam a atenção; pessoas aparecem repentinamente para insultar e falar algo que só as vítimas conheçam, um indicativo da leitura mental remota em tempo real; a vigilância da situação financeira das vítimas, permitindo que elas apenas recebam parte de seus proventos.

Por fim, na parte intitulada de tortura, nas modalidades física, mental e psicológica, são elencados os tipos de sofrimento aos quais os *TIs* estão expostos. As físicas decorrem de implantes tecnológicos e dispositivos rotulados como *armas não-letais*, como as Armas de

Energia Dirigida (*Direct Energy Weapons/DEW*), a Frequência Eletromagnética (*Electromagnetic Frequency/EMF*) ou por equipamentos de radiação que promovem dores no corpo. Entre os sofrimentos físicos mais frequentes: dor na medula espinhal; dor na parte de trás da cabeça; dor na amígdala ou no sistema límbico; dor no peito; dor no dente; dor na testa; sensação de ardência e formigamento no cérebro; sensação de eletrochoques no cérebro; dor nos olhos e olhos lacrimejantes e vermelhos; dor em órgãos vitais: fígado, estômago, coração, pulmões; violações sexuais eletrônicas durante o sono ou enquanto acordado.

A tortura mental é caracterizada pelo uso de ferramentas de controle mental, como as palavras-gatilho e a telepatia sintética, vistos acima e desencadeiam os sintomas físicos e fadigas descritas como insuportáveis. A hipnose por palavras-gatilho, por exemplo, funciona com a repetição de palavras em sequências que significam sinônimos ou que soam parecidas e, que possuem efeitos tanto físicos como emocionais, aproveitando da vulnerabilidade dos *TIs*, devido à programação neurolinguística para associar determinadas palavras a emoções negativas. Segundo os testemunhos, as palavras-gatilho são, no início, difíceis de serem identificadas porque estão associadas às rotinas das *TIs* e provocam uma indiferenciação entre o que de fato está acontecendo e uma realidade sugestionada. Uma vez que a manipulação da realidade é descoberta, os *TIs* percebem que sua mente está sendo controlada e novas palavras-gatilho são programadas no subconsciente. A telepatia sintética, por sua vez, funciona manipulando o pensamento e direcionando a atenção da vítima. Na modalidade silenciosa, os *TIs* não escutam nada, mas a telepatia sintética alta se apresenta como se os assediadores estivessem interrogando as vítimas o tempo inteiro, usando o V2K (voz ao crânio). Um sistema de aprendizagem de máquina (*machine learning*) com modulação de voz sintética que pode assumir o controle parcial ou integral após os estágios iniciais, mantendo a vítima acordada e sempre cansada.

Já os sofrimentos psicológicos são infringidos através de *bullying* e assédio nos espaços de socialização dos *TIs*, levando-os ao isolamento. *TIs* relatam que por causa dos problemas de sociabilidade, eles frequentemente se mudam para outros lugares. Uma ferramenta comum dos assediadores é o *gangstalking*, em que em locais públicos um grupo de pessoas aparentemente desconhecidas entre si aparenta insultar o indivíduo com comunicação verbal e não-verbal. Podem falar algo ou, estrategicamente posicionadas, estas pessoas lançam olhares ameaçadores em um assédio que segue um padrão específico. Quando o assédio atinge um certo estágio, ele se reinicia. Nesta modalidade está também o que os *TIs* chamam de *teatro de rua*, em que um grupo

de pessoas encena uma situação, e todo o contexto aparenta seguir um enredo pré-determinado para humilhar ou constranger o indivíduo. No âmbito privado, os relatos dão conta de que as casas são invadidas pelos assediadores que, entretanto, não roubam nada, mas destroem ou deixam objetos que não pertencem aos *TIs* em suas residências. Os assediadores aparentam ter as chaves das casas, porque as portas não são arrombadas ou forçadas.

Um aspecto amplamente relatado pelos *TIs* e que se enquadra na categoria de sofrimento psicológico é a falta de apoio e suporte. Eles relatam que quando procuram profissionais de saúde, estes não estão interessados em escutar o que eles têm a dizer e que seus sintomas são tratados da “maneira convencional e antiquada”. Segundo estes testemunhos, eles são forçados a tomar medicação errada e a concordar com rótulos estigmatizantes, como categorias patologizante, para obter algum tipo de tratamento ou benefícios sociais. Entre as instituições e organizações que não oferecem apoio e que os *TIs* relatam como omissas estão mais frequentemente mencionadas a polícia e a mídia, ambas tanto insensíveis ao sofrimento, quanto muitas vezes parte dos assédios.

Por fim, são relatados sintomas que não necessariamente se adequam às categorias acima, como: estranhas coincidências ocorrem o tempo todo, muitas vezes ao dia; a certeza que, por breves períodos, os *TIs* conseguem inferir o que irá passar a seguir na televisão ou o sentimento de que as pessoas que aparecem na televisão estão os copiando ou assediando; a certeza de que o que eles imaginam se torna realidade; e que suas expectativas terminam ocorrendo exatamente ao contrário do esperado, levando os *TIs* a uma dissonância cognitiva.

1.1 Delírios, técnica e tecnologia

O caso dos *TIs* é emblemático pois, ainda que a tentação de rapidamente os envelopar enquanto paranoicos seja enorme, me parece que tal gesto acaba por reduzir e subestimar o fenômeno. A saber: se o que pode ser considerado um delírio se torna base para uma percepção de mundo compartilhada, ele ultrapassa dimensões psíquicas particulares. Assim, ao tomar os *TIs* e sua autoinvenção de identidade coletiva, me interessa perceber em seus modos de subjetivação aspectos que emergem da relação entre humanos e redes algorítmicas. De fato, como discutirei ao longo da tese, sintomas classicamente associados a uma subjetividade paranoide se apresentam como fundamento da percepção das complexas, heterogêneas e espraiadas modalidades de

vigilância eletrônica e digital, bem como das mediações algorítmicas que passam a estar presentes nos mais diversos espaços da nossa vida.

Como manifestações de "tecnoparanoia" (Jameson, 1991), os grupos, páginas e o relato acima, por exemplo, revelam um dos aspectos controversos e complexos do fenômeno dos *TIs*: ele opera tanto oferecendo uma função explicativa dos problemas psíquicos na autoinvenção de uma identidade coletiva, como também reforça e legitima aspectos delirantes, se apresentando enquanto um isolamento do indivíduo, possivelmente uma barreira para o encontro com outras coletividades e formas de perceber a realidade. Por um lado, podemos intuir certa dimensão terapêutica em curso quando percepções confusas de sujeitos sobre si e o mundo - como a sensação de estar sendo observado e perseguido por estranhos na rua ou de ouvir vozes na cabeça -, são reunidas em explicações e narrativas de sites e relatos de *TIs*. Tais experiências passam a ser evidências e provas de *gangstalking* e teatro de rua ou fruto de tecnologias de vozes na cabeça e chips implantados, como no relato acima, ofertando a identificação do *TIs* a um grupo, a uma unidade coletiva. São espaços compartilhados para a troca de informações e de testemunhos que fornecem a um grupo de indivíduos contornos e um quadro de referência comum. Ao formar grupos de apoio e fóruns de discussão, a comunidade *TI* procura reformular o que de outra forma seria enxergado e classificado como um transtorno sob uma ótica diferente.

Por outro lado, porém, ao fugir de um rápido entendimento patologizante do fenômeno, uma ressalva se faz necessária diante do perigo de certa romantização de um processo em que há envolvido um claro sofrimento psíquico e o reforço dos aspectos delirantes de suas narrativas psíquicas²⁸. Se estes sites e canais podem se posicionar como espécies de sessões de "terapias em grupos" ainda que descontínuas, os perigos potenciais de autodiagnóstico e da autoterapia tem uma diferença importante: não há terapeuta a guiar, contestar ou auxiliar as pessoas em seus sentimentos de angústia e sofrimento e percepções conflitantes da realidade. Neste sentido, os *TIs* parecem estar menos interessados em pôr em questão contradições e discutir dúvidas sobre seus estados emocionais do que trocar informações e indícios que reforçam e validam as suas crenças sobre a realidade de seu mundo psíquico e social.

Importante ressaltar, ainda, outro aspecto contraditório dos *TIs*: o fato deles utilizarem da tecnologia para relatar os temores sobre as ameaças representadas pela tecnologia. Ainda que

²⁸ Neste sentido, os *posts* relacionados a relatos e testemunhos pessoais foram aqui anonimizados. Mantive identificáveis somente aqueles que apresentavam conteúdos de cunho político e científico.

grande parte das angústias dos *TIs* estejam relacionadas ao vocabulário e ao imaginário tecnológico do contexto da Guerra Fria, as revelações de Edward Snowden alimentaram e ofereceram ampla legitimação para seus temores²⁹. Dito de outra forma, chega a ser irônico que utilizem da criação de comunidades online para contestar agentes governamentais, corporativos e tecnocientíficos que desenvolveram e implementaram a internet. Em outras palavras, as ferramentas que os permitem se constituir enquanto coletividade são justamente aquelas que podem efetivamente concretizar parte de seus medos.

A subjetividade paranoide parece, assim, reverberar uma percepção de totalidade, de que tudo está completamente interligado, advinda do cenário tecnológico de hiperconectividade atual (Crary, 2014) e da transformação de um mundo logocêntrico em um mundo maquínico (Guattari, 1988; Lazzarato, 2014). Ao retirar o léxico particular peculiar dos *TIs* - expressões como “voz intracraniana v2k”, “armas de energia direcionadas”, “teatro de rua”, “telepatia sintética” - muito do que é discutido nas publicações deles, como no relato acima, poderia ser encontrado em conversas, matérias, artigos acadêmicos e produtos culturais que versam sobre temáticas e preocupações atuais envolvendo usos e aplicações tecnológicas. Como, por exemplo, “roubam todos os nossos dados pessoais”, “perdemos a privacidade”, “todo e qualquer movimento está sendo monitorado”. Neste aspecto, apesar de certa equivalência discursiva, o “exagero” dos *TIs* auxilia também a perceber como a tecnologia pode ser entendida como um elemento de alteridade radical do humano.

Embora os perigos dos efeitos devassantes e nocivos que ferramentas de monitoramento onipresentes em serviços e dispositivos que utilizamos cotidianamente esteja progressivamente se tornando uma preocupação espalhada, para os *TIs* as tecnologias não apenas os espia ou rastreia, mas os *atacam*. Parte dessa angústia, portanto, me parece fundamentar-se na concepção da técnica enquanto um elemento apartado do humano, uma artificialização ameaçadora da nossa existência e autonomia. Pablo Rodriguez (2007, p. 12), no prólogo de *El modo de existencia de los objetos técnicos*, livro de Gilbert Simondon, aponta uma característica particular dos humanos: “fazem com que a matéria prolifere no mundo através da criação de objetos e sistemas

²⁹ <http://beforeitsnews.com/spies-and-intelligence/2014/02/snowdens-targeted-individual-smoking-gun-dea-manuals-show-how-feds-use-nsa-spy-data-train-cops-to-fake-evidence-chains-2445934.html> e <https://stoporgangstalking.com/tag/edward-snowden/>

técnicos que são acoplados ou incompatíveis a eles, criando fantasias de libertação ou subjugação que depende da tonalidade afetiva do tempo”³⁰.

Já em 1997, época em que a conexão por computadores começava a tatear um público maior, Tan et all³¹, publicaram, segundo eles, o primeiro relato de um paciente diagnosticado com esquizofrenia paranoide em que a internet figurava como elemento de sistematização dos delírios. O caso envolvia D., um homem de 27 anos, que foi levado ao hospital após atacar um dos pais. Três semanas antes do episódio, seus pais tinham comprado um computador com acesso à internet e D. passou a ficar longos períodos do dia conectado. No hospital, D. relatou acreditar que sua vida era controlada através da internet, demonstrando uma preocupação excessiva com a existência de mensagens subliminares e informações pessoais dele, compartilhadas por um vizinho, no ambiente online.

Ao longo da primeira década dos anos 2000, outros relatos esparsos apareceram na literatura da área como dois casos descritos por Podoll et all (2000), que envolviam um banqueiro de 32 anos que acreditava receber mensagens online cifradas o impelindo a parar com o seu autodiagnosticado vício em consumir imagens pornográficas, e o de um estudante de 19 anos que foi atendido em um hospital após ser flagrado por professores trocando os cabos dos computadores da escola e deletando uma série de arquivos das máquinas. O estudante relatou acreditar estar sendo vítima de uma perseguição pessoal promovida por Bill Gates. Já Bell et all, em 2005, mesma época em que a procura pelo termo *targeted individual* começou a ter incidência no mecanismo de busca do Google, publicaram uma revisão dos casos de delírios em que a internet foi destaque como tema central, identificando, até aquele momento, 16 pacientes.

Lerner, Liboc e Witztum (2006) defendem que as ilusões paranoicas envolvendo a internet não são um diagnóstico novo, mas modificações no conteúdo das ilusões de perseguição e controle. Eles dão o exemplo de que o conteúdo de ilusões de controle e perseguição, após a introdução de tecnologias modernas, passaram a envolver não apenas entidades sobrenaturais e místicas, mas também a eletricidade, raio-x, laser e aparelhos de comunicação como o telégrafo, o telefone, rádio e a televisão. O conteúdo das ilusões passou a ser fortemente marcado por essas

³⁰ Livre tradução para: “(...) hacen proliferar la materia en el mundo através de la creación de objetos y sistemas técnicos y se acoplan o desajustan respecto de ellos, creando fantasias de liberación o de sojuzgamiento que dependen de la tonalidad afectiva de la época”.

³¹ TAN, Stephen; Shea, Catherine; Kopala, Lili (1997) Paranoid schizophrenia with delusions regarding the internet (letter). *Journal of Psychiatry and Neuroscience*, v.22. p.143

inovações, de modo que a sensação ou delírio de perseguição e a percepção de que máquinas com o poder de afetar psicológica e fisicamente pessoas não são fenômenos surgidos no cenário tecnológico contemporâneo.

No século 19, encontramos publicados alguns casos envolvendo delírios de perseguição e controle por meio de elementos e dispositivos técnicos. O *American Journal of Insanity* (1851, p.2), por exemplo, descreve o caso de um homem que dizia provar, por meio das escrituras bíblicas que “as pessoas poderiam enlouquecer por causa da eletricidade, que poderiam conversar por meio dela a qualquer distância; e que, por causa dela, ele ouviu vozes vindas paraíso”³². Neste sentido, Linda Simon (2004) aponta como a eletrificação doméstica teve uma lenta aceitação devido à angústia e aos temores do que ela poderia causar à mente e à alma das pessoas. A autora aponta que ao popularizar-se no cotidiano das pessoas, a eletricidade passou a ocupar lugar privilegiado nas discussões e visões acerca da origem e fonte da vida e da saúde física e mental das pessoas. Fundamento ou ferramenta de práticas e concepções como o vitalismo, o mesmerismo, a frenologia e o espiritualismo, as mudanças culturais, médicas, espirituais e científicas trazidas pela eletricidade, para Simon, são um exemplo do “padrão de respostas às novas tecnologias que nos seduzem, nos ameaçam e nos estimulam a reinventar nosso senso de identidade” (ibidem, p.23).

1.2. Máquinas de influenciar

Um dos casos mais célebres de um paciente com delírios de perseguição e de influência por aparelhos técnicos e máquinas é o de James Tilly Matthews, relatado por John Haslam, farmacêutico do hospital psiquiátrico londrino *Royal Bethlem Hospital*, em *Illustrations of Madness* (1810). Considerado como um dos primeiros registros documentados de um paciente individual sofrendo com o que posteriormente seria diagnosticado esquizofrenia paranoide (Carpenter, 1989), o livro relata o delírio de Matthews, um galês comerciante de chá com trânsito entre agentes políticos do Reino Unido e da França no período de tensão entre os dois Estados durante as Guerras Napoleônicas.

Matthews acreditava que sua mente era controlada por um grupo de espões revolucionários franceses através de uma máquina secreta descrita como um tear de ar (*air loom*)

³² Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=iau.31858012600106;view=1up;seq=12>

(Figura 11). Operada de acordo com procedimentos mecânicos, magnéticos e, em especial, químicos, advindos do estudo dos gases pela química pneumática, recém-desenvolvidos durante o período da Revolução Industrial, o tear de ar, ilustrado por Matthews com riqueza de detalhes (Figura 12), incorporava alavancas, barris, baterias, frascos de metal e fluido magnético, dirigindo e modulando magneticamente correntes de gases para transmitir, à distância, pensamentos, emoções e sensações ao cérebro (Jay, 2003; 2012).

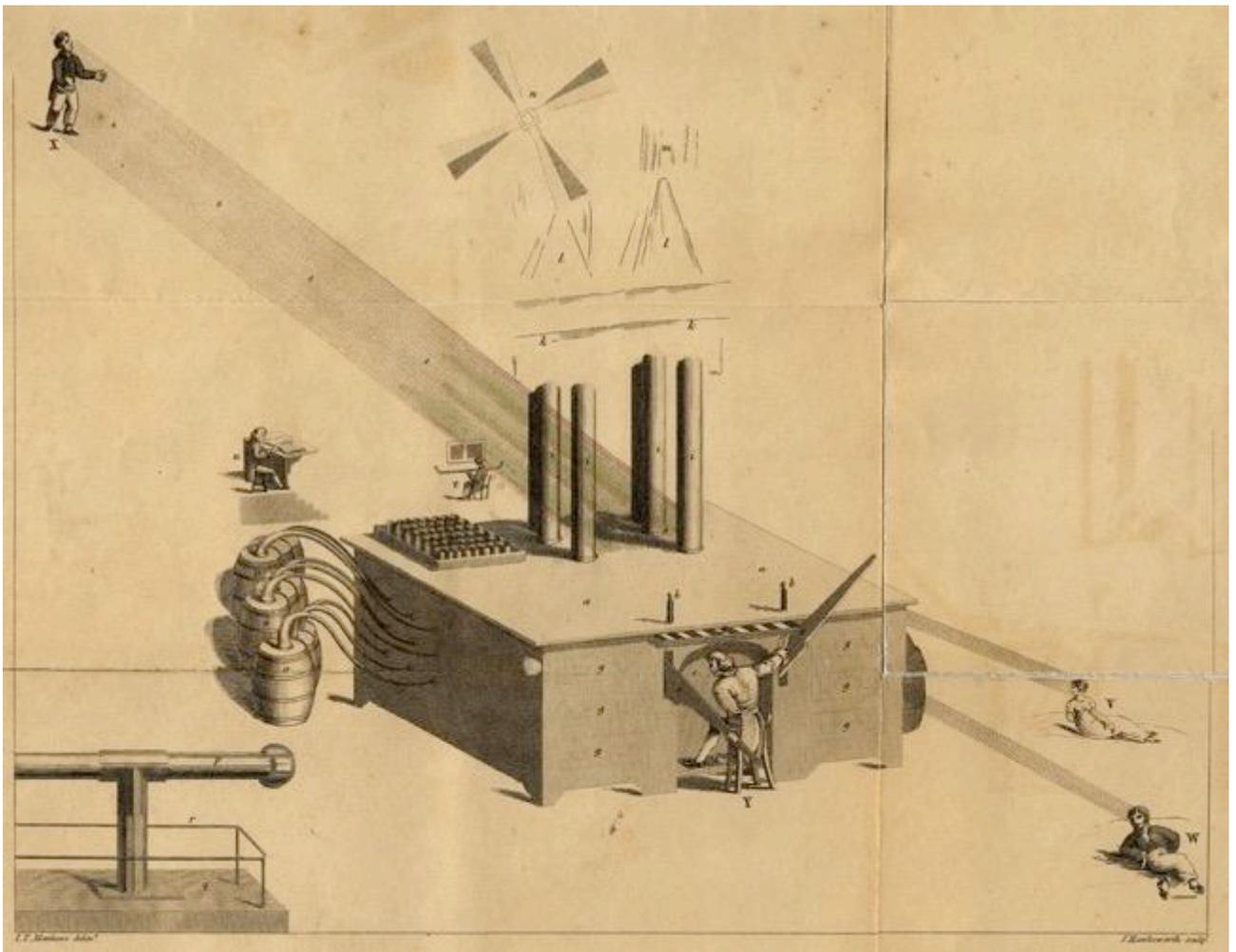


Figura 11: Ilustração de James Tilly Matthews do tear de ar

Fonte: <https://publicdomainreview.org/2014/11/12/illustrations-of-madness-james-tilly-matthews-and-the-air-loom/>

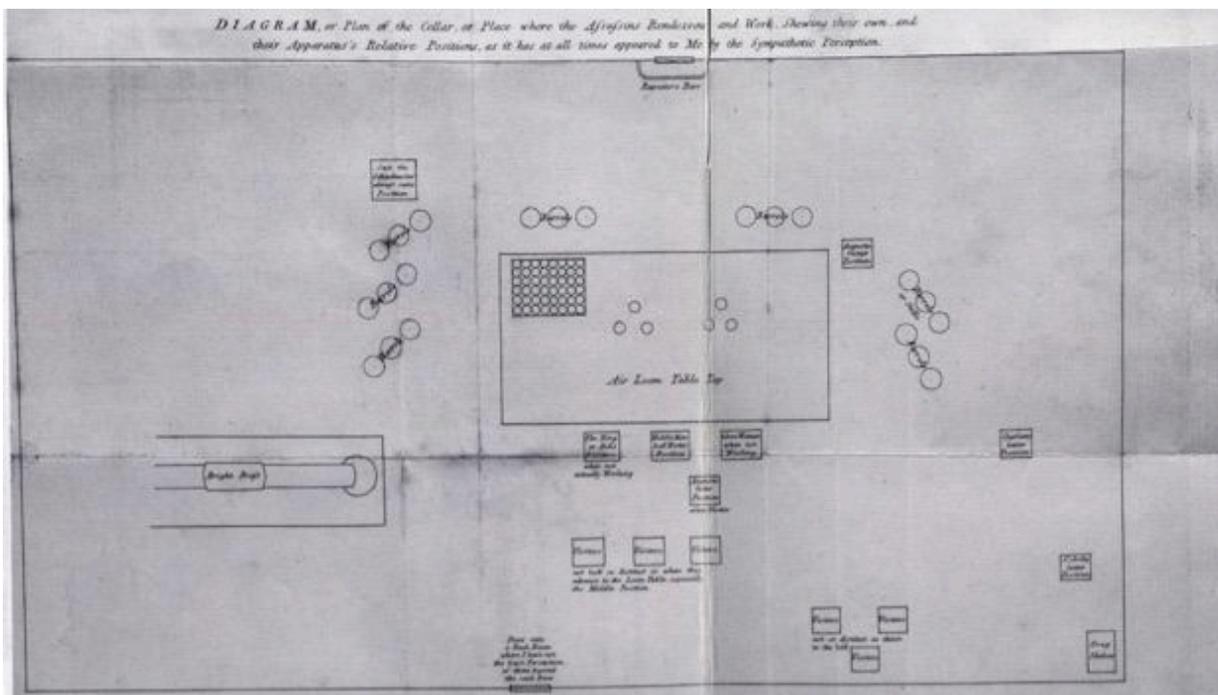


Figura 12: Detalhes do painel do tear de ar. Fonte: <https://publicdomainreview.org/2014/11/12/illustrations-of-madness-james-tilly-matthews-and-the-air-loom/>

Data de 1852 outra publicação ilustrada envolvendo o uso de máquinas com o poder de controlar mentes e de provocar sofrimentos físicos e psíquicos, *Grito de aflição de uma vítima de envenenamento magnético* (Nothschrei eines Magnetisch-Vergiften), escrita por Friedrich Krauss, um vendedor ambulante do sul da Alemanha. O livro é o relato de suposta perseguição e tentativa de assassinato contra Krauss perpetradas por uma família flamenga. Segundo o vendedor, durante trinta e seis anos, essa família o atacou, chegando a queimá-lo diariamente com gases, e o perseguiu, lendo a sua mente, invadindo seus sonhos e conversando com ele, por meio de um dispositivo eletromagnético (Bruckner, 2016).



Figura 13: Dispositivo magnético retratado por Fredrich Krauss em *Grito de aflição de uma vítima de envenenamento magnético* (1852). Fonte: BRÜCKNER, Burkhart. “Animal Magnetism, Psychiatry and Subjective Experience in Nineteenth-Century Germany: Friedrich Krauß and his Nothschrei”. Ed. Alexandra Bacopoulos-Viau and Aude Fauvel. *Medical History* v.60 n.1, pp 19-23, 2016.

Outra ilustração célebre relacionada aos delírios de influência pelas máquinas é *Provas* (Beweisse, 1909; Fig. 14), de Jakob Mohr, parte do acervo da Coleção Prinzhorn³³. Fazendeiro e vendedor ambulante diagnosticado com esquizofrenia paranoide, Mohr retrata o funcionamento de uma engenhoca parecida com uma antiga câmera fotográfica. O operador do aparelho, que Mohr acreditava ser seu psiquiatra, possuía também uma espécie de fone de ouvido, utilizado para escutar os pensamentos do fazendeiro e controlá-lo por meio de hipnose a partir de radiação magnética e ondas elétricas. Este controle é representado pelas setas e tentáculos ondulados que emanam do dispositivo e unem os dois homens.

³³ O acervo foi construído pelo médico Hans Prinzhorn (1886-1933) que reuniu cerca de cinco mil obras produzidas por 450 autores de diversos hospitais e asilos da Europa. A coleção tornou-se célebre pelas exposições e conferências ministradas pelo médico e, especialmente, pelo grande impacto no meio artístico e cultural europeu da publicação do livro "Expressões da Loucura", em 1922. Outro fato a se destacar sobre a história da coleção é a utilização como propaganda política realizada pelos nazistas. Após Carl Schneider, um dos precursores dos programas de eutanásia e de extermínio de doentes mentais na Alemanha, assumir a direção do departamento psiquiátrico da Universidade de Heidelberg, onde trabalhava Prinzhorn, a coleção figurou em uma série de exposições ao lado de artistas modernos, procurando desqualificar a produção destes últimos como "degenerada". Escreve Mello (2000): "Inicia-se uma série de exposições na Alemanha e Áustria, comandadas por Joseph Goebbels, comparando depreciativamente o acervo de Heidelberg com obras de artistas da arte moderna como Cézanne, Van Gogh, Klee, Kandinski, Kokosha, Chagall e outros. Essas exposições tinham como título Arte Degenerada. Continham um enfoque preconceituoso em relação às duas manifestações, negando-lhes o valor artístico. Grande ironia, esta atitude do nazismo acabaria por comprovar que não há fronteiras entre os ditos normais e os loucos".

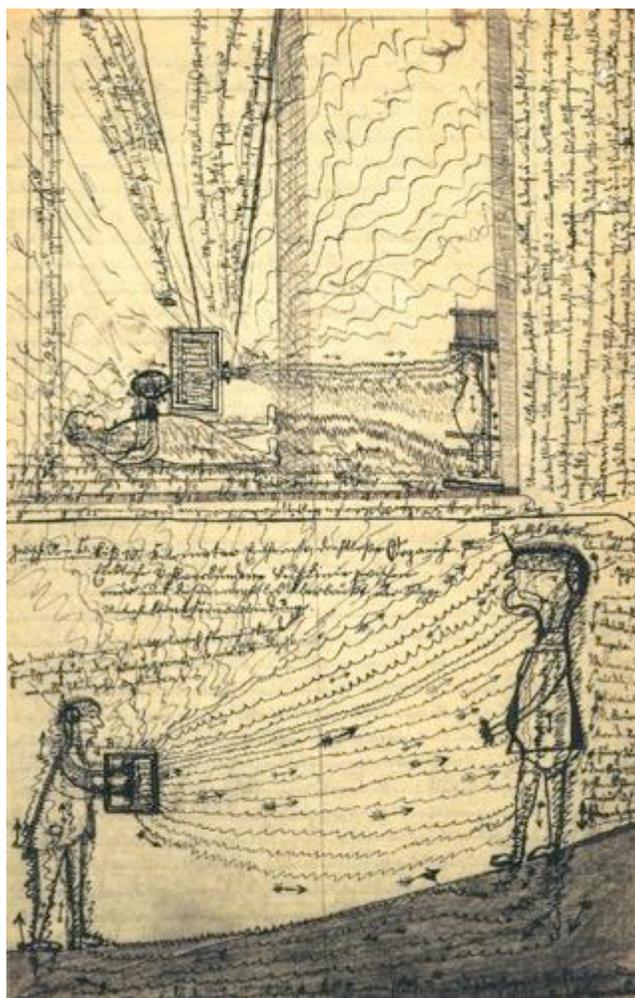


Figura 14: *Provas* (Beweisse, 1909), de Jakob Mohr. *Prinzhorn Collection*.

Fonte: <https://ideologystop.info/archive/on-the-origin-of-the-influencing-machine-in-schizophrenia/>

Ocorrências isoladas em suas épocas, chamo atenção para os casos de Matthews, Klaus e Mohr e para o fato de eles sentirem a necessidade de produzir representações visuais como evidências, muitas vezes minuciosas, dos instrumentos utilizados para lhes perseguirem. Talvez pelo fato de que o conteúdo técnico/maquínico dos delírios não receberem atenção da psiquiatria clínica da época, conforme defende Victor Tausk (1919/1990). Contemporâneo a Mohr e discípulo de Freud, Tausk elege esse conteúdo técnico/maquínico como base para o conceito de *aparelho de influenciar*, descrito no ensaio *Da gênese do 'aparelho de influenciar' no curso da esquizofrenia* (Ibidem). Os aparelhos de influenciar, termo que Tausk toma de empréstimo de Francis Hauskbee³⁴, são uma “máquina de natureza mística” que, segundo os relatos de pacientes,

³⁴ Francis Hauskbee foi um estudante de Isaac Newton que, em 1706, inventou um dispositivo aparentemente mágico. A “máquina de influência” de Hauskbee consistia em um globo de vidro giratório que ao ser esfregado

são destinados a perseguir as pessoas, operados por supostos inimigos e constituídos por caixas, fios, rodas, baterias, botões. Tausk não cita casos progressos, pontuando apenas que há descrições gerais destes aparelhos, cujas características e funções são dadas apenas por “ilustrações superficiais” (ibidem, p. 40) da clínica psiquiátrica. A superficialidade se deve, segundo ao autor, ao esforço da clínica em descrever as máquinas de acordo com os conhecimentos técnicos dos pacientes, sem no entanto levar em consideração a dimensão simbólica – origem, significados e propósitos - dos sintomas.

Segundo o autor (ibidem, p. 41), são cinco os principais efeitos dos aparelhos de influenciar: 1) fazer o paciente ver imagens, em um único plano, em paredes ou nos vidros de janelas, não sendo tridimensionais como as alucinações típicas. Assemelham-se, assim, à lanterna mágica ou ao cinematógrafo; 2) produzir e roubar pensamentos e sentimentos por meio de ondas ou raios de forças misteriosas, que os pacientes não são capazes de explicar ao certo. Ainda que o funcionamento não seja relatado, ele se daria através da transmissão e da “drenagem” de pensamentos e sentimentos dos pacientes pelos perseguidores, de modo a tal máquina poder ser nomeada de *aparelho de sugestão*; 3) produzir ações motoras no corpo, ereções e ejaculações com o intuito de privar o paciente de sua potência masculina e, assim, enfraquecê-lo, por meio de sugestão, correntes de ar, eletricidade, magnetismo ou raios X; 4) produzir sensações incapazes de serem descritas pelos pacientes, mas percebidas como correntes de ar, de eletricidade ou de magnetismo; 5) provocar outras ocorrências nos corpos dos pacientes, como erupções cutâneas, abcessos e outros processos patológicos.

Embora essa sistematização de Tausk reflita as aceleradas mudanças na paisagem sociotécnicas das maiores cidades europeias no período, o autor não aponta nas inovações tecnológicas reflexos ou resultados de novas formas de adoecimento psíquico³⁵. Para ele, a incidência de relatos de controle comportamental e psíquico em pacientes diagnosticados com esquizofrenia, termo recente à época, se deve mais à “necessidade de causalidade inerente ao homem” (1990, p.47) e à introdução de um novo repertório que contribuía para a descrição das condições de adoecimento dos pacientes. Neste sentido, o caso clínico apresentado no texto é o

transmita faúlhas elétricas e emitia uma luz de neon esverdeada que era chamada pelo seu inventor de “o brilho da vida” (Turner, 2011).

³⁵ Neste sentido, *Berlin Electropolis: Shock, Nerves, and German Modernity* (Killen, 2006) oferece um rico panorama relacionando a história da neurastenia enquanto categoria psicopatológica com a explosão do diagnóstico de pessoas com fadiga ou esgotamento das energias nervosas em Berlim. O livro analisa a época em que a cidade se firmava como centro das inovações no campo da eletrotécnica e lócus das promessas de progressos tecnológicos da modernidade.

de uma ex-estudante de filosofia de 31 anos chamada Natalija A. A paciente acreditava que seu corpo estava sendo manipulado e seus pensamentos e sonhos controlados secretamente por meio de um dispositivo elétrico operado por uma equipe de médicos em Berlim. O aparelho apresentava a forma do corpo de Natalija, tendo a barriga revestida por um veludo que podia ser descortinado, revelando baterias que corresponderiam aos órgãos internos de Natalija.

Tausk relaciona os relatos de conhecimento dos pensamentos dos pacientes por outras pessoas, do sugestionamento, da manipulação e da irrupção de ocorrências no corpo com as sensações de desconexão do corpo e da fusão de sensações internas a estímulos externos como os sintomas presentes na esquizofrenia. Segundo ele o aparelho de influenciar seria uma decorrência do sintoma de perda das fronteiras do ego, de modo que a paciente “parece não mais perceber que ela é uma entidade psíquica separada, um ego com limites individuais” (Tausk, 1919/1990, p.54).

Ao analisar a Coleção Prinzhorn, a partir das consequências na representação advindas de crises nos processos de subjetivação, Hal Foster (2004, p.414) chama atenção para uma tensão presente nas ilustrações que envolvem elementos maquínicos: mais do que uma simples oposição entre esquizofrenia e paranoia, há uma conexão contraditória entre os traços pictóricos que podem estar associados a cada uma deles. Segundo Foster, “algumas servem para ajudar um ego danificado, como uma defesa da autodissolução esquizofrênica”, e em cotejo a Tausk, percebe na literalidade da representação gráfica de Mohr, que se desenha enrolado aos fios ou ondas magnéticas da máquina segurada por um inimigo, “outras descrevem fantasias paranoicas de controle externo” (ibidem, p.414). Foster enfatiza, em interpretação freudiana, a oscilação entre imagens de “catástrofe” esquizofrênica e imagens de “reconstrução” paranoica, em que “todo apagamento das fronteiras parece ser compensado por uma insistência na fronteira, cada abertura ao caos compensada por tatear uma ordem e assim por diante” (ibidem, p.220).

Retornando a Tausk, a oscilação entre paranoia e esquizofrenia é trabalhada em seu texto na descrição de um grupo de pacientes esquizofrênicos em que na relação com seus supostos perseguidores não há a necessidade de causalidade. Se a psiquiatria clínica analisa o sintoma da máquina de influenciar como análoga aos delírios de perseguição e ilusão de grandeza da paranoia, Tausk vai apontar que estes pacientes se queixam de mudanças emocionais e transformações físicas e psíquicas sem atribuí-las à intervenção de entes ou pessoas hostis (Tausk, 1919/1990, p.187). Com base nesses casos, Tausk vai empreender sua interpretação

psicanalítica dos sintomas do aparelho de influenciar com a hipótese de que existiria um aspecto evolutivo do delírio. O aparelho de influenciar seria um “estágio avançado do sintoma”, que tem início em uma percepção de transformação e estranheza do corpo, precedendo, assim, “a projeção dessa percepção em um agente perseguidor à distância do mundo exterior, que, então, pode vir a assumir a forma de uma máquina (Almeida, 2011).

Segundo Birman (1990), o aparelho de influenciar é, para Tausk, um momento em que o paciente restaura algum sentido na experiência psicótica. Em aspecto simbólico, o aparelho é “uma projeção da genitália e do próprio corpo do paciente” (Tausk, 1919/1990, p.192), um cotejo a interpretação freudiana de que nos sonhos “o mecanismo impressionante do aparato sexual masculino faz com que toda sorte de máquinas complicadas o simbolizem” (Freud, 1916/2014, p.171). A atribuição da projeção como mecanismo de defesa próprio da paranoia foi desenvolvido por Freud em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia* (1911), no qual analisa *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903), publicação em que o jurista alemão Daniel Paul Schreber descreve a sua segunda experiência de adoecimento psíquico. Para Freud, o que é considerado na paranoia como “produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução” (1911/2010, p.61). Um processo de cura que desfaz a repressão da libido, a reconduzindo ao sujeito e se manifesta, nos paranoicos, via projeção, de modo que o que foi suprimido interiormente retorna como se viesse a partir do fora (idibem, p.62).

Com base em casos clínicos, Freud vai afirmar que no centro da paranoia está a repressão do desejo homossexual e que o paciente “para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual, reage-se precisamente com um delírio persecutório” (ibidem, p.51). A libido retirada do objeto da fantasia homossexual, liberada, volta ao Eu, sendo utilizada para engrandecê-lo – procedendo no delírio de grandeza presente nos casos -, no que Freud define como decorrente da “fixação no narcisismo”, o “estágio em que o próprio Eu era o único objeto sexual” (ibidem, p.63). Assim, para atestar que o relato do delírio de Schreber possui uma grande consonância com a interpretação psicanalítica da paranoia, Freud afirma que “os ‘raios divinos’ de Schreber, feitos de uma condensação de raios solares, fibras nervosas e espermatozoides, não são outra coisa senão os investimentos libidinais concretamente representados e projetados para fora” (idibem, p.67).

Entretanto, ao comentar a íntima relação entre a repressão do desejo homossexual e as manifestações paranoicas, na tradição freudiana, Sedgwick (2003) vai defender que a paranoia não ilumina a homossexualidade ou a repressão da libido homossexual em si, mas desvela os mecanismos da inserção heteronormativa na ordem social:

Se a paranoia reflete a repressão do desejo por pessoas do mesmo sexo (...), então a paranoia é um elemento privilegiado para iluminar não a própria homossexualidade, como na tradição freudiana, mas precisamente os mecanismos de imposição homofóbica e heterossexista contra ela. O que é iluminado por uma compreensão da paranoia não é como a homossexualidade funciona, mas como a homofobia e o heterossexismo funcionam - em suma, se alguém entende que essas opressões são sistêmicas, como o mundo funciona³⁶ (idem, p. 126).

Santner (1997), por sua vez, identifica o caso Schreber, e a própria interpretação desenvolvida por Freud, como ilustrativo de uma crise de “investidura simbólica”, ou seja, os processos de mediação entre a pessoa e a autoridade social e institucional que lhe atribui “nomes, títulos, diplomas, postos, honrarias” pelos quais os indivíduos “se tornam quem são” (ibidem, p.10). Segundo o autor, o pânico homossexual seria apenas uma das respostas ao colapso crônico da autoridade e do poder simbólico na Alemanha moderna de Schreber. Entre as ameaças à posição institucional e subjetiva experimentadas pelo juiz estava a feminização, nem sempre redutível à homossexualidade, a transformação em judeu errante e a contaminação por operações linguísticas despersonalizadas e automatizadas, semelhantes às máquinas (ibidem, p. 70).

Com efeito, ao relacionar os raios divinos, presentes nos delírios de Daniel Schreber às atuais redes de conexão à internet, Chun (2008b) chama atenção para a similaridade entre o que era considerado delírio à época e a efetiva estrutura tecnológica contemporânea. Para a autora, entretanto, essa analogia não deve ser entendida enquanto a literalização e generalização da paranoia, por exemplo, mas aponta para uma dificuldade em percebermos as mudanças sistêmicas em modos de subjetivação e de organização social e política, e o papel que a ciência e a tecnologia desempenha nessas transformações. Para a autora (ibidem, p.31), o grande interesse nas memórias de Schreber, as colocaram como chave de entendimento para processos de subjetivação e de poder no capitalismo moderno, de modo que: “If Schreber’s paranoia (...) arose

³⁶ If paranoia reflects the repression of same-sex desire (...), then paranoia is a uniquely privileged site for illuminating not homosexuality itself, as in the Freudian tradition, but rather precisely the mechanisms of homophobic and heterosexist enforcement against it. What is illuminated by an understanding of paranoia is not how homosexuality works, but how homophobia and heterosexism work—in short, if one understands these oppressions to be systemic, how the world works.

from his realization that power is rotten at its core, that the disciplines sustain the liberties, ours blinds us to the transformation of discipline and liberty into control and freedom”³⁷

Para finalizar o capítulo, gostaria de retomar *Illustration of Madness* de John Haslam. Conforme aponta Jay (2012), a publicação tem uma forte carga pessoal. Funcionário do hospital, Haslam possuía considerações próprias sobre a insanidade e como deveriam ser tratados os pacientes internados no local, porém era desacreditado pelos superiores. O livro tem várias indicações da necessidade dos saberes médicos da época serem mais minuciosos no exame de pacientes insanos. O caso de James Tilly Matthews, que estava há quase uma década trancafiado no Bethlem, foi exemplar para o farmacêutico provar seus pontos de vista.

A família do comerciante de chás argumentava em favor da sanidade dele e contratou dois médicos para examiná-lo independentemente. Ambos concluíram que ele possuía sã consciência e que os alegados sintomas de loucura, como a hostilidade à autoridade e a insistência em se apresentar como vítima de uma trama secreta, podiam ser reflexos de uma pessoa injustamente confinada (Jay, 2012). Os diagnósticos dos médicos foram a base para a família impetrar um *habeas corpus* demandando a liberação imediata de Matthews. Haslam, então, escreve sua publicação como uma contundente resposta aos médicos e anexa as ilustrações do paciente como evidências da loucura deste. Um elemento importante entre as alegações do farmacêutico era que Matthews representava um perigo à ordem pública, relatando ameaças que o paciente tinha proferido ao então rei do Reino Unido, George III. Autoridades do governo foram sensíveis aos argumentos de Haslam e o *habeas corpus* foi negado com a justificativa de que o paciente deveria permanecer internado "no hospital pela ordem e com o conhecimento do governo" (Jay, 2012). No final, Haslam provou seu ponto, entretanto, o delirante Matthews terminou, efetivamente, se tornando o prisioneiro político que tanto defendia ser.

De forma mais abrangente, o caso de Matthews e os esforços de Haslam ilustram o propósito da psiquiatria moderna. Uma relação entre poderes e saberes voltada não propriamente para curar os considerados insanos, mas, antes, para identificar e segregar a loucura. Assim, construindo práticas de exclusão com vias a proteger o corpo social de perturbações políticas e morais (Foucault, 2005a). As teorias da conspiração e ilusões técnicas que tiveram como palco a

³⁷ Optei, aqui, por manter o trecho original pela dificuldade de tradução diferenciada em português dos termos *liberty* e *freedom*. Em sua análise, a autora relaciona *liberty* dentro do léxico do pensamento do liberalismo político do século XIX, que delibera sobre as liberdades reguladas institucionalmente, enquanto *freedom* refere-se a um sentido de liberdade mais metafísico e filosófico, sendo associado às noções de livre-arbítrio ou autonomia.

modernidade deram forma a discursos e desenhos especulativos que tiveram como referência a estupefação com as capacidades fantásticas – e aterrorizantes – das descobertas científicas da época. Esse estupefação foi se “normalizando” e se banalizando na medida em que os aparatos técnicos foram se imiscuindo à vida cotidiana. Os *TIs* mostram que algumas narrativas paranoides sobre a tecnologia continuam fixadas em dispositivos fantásticos. No entanto, conforme veremos a seguir, a especulação do grupo se concentra bastante em enredos imbricados da atuação e planos de grupos misteriosos (Sconce, 2019) que habitam as redes de poder político e econômico de um capitalismo orientado aos dados.

Na modernidade, metáforas do “homem-máquina” foram mobilizadas pela ciência, filosofia e saberes médicos para constituir “ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de 'docilidade' que une ao corpo analisável o corpo manipulável” (Foucault, 1997, p. 118). Uma vida humana, espiritual e política, submetida aos pressupostos mecanicistas que organizam e regiam o mundo natural. Os médicos eram especialistas privilegiados da tarefa política de comandar os grupos e comunidades humanas, já que conheceriam as dinâmicas que regem a vida e a própria sociedade. Neste sentido, o corpo humano era enxergado como

(...) um conjunto de molas e engrenagens regidas por leis puramente mecânicas, enquanto aquilo que vulgarmente conhecido como 'alma' não passava de um princípio também material, localizado no cérebro e encarregado de movimentar o organismo e de permitir o pensamento. Uma mera função da matéria organizada. (Sibilia, 2002, p. 73)

A discussão que se desenrola nos capítulos adiante convoca e trabalha a paranoia como um conjunto de práticas e lógicas interpretativas que elaboram e organizam as relações materiais e simbólicas (Sedgwick, 2013, p. 130). Assim, tomo algumas pistas da psicanálise, porém sem enquadrar características paranoides enquanto associadas a condições psicopatológicas e sem pretensão de estabelecer ou mesmo sugerir diagnósticos. Se na modernidade disciplinar, a insanidade e a anormalidade eram geridas por meio da exclusão e do confinamento, a ambiguidade dos *TIs* em produzirem uma autoidentidade coletiva através das próprias ferramentas que os aterrorizam, mostram que, atualmente, as narrativas consideradas delirantes podem também ser geridas pela inclusão e participação.

No cenário contemporâneo, a quantidade de informações online disponível podem potencialmente justificar quase qualquer teoria da conspiração, crença marginalizada ou experiências individuais inusitadas. Embaralham, assim, as definições do que seriam crenças

ilusórias particulares. Qualquer pessoa pode encontrar muitas evidências e indícios que justifiquem suas interpretações e percepções, independentemente da validade e das fontes que as embasam. O compartilhamento por parte dos *TIs* de testemunhos de perseguição, assédio e ataque por meio da tecnologia pode fomentar uma dinâmica de construção recursiva, validando ainda mais aspectos fantasiosos e mesmo psicóticos das narrativas compartilhadas. E, no entanto, esses canais também fornecem um certo grau de ligação, ainda que precário e limitado, a um mundo social compartilhado.

Seja como espaço para a negociação e produção de autoidentidade, seja como facilitadoras e instâncias de intensificação de conteúdos ilusórios e potencialmente nocivos, a relação dos *TIs* com a tecnologia demonstram o papel central que as plataformas ocupam na circulação de informação e de conteúdo na esfera pública, organizando cada vez mais nossas vidas sociais e subjetivas. Veremos a seguir como as plataformas se apresentam enquanto redes sociotécnicas que transformam os corpos analisáveis em sujeitos influenciáveis, investindo e valorizando regimes específicos de saberes que procuram modular o comportamento a partir de dados digitais e análises algorítmicas. Onde, no lugar dos médicos, há os cientistas de dados.

Capítulo 2 - Mapeando e visualizando os TIs no YouTube

2.1 Plataformas e mediações: a escolha do YouTube

Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí. o reinado da razão. Plus ultra! Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

—“*Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade.*
(...)”

—*A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.*
(Machado de Assis, **O alienista**, pp. 54-56)

De forma crescente, as infraestruturas sociotécnicas e os aparatos que possibilitam a circulação de informação na internet vêm se tornando cada vez mais opacos, concentrados e oligopolizados. Neste sentido, torna-se mais evidente a influência das mediações sociais, culturais, políticas e subjetivas exercidas por produtos e aplicações de empresas de tecnologia como Google, Facebook, Amazon, Apple e Microsoft (Evangelista, 2019). Conforme aponta Nick Srnicek em *Platform Capitalism* (2017, p.12), a redução da escala de lucratividade de atividades industriais e a digitalização da economia tornaram os dados elementos e unidades de valor centrais para as empresas em suas "relações com os trabalhadores, clientes e outros capitalistas. A plataforma desponta como um novo modelo de negócios, capaz de extrair e controlar quantidades imensas de dados, e com essa mudança vimos o aumento de grandes empresas monopolistas"³⁸.

Sob esta noção de “plataformas”, aplicações e serviços de empresas da economia digital ganham escalas e níveis de utilização gigantescos, passando a desempenhar um preponderante papel na organização de importantes áreas da vida pública como mobilidade urbana, serviços de logística, moradia e, especialmente, jornalismo e trocas comunicacionais (Langley e Leyshon, 2017; van Dijck, Poell e de Waal, 2018). A ampla gama de atividades que são abarcadas e realizadas por meio das plataformas pode ser atestadas por um levantamento realizado por Machado, Oliveira, Souza, e Silveira (2018) que identifica as 44 principais plataformas, em

³⁸ Livre tradução para: "their relations with workers, customers, and other capitalists. The platform has emerged as a new business model, capable of extracting and controlling immense amounts of data, and with this shift we have seen the rise of large monopolistic firms".

termos de amplitude, difusão mundial e, conseqüentemente, maior número de pessoas usuárias, as separando em 22 segmentos de atuação (Figura 15).

Educação	Transporte Urbano	Delivery (Entrega)	Financiamento Coletivo	Streaming	Passeios excursões
<ul style="list-style-type: none"> • Cinese • Udemey (EUA) • Wyzant (US) • Verbling 	<ul style="list-style-type: none"> • Uber (EUA) • Lyft • Cabify • Blablacar (FR) 	<ul style="list-style-type: none"> • Postmates • Loggi • Rapiddo 	<ul style="list-style-type: none"> • Kickante • Catarse • Benfeitoria 	<ul style="list-style-type: none"> • Youtube • Spotify • Netflix 	<ul style="list-style-type: none"> • GetYourGuide • LocalFriend • WithLocals
Venda Compra	Alimentação	Aluguel de veículo	Cuidado com crianças	Empréstimo	Cuidado com animais
<ul style="list-style-type: none"> • Etsy • Enjoei • OLX 	<ul style="list-style-type: none"> • Eatwith • MealSharing (EUA) 	<ul style="list-style-type: none"> • PEGCAR • Getaround (EUA) 	<ul style="list-style-type: none"> • UrbanSitter • Care.com 	<ul style="list-style-type: none"> • Couchsurfing (US) • Tem Açúcar? 	<ul style="list-style-type: none"> • Rover • DogHero
Trabalho	Acomodação hospedagem	Aluguel de barco	Aluguel de garagem	Aluguel de imóvel	Conteúdo
<ul style="list-style-type: none"> • RockContent • 99Freelas 	<ul style="list-style-type: none"> • Airbnb 	<ul style="list-style-type: none"> • Tubbbber (Holanda) 	<ul style="list-style-type: none"> • Just Park (UK) 	<ul style="list-style-type: none"> • Homeaway • Aluguetemporada 	<ul style="list-style-type: none"> • Wikipedia
Colaboração desenv. software	Designers	Experiência	Saúde		
<ul style="list-style-type: none"> • Github 	<ul style="list-style-type: none"> • DesignCrowd 	<ul style="list-style-type: none"> • Worldpackers (BR) 	<ul style="list-style-type: none"> • CrowdMed 		

Figura 15: Lista das principais plataformas, segundo Machado, Oliveira, Souza, e Silveira (2018), agrupadas por seus respectivos tipos de negócio. Fonte: *Análise das plataformas de compartilhamento online e de suas práticas colaborativas* (Machado, Oliveira, Souza, e Silveira, 2018, p. 17)

Desse levantamento, gostaria de chamar atenção para um ponto: considerando a criação, inclusão e veiculação de recursos ou conteúdos, os autores identificam que somente o Spotify e a Netflix não permitem que pessoas usuárias insiram bens ou informações diretamente. Apesar das diferentes naturezas de áreas de atuação, essas empresas comungam a centralidade dos dados em seus modelos de negócios e a participação dos usuários na produção de conteúdo. Se posicionam, assim, como intermediações entre pessoas que querem compartilhar algum conteúdo, prestar serviços ou comercializar algum item. Neste sentido, os autores apontam o serviço de compartilhamento de vídeos do *YouTube* como um exemplo clássico do *capitalismo de plataforma*, já que a dinâmica de produção e circulação dos bens e serviços é:

"feita pelo usuário, considerado dono do canal, que cria o perfil e disponibiliza os vídeos produzidos. Os assinantes assinam o canal desejado, avaliam e fazem comentários sobre os conteúdos. Os usuários são responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção de conteúdos

gerados e inseridos, assim como as alterações e exclusões" (Machado, Oliveira, Souza, e Silveira, 2018, idem, p. 18).

O tamanho gigantesco que alcançaram e a força centrípeta para atrair a produção de informações para suas aplicações estabeleceu, de acordo com Anne Helmond (2015), uma lógica de “plataformização da web”, processo pelo qual estas empresas impõem uma dinâmica econômica e de produção de informação que “descentraliza a produção de dados e recentraliza a coleta deles”³⁹ (p. 7). Ressalto este aspecto, porque algumas correntes de pesquisa sobre a sociabilização e circulação de conteúdos digitais, ancoradas em obras escritas ainda nos estágios iniciais da internet de autores como Pierry Lévy e Manuel Castells, continuam a considerar a internet enquanto um espaço de "desintermediação", conforme aponta Pecini (2018). O ideal da circulação da informação e da comunicação como desimpedida de restrições e coerções não é nova e nem restrita ao ambiente digital. Lembra Pecini que já estava presente, por exemplo, na ideia de *razão comunicativa* de Habermas (2002). Foucault (2006), em resposta a uma pergunta que versava sobre "jogos de verdade", "relações de poder" e "grau de transparência da comunicação", refuta de modo contundente e sucinto tal perspectiva. Reproduzo a resposta pela pertinência em relação aos temas aqui tratados:

“A ideia de que poderia haver um tal estado de comunicação no qual os jogos de verdade poderiam circular sem obstáculos, sem restrições e sem efeitos coercitivos me parece da ordem da utopia. Trata-se precisamente de não ver que as relações de poder não são alguma coisa má em si mesmas, das quais seria necessário se libertar; acredito que não pode haver sociedade sem relações de poder, se elas forem entendidas como estratégias através das quais os indivíduos tentam conduzir, determinar a conduta dos outros. O problema não é, portanto, tentar dissolvê-las na utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas se imporem regras de direito, técnicas de gestão e também a moral, o *êthos*, a prática de si, que permitirão, nesses jogos de poder, jogar com o mínimo possível de dominação” (idem, p. 284).

Conforme Pecini (2018), ao estender a conceituação das plataformas para além das redes sociais e da tecnicidade proposta por Helmond, não se trata apenas de novas formas de intermediação e tráfego de dados, mas uma reorganização da sociabilidade, a instauração de novas relações de poder, valores e produção de subjetividade. A descentralização da produção de conteúdo não implica, portanto, em uma ausência de intermediação na circulação das

³⁹ Livre tradução para: “decentralize data production and recentralize data collection”.

informações, ao contrário, promove uma mudança nas mediações, com a diminuição da predominância de alguns atores, a continuidade de influência de outros e o surgimento de novas dinâmicas nas relações de poder e de jogos de verdade e dos modos de ser.

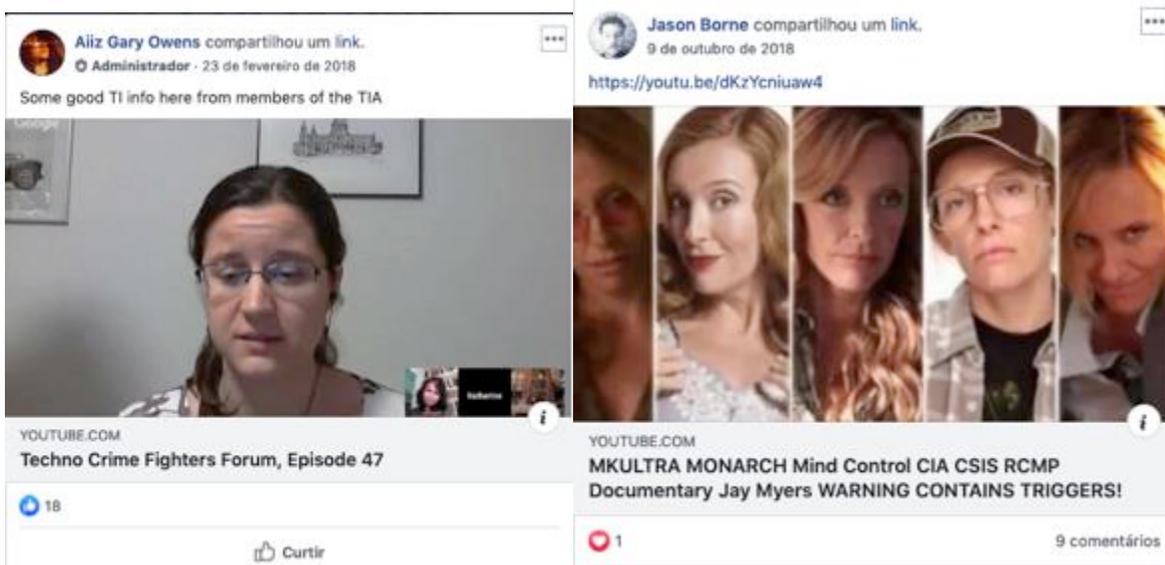
Neste sentido, apesar de não ser uma peça discursiva desinteressada, o relatório *Creators Connect: o poder dos YouTubers*⁴⁰, produzido a partir de uma pesquisa do Google realizada em julho de 2018, traz um conjunto de dados significativos sobre a tendência ao deslocamento do centro de trocas comunicacionais de mídias de massa para as plataformas e redes sociais. A pesquisa perguntava a quem entrevista quais pessoas mais influenciavam a opinião delas. Destaco um número: os *youtubers* (20%) ultrapassaram os jornalistas (19,1%) como os formadores de opinião mais influentes entre as pessoas que utilizam internet.

A ênfase aqui de que redes sociais e plataformas digitais promovem mudanças - e não o desaparecimento - dos processos de mediação da informação se faz necessária ao tema da pesquisa por um grande motivo: a circulação de narrativas de tons paranoides em relação à tecnologia, e de teorias e explicações conspiratórias em geral, nestes canais não pode ser explicada apenas levando em conta aspectos individuais e dimensões psíquicas, emocionais e cognitivas particulares. Se o consumo e compartilhamento de tais narrativas deixam de ser prerrogativa de grupos considerados delirantes e passam a atuar como uma forma de produção de sentido cotidiana - e uma maneira cada vez mais comum de compreender tanto a relação entre humanos e máquinas, quanto questões sociais mais amplas -, é preciso se debruçar sobre como a organização da informação, a arquitetura das plataformas e o modelo de negócios das empresas de tecnologia influencia na disseminação desses conteúdos e na produção de conhecimento em esferas públicas compartilhadas (Marres, 2018), como trabalharei nos capítulos seguintes.

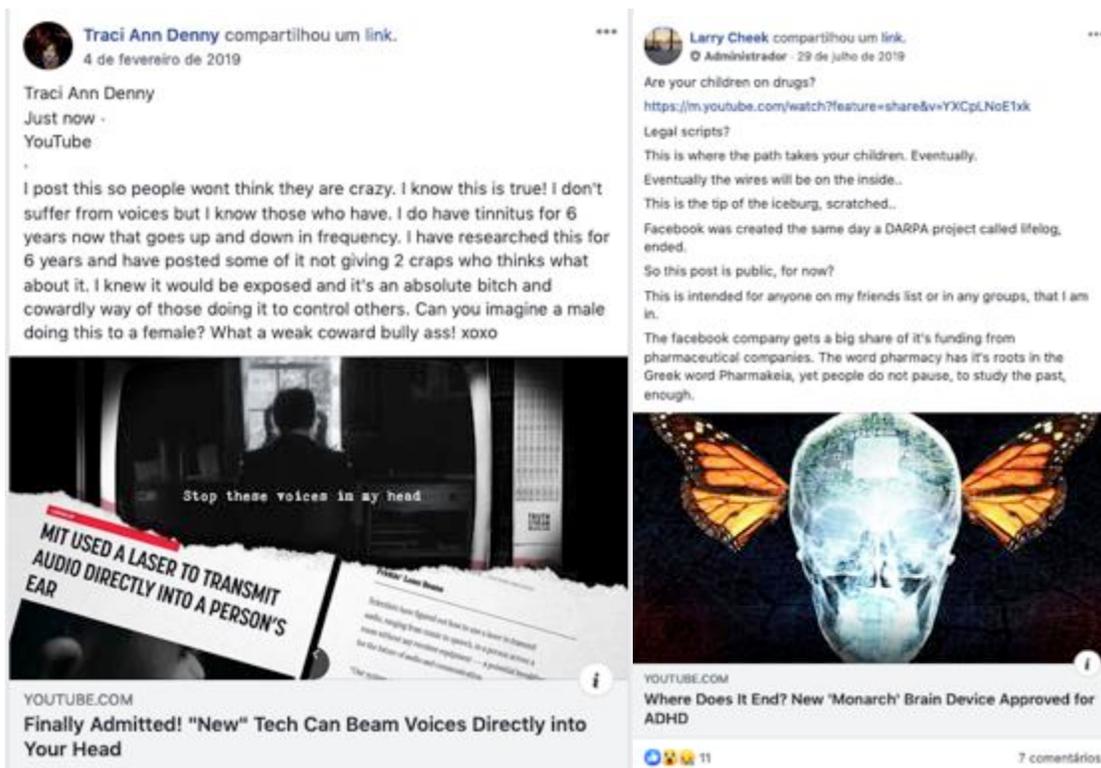
Esse aspecto é importante para fundamentar o mapeamento da relação entre paranoia e tecnologia aqui construído. Se em um primeiro momento, trouxe os relatos dos *Targets Individuals (TIs)* em sites, blogs e grupos fechados de Facebook em uma coleta ancorada na observação exploratória, se impôs o desafio de organizar a produção de conteúdo do grupo em um esquema estruturado e classificatório. Para tanto, escolhi o *YouTube* como a plataforma de investigação sobre o grupo por quatro fatores que se relacionam.

⁴⁰ <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers>

Decorrente desta observação inicial e exploratória, o primeiro fator se deve à recorrência observada nestes sites e grupos de postagens contendo links ou recomendações sobre canais e vídeos da plataforma (Figuras 16, 17, 18, 19, 20 e 21).



Figuras 16 e 17: Posts em grupos de Facebook relacionados aos TIs com recomendação e link para vídeos no *YouTube*.



Figuras 18 e 19: Posts em grupos de Facebook relacionados aos TIs com recomendação

e link para vídeos no *YouTube*.

Tortura por Assédio Eletrônico e Envolvimento de Vizinhos ALGUNS ÁUDIO É DEMASIADO FALHA PARA CHEGAR POR ALTO BASTANTE PARA OUVIR NO YOUTUBE (Targeted Individual Diadema São Paulo Brasil)

fevereiro 23, 2019

Figura 20: Post em site com vídeos compartilhados do *YouTube* que supostamente apresentam evidências do assédio eletrônico.

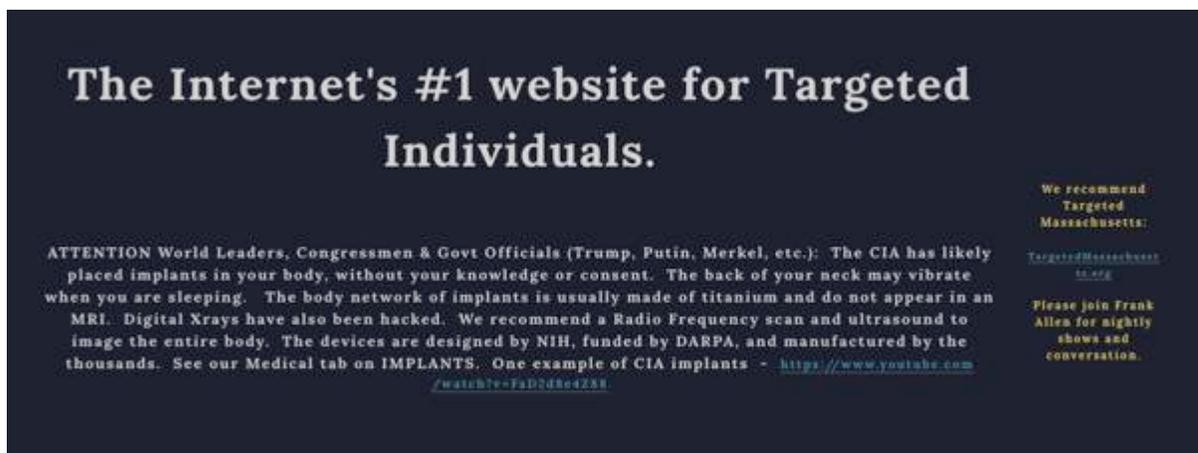


Figura 21: Texto de abertura da página inicial do *Targeted Justice*. Ao final, há recomendação de vídeo que mostraria um exemplo de implante tecnológico. Fonte: <https://www.targetedjustice.com/>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.

Fundamentando a impressão do primeiro fator, o segundo motivo deve-se ao lugar privilegiado que o serviço de compartilhamento de vídeos alcançou como ferramenta de circulação de conteúdo e de influência na opinião pública, conforme aponta os dados do relatório *Creators Connect*. O site é o segundo mais visitado no mundo e no Brasil, de acordo com o ranking da *Alexa*, empresa subsidiária da *Amazon* que fornece dados de tráfego na internet⁴¹, atrás apenas da página de busca do *Google*.

O *YouTube* também ocupa a vice-liderança quando se leva em conta usuários mensais ativos: a plataforma alcançou, em abril de 2019, a marca de 2 bilhões⁴², enquanto o *Facebook*

⁴¹ Ver respectivamente <https://www.alexa.com/topsites> e <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>

⁴² Os números são de relatório do Statista, portal online de estatísticas, publicado em abril de 2019. Importante destacar que o relatório não possui dados de sites e plataformas chinesas. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>

possuía no período 2,45 bilhões de usuários ativos mensais⁴³. Porém, em termos de popularidade e frequência de uso, aferidos pelo número de visitantes ao invés de usuários cadastrados, o *YouTube* assume a liderança com 86% de visitas semanais, enquanto o *Facebook* atinge 79% de pessoas que usam a internet, segundo o relatório do *GlobalWebIndex* de 2019⁴⁴. A tendência da predominância da conectividade móvel e por meio de aplicativos também favorece o serviço de compartilhamento de vídeos. Segundo o relatório *The Mobile Internet Phenomena Report* elaborado pela empresa norte-americana de equipamentos de rede *Sandvine*, o *YouTube* é responsável por 37% do tráfego mundial de internet móvel, bem a frente do *Facebook* que possui 8.4%⁴⁵.

Se estes dados refletem o poder de alcance do *YouTube*, o terceiro fator de escolha se relaciona diretamente com a pesquisa aqui desenvolvida: a plataforma se tornou um grande celeiro de divulgação, veiculação e compartilhamento de narrativas de tons paranoides e de teorias da conspiração. Um dos primeiros episódios que provocou a plataforma a se pronunciar oficialmente sobre o grande material conspiratório em circulação aconteceu em 2018, quando um vídeo afirmando que David Hogg era um ator apareceu na seção “Em alta” do serviço de compartilhamento de vídeos⁴⁶. Hogg é, na verdade, um dos sobreviventes de tiroteio que matou 17 pessoas em uma escola em Parkland, Flórida/EUA, e ativista pela proibição do porte e da posse de armas. Após o acontecido, a diretora-executiva do YouTube, Susan Wojcicki, anunciou um novo recurso, chamado “sugestões de informação” (“*information cues*”, em inglês) que iria adicionar em vídeos considerados de temática conspiratória um link para a página da *Wikipédia* sobre o assunto retratado na postagem⁴⁷. A ação não teve desdobramento. A *Wikipédia* não tinha sido informada da pretensão e, preocupada com os possíveis ataques coordenados que poderia sofrer de grupos de extrema-direita interessados na propagação de mentiras, lançou rapidamente uma nota⁴⁸ afirmando ser um projeto voluntário e não-comercial.

Após outros casos controversos e fortes questionamentos, em janeiro de 2019, em uma postagem em seu blog oficial⁴⁹, o *YouTube* afirmou que iria deixar de sugerir vídeos com “conteúdo limítrofe e conteúdo que poderia desinformar os usuários de maneiras prejudiciais”.

⁴³ <https://www.facebook.com/zuck/posts/10107243286682221>

⁴⁴ <https://www.globalwebindex.com/reports/trends-2019>.

⁴⁵ <https://www.sandvine.com/hubfs/downloads/phenomena/2019-mobile-phenomena-report.pdf>

⁴⁶ <https://www.theverge.com/2018/2/21/17035872/youtube-trending-conspiracy-parkland-david-hogg>

⁴⁷ <https://www.wired.com/story/youtube-will-link-directly-to-wikipedia-to-fight-conspiracies/>

⁴⁸ <https://twitter.com/Wikimedia/status/973978414553149456>

⁴⁹ <https://youtube.googleblog.com/2019/01/continuing-our-work-to-improve.html>

Isso acontecerá, segundo a publicação, mesmo quando as imagens usadas no vídeo não violarem as regras e diretrizes do tipo de conteúdo que a plataforma permite publicar, como nudez ou conteúdo sexual, discursos de incitação ao ódio, spams e golpes, conteúdos protegidos por leis de direitos autorais, entre outros⁵⁰. O YouTube deu apenas três exemplos dos tipos de vídeos que deixarão de ser recomendados: aqueles que promovem uma falsa cura milagrosa para uma doença grave, aqueles que afirmam que a Terra é plana e os que fazem afirmações falsas sobre eventos históricos como os ataques de 11 de setembro.

Entretanto, um trecho ao final do comunicado é exemplar de como as plataformas tendem a fugir das responsabilidades sociais que acompanham a ocupação de importantes funções sociais (van Dijck, Poell e de Waal, 2018) e dos limites decorrentes da falta de regulamentação sobre a natureza dos seus serviços e produtos:

Embora essa mudança se aplique a menos de um por cento do conteúdo do YouTube, acreditamos que limitar a recomendação desses tipos de vídeos significará uma experiência melhor para a comunidade do YouTube. Para ficar claro, isso afetará apenas as recomendações de quais vídeos assistir, não a disponibilidade de um vídeo no YouTube. Como sempre, as pessoas ainda podem acessar todos os vídeos que estão em conformidade com nossas Diretrizes da comunidade e, quando relevantes, esses vídeos podem aparecer em recomendações para inscritos no canal e nos resultados de pesquisa. Acreditamos que essa mudança alcança um equilíbrio entre manter uma plataforma de liberdade de expressão e cumprir nossa responsabilidade com os usuários⁵¹ (YouTube, 2019).

Mais do que preocupação com a liberdade de expressão, as respostas do YouTube às controvérsias envolvendo conteúdos conspiratórios - como também a discursos de ódio - esbarram em um fator estrutural: a relação entre seu modelo de negócios e o investimento em saberes de diversos campos do conhecimento para o monitoramento do comportamento e a definição de conteúdo a ser divulgado, como veremos a seguir. Conforme defende d'Andrea (2018, p.37), as plataformas não são apenas ambientes para a investigação, "mas muitas vezes o fator desencadeador de novas disputas e conflitos".

⁵⁰ <https://www.youtube.com/about/policies/#community-guidelines>

⁵¹ Livre tradução para: While this shift will apply to less than one percent of the content on YouTube, we believe that limiting the recommendation of these types of videos will mean a better experience for the YouTube community. To be clear, this will only affect recommendations of what videos to watch, not whether a video is available on YouTube. As always, people can still access all videos that comply with our Community Guidelines and, when relevant, these videos may appear in recommendations for channel subscribers and in search results. We think this change strikes a balance between maintaining a platform for free speech and living up to our responsibility to users.

Por fim, o quarto fator se relaciona com um elemento que dispara o primeiro momento da pesquisa: a produção de representações visuais. Neste sentido, nada mais apropriado do que um serviço de compartilhamento de criações audiovisuais para investigar como se apresenta contemporaneamente o gesto de dar a ver, e não apenas descrever, peças testemunhais e de construção de evidências ancoradas na percepção e na imaginação de tons paranoides sobre a relação entre humanos e tecnologias. Irei destrinchar esse ponto adiante.

2.2. Percurso e fundamentação metodológicos

O primeiro passo para a construção do mapeamento da produção dos *TIs* foi definir a busca por canais - e não vídeos individuais - e escolher como palavras-chave para a procura o termo pelo qual a comunidade se autoneomeia: *targeted individual* e a sua variação no plural, *targeted individuals*. Essa seleção preliminarmente direcionada coteja a advertência de Venturini et al (2018) de que exatidão é uma falsa virtude na pesquisa digital, já que o corpus e a amostragem de ambientes e plataformas digitais tendem a ser ilimitados, ou seja, estender demais a cobertura pode produzir mais ruído do que informação (p.16).

Por exemplo, a busca por vídeos a partir da palavra-chave "*targeted individual*" tanto com o filtro *relevância*, quanto com o de *contagem de visualizações* teve como resultado reportagens sobre a comunidade⁵², e privilegiou vídeos de canais com poucos inscritos e apenas alguns envios de conteúdo. A grande incidência de vídeos pulverizados pertencentes a usuários com poucos envios também foi observada preliminarmente ao se buscar por palavras do léxico peculiar da comunidade, como "*voice to skull*", "*directed-energy weapon*", "*electronic harassment*", "*psychotronic torture*", etc. Esses resultados tenderiam a produzir grandes redes e como a minha intenção é mapear o conteúdo enviado e as relações da rede produzida por quem se percebe enquanto um *targeted individual*, a escolha pela busca de canais e pelas palavras-chave com o nome da comunidade se mostrou mais operativa.

Assim, usando a funcionalidade de pesquisa do *YouTube* e não estando logado à plataforma ou ao Google no navegador⁵³ realizei a busca por canais no dia 03 de outubro de

⁵² Como as matérias audiovisuais da revista americana *Vice: The Nightmare World of Gang Stalking* (<https://www.youtube.com/watch?v=5LPS7E-0tuA>) e *Meet the Targeted Individual Community* (<https://www.youtube.com/watch?v=62s3FinAoC0>)

⁵³ O cuidado tomado, neste sentido, era não "contaminar" os resultados com o direcionamento de conteúdo personalizado.

2019, ou seja, procurando ao máximo um não direcionamento personalizado dos resultados ao meu histórico de uso. Na primeira busca com a palavra-chave *targeted individual* foram encontrados 149 canais, enquanto a procura pela variação no plural obteve 61 resultados. Como recorte de relevância, considerei, do total de 210 canais, aqueles com mais de 400 inscritos ou mais de 100 vídeos. Com este filtro final, foram selecionados 22 canais da primeira busca (Tabela 1) e 3 canais da segunda (Tabela 2), totalizando ao final 25 canais.

	Nome	Inscritos	Vídeos	ID
1	Jeremiah Cohen	60.200	438	UCefPpd-HJMYzrRuS8B_xE7w
2	Bryan Tew	4.400	2.293	UCG5McsN18_T0Spu9AUmSTyA
3	Ella F	8.550	181	UC9-Mn8xGQpTpuY-6kGQByLg/
4	Targeted Individual	4.840	3429	UCYBwwKx8Q5W4eIe0mMWwtCA
5	Targeted in Ireland	4.260	311	UCBiTO4PciErtokWPPpykxuA
6	JubiLEENA Redeemed	1.700	328	UCRrT02UsAndYQtDHkmzyLlw
7	GangStalking Survival	5.240	156	UCfGgheZ12YDUz4phIR3dFvg
8	Janine Triumphant Individual	3.700	150	UCHb-iw788FvEeexgBTp99JA
9	Oliver Duran Gavriy'el Prince	1400	250	UC_cSBjn6kOZs2kCzsl_130w
10	Deserie Foley	513	9	UCviz60ZBDHogLzn5epoJwmA
11	Gina Lyn	472	211	UC9n3caEW6m646gSR2iBI4UA
12	Targeted Individuals Be Strong	2.440	99	UCO6ycg_dgIF9H10mrqs8jwg
13	Nexx Level	1.430	247	UCJQdh7PDEd_B8j7XhyyLDIA
14	Andreea Damask	556	75	UCCZSFVfMCsKHZiKu6RbJQ8w
15	Autumn Targeted in NZ	609	104	UCvIRnHLVIBIe_Zj56iXM3IQ

16	charles hall	568	244	UC3B89KpMwA1YcJ18D6UphAA
17	Matthew Aaron	2.000	30	UCQINqeK38khSOUMdsQkFDGw
18	Lindsay Baldwin Targeted Individual in Texas	229	468	UCsAKqtLCaNB_sPSSbFwyOA
19	Targeted in sanfrancisco	310	421	UCnQEzPwfpJsA1sAbTGC4nDA
20	targeted citizen	852	454	UCQwRxVDzdhuaXOm6gQg2UBA
21	Targeted Individual Finland	197	585	UCinUys6MazpzTOUW5YfvdAA
22	Targeting Must End	6.630	42	UCgEwb9DiE7X-dN7PS08adNQ

Tabela 1: lista de canais construída após a busca por "*targeted individual*" e aplicado os critérios de relevância.

	Nome	Inscritos	Vídeos	ID
1	AsYLuM of GhoSTs	2.410	438	UCgAQCmCKu4N9BOhU9C-hs5w
2	Christi Lynn	528	38	UCFQ_jw_Swc-ygl-yPLf4j8w
3	Bradley Scott	1.380	5	UCCqb5wNpKJnBR7BSosijBRQ

Tabela 2: lista de canais construídas após a busca por "*targeted individuals*", no plural e aplicado os critérios de relevância.

Após este processo da seleção de parâmetros e da identificação de canais pertinentes à pesquisa, passo ao segundo momento da análise: utilizando ferramentas e procedimentos da Análise de Redes Sociais (Scott, 2000, 2011; Scott e Carrington, 2011; Recuero, 2017) para a produção de métricas e de visualizações das associações e da rede. As ferramentas utilizadas foram o *YouTube Data Tools (YTDT)*⁵⁴ (Rieder, 2015) para extração de dados dos canais e o *Gephi* para a produção das visualizações⁵⁵. O *YTDT* é um software online que reúne um conjunto

⁵⁴ <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>

⁵⁵ A coleta foi realizada em conjunto com Francisco Kerche (PPGSA/UFRJ e integrante do Laboratório de Estudos Digitais / LED-IFCS), com quem realizo uma pesquisa em andamento sobre a relação da nova direita brasileira e a produção e circulação de teorias da conspiração no *YouTube*.

de ferramentas para coletar e traduzir em tabelas o código fonte de páginas do *YouTube* através do *YouTube API v3*⁵⁶. A sigla *API* significa "*Application Programming Interface*, em português Interface de Programação de Aplicativos, é uma interface com uma série de instruções e padrões de programação que permitem que recursos de uma aplicação possam ser usados por outras aplicações, em uma interoperabilidade automatizada entre diferentes sistemas. Para Helmond (2015), devido às funcionalidades de programação e reprogramação automatizadas que propiciam, as *APIs* estão no centro do processo de "plataformização" da internet. O motivo é que elas permitem não só a conexão e comunicação de dados entre aplicações, como também a interação e respostas dos usuários com estes programas, aplicações e sites.

O *YTDT* permite obter dados através de cinco critérios, chamados pela ferramenta de "módulos", são eles: *Channel Info*, *Channel Network*, *Video List*, *Video Network* e *Video Info and Comments*. Aqui, me interessa os dois primeiros módulos, cujas informações são extraídas a partir do ID de um canal específico. O *Channel Info* possibilita a coleta de informações gerais do canal, como o número de vídeos, inscritos, visualizações totais, data de início das publicações, entre outras. Já o *Channel Network*, rastreia uma rede de canais conectados através das inscrições e assinaturas entre canais, encontrados na aba "Canais". Dito de outra forma, as recomendações entre canais e quais canais seguem outros canais.

A partir dos 25 canais identificados inicialmente, foi realizado uma coleta de grau dois, ou seja: foi mapeado quais canais eles recomendam, e depois as recomendações destes. Esse primeiro mapeamento trouxe 70 canais (Figura 22) e pistas iniciais, a saber: uma baixa conexão com grupos bem separados entre si e uma forte conexão do canal *Jeremiah Cohen* com um agrupamento (*cluster*, na linguagem da análise de redes) católico (rosa)⁵⁷. A seguir, foi realizado uma nova coleta de grau dois. Porém, foram excluídos os canais católicos porque eles provavelmente "sujariam" a amostra, tenderiam a estender a rede para canais cujo conteúdo fugiria do escopo de interesse da pesquisa. Aplicada essa nova coleta, foram encontrados uma rede contendo 491 canais, que serão a base da análise (Anexo 1).

⁵⁶ <https://developers.google.com/youtube/v3/>

⁵⁷ *Clusters* são conjuntos de atores que tendem a se conectar mais entre si do que com os demais (Recuero, 2017)

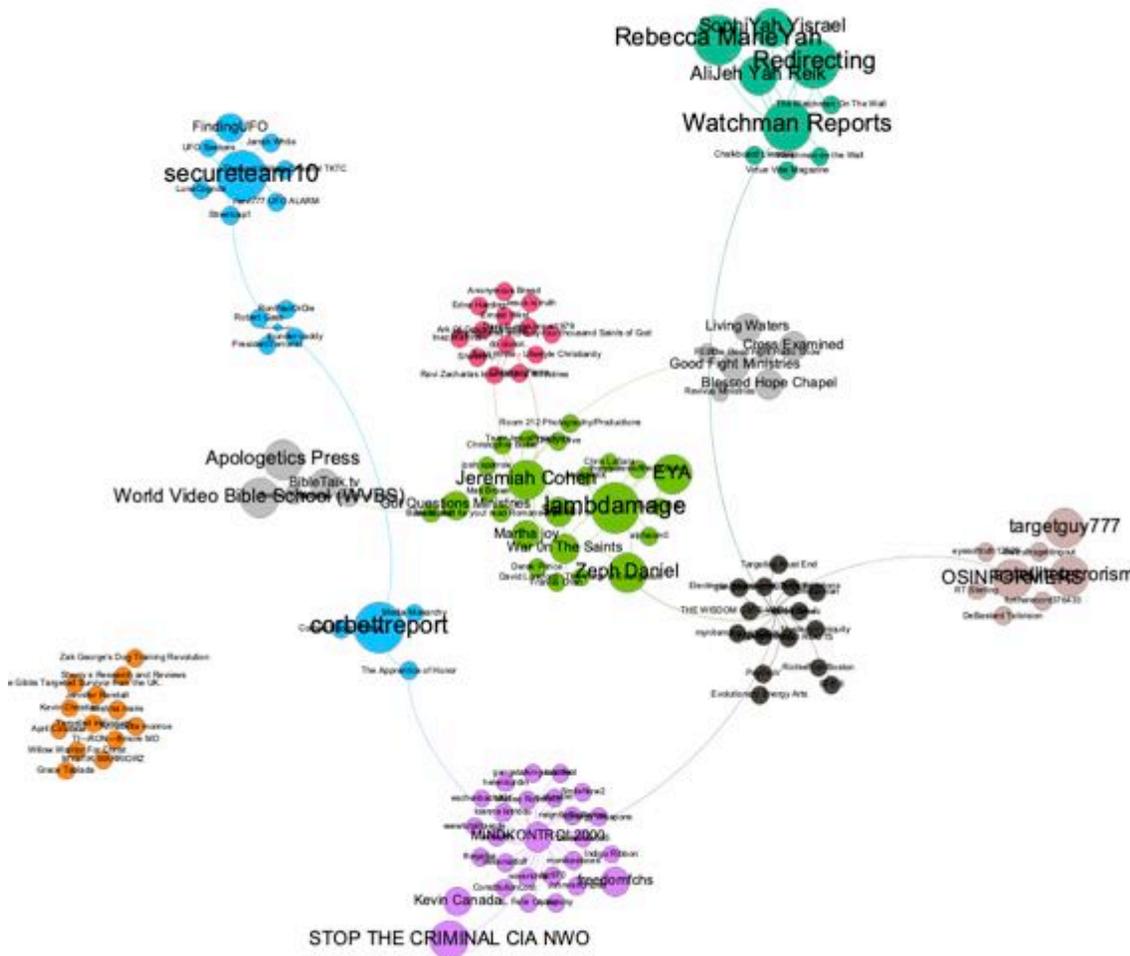


Figura. 22: Rede de 70 canais após coleta de dois graus

Para construção e a visualização das redes, utilizei o programa *Gephi* (Gephi.org, 2017), aplicando como métrica de rede a modularidade – que é o cálculo de grupabilidade, ou seja, a tendência de determinados nós se conectarem entre si e de um nó estar mais conectado a nós de um determinado subconjunto do que a outro. Na ARS, as medidas podem ser aplicadas para analisar toda uma rede, as métricas de rede inteira, ou para identificar características de nós individualmente e a posição que ele ocupa na rede, de modo que “as métricas de nó são aquelas relacionadas aos atores, que vão caracterizar os nós ou de modo coletivo ou de modo individual” (Recuero, 2017, s/n). Estes cálculos buscam inferir a influência e relevância de um determinado ator em uma rede e o quanto ele pode intermediar os caminhos e fluxos de uma rede (Bastos,

Recuero; Zago, 2014), de modo que o utilizo também como parâmetro para privilegiar um grupo de canais para a análise.

Assim, é importante algumas ponderações sobre os riscos e limites no uso de procedimentos e ferramentas metodológicas advindas da ARS tanto para a produção de métricas e visualizações quanto como recurso na definição de maior ou menor “relevância” entres os canais. Com raízes na Sociometria e na Teoria dos Grafos para analisar relações sociais (Scott, 2011; Recuero; Bastos; Zago, 2014), a ARS é um campo de viés estruturalista cujas premissas metodológicas são bem estruturadas e definidas principalmente por métricas (Recuero, 2017, s/n) e “a partir de identificação de regras formais vinculadas às relações topológicas e quantitativas entre atores” (Buzato, 2016, p. 40). Para o autor, a vantagem dessa perspectiva é a possibilidade de apresentar “previsões relativamente precisas sobre fenômenos coletivos a partir de comportamentos individuais, independentemente de influências contextuais”, de modo que:

Não é à toa que essa abordagem venha sendo tão produtiva para o estudo das Redes Sociais Online, uma vez que Facebook, Twitter, Instagram, e serviços digitais afins combinam uma multiplicidade de microinterações locais com conjuntos de regras de interação simplificáveis (já que limitadas por opções de design do sistema) e formas relativamente simples e diretas de acesso a datasets, a partir dos quais se pode fazer as modelagens (idem, p. 43).

O primeiro aspecto da ordem da limitação é que, como discutido no tópico anterior, as plataformas não são intermediárias neutras, mas poderosas mediadoras cuja operacionalidade e regras de funcionamento quase nunca se tornam explícitas, de modo a tornar difícil compreendê-las, descrevê-las e analisar seus efeitos (Pasquale, 2015, Srnicek, 2017). Analisar dados extraídos de plataformas é se deparar com os problemas dos “métodos de interface” (Marres e Gerlitz, 2016), com os perigos de passear por dados obtidos de serviços orientados comercialmente e “metodologicamente tendenciosos”. O desafio ao lidar com essas caixas-pretas (Latour, 2000, 2012) e com os limites impostos por empresas e corporações para a pesquisa não é apenas metodológico, portanto, mas também epistemológico.

Apesar destes rastros serem uma valiosa fonte de pesquisa (Bruno, 2012), contradições acerca do domínio, da obtenção e dos termos de trocas do conhecimento necessitam ser apontados e problematizados. As possibilidades da rastreabilidade digital foram encaradas com grandes expectativas para a pesquisa de fenômenos sociais (Venturini e Latour, 2010), especialmente pelo aumento no volume de informações, na velocidade de obtenção delas e pela abertura à maior experimentação entre abordagens quali e quantitativas que tanto os dados quanto

as ferramentas digitais proporcionaram. No entanto, por meio de regras e licenciamentos técnicos, legais e econômicos as *APIs* também delimitam e restringem as condições de acesso e de produção de conhecimento por meio desses dados. Como alerta Butcher (2013), ao se referir a utilização das *APIs*, elas “são, na maioria das vezes, simplesmente usadas, não analisadas criticamente como gerenciadores poderosos de relações contingentes e fluxos de informações e trocas comunicativas”⁵⁸.

Apesar do risco de tratar esses recursos apenas como ferramentas convenientes, o acesso a uma vasta quantidade de informações e a métodos de produção de dados de maneira automatizada permite a quem se debruça sobre estas informações a possibilidade de abstração dos detalhes e meandros do seu funcionamento. Com efeito, na pesquisa por coleta de dados via *APIs* isto é um imperativo, já que ou é impossível obter algumas informações pela interface para o usuário, sendo o acesso permitido por comandos de programação, ou esta obtenção se torna demasiadamente exaustiva pela imensa quantidade de dados.

Na perspectiva da ciência da computação, a “ofuscação do código” (Galloway, 2012) ou “ocultamento de informações”, é uma tecnicidade não apenas desejável como necessária. Os esforços em tornar aplicações e algoritmos invisibilizados para partes do sistemas que não precisam deles, reduz a “carga cognitiva” de quem programa, minimizando a quantidade de informações necessárias para entender alguma outra parte ou aspecto do sistema, permitindo que o trabalho possa prosseguir em frentes simultâneas. Esse apontamento é interessante pois permite traçar um paralelo com o trabalho de investigação acadêmica, reforçando o caráter coletivo da produção de conhecimento e o auxílio de ferramentas automatizadas quando nos debruçamos sobre objetos digitais, tornando patente que não é imperativo o domínio técnico das ferramentas para empreender uma pesquisa empírica.

O segundo aspecto necessário a se pontuar é que ao me debruçar neste procedimento metodológico não irei analisar a estrutura das redes que são criadas pelos dados dos vídeos, mas priorizar a formação das associações. Esta forma de exploração procura inferir quais caminhos as pessoas usuárias possivelmente percorreram no *YouTube* ao buscar ou se deparar com algum vídeo com a temática dos *Tis*. Dito de outra forma, trabalharei a noção de rede como um método, aproximação patente com a perspectiva da Teoria Ator-Rede (Law, 1992; Latour, 2013). Assim,

⁵⁸ Livre tradução para: "(...) are for the most part simply used, not critically scrutinized as powerful managers of contingent relations and flows of information and communicative exchange".

irei examinar os canais e as redes, formadas através dessas ferramentas, não como objetos estabilizados, mas como rastros, coisas que dão a ver aspectos de caráter vestigial e indiciário, da ordem da parcialidade e da contingência (Bruno, 2012).

Aqui reside o risco no uso complementar da ARS e da Teoria Ator-Rede pois elas possuem perspectivas distintas e frequentemente incompatíveis sobre a noção de rede (Bastos, Recuero; Zago, 2014). Os métodos da ARS são essencialmente diferentes da TAR pois se referem a redes homogêneas, isto é, dizem respeito a atores que compartilham uma mesma “natureza”, aqui no, caso, canais de *YouTube*. Como defendido, a análise a ser desenvolvida não toma rede como resultado de uma estrutura formada pelos atores, mas sim um modo de ser apropriado por eles. Portanto, não como algo que existe de antemão, mas um resultado provisório de articulações pelas associações entre diferentes atores, emaranhado de relações entre elementos heterogêneos que se afetam mutuamente, desencadeando, assim, novas associações. Sigo, porém, os apontamentos de Venturini (2012a, 2012b) e Venturini, Munk e Jacomy (2019) que defendem a aposta de tornar operacional perspectivas da TAR e recursos da ARS justamente pela possibilidade de obtenção e observação da conexão de dados digitais.

Assim, afinal, por que o uso das ferramentas da ARS aqui empregado? Primeiro para o auxílio na seleção de objetos privilegiados para a análise, conforme dito anteriormente. Ao lidar com os critérios pouco revelados dos algoritmos e das caixas-pretas das plataformas, os procedimentos da ARS são instrumentos que podemos operar intervenções, fazer os sistemas automatizados agir e observar suas possíveis reações. Dito de outra forma, diante da impossibilidade de inferir como os algoritmos das plataformas funcionam, os métodos da ARS ajudam a produzir indícios que municiar a investigação de como possivelmente agem os algoritmos. São criadas possibilidades de observar associações recuperáveis, ainda que de fenômenos dinâmicos, plásticos e contingentes.

A trilha aqui a ser percorrida evita a sedução de tomar a rede construída por um caráter representativo, como um retrato dos fenômenos que estão sendo investigados. Como defendem Venturini, Munk e Jacomy (2019), “as representações científicas não precisam se parecer com o referente para serem úteis”. Com efeito, a apropriação e aplicação da produção teórica e metodológica do *Psychometrics Centre* por parte da *Cambridge Analytica* é exemplar neste sentido. Assim, o exercício a encarar é lidar com estas representações como guias e mapas, de modo a enfatizar não aspectos miméticos e sim toma-los como um instrumento de navegação,

afinal: “qualquer mapa é simplesmente um conjunto de inscrições que se dirigem a e se originam de outras séries de indicações dissemelhantes para ajudar navegantes a localizar suas trajetórias”⁵⁹ (November, Camacho-Hübner e Latour, 2010, p.593).

Em especial, destaco a ferramenta analítica da produção de visualização. O que se busca aqui não é medir, muito menos prever, mas *dar a ver*. Conforme defende Venturini, Munk e Jacomy (2019), são justamente essas técnicas de visualização de redes da ARS aquelas que mais se aproximam da TAR e das perspectivas relacionais em geral, já que os conceitos aplicados pela ARS como modularidade, centralidade, *betweennes* e outros enfatizam o sentido gráfico, de modo que “eles não apenas podem ser calculados, mas também *vistos*”⁶⁰ (idem, p.14, grifo dos autores). Um trecho de entrevista do psicólogo e dramaturgo Jacob Moreno, pioneiro da Sociometria, para *The New York Times* é recuperado pelos autores para mostrar a importância que o gesto de produzir e identificar redes sociais pode ser menos da ordem de torna-las quantificáveis e mais de transformá-las em observáveis:

Se em algum momento conseguirmos *mapear* uma cidade ou nação inteira, teríamos um intrincado labirinto de reações psicológicas que *apresentariam uma imagem* de um vasto sistema solar de estruturas intangíveis poderosamente influenciando condutas, como a gravitação faz com corpos no espaço. Essa estrutura *invisível* está na base da sociedade e tem influência em determinar a conduta da sociedade como um todo... Até que possamos determinar pelo menos a natureza dessas estruturas fundamentais que formam as redes, estamos *tateando cegamente*, em esforços baseados em tentativa e erro, na tentativa de resolver problemas causados pela atração, repulsa e indiferença de coletivos⁶¹ (The NY Times, 1933, apud Venturini, Munk e Jacomy, 2019, grifo dos autores)

Este aspecto me é caro pois, conforme falado no tópico anterior, a pesquisa está assentada justamente em representações visuais. Tanto como metáforas ou produção de provas – como nas ilustrações e pinturas de James Tilly Matthews, Fredrich Kraus e Jacob Mohr e nos vídeos compartilhados no *YouTube* -, como também nas formas de dar a ver características de funcionamento dos algoritmos, me refiro às imagens construídas a partir da percepção apofênica dos sistemas automatizados, como veremos no quarto capítulo.

⁵⁹ Livre tradução para: “Any map is simply one set of inscriptions leading to and coming from another series of dissimilar signposts to help navigators find their way through their trajectories”.

⁶⁰ Livre tradução para: "Not only can they be calculated, but also seen".

⁶¹ Livre tradução para: "If we ever get to the point of charting a whole city or a whole nation, we would have an intricate maze of psychological reactions which would present a picture of a vast solar system of intangible structures powerfully influencing conduct, as gravitation does bodies in space. Such an invisible structure underlies society and has in influence in determining the conduct of society as a whole... Until we have at least determined the nature of these fundamental structures which form the networks, we are working blindly in a hit-or-miss effort to solve problems which are caused by group attraction, repulsion and indifference".

Com a inspiração nos apontamentos de Buzato (2016), ao priorizar a formação das redes, o objetivo é inferir quais percursos algorítmicos pessoas usuárias possivelmente fazem, e não as estruturas destas redes. Ou seja, aqui o interesse é perceber os processos de subjetivação e de produção de sentido paranoide e da circulação de narrativas conspiratórias não como um dado a priori, mas a partir de seus atributos e vínculos relacionais entre os *Tis*, os sistemas algorítmicos de recomendação, a produção e circulação de informação e conteúdos presentes nas plataformas.

Assim, o gesto metodológico realizado abraça a ideia de que ao observarmos uma rede, ajudamos a produzi-la em associação com os demais atores. A rede não é apenas investigada, mas formada pela pesquisa, em uma performatividade do método (Law, 2017) que em atravessamentos contingenciais abrem frestas para as condições de conhecimento. Assim, parte da metodologia que empreendo é também, afinal, a construção de metáforas visuais enquanto produção de evidências.

Retomo, por fim, a epígrafe que abre este capítulo e a figura de Simão Bacamarte para posicionar as limitações e potencialidades do campo de métodos digitais após o imbróglio envolvendo a *Cambridge Analytica* e o *Facebook*. Antes do caso vir à tona, já ganhava tração o debate sobre as crescentes restrições impostas pelas empresas ao acesso aos dados via *APIs*, como também as implicações sociais, legais e políticas da tênue fronteira entre as dimensões pública e privada das informações pessoais contidas e produzidas por grandes plataformas (Rieder, 2016). Com a repercussão rumorosa, tanto as limitações à obtenção quanto a discussão sobre o uso de dados de redes sociais se intensificou.

Não cabe, entretanto, desmerecer os métodos ou ferramentas e nos trancarmos em uma espécie de Casa Verde metodológica⁶². A área de “Métodos Digitais” é por definição experimental, devido ao dinamismo, à velocidade das mudanças estruturais dos seus objetos e aos diferentes usos, apropriações e interpretações que as pessoas usuárias fazem dos meios. Os dilemas que o campo enfrenta em um cenário “Pós-API” como fonte privilegiada de acesso a dados (Venturini e Rogers, 2019) não podem ter um efeito paralisante, ao contrário. Um trabalho de campo digital, conforme defende Buzato (2016), deve se construir como uma exploração voltada para uma abertura radical da imaginação sociológica, afinal:

⁶² Em *O Alienista*, a “Casa Verde” é o local que Simão Bacarte constrói para abrigar todas as pessoas consideradas loucas da região da vila de Itaguaí. Ao final do conto, após internar boa parte da população da região, Bacamarte revê suas teses e tranca-se no local, passando a estudar e examinar a si mesmo.

para ser empiricamente viável, os atributos terão que ser limitados. Todo conjunto de dados implica, necessariamente, uma escolha, abarcando, assim, visões implicadas de quem pesquisa, como também das interfaces das plataformas e das ferramentas de obtenção dos dados (idem, p. 47).

Ao se permitir abraçar a fabulação para investigar, é necessária a cautela, entretanto, em não realizar um *fishing expedition*, termo que designa uma investigação especulativa, sem objeto certo ou determinado, cujo objetivo é “pescar” algum indício, prova ou evidência para embasar uma hipótese previamente formulada. De algum modo, o percurso metodológico seguido aqui de estar atento a padrões, coletar sistematicamente dados e esboçar uma narrativa coerente a partir dessas informações não deixa de ser uma construção próxima a uma produção de sentido paranoide.

Cotejo a preocupação exposta por Freud ao fim do seu ensaio sobre Schreber. Barth e Folberg (2008) apontam que Freud já buscava uma explicação psicanalítica para a paranoia antes de ter acesso às memórias do Dr. Schreber, de maneira que ao invés da análise de um caso clínico, “Freud parte da problemática que envolve o tema da paranoia, indo ao encontro de uma história clínica que a ratifique”. Aliado ao “rigor da apresentação das ideias no delírio paranoico, sua concatenação lógica” e a coincidência dos sintomas e dos relatos do juiz alemão com a teoria que estava construindo, segundo os autores, Freud “teme ser acusado de conceber uma teoria delirante, (...) porque suas explicações não deixam de se dar no terreno da ficção”. Receio que, ao tornar observáveis e narrar as redes dos *Tis*, é abraçado sem propriamente ter a intenção de solucionar. Diz Freud ao final do seu ensaio:

Mas posso invocar o testemunho de um colega especialista, de que desenvolvi a teoria da paranoia antes de conhecer o teor do livro de Schreber. O futuro decidirá se na teoria há mais delírio do que eu penso, ou se no delírio há mais verdade do que outros atualmente acreditam (1911/2010, pp. 67-68).

2.3 – Visualizando a rede *TI* no *YouTube*

Vamos ao que nos mostram as redes. A partir dos 491 canais de YouTube mapeados, os dados foram analisados no *Gephi* segundo a métrica de modularidade, que é o cálculo de grupabilidade, ou seja, a tendência de determinados nós se conectarem entre si e de um nó estar mais conectado a nós de um determinado subconjunto do que a outro. Como uma medida de agrupamento de nós a partir das suas conexões, quanto mais interconectado está um grupo de nós,

maiores as chances de eles formarem um módulo na rede. A modularidade auxilia na identificação de subgrupos de atores dentro de um grande grupo, os *clusters*⁶³, por meio dessa métrica de interação (Recuero, 2017).

Aplicando a métrica de modularidade entre os 491 canais, foram apontados 40 *clusters* (Anexo 1). Com esta identificação, o passo seguinte foi me debruçar sobre os canais na tarefa de nomear esses 40 grupos de acordo com a similaridade temática dos conteúdos de seus vídeos (Tabela 3). Apesar da afinidade de conteúdo ser bastante próxima entre os canais dos *clusters*, alguns grupos apresentavam uma diversidade temática maior, de modo que a nomeação privilegiou o tema ou conteúdo que tinha maior recorrência e era majoritariamente vinculado pelo grupo. Confirmando a primeira impressão do mapeamento que envolveu 70 canais (Figura. x), foi observado uma grande quantidade de canais e *clusters* de conteúdo religioso. Para pontuar as diferenças, eles foram divididos em cinco agrupamentos: "Pregação religiosa" (cluster 26), com canais que privilegiam a divulgação de conteúdo bíblico com o objetivo de proselitismo religioso; "Pregação evangélica" (cluster 20) relacionado ao neopentecostalismo; "Yahshua" (Cluster 33), referente ao movimento cristão fundamentalista *Doze Tribos*⁶⁴; "Guerra religiosa", (clusters 32 e 38), com canais com forte teor escatológico e com conteúdo voltado a um iminente conflito espiritual que resultaria no "fim dos tempos"; e "Conteúdo religioso" (cluster 25) com canais que veiculam mensagens bíblicas com um tom mais motivacional e próximo da autoajuda.

Os grupos de vídeos que tratam mais diretamente da comunidade dos assuntos dos Indivíduos Alvo foram nomeados de *TI* (clusters 0; 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 21; 22), enquanto "Gang Stalking" (clusters 23 e 24) se refere aos grupos que tratam majoritariamente do que consideram ser os assédios organizados, envolvendo elementos tecnológicos ou não. Um *cluster* com grande relevância na rede é o que se refere ao "Efeito Mandela" (cluster 39), uma teoria da conspiração relativamente recente que aborda casos do que supõem ser a ocorrência de "memórias falsas", seja em âmbito coletivo ou individual. Por fim,

⁶³ *Clusters* na ARS descrevem conjunto de nós fortemente conectados, grupos que se apresentam como estruturas de afinidades e de comunicação entre si.

⁶⁴ Doze Tribos é um movimento cristão fundamentalista fundado em 1972 nos Estados Unidos. De acordo com a estimativa própria, possui 50 comunidades em quatro continentes reunindo entre 2 mil e 3 mil adeptos. Extremamente fechadas, as comunidades tentam recriar o modo de vida dos primeiros apóstolos, nas palavras deles "uma vida rústica e simples", organizada "em tribos, exatamente como no passado." Chama atenção o destaque que dão ao fato de rejeitarem a televisão em suas vidas. Diz o site: "não temos aparelhos de TV em casa, nem achamos que é saudável para nossas crianças assisti-la. (...) TV seria uma distração, e seria prejudicial para aprender amar e ser normal". Ver: <https://dozetribos.com.br/>

ainda há "Podcasts sobre Paranormalidade" (cluster 35), com canais que tratam de todo tipo de fenômenos sobrenaturais; "Alienígenas" (clusters 36 e 37), sobre seres extraterrestres e ufologia; "Survival" (cluster 31), com canais dedicados a táticas de sobrevivência humana na natureza; "Canal de notícias" (cluster 29), com canais internacionais de mídia corporativa; "Mídia alt-right" (cluster 28 e 34), com canais de criadores de conteúdo que emulam jornalistas e estão alinhados à agenda da extrema-direita dos EUA; "Música latina/italiana" (cluster 27); e "Prepper" (cluster 30), composto por canais dedicados ao movimento que defende e veicula técnicas para as pessoas se prepararem para eventos extremos, sejam sociais, políticos ou ambientais.

Temática	Clusters
Pregação religiosa	26
Targeted Individual	0; 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19; 21; 22
Efeito Mandela	39
Conteúdo religioso	25
Podcasts sobre Paranormalidade	35
Alienígenas	36; 37
Guerra religiosa	32; 38
Sobrevivencialismo	31
Canal de notícias	29
Mídia alt-right	28; 34
Pregação evangélica	20
Yahshua	33
Música italiana/latina	27
Prepper	30
Gang stalking	23; 24

Tabela 3: Clusters de canais nomeados a partir do tipo de conteúdo que veiculam

Para transformar essa tabela em uma visualização, é aplicado o algoritmo *Force Atlas* que trabalha com uma lógica de força gravitacional ao aproximar os nós que representam atores. Aqui

no caso canais de vídeos, os que apresentam maior contato entre si. Essa aproximação é definida por pesos que o programa atribui às interações feitas entre estes atores, os aproximando ou distanciando na visualização. O algoritmo, então, divide imagetivamente os clusters em classes, permitindo assim que a aplicação de cores (Figura 23) facilite a identificação na visualização da rede inteira (Figura 24).



Figura 23: *Clusters* identificados por cores e com a porcentagem referente ao número de canais entre o total de 491 analisados.

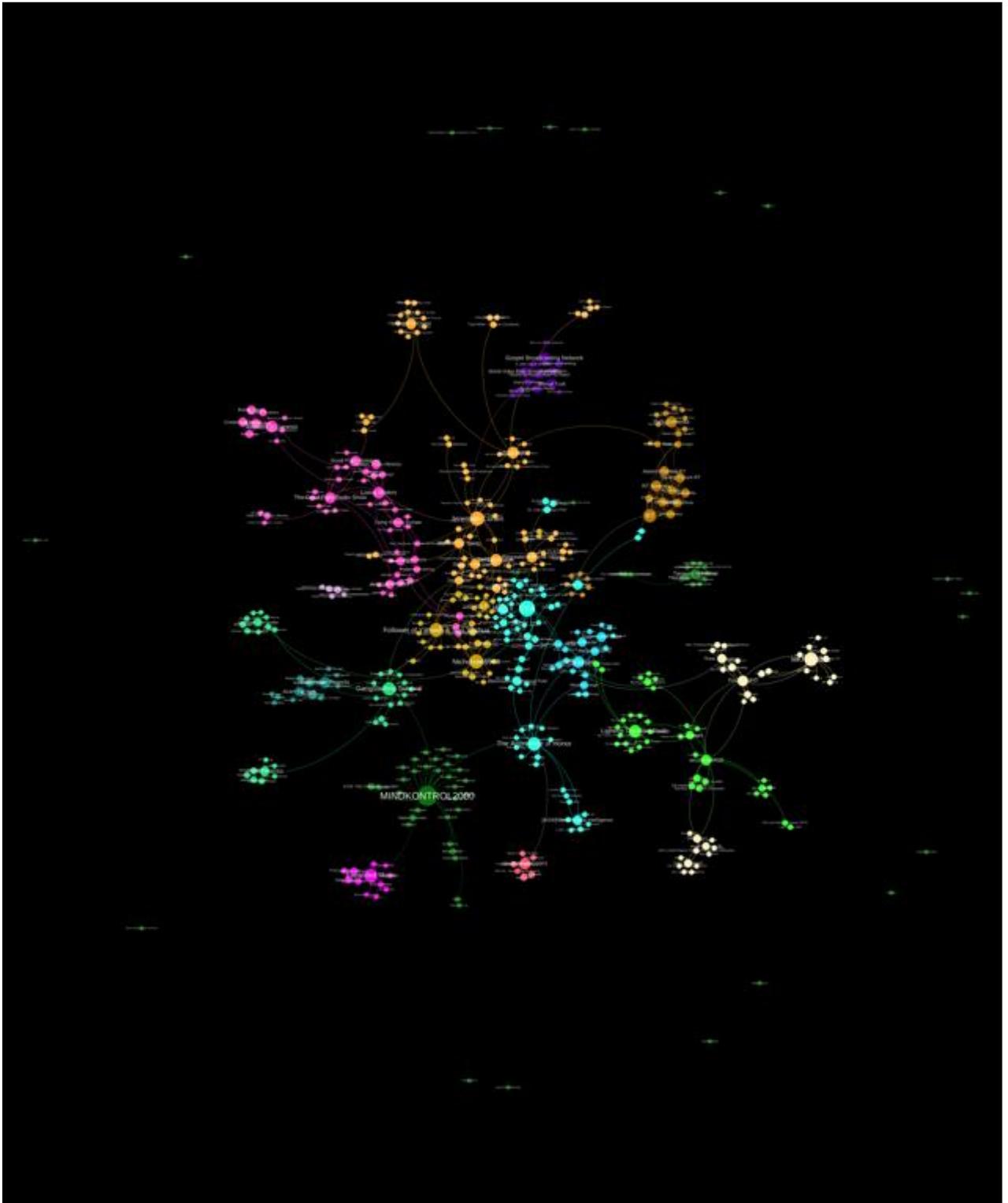


Figura 24: Rede total formada pelos 491 canais

2.3.1 A rede e os caminhos do sujeito influenciável

Em um universo de 491 canais, se impôs a necessidade de criar um percurso para a exploração pormenorizada após a identificação de aproximações, os *clusters*, realizadas com os recursos da ARS. Assim, escolhi me debruçar primeiro nos canais da temática *TI* com o olhar apurado para padrões recorrentes dos discursos, estilos e apresentação do conteúdo. Como uma espécie de filtro para me debruçar sobre os canais restantes e identificar aspectos mais recorrentes e gerais. Assim, adiante, conto o que encontrei no caminho, enquanto os padrões e recorrências serão trabalhados no próximo capítulo de maneira mais detalhada e com o auxílio dos outros canais mapeados pela rede.

Ao realizar este percurso, identifiquei três grandes eixos temáticos: em torno de relações de poder, da tecnociência e do conhecimento e de relatos pessoais. São três dimensões que estão mutuamente implicadas, mas que separo a seguir para fins de clareza. Como dito na Introdução, esses eixos se relacionam às três camadas da economia psíquica dos algoritmos: a econômica; a epistemológica; e a de gestão e controle comportamental (Bruno, Bentes e Faltay, 2019). Com base nas narrativas paranoides dos *TIs*, esses eixos serão os guias da análise e base para a discussão no próximo eixo sobre a figura do *sujeito influenciável*. Dito de outra forma, discutirei como produções de sentido paranoides diante de sistemas algorítmicos que “prometem nos conhecer melhor do que nós mesmos” (Bruno, 2018) são corolários à centralidade da concepção do sujeito que é influenciável nos modos de sociabilidade e subjetividade digitais contemporâneos. Retomando a definição que trouxe também na Introdução, por sujeito influenciável eu considero o entendimento de que é possível tornar os indivíduos e suas condutas objetos de intervenção a partir da produção e de cálculos automatizados de dados e informações digitais do comportamento monitorado. Ao final do percurso, aponto como os três eixos identificados se relacionam com o conspiracionismo, com a crença na eficácia tecnocientífica e com o modo de subjetivação e de percepção de si ante a promessa de personalização de ferramentas algorítmicas.

Antes de começar o percurso, um último adendo. Embora seja, em termos quantitativos, a temática de maior incidência na rede com pouco mais de 38% (ver Fig. 9), não tratarei do tema

da religiosidade. Tema extremamente rico⁶⁵, as relações entre religião e narrativas paranoides e conspiratórias demandam uma análise pormenorizada e fogem do escopo da pesquisa. Neste sentido, os aspectos religiosos serão tomados aqui – em um gesto reducionista, porém necessário – dentro da discussão, como aponta Van Zoonen (2012), das implicações políticas, sociais e subjetivas dos deslocamentos de um regime de verdade constituído pela mediação de instituições e fontes autorizadas para um regime baseado na experiência imediata e na crença pessoal.

Vamos ao mapeamento, enfim. Um dos primeiros aspectos que chama atenção é que a maioria dos *clusters* nomeados como *TI*, de cor verde-escura, está fora da grande rede gerada a partir da assinatura e das recomendações de canais. Identificados pelos número de 0 a 19 (Anexo 1; Tabela 3), esses elementos da rede são formados por um único canal, majoritariamente de cunho pessoal, com o conteúdo exclusivamente voltado para a temática dos *targeted individuals*. Visualmente mais próximo da rede, o *cluster* 21 também não apresenta conexão, porém não é formado apenas por um único elemento, se apresentando como uma constelação de canais (Figura 25).



Figura 25: Detalhe da rede apresentada na figura 10 com o *cluster* 21.

⁶⁵ Sobre religião, espiritualidade e teorias da conspiração ver: ASPREM, Egil; DYRENDAL, Asbjørn. “Conspirativity Reconsidered: How Surprising and How New is the Confluence of Spirituality and Conspiracy Theory?” *Journal of Contemporary Religion* 30, no. 3, 2015: 367–82; e ASPREM, Egil; GRANHOLM, Kennet. *Contemporary Esotericism*. Abingdon: Routledge, 2014. Ainda, sobre a relação de fundamentos da escatologia cristã e as teorias da conspiração: BARKUN, Michael. *A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America*. Berkeley: University of California Press, 2003 e BARKUN, Michael. “Conspiracy Theories and the Occult,” in *The Occult World*, ed. Christopher Partridge (New York: Routledge, 2016), 701–09. Por fim, sobre as relações entre internet, cristianismo fundamentalista e o crescimento de uma agenda pública de extrema-direita ver: BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics*. Oxford University Press, 2018. e KAPLAN, JEFFREY; Lööw orgs., *The Cultic Milieu: Oppositional Subcultures in an Age of Globalization*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002.

Dos 25 canais iniciais, são apenas cinco que se conectam a outros nós e que de fato formam a rede. São eles *Jeremiah Cohen*⁶⁶ (*cluster 24 | Gang stalking*), *ella f*⁶⁷ (*cluster 38 | guerra religiosa*), *AsYLUM of GhosTs*⁶⁸ (*cluster 34 | mídiãl alt-right*) e os canais *GangStalking Survival*⁶⁹ e *Targeting Must End*⁷⁰ (ambos do *cluster 22 | TI*). Estes canais apresentam um maior número de inscritos e de visualizações totais em relação aos outros canais mapeados⁷¹ e em comum possuem teor mais informativo e menos pessoal, com vídeos que exibem e emulam um tom documental, apresentando trechos de noticiários, palestras e conferências, estudos e pesquisas tanto de fontes científicas e acadêmicas quanto autônomas, e cuja credibilidade não é atestada. A partir destes canais, destrincho os dois primeiros eixos: poder e ciência.

2.3.1.1 Poder

O eixo sobre o poder se ancora em dois tipos. O primeiro é a exposição de tramas envolvendo grupos políticos e atores ocultos que dominariam os sistemas políticos e econômicos nacionais e internacionais, além de exercer enorme controle na área cultural e de entretenimento. Esses grupos também são apontados, geralmente, como os responsáveis pelos assédios, perseguições e torturas aos *TIs* por meio da tecnologia. O outro tipo de conteúdo se dedica a chamados por mobilização e pressão institucional por parte dos *TIs*, bem como o registro de encontros e protestos.

Os vídeos do canal *Jeremiah Cohen* narram tramas políticas secretas relacionadas à temática do controle da mente com uma abordagem que mescla tecnologia e espiritualidade, apontando figuras públicas como pertencentes aos *Illuminati* (Figuras 26 e 27). Originalmente, *Illuminati* foi uma obscura sociedade secreta fundada por um grupo de pensadores na Bavária, em 1776, voltada à defesa de valores iluministas e racionalistas (Stæhr, 2014). Apesar de ter sido banida pelo governo da região, com o apoio da Igreja Católica, em 1785, muitas teorias da conspiração defendem a continuidade da sua existência ou se utilizam do nome para designar supostos grupos secretos que possuiriam grande ascendência política, econômica e na área

⁶⁶ https://www.youtube.com/channel/UCefPpd-HJMYzrRuS8B_xE7w/

⁶⁷ <https://www.youtube.com/channel/UC9-Mn8xGQpTpuY-6kGQByLg>

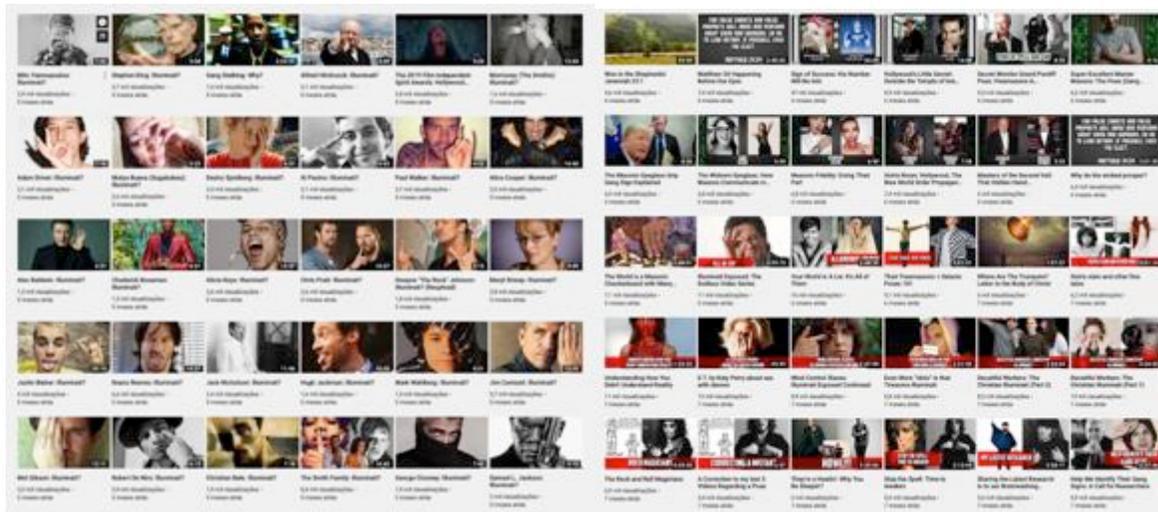
⁶⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCgAQCMCKu4N9BOhU9C-hs5w>

⁶⁹ <https://www.youtube.com/channel/UCfGgheZ12YDUz4phIR3dFvg>

⁷⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCgEwb9DiE7X-dN7PS08adNQ/featured>

⁷¹ ver Tabela 1

cultural. Aos *Illuminati*⁷², ou aos grupos que de maneira mais genérica recebem essa alcunha, é atribuída a participação em importantes eventos políticos e sociais



Figuras 26 e 27: Vídeos do canal. *Jeremiah Cohen* Fonte: https://www.youtube.com/channel/UCefPpd-HJMYzrRuS8B_xE7w/videos

O canal *ella f* apresenta vídeos majoritariamente no formato de *podcast*. Neles, a criadora do canal entrevista pessoas que dizem ter formação na área de psicologia e supostos ex-militares, ex-policiais e ex-funcionários de agências do governo americano, como FBI e NSA. Estes últimos, retratados como *whistleblowers* de programas governamentais de controle da mente (Figura 28). Além de projetos voltados ao assédio eletrônico, controle da mente e vigilância e monitoramento dos cidadãos, os vídeos com as pessoas que se identificam como antigos membros do governo americano versam ainda sobre corrupção estatal e sobre a alegada existência do *Deep State*.

⁷² Em 2018, por exemplo, o candidato à presidência do Brasil Cabo Daciolo interrompeu sua campanha e refugiou-se em um monte alegando a necessidade de jejuar e orar por causa de uma guerra espiritual contra os Illuminati, que planejavam matá-lo (www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/cabo-daciolo-sobe-a-monte-para-jejuar-e-diz-tentarao-matar.shtml). Griffin (1988) retrata a aparição retórica do grupo como agente oculto e poderoso nas relações de poder institucional ao contexto político dos EUA durante os anos de 1798 e 1799, marcado por tensões internas pós-independência e por uma conturbada relação do país com a França. Conta o pesquisador que Jedidiah Morse, à época um proeminente reverendo puritano alinhado ao governo do presidente John Adams, proferiu três sermões amplamente divulgados, nos quais revelava uma conspiração contra o governo. A trama envolvia opositores americanos e os Illuminati, apontados como um misterioso grupo de anarquistas europeus. Griffin defende que, ao evocar a conspiração na forma de jeremiadas, sermões de forte teor recriminatório e profético, Morse posicionou o combate à conspiração como desafio espiritual em defesa da autoridade civil e religiosa do país, fornecendo uma justificativa retórica para a condenação da dissidência política interna por razões morais. Uma nota de curiosidade: Jedidiah é pai de Samuel Morse, inventor do código Morse e um dos criadores do telégrafo com fios.

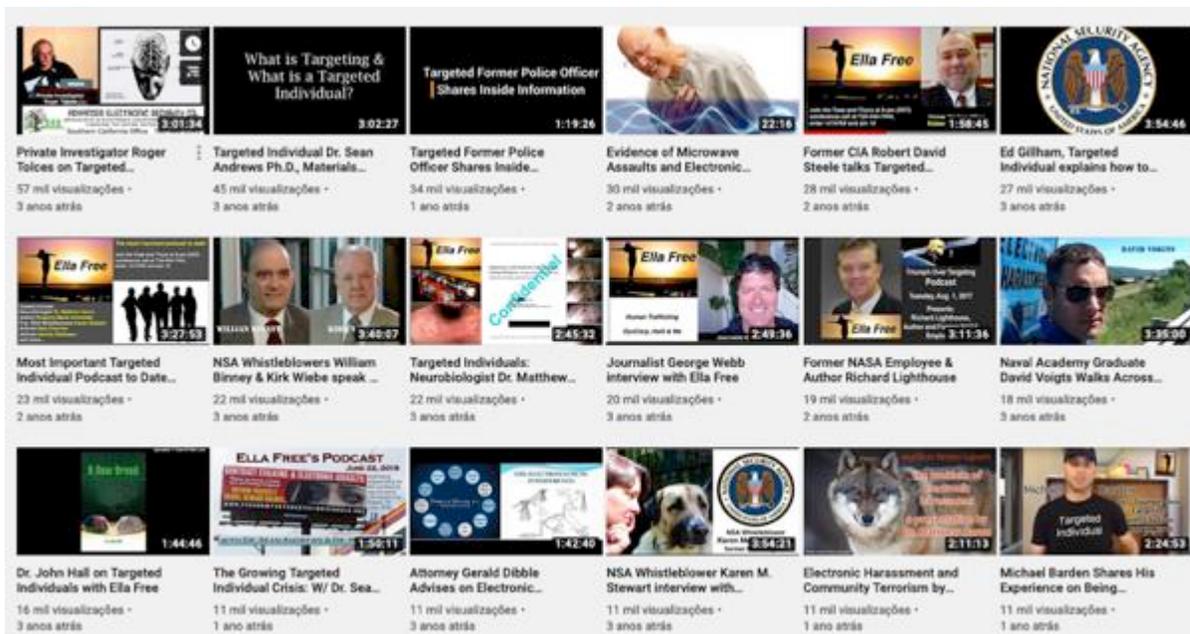


Figura 28: Vídeos mais visualizados do canal *ella f.* Além de projetos voltados ao assédio eletrônico, controle da mente e vigilância e monitoramento dos cidadãos, os vídeos com as pessoas que se identificam como antigos membros do governo americano versam ainda sobre corrupção estatal e sobre a alegada existência do *Deep State*. Fonte: [/www.youtube.com/channel/UC9-Mn8xGQpTpuY-6kGQByLg/videos?view=0&sort=p&flow=grid](https://www.youtube.com/channel/UC9-Mn8xGQpTpuY-6kGQByLg/videos?view=0&sort=p&flow=grid)

AsYLUM of GhOSTs, por sua vez, dedica a maior parte dos seus vídeos à *Nova Ordem Mundial*, um governo totalitário de âmbito global comandado por membros de uma "elite secreta" (Byford, 2011). Assim, o controle da mente por meio de dispositivos e ferramentas tecnológicas é apresentado como um método a serviço deste governo mundial oculto, cujos agentes estariam "infiltrados" em instituições ou formariam organizações para atingir a agenda totalitária (Figura 29).

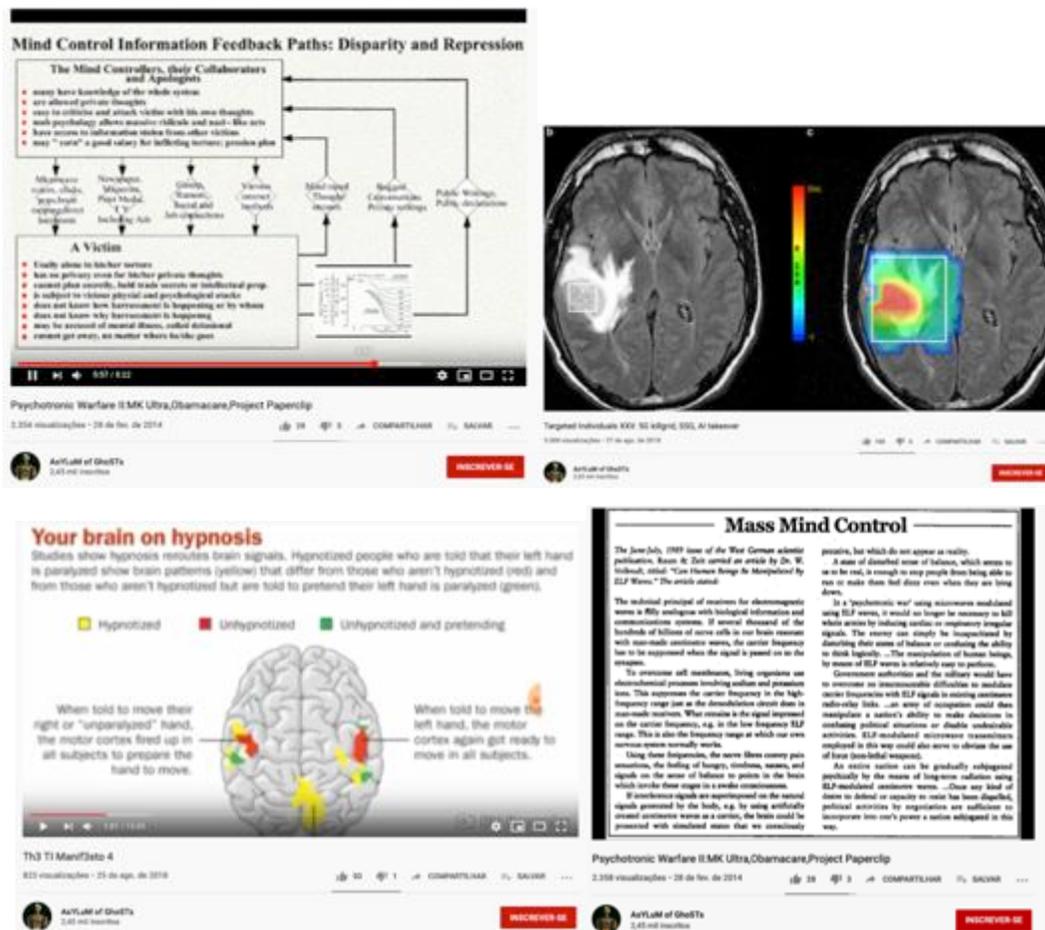


Figura 29: As diversas organizações dominadas por agentes da *Nova Ordem Mundial* apresentadas como sistemas neurais. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Vsnvb5Mug98>

Uma primeira dimensão da produção de sentido paranoide diante da figura do sujeito influenciável que irei trabalhar adiante é a elaboração das relações de poder pela lógica do *conspiracionismo*. Os vídeos destes canais procuram desenvolver narrativas explicativas que buscam compreender eventos significativos a partir de ações intencionais e ocultas de grupos de pessoas ou organizações – em diversas identidades e versões como forças espirituais, grupos satânicos, organizações comunistas internacionais, servidores públicos poderosos, bilionários da tecnologia. A proliferação dessas narrativas revelam uma percepção das assimetrias de poder enquanto a disputa binária entre os membros do grupo, e no limite, de toda a sociedade contra uma alguma força poderosa.

2.3.1.2 Conhecimento

Chama atenção no *AsYLUM of GhoSTs* a constante referência à participação e importância da ciência na trama da *Nova Ordem Mundial*. Em seus vídeos, sempre são exibidas imagens de supostos dispositivos tecnológicos e publicações médicas, científicas e jornalísticas frutos de experimentos e estudos psicológicos e neurológicos (Figuras 30, 31, 32 e 33).



Figuras 30, 31, 32 e 33: Exemplos de como referências à ciência são usadas no conteúdo do canal *AsYLuM of Gh0STs*. Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=IF1oY6naQis>; <https://www.youtube.com/watch?v=zgOQv95SQCw&t=214s>; <https://www.youtube.com/watch?v=KaNZJB9o5yw&t=265s>;

Presença constante nas narrativas dos *TIs*, o programa *MK Ultra* também recebe especial significância no canal. Uma das possíveis razões da recorrência é porque o programa de fato existiu, conforme relatado no primeiro capítulo⁷³. Talvez exatamente por ter se tornado público, mas sem um completo escrutínio, o *MK Ultra* seja presença tão recorrente nas narrativas dos *TIs*. De maneira geral, a ciência é apresentada como ferramenta das tramas de conspirações e dos grupos conspiradores, como uma “arma” nas mãos das elites poderosas que a usa para exercer controle e influência sobre eles.

Assim, queria destacar o aspecto de que os relatos da ciência e dos dispositivos tecnológicos são sempre tomados como eficientes nas suas promessas. Explico: tanto publicações

⁷³ Ver página 19.

como entrevistas que versam sobre as capacidades fantásticas ou os perigos iminentes do uso de tecnologias e de dados digitais são apresentados como provas e evidências cabais das ferramentas de assédio e de perseguição. Neste sentido, há grande recorrência também de entrevistas, palestras ou apresentações de empresários do setor de tecnologia promovendo suas criações e seus produtos, em especial o bilionário Elon Musk, fundador das empresas *SpaceX* e *Tesla Motors*⁷⁴.

É interessante notar que o recurso à ciência também está muito presente nos vídeos dos canais sem ligação com a rede, embora seus vídeos sejam majoritariamente relatos em primeira pessoa. A legitimação do material, no entanto, não tem como base a sanção e confirmação de intermediários e fontes autorizadas de produção e circulação de conhecimento, como universidades, centros de pesquisas e meios de comunicação, mas o critério da experiência direta. O embasamento médico e científico é apresentado como fruto de pesquisas próprias realizadas pelos *TIs* e as contraprovas são aferidas pela percepção imediata dos sentidos, na coincidência com os sintomas que os *TIs* manifestam em seu corpo, e então confirmadas pelas hipóteses e conclusões formuladas e expostas pelos discursos médico-científicos (Figura 34).



Figura 34: Vídeo de um canal que se propõe a exibir, em formato de crônica, comentários e apresentações acerca de pesquisas sobre psicologia e temas relacionados ao universo dos *TIs*. Em sua descrição, ela relata: "*Ofereço a vocês uma variedade de informações gratuitas e valiosas que pesquisei e revisei minuciosamente. Alguns exemplos de tópicos das pesquisas são: resenhas de livros de não-ficção sobre coisas como tecnologia de satélites, a*

⁷⁴ Conhecido pela personalidade e por projetos extravagantes e tanto fantasiosos, Musk quase sempre aparece nos vídeos dos *TIs* discorrendo sobre a capacidade futura de fusão biológica entre pessoas e robôs em comunicações que mesclam futurologia e peça de propaganda de uma de suas *startups*, a *Neuralink*.

psicologia em todas as suas dimensões e resenhas de produtos e itens do cotidiano. Faça sua pesquisa. Deus nos ama.

Assim, identifico uma segunda dimensão da relação entre modos de percepção paranoide e o sujeito influenciável: o entendimento das experimentações e ferramentas tecnocientíficas pela suposta *eficácia* enunciada. As tecnologias fantásticas dos *TIs* se conjugam com as promessas de conhecimento fidedigno dos sujeitos pelos sistemas de personalização e recomendação ou pelo poder de influência que os sistemas algorítmicos. No próximo capítulo, irei me debruçar sobre os sistemas de recomendação de conteúdo focando a lente de análise para a qual o sujeito influenciável não é apenas descoberto pelas aplicações da ciência dos dados em ferramentas de personalização e direcionamento de conteúdo, mas antes produzido por enunciados, materialidades e práticas. Assim como os *TIs*, o sujeito influenciável é tanto o objeto como o produto dos investimentos tecnocientíficos (Callon, Muniesa, 2009). Neste caso, do efeito performativo de ser enunciado como real (Hacking, 2012) a partir da premissa que pode-se alcançar efeitos desejados de influência e modulação do comportamento de indivíduos e populações pelos sistemas de recomendação e personalização de oferta da informação e do visível.

2.3.1.3 Subjetividade e percepção de si

Por último, os vídeos dos canais que não possuem ligação com a rede. As postagens desse grupo têm como padrão se apresentarem como *first person media* (Dovey, 2000), em forma de diários visuais registrados por celular. Na maioria dos casos, são filmados no formato vertical (Figura 35) e possuem majoritariamente um tom autobiográfico e testemunhal sobre a perseguição e o sofrimento causados por instrumentos tecnológicos.



Figura 35: Exemplo de canal que se apresenta como diários visuais com registros pessoais de testemunhos sobre ser uma *targeted individual* e sobre sofrer com o controle da mente e o assédio tecnológico.

Um outro aspecto desses canais é ser uma fonte de informação e diálogo com a comunidade *TI*, muitos examinam os temas dos *TIs* de maneira bastante didática e professoral, divididos entre os formatos de apresentações de *Powerpoint* ou de diversos recursos tecnológicos. Como James Tilly Matthews, Fredrich Kraus e Jacob Mohr, os *TIs* sentem também a necessidade não só de relatar, mas de produzir representações visuais como evidências dos instrumentos utilizados para os perseguir e atacar. Para tanto, há a utilização de organogramas (Figura 36), interfaces (Figura 37) e softwares de edição de imagens (Figura 38), entre outros recursos.



Figuras 36 e 37: Vídeo do canal *Targeted in Ireland* que apresenta o organograma de um aparelho que teria a capacidade de "ler" e "escrever" pensamentos e uma interface que supostamente monitora a atividade cerebral. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RIJdI20CCXw>

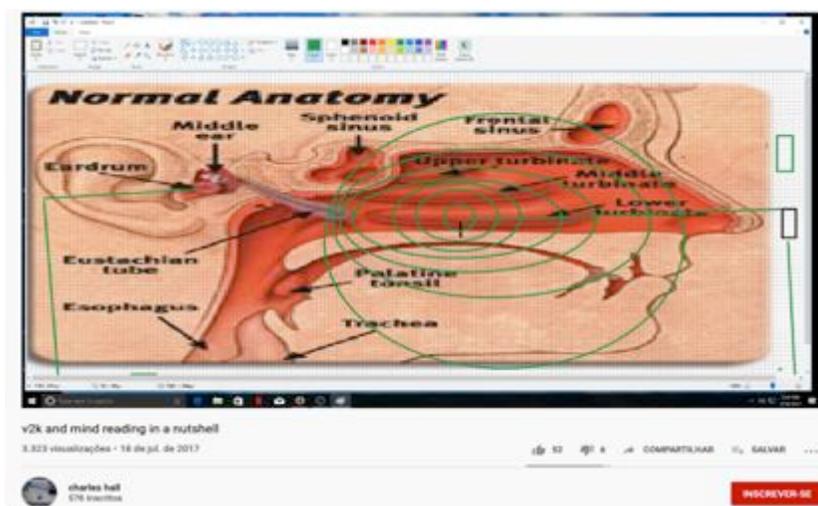


Figura 38: Vídeo em que o usuário *charles hall* demonstra, por meio de uma imagem no programa *Paint*, como é o funcionamento de tecnologias *v2k*, que implantariam vozes na cabeça das pessoas. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QfQNxFTEe9M>

Por fim, a terceira dimensão do sujeito influenciável que a percepção paranoide permite inferir refere-se aos modos de subjetivação e da percepção de si em relação aos objetos e processos tecnológicos. Retomo, assim, a contradição que me inquietou inicialmente diante dos *TIs*. De forma contraditória, no lugar das ilustrações da modernidade, o gesto de dar a ver e se tornar observável, produzindo uma autoidentidade, é construído com o auxílio da mesma fonte dos seus sofrimentos: as ferramentas tecnológicas. Além dos recursos mostrados acima, há, ainda o próprio *YouTube* como uma ferramenta de auxílio tecnológico dos *TIs*.

Encontrei, apenas em poucos vídeos, menções diretas à plataforma e inquietações a seu respeito. Em parte, talvez, porque a grande maioria desses canais de cunho mais pessoal concentra suas postagens entre 2013 e 2018, período anterior às discussões sobre o uso de dados pessoais para estratégias de persuasão e influência do comportamento e sobre o papel das plataformas na circulação de informação ganhar maior tração e visibilidade públicas. De modo que não há elementos para indicar com segurança quais seriam as interpretações dos *TIs* em relação ao próprio serviço de compartilhamento de vídeos.

Posso inferir, entretanto, que, se não conferem totalmente um sentido de desintermediação, o que chamei anteriormente de "truque discursivo" das plataformas ressoa em algum nível. Dito de outra forma, é de se imaginar que os *TIs* negociam suas angústias em relação à tecnologia com os benefícios do uso do *YouTube*. A saber, se apresentar como um espaço que privilegia o conteúdo produzido pelas pessoas usuárias, permitindo a elas uma voz, a

exposição das suas preocupações e sofrimento, a autoinvenção de uma identidade coletiva e a mobilização da comunidade por visibilidade e reconhecimento. Ainda: o uso do *YouTube* pelos *TIs* indica que, ainda que não tenham o efeito de produzir uma experiência de não-mediação, a ocultação e invisibilização das mediações que organizam o visível e a informação das plataformas as posiciona como ferramentas tecnológicas potencialmente menos nocivas, conferindo uma percepção maior de agência e experiência direta à comunidade.

Por sua vez, chama atenção o repertório anacrônico dos dispositivos tecnológicos e o caráter intrusivo, de invasão dos corpos, que suas representações apresentam. Jameson (1992, p. 77) defende que a persistência em tecnologias arcaicas em *thrillers* conspirativos ocorre pela incapacidade de se expressar a nova relação do indivíduo com o mundo contemporâneo, “na medida em que o novo mecanismo de comunicação (...) evita completamente a representação convencional”⁷⁵. Retomando o caráter ambíguo em torno da suposta eficácia das ferramentas tecnológicas, esse terceiro ponto vai se debruçar sobre a percepção de si em relação aos objetos e processos tecnológicos que posicionam o humano como um corpo de dados poroso ao escrutínio interpretativo maquínico (Bentes; Faltay, 2017). Quando os algoritmos miram os traços psíquicos e comportamentais em direção menos à produção de conhecimento aprofundado do indivíduo unificado, focando privilegiadamente aspectos parciais do sujeito, sua dimensão dividual (Deleuze, 1992; Bruno, 2013; Raunig, 2016).

Assim, nos próximos capítulos, em torno da figura do *sujeito influenciável*, e com base na produção dos *TIs*, vou analisar as dimensões do sujeito influenciável tendo o conspiracionismo como forma de entendimento das relações de poder; a crença na eficácia tecnocientífica – que irei relacionar aos regimes de saber construídos a partir da produção e análise automatizada dados pessoais e relacionais digitais; e as tensões entre corpo físico unificado e corpo digital dividual como modo de subjetivação e exame de si ante a promessa de personalização de ferramentas algorítmicas.

⁷⁵ Livre tradução para: “(...) representation to the very degree that the newer communicational machinery (...) evades conventional representation altogether”.

Eixo 2 - O sujeito influenciável: a paranoia como questão da tecnologia

3. Conspiracionismo

Pode parecer loucura, mas daqui a cinco anos, o Tinder pode ser tão bom que você talvez tenha uma espécie de Siri que pode estar conectada com o aplicativo e acontecer algo como:

'Ei Siri, o que está acontecendo hoje à noite?'

E a voz do Tinder pode aparecer e dizer:

"Tem alguém na sua rua por quem achamos que vai você vai se sentir atraído, Sean. Ela também tem interesse em você e vocês têm muitas coisas em comum. E adivinha: ela estará livre amanhã à noite.

Sabemos que vocês gostam da mesma banda indie, e ela estará tocando. Você gostaria que comprássemos ingressos para vocês? '

... e vocês dão um match.

(...) é um pouco assustador pensar que isso vai acontecer, mas acho que é inevitável.⁷⁶

A previsão acima não foi feita pelo amigo que me confidenciou sua preocupação com a possível mudança no algoritmo do Tinder, conversa reproduzida no início da Introdução. O Sean em questão é Sean Rad, um dos fundadores do aplicativo. O empresário fez esse prognóstico, arrancando risos nervosos da plateia, durante a apresentação "*The Future of Dating is Artificial Intelligence*"⁷⁷, proferida em fevereiro de 2017, em um evento promovido pela *Start-Up Grind*, uma organização fundada em 2010 no Vale do Silício e apoiada pelo Google voltada a "empreendedores de tecnologia". Fundado por Rad, Jonathan Badeen e Justin Mateen em 2012, o Tinder faz parte do *Match Group*, empresa que ainda é dona de outros serviços de relacionamento online como o *OkCupid*, *PlentyOfFish*, *Hinge* e *Match.com*. Por sua vez, a *Match Group* é uma subsidiária da *IAC (InterActiveCorp)*, conglomerado midiático comandado por Barry Diller, fundador e antigo executivo sênior da *Fox Broadcasting Company*. Faz parte do Conselho Administrativo da *IAC*, entre outros nomes, Chelsea Clinton, filha de Bill e Hillary Clinton.

Tanto a trecho da fala, quanto as ligações corporativas que envolvem o aplicativo, me foram apresentados pela primeira vez quando, ao navegar pela rede construída pelos canais *TIs*,

⁷⁶ Livre tradução para: "It's might sound crazy, but in five years time, Tinder might be so good, that you sort of have a little Siri that might be connected to Tinder and might be like 'Hey Siri, what's happening tonight?'. And the Tinder voice might pop up and say 'There's someone down the street you that we think you're gonna be attracted to, Sean. She's also attracted to you and you guys have a lot of things in common. And guess what: She's free tomorrow night. We know you both like the same indie band, and it's playing - would you like us to buy you tickets?'... and you have a match. (...)it's a little scary to think that that will happen but I think it's inevitable." Siri é o aplicativo da Apple que auxilia a realização de tarefas no celular por comando de voz.

⁷⁷ A apresentação pode ser assistida aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=JvoXij5vq3A>

me deparei com o vídeo "*Something They're Not Telling You About TINDER*"⁷⁸, publicado pelo canal *reallygraceful*⁷⁹, em setembro de 2017. No vídeo, a dona do canal expõe a intrincada teia corporativa na qual está envolvido o aplicativo, faz considerações "*de como a internet e as redes sociais mudaram a maneira como namoramos e como formamos nossas concepções sobre sexo e sobre normas sexuais*" e se mostra inquieta quanto à coleta indiscriminada e aos possíveis usos de dados pessoais pelo Tinder. No fim do vídeo, ela resume seus receios:

*a inteligência artificial (IA) não é algo novo e certamente existe há algum tempo. A preocupação aqui com o Tinder no uso da IA é que ela está criando uma cultura de contato despersonalizado, em que os indivíduos são descartáveis em suas interações sociais. Minha opinião pessoal é que, como estamos mais conectados do que nunca a aplicativos como o Tinder, as normas comportamentais perpetuadas pela cultura de conexão do Tinder é uma via expressa para a solidão. É um jogo interminável de validação por meio da aquisição de interações, enquanto se tenta não contrair DSTs ou sentimentos. Eu questionei a ética daqueles que têm nossos dados pessoais em mãos e questionei as intenções deles com esses dados*⁸⁰.

Apesar do exacerbado tom moralista, não seria difícil encontrar opiniões e preocupações parecidas com as da usuária em textos jornalísticos ou acadêmicos que abordam questões relativas ao mercado de dados pessoais digitais e às mudanças nos modos de sociabilidade e de vivência da sexualidade provocadas por aplicativos de relacionamentos. Bom, nem tanto. Apesar de ser construído a partir informações de notícias de veículos confiáveis, relatórios de mercado e peças de publicidade, o vídeo é entrecortado com colocações conspiratórias, sensacionalistas e preconceituosas. Chama atenção a forma dela expor esses conteúdos: quando se ancora em fontes autorizadas é incisiva em suas narrativas, mas de maneira geral emprega um tom especulativo, utilizando uma estratégia retórica de lançar dúvidas, e não é diretamente explícita com os discursos de ódio.

Vejamos: ao citar os fundadores do Tinder, ela os apresenta como "judeus", já Diller e a esposa são retratados como "*um poderoso casal sionista*", embora "*muitos acreditem que ele seja gay*". Já sobre Clinton, é enfatizada a falta de experiência dela no setor digital, tendo o objetivo da sua presença no quadro de diretoras questionado: seria uma forma de aumentar a visibilidade da companhia ou "*uma pista sobre um projeto político a ser imposto por esse novo meio?*". Neste

⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=uQIRF0eEOCc>

⁷⁹ <https://www.youtube.com/user/reallygraceful/videos>. No mapeamento, o canal faz parte do *cluster 39*.

⁸⁰ while AI is not new and has certainly been around for a while the worry here with Tinder in its use of AI is that it's creating a culture of depersonalized contact where individuals are disposable in their social interactions. My personal opinion is that while we're more connected than ever with apps like Tinder the behavioral norms perpetuated by Tinder's hookup culture is a highway to loneliness. it's an endless game of interaction validation acquisition and trying not to catch STDs or feelings. I questioned the ethics of those who have their hands on our personal data and I questioned their intentions with that data.

sentido, ela afirma que aspectos "viciantes" de redes sociais, como a "gratificação e validação instantânea", são usados para o estímulo de "agendas ou ideologias políticas" por meio de mensagens subliminares ou mudanças na interface do sistema. Como exemplos, ela apresenta o suposto uso do Tinder por parte do governo israelense como forma de propaganda camuflada⁸¹, uma pesquisa sobre as visões políticas e preferências eleitorais realizada com pessoas que usam o aplicativo durante a disputa presidencial dos EUA em 2016⁸² e a inclusão de mais opções de identidade sexual e de gênero no cadastro da ferramenta de relacionamentos⁸³.

A usuária trata, ainda, da antiga ligação de Diller com a rede *Fox*, lembrando um rumor de que o empresário teria sido a inspiração para o antagonista do desenho *Os Simpsons*, Mr. Burns⁸⁴. "O que é curioso quando você considera que os *Simpsons* previram ou fizeram alusões precisas sobre grandes eventos como o Ebola, o 11 de setembro e a eleição de Donald Trump"⁸⁵, relata no vídeo em referência a uma brincadeira nas redes sociais que se tornou viral, um tipo de meme, que atribui à série animada, já há 30 anos no ar, a antecipação de alguns eventos históricos ou do entretenimento. Segundo ela, um exemplo de "programação preditiva", já que desenhos animados funcionariam como excelentes transmissores para "mentes inocentes" (*unsuspecting minds*, em inglês) serem manipuladas e inundadas por mensagens subliminares. Por fim, ela arremata: "parece que Diller não concluiu a engenharia social⁸⁶ com programas de TV, o que faz sentido, já que os jovens estão constantemente conectados a um dispositivo eletrônico móvel".

Gostaria de destacar, ainda, uma mensagem que é inserida nas descrições das postagens e mais dois vídeos do canal: *Conspiracy THEORIES Turned Conspiracy FACTS that Change Everything (2017)*⁸⁷ e *Conspiracy THEORIES Turned Conspiracy FACTS that Change Everything (2018)*⁸⁸. Nas postagens, a usuária descreve que, diante de uma avalanche diária de notícias veiculadas pelo rádio, televisão e redes sociais, o objetivo do canal é "fornecer contexto

⁸¹ <https://www.thenation.com/article/archive/employee-israeli-pms-office-spreading-propaganda-tinder/>

⁸² <https://blog.gotinder.com/swipe-the-vote-around-the-world-results/>

⁸³ <https://www.tecmundo.com.br/tinder/111709-perfis-tinder-ganham-opcoes-genero.htm>

⁸⁴ <https://fortune.com/2015/03/07/who-is-the-real-montgomery-burns/>

⁸⁵ <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,22-vezes-em-que-os-simpsons-previram-o-futuro-incluindo-o-recente-episodio-de-game-of-thrones,70002829811>

⁸⁶ No contexto da segurança da informação, engenharia social se refere às estratégias de manipulação e persuasão para que pessoas executem ações ou divulguem informações confidenciais. Por exemplo, o recente golpe aplicado por meio da clonagem do número de *Whatsapp*. Ver mais:

<https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-is-social-engineering> e

<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/11/o-que-e-engenharia-social.html>

⁸⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=6t5tr8IRWfU>

⁸⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=YbcqU7x2nQw>

para que possamos navegar coletivamente por esse labirinto de informações". Já os vídeos evidenciam essa disputa com os meios de comunicação tradicionais pelos regimes de produção de verdade e de circulação de informação. Ambos, como os títulos comunicam, se dedicam a combater o rótulo marginalizado, de alegações consideradas como teorias da conspiração, em uma estratégia de inversão da acusação.

O primeiro começa acusando o *"jornalismo marrom"* e a *"ruidosa propaganda governamental"* de esconder a verdade do grande público, de modo a *"desencorajar o livre pensamento, rotulando quem ousa questionar as narrativas como um teórico da conspiração"*. O vídeo trata dos casos de assédio e abuso sexual em Hollywood e da divulgação de documentos secretos dos serviços de inteligência dos EUA sobre investigações referentes à morte de John Kennedy e à hipótese de Hitler não ter se suicidado em 1945. Novamente, em uma narrativa exagerada, cujas conclusões arbitrárias extrapolam, em muito, as evidências que apresenta, ela trata as informações como confirmações da verdade de algumas hipóteses especulativas. Sobre o uso depreciativo de nomear narrativas à margem do centro de discussão pública como teorias da conspiração, ela rebate: *o termo está perdendo parte de seu poder (...) uma guerra de informação está em andamento (...) é muita informação para receber de uma só vez (...) e uma grande parte das informações está validando as divagações daqueles que antes eram desconsiderados como teóricos da conspiração*⁸⁹. O segundo vídeo, por sua vez, começa com considerações sobre a circulação de notícias falsas e sobre o termo *"misinformation"*. A usuária repele as insinuações de que informações mentirosas aumentaram sua circulação por causa da tecnologia e redes sociais, segundo ela *"o suposto problema de informações falsas que rapidamente se disseminaram na Internet"* foi *"amplamente orquestrado por aqueles que desejam a implementação generalizada da censura"*.

Os números do *reallygraceful* não são desprezíveis. No momento do mapeamento, o canal possuía 255 mil pessoas inscritas e os vídeos totalizavam juntos pouco mais de 21 milhões de visualizações (Anexo 1). O canal e seu conteúdo são exemplares de como as teorias da conspiração deixam paulatinamente de ser uma narrativa marginalizada, restrita a grupos

⁸⁹ Uma nota de ironia é que o assassinato de Kennedy é identificado como o marco de popularização do uso do termo, tendo sido empregado pela mídia corporativa como uma expressão pejorativa para se referir a quem questionava a versão oficial das investigações (Azarias, 2015). Há, obviamente, uma teoria da conspiração sobre o emprego do termo no contexto do assassinato de Kennedy. A CIA intencionalmente criou suas conotações negativas e transformou o rótulo em uma ferramenta de propaganda política. <https://www.snopes.com/news/2020/03/16/did-the-cia-invent-the-term-conspiracy-theory/>

particulares, para entrar no campo de disputa dos regimes de verdade no debate público. O mapeamento da rede dos *TIs* me auxilia a situar a crescente proliferação destas formas narrativas em suas produções de sentido sobre as relações de poder, as formas de saber e os modos de subjetividade como intimamente relacionadas ao papel central que as plataformas digitais desempenham na circulação da informação. Pistas que se desdobrarão neste capítulo e nos seguintes.

3.1 Cultura da conspiração

Em linhas gerais, o termo "teoria da conspiração" nomeia crenças ou narrativas explicativas que buscam compreender eventos significativos a partir de ações intencionais de grupos de pessoas ou organizações. Com grande poder e capacidade de influência em diversas áreas – Estado, mídia, universidades, mercado – o complô de conspiradores se organiza secretamente para atingir objetivos determinados. Usualmente, a tarefa dos conspiradores é, além de atingir sua meta, ocultar a natureza do evento, a intencionalidade dos acontecimentos e as potenciais consequências nocivas de seus propósitos (Melley, 2000; Byford, 2011).

Relativamente desinteressada até recentemente, a literatura acadêmica a respeito do assunto pode ser dividida em duas grandes abordagens. A primeira, como aponta Aupers (2012), dedica-se a condenar moral e politicamente as teorias da conspiração. Essa perspectiva é ancorada no ensaio *O estilo paranoide da política americana* (1964/1996), de Richard Hofstadter, publicado na revista *Harper* no auge da guerra fria. Tomando de empréstimo características da personalidade paranóica, o historiador descreve o estilo paranoico não enquanto categoria clínica, mas como uma forma de percepção e de expressividade, usando o termo "como um historiador da arte falaria do estilo barroco ou maneirista" (idem, p.4), exemplifica. O porta-voz do estilo paranoide, "*para-noid spokesman*", em inglês, com maior frequência simpatizante da extrema-direita do espectro político, compartilha da tendência do paranoico clínico em ser exageradamente acalorado, profundamente desconfiado e excessivamente agressivo, sendo apocalíptico e grandioso na forma e no conteúdo que expressa. O historiador, porém, aponta uma diferença vital entre eles:

o paranóico clínico vê o mundo hostil e conspiratório em que sente estar vivendo como dirigido especificamente *contra ele*; enquanto o porta-voz do estilo paranoide percebe (a hostilidade e a conspiração) dirigido contra uma nação, uma cultura, um modo de vida cujo destino afeta não a si próprio, mas a milhões

de outros. Na medida em que ele, geralmente, não se enxerga como vítima individual de uma conspiração direcionada, ele é um pouco mais racional e muito mais desimplicado. A percepção de que suas paixões políticas são, de fato, altruístas e patriotas acaba por intensificar seu sentimento de retidão e sua indignação moral⁹⁰ (idem, p. 4, grifo no original).

Hofstadter aponta que não é a ausência de fatos verificáveis que distingue o estilo paranoico, já que, pelo contrário, seus porta-vozes acumulam avidamente informações e "têm uma extravagante paixão por fatos"⁹¹. A particularidade se apresenta quando, a fim de provar seus argumentos, dão "o singular salto de imaginação que sempre é realizado em algum momento crucial do longo relato de eventos"⁹² (idem, p.37), como vimos nos vídeos postados no canal *reallygraceful*. O que torna o estilo paranoico plausível, defende o historiador, reside justamente nesta operação extremamente meticulosa e detalhista em apresentar de forma coerente um exaustivo trabalho de acumulação de provas e evidências convincentes para as mais fantásticas conclusões, "uma cuidadosa preparação para o grande salto do *inegável* para o *inacreditável*"⁹³ (idem pp. 37-38, grifo meu).

A descrição de Hofstadter é convincente e influenciou diversos autores que se dedicam a investigar teorias da conspiração, como Daniel Pipes (1997), Michael Barkun (2003), Jeffrey Bale (2007), Jovan Byford (2011), Robert Brotherton (2013). Resumidamente, a partir destes autores, há um entendimento dos discursos conspiratórios como lutas entre o bem e o mal, cujas características em comum aos fenômenos ou eventos aos quais descrevem seriam: nada é coincidência ou contingência; sempre há forças secretas operando; o resultado aparente de uma situação esconde intencionalidades que o produzem; há relações entre elementos aparentemente desconexos.

Advindas em sua maioria da ciência política, estas abordagens, entretanto, pecam pela falta de nuances e ambiguidades. Pipes (1997, p.173), por exemplo, aponta o conspiracionismo

⁹⁰ Livre tradução: "(...) the clinical paranoid sees the hostile and conspiratorial world in which he feels himself to be living as directed specifically *against him*; whereas the spokesman of the paranoid style finds it directed against a nation, a culture, a way of life whose fate affects not himself alone but millions of others. Insofar as he does not usually see himself singled out as the individual victim of a personal conspiracy, he is somewhat more rational and much more disinterested. His sense that his political passions are un-selfish and patriotic, in fact, goes far to intensify his feeling of righteousness and his moral indignation".

⁹¹ extravagant passion for facts

⁹² Livre tradução: "(...) the curious leap in imagination that is always made at some critical point in the recital of events".

⁹³ the careful preparation for the big leap from the undeniable to the unbelievable

como produtor de discursos tóxicos, "um turbilhão de ilusão e superstição"⁹⁴, os quais encorajam os sujeitos a atitudes confrontativas e ao ódio direcionado ao outro e, por vezes, a membros do próprio grupo social. São aspectos que retratam algumas características dos discursos conspiratórios, mas identifico uma precipitação nestas abordagens: imputam o "estilo paranoide" para tratar "teorias da conspiração" em geral, como se descrevessem o mesmo fenômeno. Dito de outra forma, o conspiracionismo não se refere necessariamente a uma forma de interpretação exclusivamente paranoica, muito embora guardem fortes relações e laços de continuidade. Ao privilegiar as aproximações e desconsiderar os possíveis distanciamentos entre os termos, estas perspectivas enfatizam os aspectos negativos e nocivos das narrativas conspiratórias. É uma perspectiva que tem entre seus objetivos desmascará-las "como uma anomalia exótica e retratá-las como uma ameaça à racionalidade moderna, à objetividade científica e à razão"⁹⁵(Aupers, 2012).

Neste sentido, é preciso destacar que apesar de Hofstadter (1964/1996, p. 2) deixar evidente que emprega o termo de modo pejorativo, há especificidades na qualificação do "estilo paranoide". Ele o situa, embora não o restrinja, privilegiadamente em um espectro político específico, a extrema-direita, e observa que o gênero discursivo é, "se não totalmente racional, pelo menos intensamente racionalista"⁹⁶ (p. 36).

A segunda abordagem surge, em especial, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, no rastro do espraiamento de narrativas paranoicas na cultura de massa. Assentadas nos Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (Auspern, 2012) e na crítica cultural (Jameson, 1991; 1995; Knight, 2001; Fenster, 2008; Melley, 2000), estas investigações defendem que a ênfase na negatividade e em uma leitura patológica das teorias da conspiração não davam conta do entendimento mais complexo e detalhado delas enquanto um elemento da cultura pop e de massa. Neste sentido, assumem especial destaque a produção literária de Margaret Atwood, Thomas Pynchon e Don DeLillo, o seriado *Arquivo-X* (*The X-Files*, 1993-2002) e a trilogia de filmes *Matrix* (*The Matrix*, 1999; *The Matrix Reloaded*, 2003; *The Matrix Revolutions*, 2003), no contexto que é caracterizado como "cultura de conspiração" (Knight, 2000; Barkun, 2003) ou ainda uma "cultura da paranoia" (Melley, 2000).

⁹⁴ a vortex of illusion and superstition

⁹⁵ Livre tradução para: "(...) these scholars debunk conspiracy theories as an exotic anomaly and portray it as a threat to modern rationality, scientific objectivity and reason".

⁹⁶ Livre tradução para: "(...) the paranoid mentality is far more coherent than the real world, since it leaves no room for mistakes, failures, or ambiguities. It is, if not wholly rational, at least intensely rationalistic".

Focadas na popularização destas narrativas, estas lentes analíticas as apontam como produções de sentido que negociam com o processo de globalização econômico e de políticas neoliberais, bem como com o crescente avanço tecnológico e de ferramentas massivas de vigilância. O conspiracionismo é enxergado como uma linguagem construída com camadas diversas além do estilo paranoide: pelos prazeres do entretenimento, com tonalidades paródicas, irônicas e autorreflexivas das relações de poder e por parte de um conjunto de enunciados e de obras crítico e militante, identificado também à esquerda (Dean, 1998).

Neste contexto, narrativas conspiratórias não se restringem mais a um complô relativamente circunscrito à ação de atores específicos – como comunistas e judeus, por exemplo –, passando a frequentemente designar uma ampla variedade de formas de controle social localizadas em tramoias corporativas, conluíus políticos, investigações policiais, manobras jurídicas, entre outros fenômenos (Melley, 2000). De modo que passam a ser um recurso explicativo para o funcionamento de "uma enorme *organização, tecnologia ou sistema*, uma entidade poderosa e obscura tão distribuída que é a antítese da conspiração tradicional"⁹⁷ (idem, p. 7-8, grifo no original). Como vimos com os *Illuminati* e a *Nova Ordem Mundial* nos canais do *TIs*, por exemplo⁹⁸.

De maneira próxima, Knight (2000, p.4-5) descreve que o conspiracionismo deixa de privilegiar temores alarmistas sobre eventuais irrupções que provocariam uma ruptura na "ordem natural das coisas", para expressar uma suspeita não totalmente infundada de que a própria "ordem natural das coisas" é similar a uma conspiração. Há o deslocamento de uma obsessão por inimigos fixos, própria da atmosfera política e cultural da guerra fria, para uma suspeição generalizada acerca de forças conspiratórias. O autor aponta a passagem de uma *secure paranoia* para a *insecure paranoia*, uma mudança "de uma forma paradoxalmente segura de paranoia que reforça o senso de identidade de alguém para a versão muito mais insegura de uma ansiedade desencadeada pelas conspirações, que envolvem tudo em uma regressão infinita de suspeita"⁹⁹.

Importante observar que a tradução literal de *secure/insecure paranoia* para o português perderia o caráter polifônico dos termos. Não é apenas uma *paranoia*

⁹⁷ Livre tradução para: "(...) a large *organization, technology or system*, a powerful and obscure entity so dispersed that it is the antithesis of the traditional conspiracy".

⁹⁸ Ver p. 68

⁹⁹ Livre tradução para: "It has shifted, in effect, from a paradoxically secure form of paranoia that bolstered one's sense of identity to a far more insecure version of conspiracy-infused anxiety which plunges everything into an infinite regress of suspicion"

segura/insegura, mas termos que versam sobre uma ansiedade que deixa de ter direcionamento fixo em algum *outro* para a generalização da suspeição e do medo, agora distribuídos. Em âmbito político e institucional, conforme aponta Aupers (2012, p. 24), é um deslocamento do foco da ansiedade e do temor. De um *outro* exótico e estrangeiro em direção à paranoia sobre a sociedade moderna em si, seus discursos e suas instituições: "as forças desconhecidas e maliciosas que operam dentro das maquinarias dos laboratórios científicos, das empresas modernas, da política e do Estado"¹⁰⁰. Na dimensão subjetiva, é a instauração de incerteza permanente sobre questões fundamentais de causalidade, agência, identidade e responsabilidade. Uma ameaça que provoca um distúrbio para as fronteiras entre *nós* e *eles*. De modo que a retórica conspirativa também expressa a preocupação sobre se os indivíduos estão no controle de suas próprias ações, e até mesmo se estão no controle de suas próprias mentes e corpos (Knight, 2000).

No mapeamento da rede *TI*, o canal *reallygraceful* foi agregado a outros canais que dedicam-se ao *Efeito Mandela*. Com grande incidência na rede, o Efeito Mandela, também nomeado como *Efeito M* ou *Efeito Quântico*, é um misto de meme e teoria da conspiração que diz respeito à memória individual e coletiva. Seus adeptos afirmam que pequenos detalhes do passado foram manipulados para criar realidades paralelas ou alternativas. O conceito e a nomeação foram cunhados por Fiona Broome, uma blogueira que se identifica como autora e consultora paranormal, e que mantém um site – www.mandelaeffect.com – dedicado ao assunto. Conta Fiona que, em 2009, estava conversando em uma conferência com outras pessoas sobre as lembranças da trágica morte de Nelson Mandela na prisão na década de 1980: "*eu pensei que Nelson Mandela tinha morrido na prisão. Eu achei que lembrava claramente de trechos completos de notícias sobre o seu funeral, o luto na África do Sul, protestos em algumas cidades e o tocante discurso da sua viúva. Então, eu descobri que ele ainda estava vivo*"¹⁰¹. Mandela, liderança política antiapartheid e ex-presidente da África do Sul, como se sabe, morreu em 2013. O que surpreendeu Fiona, segundo seu relato, não foram apenas suas vívidas memórias, mas o fato de mais pessoas terem compartilhado uma lembrança idêntica à dela. Desde a criação do

¹⁰⁰ Livre tradução para: "(...) the unknown and malicious forces that operate within the machineries of scientific laboratories, modern corporations, politics and the state".

¹⁰¹ Livre tradução para: "I thought Nelson Mandela died in prison. I thought I remembered it clearly, complete with news clips of his funeral, the mourning in South Africa, some rioting in cities, and the heartfelt speech by his widow. Then, I found out he was still alive." Fonte: <https://mandelaeffect.com/nelson-mandela-died-in-prison/>

site de Broome, os exemplos se multiplicaram¹⁰² e vão desde detalhes em filmes e séries a marcas e logotipos, mapas geográficos e até passagens na Bíblia¹⁰³.

Os adeptos do Efeito Mandela podem ser divididos em dois campos que possuem explicações distintas, porém relacionadas, para o fenômeno (French, 2019). O primeiro, mais racionalista, envolve a física e a computação quântica como as responsáveis pela possibilidade de viagens no tempo, de criação de universos paralelos, bem como de realidades criadas por simulações virtuais. A segunda, de forte teor cristão, se municia de inúmeras referências bíblicas e defende que as mudanças ocorrem por causa de rituais satânicos e devido ao afastamento da humanidade dos "desígnios de Deus".

Canal de destaque na rede formada pelo mapeamento de canais *TIs*, o *EYA*¹⁰⁴ dedica-se exclusivamente ao tema. Apesar do conteúdo majoritariamente religioso, os vídeos do canal abordam mudanças na Bíblia causadas pelo *Efeito Mandela*, relacionando-as às variadas versões conspiratórias sobre as razões, agentes e ferramentas envolvidas (Figura 39 e 40). As descrições das postagens sempre apresentam os trechos bíblicos citados e a seguinte mensagem, evidenciando o cruzamento entre religião e ciência: "*Como isso acontece? CERN, computação da DWAVE e Computadores Quânticos - PESQUISE! Não importa qual mecanismo, no entanto, é magia negra, satânica*"¹⁰⁵. Interessante observar que, nesta perspectiva religiosa, as mudanças causadas pelo Efeito Mandela afetam também as escrituras da *Bíblia do Rei Jaime*, uma tradução inglesa da *Bíblia* realizada pela Igreja Anglicana. A usuária destaca as alterações contrapondo cópias físicas de edições antigas com a versão online, e defende que as mudanças são tanto evidências proféticas do fenômeno quanto estratégias para normalizar as forças e ferramentas satânicas, como, por exemplo, o 5G e a Inteligência Artificial (Figuras 41 e 42).

¹⁰² Alguns casos das alegadas mudanças que ocorreram por causa do Efeito Mandela: nas cenas do protestante solitário, conhecido como *O Rebelde Desconhecido*, na Praça da Paz Celestial, na China, em 1989, muitos se lembram dele ter sido atropelado pelo tanque de guerra, enquanto agora há imagens dele fugindo; a clássica frase da bruxa da animação da *Branca de Neve* "*espelho, espelho meu...*" foi substituída por "*mágico espelho meu...*"; o título da série *Sex in the City* virou *Sex and the City*; a Nova Zelândia era representada em mapas no nordeste da Austrália, agora aparece no sudeste; entre tantas outros. Segundo matéria da revista Super Interessante, no site Reddit há um subfórum, com mais de 40 mil pessoas inscritas, sobre o assunto e desde 2015 as buscas pelo tema no Google se multiplicaram por dez. Fonte:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-o-assustador-efeito-mandela/>

¹⁰³ Esse site lista alguns outros exemplos mais comentados:

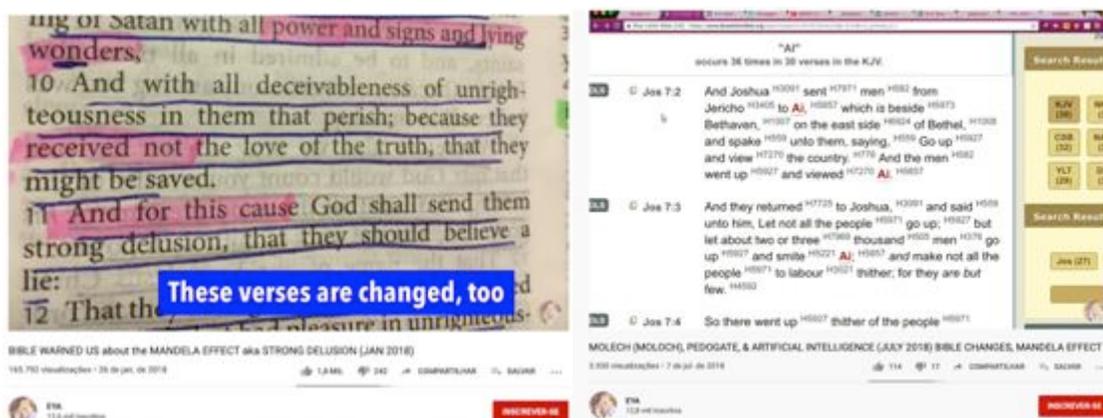
<https://www.goodhousekeeping.com/life/entertainment/g28438966/mandela-effect-examples/>

¹⁰⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCz7OMKe4XKTvSqvCxQKhuvw>

¹⁰⁵ Livre tradução para: "How is this happening? CERN, DWAVE computing, and Quantum Computers - RESEARCH this! NO matter what mechanism, however, it is satanic, black magic".



Figuras 39 e 40 : Vídeos do canal *EYA* em que se atribui a dispositivos tecnológicos e científicos a causa das alterações do Efeito Mandela. Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=7TuPKpYIvFw>; <https://www.youtube.com/watch?v=NyCtcZhkbFs>



Figuras 41 e 42 : Vídeos do canal *EYA* com as supostas citações proféticas e alterações na Bíblia causadas pelo Efeito Mandela. Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=uFJWmrAtErg>; <https://www.youtube.com/watch?v=IRcb5gAREJM>

O complô responsável pelo Efeito Mandela, para a usuária, envolve os "globalistas" e a onipresente *Nova Ordem Mundial*. Fazem parte do complô políticos, artistas, cientistas e empresários, e o grupo secreto maneja o Efeito Mandela por meio das pesquisas e projetos tocados pela empresa de computação quântica *D-Wave*¹⁰⁶ e pela *CERN*, a *Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear* (antigo acrônimo para *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*). Localizada na fronteira entre a Suíça e a França, a *CERN* é conhecida pelas pesquisas com

¹⁰⁶ <https://www.dwavesys.com/>

aceleradores de partículas por ser o berço e o primeiro local de funcionamento do sistema *World Wide Web*, lançado quando Tim Berners-Lee trabalhava como engenheiro da Organização.

O Efeito Mandela é um objeto intrigante no que diz respeito às relações entre cognição, conhecimento, memória e internet. Neste sentido, aspecto evidente é a maneira como seus adeptos entendem a memória humana com base em um paralelo com os componentes de armazenamento de computadores: um banco de dados estático, individual, cumulativo e recuperável (Chun, 2008c). Mas gostaria de prosseguir abordando outro aspecto. Destaco o entendimento de que as maquinarias da computação e da física quântica são as ferramentas que produzem o fenômeno e o compartilhamento em público de uma gama ampla de postagens que tratam essa hipótese como uma possibilidade real.

Assim, me aproximo da concepção que aponta o conspiracionismo como uma cultura em si mesma (Melley, 2000, 2012; e Knight 2000, 2002; Aupers, 2012; Harambam e Aupers, 2014). Pegando de empréstimo a metáfora de Hofstadter, considero o conspiracionismo não só uma "teoria", mas uma estilística, um maneira de interpretar e produzir sentido que tem suas tonalidades e traços modificados a depender das relações que estabelece em diferentes suportes, grupos, ferramentas e contextos. De modo que, "até descobrirmos algum acesso magicamente não mediado à realidade", o conspiracionismo "não pode ser simplesmente patológico"¹⁰⁷ (Knight, 2002, p. 13). Seguindo as pistas das "grandes divisões" da modernidade, Aupers (2012) refuta as leituras de teorias da conspiração que traçam uma rígida distinção entre uma paranoia "irracional" e a ciência "racional". Segundo o autor, considerar as teorias da conspiração como anomalias exóticas, seja como decorrente de elementos psíquicos e cognitivos individuais ou como forma de contestação coletiva à racionalidade científica, é uma proposição que se assemelha às práticas de purificação, apontadas por Latour (1994b). Porém, como conjectura Latour, as práticas modernas de purificação não vêm separadas da produção e proliferação das hibridações:

(...) a palavra 'moderno' designa dois conjuntos de práticas totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por 'tradução', misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por 'purificação', duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou

¹⁰⁷ Livre tradução para: "Until we discover some magically unmediated access to reality, conspiracy theory cannot simply be pathological".

supérfluas. Sem o segundo, o trabalho da tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. (...) Enquanto considerarmos separadamente estas práticas, seremos realmente modernos, ou seja, estaremos aderindo sinceramente ao projeto da purificação crítica, ainda que esse se desenvolva somente através da proliferação dos híbridos (...); quanto mais nos proibimos de pensar os híbridos, mais seu cruzamento se torna possível (idem, pp. 16-17).

Com efeito, o argumento de Aupers é de que, apesar da retórica antimoderna, a proliferação do conspiracionismo é parte integrante do projeto da modernidade, sendo a modernização tecnocientífica agente motivador da popularidade dessas narrativas. Os adeptos do Efeito Mandela seriam exemplos da combinação entre o racionalismo e uma produção de sentido religioso, combinação chamada por alguns autores de *conspiritualidade* (Asprem e Dyrendal, 2015). As narrativas conspiratórias escapariam, assim, da problemática moderna associada às tensões entre a racionalização da ciência e a "irracionalidade" da crença, combinando o melhor dos dois:

"De uma perspectiva cultural, é completamente impossível classificar os participantes da cultura da conspiração como céticos racionalistas ou crentes espirituais: eles são evidentemente ambos e ao aplicar simultaneamente essas estratégias epistemológicas para encontrar a 'verdade lá fora', demonstram desafiar a distinção típica entre ceticismo e crença; o secular e o sagrado; desencantamento e reencantamento em que se baseia uma cultura moderna"¹⁰⁸ (Aupers, 2012, pp. 31-32).

Não é contraditório notar, ainda, que certa ânsia explicativa coincida com cenários cada vez mais possíveis de fim do mundo, ao menos *mundo* aqui entendido enquanto o *mundo da humanidade*, inquietação de autoras e autores como Isabelle Stengers (2015), Deborah Danowski e Viveiros de Castro (2014), Bruno Latour (2017), entre outras. Ao nos depararmos com transformações estruturais, sejam sociais, políticas, ecológicas e epistemológicas, como nos comportar diante das promessas negativas de futuros distópicos cada vez mais presentes em crescentes ameaças de violência, contextos políticos de exceção, mudanças climáticas, doenças contagiosas e crises econômicas? Diante de fenômenos cujas dimensões extrapolam nossa capacidade de interpretação, deliberação e ação, como afastar o sentimento de desorientação por estarmos "ontologicamente inseguros"? Para Giddens (1991, p.95), de quem tomo a expressão de

¹⁰⁸ Livre tradução para: "From a cultural perspective it is quite impossible to classify participants of the culture of conspiracy as either rationalistic sceptics or spiritual believers: they are evidently both and in simultaneously applying these epistemological strategies to find the 'truth out there', it is demonstrated, they defy the typical distinction between scepticism and belief; the secular and the sacred; disenchantment and re-enchantment on which a modern culture is based".

empréstimo, esta insegurança ontológica refere-se à descontinuidade não só dos ambientes de ação social e material circundantes à humanidade, mas também da inconstância do modo como percebemos e vivenciamos nossa autoidentidade.

3.2 Conspiracionismo e disputa do conhecimento

Podemos notar que a angústia sobre a influência de máquinas, o controle da mente e a invasão dos corpos por dispositivos técnicos remontam, pelo menos, até a modernidade, não sendo propriamente uma novidade trazida por algoritmos, dados digitais e plataformas. Conforme vimos na produção dos *TIs* e, novamente, no Efeito Mandela, o conspiracionismo não é de modo algum um discurso anticientífico; ao contrário, o discurso científico é um recurso frequentemente empregado para evidenciar suas hipóteses. As narrativas conspiratórias se ancoram em uma "radical dúvida sobre como o conhecimento é produzido e sobre a autoridade daqueles que o produzem" (Knight, 2002, p. 13). É a contestação não da ciência ou do jornalismo como campos em si, mas de como se organizam e de quem participa destas comunidades epistêmicas; a recusa em aceitar a definição, por outras pessoas, de verdades sancionadas e do que seria o comum. Miram, assim, sua retórica para relações políticas e econômicas nos campos; apontam o que consideram ser dogmatismo científico e questionam a autoridade dos especialistas, com quem disputam a produção de consensos públicos; posicionam-se como agentes da "rejeição da ideologia normalizadora dos poderosos"¹⁰⁹ (Melley, 2000, p. 18).

Este tom de contestação e disputa é facilmente identificado nos canais que a rede aqui produzida agrupou no *cluster* nomeado de *mídia alt-right*. Trago o exemplo do *The Corbett Report*¹¹⁰, que se descreve como uma "*fonte alternativa e independente de notícias apoiada pelos ouvintes*". Com 350 mil inscritos e 70 milhões de visualizações totais, o canal possui o selo de verificação do YouTube e surgiu do site noticioso de mesmo nome¹¹¹, produzido e editado por James Corbett, com podcasts, entrevistas, artigos e vídeos que abordam o noticiário do momento e "questões importantes", como "a verdade sobre o 11 de Setembro", "o estado policialesco do Big Brother", geopolítica, entre outros temas. Sempre articulado e irônico, Corbett se apresenta

¹⁰⁹ Livre tradução para: "rejection of the normalizing ideology of the powerful".

¹¹⁰ https://www.youtube.com/channel/UC7TvL4GIQyMBLIUsTrN_C4Q

¹¹¹ <https://www.corbettreport.com/>. Chamo atenção para o subtítulo do site: "*Open-source Intelligence News*".

como professor de inglês e jornalista investigativo canadense que reside no Japão e narra o processo da criação dos seus canais de conteúdo da seguinte forma:

Eu tinha conexão à internet na minha casa. E, assim, eu aproveitei ao máximo. Eu assisti a documentários, acompanhei as últimas notícias e descobri muitas informações interessantes sobre história, política, sociedade, ciência e filosofia que nunca encontrei em todos os meus anos de formação educacional pública ou em todos os meus anos tentando ficar antenado às últimas notícias das principais redes de notícias. E esse incrível poder secreto da Internet não só me deu o poder de coletar e reunir essas informações, mas também de transmiti-las a outras pessoas. Isso me empoderou com uma voz. Eu, um humilde professor de inglês (...) com um laptop e um microfone de 20 dólares, pude transmitir minha voz para dezenas, depois centenas, depois milhares, eventualmente milhões de pessoas em todo o mundo. E esse incrível poder do indivíduo comum sempre foi a promessa da Internet. (...) Sim, sou um testemunho vivo do fato de que a pessoa comum média realmente tem uma voz que realmente pode ser ouvida em todo o mundo por milhões de pessoas. (...) mas, como até as pessoas menos informadas já sabem, essa maravilhosa e notável oportunidade, essa janela de oportunidade está se fechando, à medida que as repressões estão surgindo de várias maneiras. Da censura direta e do banimento de vozes problemáticas à narrativa convencional, a manipulações mais sutis, como dos mecanismo de pesquisa, da manipulação dos algoritmos e coisas assim que aconteceram nos bastidores. De qualquer forma, essa é a história de como e do porquê eu comecei este site. Espero que isso inspire outras pessoas a começar sua própria jornada para explorar como podem ter a sua voz neste ambiente confuso. Porque, como sempre digo, a questão não é simplesmente expor e dizer às pessoas como o mundo realmente funciona em uma posição de superioridade. É para nós trabalharmos juntos em direção a algum tipo melhor de entendimento compartilhado por meio das nossas diferentes perspectivas¹¹².

Dois vídeos do canal, em especial, fazem uma crítica direta aos procedimentos do jornalismo e da ciência. Em "*The News*" is a Social Construct. It is Used to Program You"¹¹³, ele questiona os critérios de noticiabilidade e hierarquização das informações pela mídia de massas: "*como se houvesse um conjunto de eventos em que todos pudessem concordar universalmente*

¹¹² Livre tradução e transcrição para: I had an internet connection in my home. And so I made the most of it. I watched documentaries, I kept up with latest news and I discovered a lot of interesting information about history, about politics, about society, science and philosophy that I had never encountered in all my years of public education or all my years trying to stay up with the latest news from the mainstream news networks. And this amazing secret power of the Internet not only gave me the power to collect and gather this information, but also to broadcast it to others. It empowered me with a voice. Me, a lowly English teacher (...) on a laptop with a \$20 microphone, I was able to broadcast my voice to dozens, then hundreds, then thousands, eventually millions of people around the globe. And that incredible empowerment of the average individual has always been the promise of the Internet. (...) Yes, I am a living breathing testament to the fact that the average ordinary person really does have a voice that really can be heard around the world by millions of people. (...) but, as even the most information deprived people out there know by now, this wonderful remarkable opportunity, this window of opportunity is closing, as crackdowns are beginning on in various ways. From outright censorship and banning of voices that are problematic to the mainstream narrative to more subtle manipulations, like search engine, algorithm manipulation and things like that, that happened behind the scenes. At any rate, that is the story of how and why I came to start this website and I hope it does inspire others to begin their own journey into exploring how they can put their voice into this mix. Because as I always say the point is not simply for me to expound from on high and tell people how the world really works. It's for us to work together towards some sort of better shared understanding from our different perspectives. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=fnCM2_QciL4

¹¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=JhMIPB2LbIA>.

que são O conjunto de eventos, "As Notícias", sobre as quais todos devemos falar. (...) Quem escolhe o que é "As Notícias"? (...) Não existe objetividade quando se trata de notícias e reportagens, porque mesmo o que você escolhe falar e o que não escolhe é uma decisão editorial"¹¹⁴. Já em "The Crisis of Science"¹¹⁵, o conspiracionista apresenta uma série de episódios e pesquisas fraudulentas, controversas e inconsistentes para apontar "uma série de crises interrelacionadas que expõem a maneira como a ciência institucional é praticada hoje". São quatro fatores apresentados no vídeo: a *crise de replicação*, em que ele apresenta experimentos que não podem ser reproduzidos de forma confiável e ser passíveis de contraprovas; a *crise das fraudes*, advinda de pesquisas que manipularam intencionalmente dados para chegar a uma determinada conclusão interessada e pré-estabelecida anteriormente; a *crise de publicação*, em que detalha como a pressão por produtividade na academia leva à divulgação de resultados inconclusivos, frouxos e descuidados; e, por fim, decorre desta o que Corbett nomeia *crise da revisão por pares*, notando que, aliado ao grande número de estudos submetidos, o julgamento às cegas, que deveria ser um instrumento de confiabilidade e consistência, é na verdade marcado por relações e interesses pessoais. Corbett exemplifica: "*Em certos campos especializados, há apenas um punhado de cientistas qualificados para revisar novas pesquisas na disciplina, o que significa que essa camarilha efetivamente forma uma equipe de gatekeepers de todo um ramo da ciência. Eles geralmente se conhecem pessoalmente, o que significa que qualquer nova pesquisa que eles realizem será revisada por um de seus associados próximos (ou de seus rivais diretos)*"¹¹⁶.

Os discursos de Corbett ilustram a provocação que fazem Harambam e Aupers (2014), ao escrever que os teóricos da conspiração popularizaram e traduziram para um amplo público debates da filosofia da ciência, de abordagens construtivistas do conhecimento e da teoria pós-moderna a respeito dos atravessamentos e cruzamentos políticos, econômicos e sociais dos bastidores da ciência. Aupers (2012) traça, ainda, um paralelo entre as narrativas conspiratórias e procedimentos científicos de acúmulo indutivo de evidências e do princípio metodológico da

¹¹⁴ Tradução e transcrição para: "As if there is one set of events that we can all universally agree upon are The set of events, "The News" (...) that everyone must talk about. (...) Who gets to choose what is "The News?" (...) There is no such thing as objectivity when it comes to news and news reporting, because even what you chose to talk about and what you don't choose to talk about is itself an editorial decision".

¹¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=LfHEuWaPh9Q>

¹¹⁶ Tradução e transcrição para: "In certain specialized fields there are only a handful of scientists qualified to review new research in the discipline, meaning that this clique effectively forms a team of gatekeepers over an entire branch of science. They often know each other personally, meaning any new research they conduct is certain to be reviewed by one of their close associates (or their direct rivals)".

dúvida. De modo que, "mais do que mimetizar a ciência moderna como uma estratégia para aumentar a autoridade epistêmica, os conspiracionistas desejam purificar e reinstalar o livre-espírito da investigação"¹¹⁷.

É uma provocação sugestiva, mas de que tenho dificuldade em me convencer totalmente. Por um lado, podemos atribuir a perda do monopólio da verdade pelas comunidades epistêmicas institucionalizadas aos questionamentos dos próprios campos. Aos debates acerca da construção dos fatos e das virtudes epistemológicas; da crítica à hegemonia da razão científica e da produção de conhecimento autorizado pelos campos científicos (Giddens, 1991; Latour e Woolgar, 1997; Latour, 2001; Stengers, 2000; 2002; Daston e Galison, 2007), como também à circulação privilegiada de regimes de verdades públicos no jornalismo corporativo, em seus critérios de objetividade e noticiabilidade, ao princípio da imparcialidade e de seus vínculos umbilicais com interesses econômicos e políticos (Moretzsohn, 2007; Aires e Santos, 2017; Moraes, 2019; Steensen, 2019).

Por outro lado, Byford (2011, p. 19), em investida contra as perspectivas que enfocam o caráter produtivo do conspiracionismo, se pergunta se estas narrativas podem ser encaradas como "uma visão de mundo lúdica, irônica, ou elas são algo a se temer – uma relíquia da tradição populista de direita, que se recusa a ir embora?"¹¹⁸. A pergunta dele é retórica. O autor defende que dado o legado histórico – radicalização, deslegitimação, preconceito e divisionismo – relacionado mais a causas obscurantistas do que às libertárias, teorias da conspiração são um fenômeno que deve ser combatido veementemente. A posição de Byford ao longo do seu livro, no entanto, revela uma nostalgia da política de demarcação (Marres, 2018), precisamente o motivo pelo qual abordagens distintas da que desenvolve precisam ser levadas em conta diante da crescente proliferação destes conteúdos. Afinal, o conspiracionismo se fundamenta e se alimenta justamente da crítica à legitimidade das instituições científicas e organizações de mídia e do estabelecimento de fronteiras sociais e epistêmicas por meio das quais cientistas, jornalistas, acadêmicos e especialistas reafirmam e mantêm a posição de autoridade. Mas há considerações a serem observadas.

¹¹⁷ Livre tradução para: "(...) More than merely mimicking modern science in order to augment epistemic authority, conspiracy theorists wish to purify it and re-install its free spirit of inquiry".

¹¹⁸ Livre tradução para: "(...) as a worldview with a playful, ironic side, or are they something to be feared - a relic of populist, right wing, political tradition, which refuses to go away?"

Fenster (2008, p. 90) defende, ao aproximar as teorias da conspiração do populismo político, que o conspiracionismo parte da promessa de soberania popular e autogoverno, e os vídeos do *The Corbett Report* são exemplos neste sentido. Porém, ao exercer o papel de desafiar uma ordem existente e disputar as relações de poder, penetrando-as por meio de ferramentas não-oficiais de conhecimento, as narrativas conspiratórias podem tanto ser usadas para promover políticas emancipatórias como para fundamentar opressões e autoritarismos (idem, p. 287). Ao falar de narrativas conspiratórias e sobre o sucesso da ideia de "realidades alternativas", Latour (2018, p.22) aponta que, o problema envolve menos a denúncia da capacidade analítica das pessoas em não crer em fontes autorizadas de conhecimento e mais pela confiança abandonada:

Nenhum conhecimento validado pode se sustentar por si só, como sabemos bem. Fatos se mantêm consistentes apenas quando são apoiados por uma cultura comum, por instituições que podem ser confiáveis, por uma vida pública relativamente decente, por uma mídia relativamente crível¹¹⁹ (idem, p. 23).

De acordo com Hofstadter (1964/1996), o estilo paranoide sempre está presente na arena política, geralmente de forma marginal, ganhando projeção devido a contingências históricas específicas. Conforme Cesarino (2019a), parte do problema contemporâneo da circulação crescente de informações falsas deve-se ao fato das pessoas estarem perdendo a confiança no sistema de especialistas e peritos que traduzem fatos científicos para a esfera pública, notadamente cientistas e jornalistas. São também alvo de contestações as próprias instituições do Estado democrático, "resultando numa inflação desmedida do componente da soberania popular no qual tipicamente se apoiam as lideranças populistas" (idem, p. 12). Esta característica se conjuga, ainda segundo a autora, com mudanças no ecossistema informativo que afasta a construção de uma cultura comum, como aponta Latour, e do contato com o contraditório e com a diferença.

Em 2020, o "estilo paranoide" na política deixou de ser uma "reliquia" e, no contexto de ascensão de fenômenos nomeados como *pós-verdade* e *fake news*, é necessário perceber que movimentos de extrema-direita agem deliberadamente para produzir caos informacional (Golebiewski e boyd 2018), se utilizam de massiva propaganda digital (Lewis, 2018; Benkler, Faris, Roberts, 2018; Daniels, 2018) e apregoam o descrédito das instituições científicas e das organizações de comunicação. A disseminação do conspiracionismo e do estilo paranoide está,

¹¹⁹ Livre tradução para: "No attested knowledge can stand on its own, as we know very well. Facts remain robust only when they are supported by a common culture, by institutions that can be trusted, by a more or less decent public life, by more or less reliable media".

neste sentido, profundamente atrelada à infraestrutura informacional das plataformas. Por dois motivos que destrincharei adiante e no próximo capítulo: estas redes direcionam a informação e o visível de formas específicas a grupos de pessoas difentes e, mais importante, lucram com o alcance, o envolvimento e a segmentação do conteúdo produzido para suas redes ou veiculado nelas.

3.3 Conspiracionismo e modelo de negócios das plataformas

Interessante observar que o *YouTube* não foi originalmente lançado como uma rede social, mas como um serviço de hospedagem de vídeos. Em parte, seu formato foi modificado a partir do tipo de uso e de práticas pelas quais as pessoas usuárias passam a utilizá-lo, criando comunidades de interesse e diálogo entre canais através de indicações e do uso do espaço para comentários (Burgess e Green, 2009). Enfim, não só consumindo vídeos, mas também produzindo conteúdo. Podemos aproximar, assim, os conspiracionistas com a figura do *prosumer* (Domingues, 2016). Dos links das informações abordadas nas descrições das postagens, como o canal *reallygraceful*, à convocação dos *TIs* para a investigação entre os membros da comunidade e ao estímulo de James Corbett para que seu público se mobilizasse, há um chamado para a participação. Seja com um caráter mais lúdico e paródico, seja mais próximo do estilo paranoide, há o convite a quem visualiza os vídeos a consumi-los como uma narrativa de mistério e de revelação, um convite para brincar de detetive, montar um quebra-cabeça cujos pedaços são fornecidos pelos vídeos.

É oferecida, a quem assiste, a possibilidade de produzir uma versão própria ou uma interpretação alternativa, compartilhada, para eventos, acontecimentos e fenômenos, de modo que "eles lêem, negociam e reescrevem a história e, ao fazê-lo, costumam produzir uma teoria sempre em expansão dos retalhos do que 'realmente' aconteceu" (Harambam e Aupers, 2014). Assim, a plataforma oferece um espaço para que as pessoas desconstruam ativamente os regimes autorizados de verdade, as versões oficiais dos fatos, e para que produzam suas próprias interpretações, potencialmente mais divertidas, maliciosas e inventivas ou ainda mais complexas e argutas.

De fato, as plataformas proporcionaram uma maior abertura, visibilidade e alcance para o conteúdo desenvolvido por pessoas de fora das esferas autorizadas de produção de conhecimento, em comparação com os tradicionais meios de comunicação e seus procedimentos de editoração

da informação. Mas isto é apenas parte da história. Como tratei anteriormente, plataformas não são apenas meros intermediários de dados e conteúdo. Em certo sentido, estas concepções ecoam a ideia utópica da internet como um arena pública democrática (Evangelista, 2019) onde poderíamos nos autoinventar e nos libertar de identidades e modos de subjetivação já estabelecidos (Chun, 2008a). Esboçar alguns apontamentos como resposta à pergunta "por que há tantos conteúdos conspiratórios em circulação em redes sociais?" demanda questionar também os modelos de negócios; ou seja, como, em meio a tantos conteúdos postados, esses serviços organizam o visível e a informação, e quais modos de subjetivação estão implicados e são estimulados em suas redes e sistemas de recomendação.

Primeiro, pode-se notar como a promessa de internet livre se mostrou pouco lucrativa. Neste sentido, a mudança do *YouTube* de serviço de hospedagem de vídeos para rede social não deve-se somente às pessoas usuárias, mas também à modificação de sua arquitetura, por parte da empresa, com o objetivo de gerar maiores rendimentos a partir das dinâmicas de participação. O *YouTube* promoveu uma série de mudanças, entre elas implementou o recurso de lista de reprodução, que indica vídeos para reprodução posterior, e redesenhou sua página inicial para enfatizar a inscrição em canais ao invés de vídeos individuais, de modo que deu "ao usuário e à plataforma sentidos relacionados a uma grande rede social que vincula usuários com usuários, usuários com vídeos e vídeos com vídeos, assim como usuários e vídeos a outras plataformas da web" (Montaño, 2017, p. 8).

O espraiamento da cultura da conspiração nas últimas décadas, de um fenômeno exótico e desviante para uma narrativa que disputa as produções de sentido dominante em âmbitos públicos, também é acompanhado pela crescente possibilidade do conspiracionismo ser comercializado. Neste sentido, as plataformas são "mercadoras da dúvida"¹²⁰. Seja pela busca do princípio da imparcialidade, apresentando visões antagônicas sobre um determinado assunto, seja pela busca de audiência, a mídia corporativa de massa já apresentava a tendência em privilegiar estudos com hipóteses fantásticas, conclusões chamativas e títulos sensacionalistas, assim concentrando o debate em desacordos. As plataformas intensificam e complexificam essa dinâmica, que estimula os negacionismos científicos e discursos obscurantistas e de ódio.

¹²⁰ O termo vem do livro (2010) e documentário (2015) homônimos *Merchants of Doubt*, de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, que abordam como alguns cientistas renomados foram financiados por grupos empresariais e políticos para disseminar dúvidas sobre temas como a relação entre o cigarro e câncer e o aquecimento global.

O campo científico não se constitui apenas por meio da demarcação de limites entre a ciência e a pseudociência, e entre quem está e quem não está autorizado a produzir questionamentos. Sua legitimidade está relacionada a um conjunto de procedimentos que auxiliam as interpretações contingentes e debatíveis dos mundos investigados e produzidos pelas suas práticas (Stengers, 2002). Assim, é importante perceber que, se o conspiracionismo carrega virtudes da produção de conhecimento, como a dúvida e a livre investigação, conforme aponta Aupers (2012) – qualidades que podem ser libertadoras –, estas também podem coincidir com valores latentes ao capitalismo neoliberal, como "o atomismo, a competitividade e uma estrita oposição à ordem social" (Melley, 2000, p. 57). Os vídeos dos canais aqui apresentados constroem, em suas narrativas de encaixar peças, uma argumentação apriorística que de prontidão já tem a causa, o efeito, os agentes e a constituição da trama. Chegam então em revelações, ainda parciais, para as quais tudo se adapta à conclusão que se quer alcançar e das quais não há necessidade de confirmação ou exame. Cabe, entretanto, uma diferenciação entre os canais de cunho pessoal e os que geram conteúdo informativo. Enquanto os primeiros apresentam angústias relativas às diversas incertezas, os últimos possuem a dupla característica de ser disseminadores de dúvidas, mas também vendedores de certezas.

Chama atenção, assim, a maneira como o caráter coletivo da produção de conhecimento é deslocado para um investimento pessoal. "*Espero que isso inspire outras pessoas a começar sua própria jornada para explorar como podem ter a sua voz nesse ambiente confuso*", fala Corbett. Os criadores dos canais se colocam como uma espécie de *coaches* da construção e obtenção de saberes, novamente entendidos como da ordem individual: "*Richard fornece uma ampla e profunda documentação de evidências que contradizem o que aprendemos na escola, explicando como nos libertar das ilusões que restringem nossa liberdade*" é uma das frases que está no canal *Tragedy and Hope*. A figura da pessoa que investiga está próxima do self empreendedor (Rose, 2011), para o qual o acesso ao conhecimento está relacionado à construção, por parte do indivíduo, de um sistema de condutas de si que o implica na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade (Bentes, 2018).

Corbett, vale notar, se exhibe como facilitador de uma construção coletiva e aberta, mas sua retórica de horizontalidade não tem amparo na prática. Em seus vídeos, a narrativa é sempre apriorística, como já apontado, e ele difunde conspirações por meio da apresentação de organizações e agentes que agiriam secretamente, e com muita competência, para atingir

determinados objetivos."O espaço de construção coletiva que oferta é restrito à assinatura do seu site, onde membros podem comentar, mas ao preço de um, três ou cinco dólares por mês¹²¹.

Mirowski (2018; 2019) aponta que, sob a bandeira da participação e da ciência aberta, oferecida pelas plataformas, há o estabelecimento do que chama de *uberização* da ciência, através da qual a democratização do conhecimento passa a ser acompanhada pela lógica neoliberal de substituição do público pelo privado. A democratização do acesso à ciência é, nesta dinâmica, mediada e mensurada por sites proprietários, aparentemente gratuitos, que capitalizam a lógica de produção em rede, o trabalho não remunerado e a coleta em larga escala de dados.

Gostaria de chamar atenção para este aspecto da coleta de dados, pois se relaciona diretamente com a figura do sujeito influenciável. O estabelecimento de comunidades epistêmicas em redes sociais digitais tende a reunir pessoas em grupos a partir de interesses específicos, o que permite que os mecanismos algorítmicos das plataformas refinem suas categorizações. Verei isso adiante.

Retomo Hofstadter e o estilo paranoide. Segundo o autor, na expressividade dos conteúdos com tonalidades paranoides, tão veementes quanto convictos, há um chamado à ação:

“Como membro de uma vanguarda capaz de perceber a conspiração antes que ela se torne totalmente óbvia para um público ainda desatento, o paranoico é um líder militante. Ele não vê um conflito social como algo a ser mediado e acordado, como um político age. Já que o que está em jogo é sempre um conflito entre o bem absoluto e o mal absoluto, a qualidade necessária não é firmar acordos, mas sim a determinação de lutar até o fim”¹²² (idem, pp. 30-31).

Gostaria de destacar, a respeito deste trecho, indícios que aproximam as teorias da conspiração das lógicas de circulação de conteúdo em plataformas sociais: com a promessa de relevar tramas secretas, explicar eventos complexos e expor “inimigos organizados e ocultos”, as teorias da conspiração capturam a atenção das pessoas em seus chamados de mobilização contra mentiras massificadas. Têm o potencial, assim, de aumentar o engajamento, a retenção das pessoas nas plataformas, de modo a produzir uma trilha de rastros que oferecem padrões para melhorar a segmentação de conteúdos. No entanto, ao contrário de veículos de comunicação e

¹²¹ <https://www.corbettreport.com/members/>

¹²² Livre tradução para: “As a member of the avant-garde who is capable of perceiving the conspiracy before it is fully obvious to an as yet unaroused public, the paranoid is a militant leader. He does not see social conflict as something to be mediated and compromised, in the manner of the working politician. Since what is at stake is always a conflict between absolute good and absolute evil, what is necessary is not compromise but the will to fight things out to a finish”.

grupos editoriais, o produto do *YouTube* e de redes similares não é informação, mas conteúdo. Não interessa a estas plataformas se o que é divulgado é verdadeiro, controverso ou falso, mas que seja difundido, de modo a produzir, assim, dados sobre o comportamento de consumo de pessoas usuárias, a ser monitorado (Bogost, 2019). Uma investigação de 2019 do *The Guardian*, por exemplo, revelou que anunciantes poderiam alcançar pessoas interessadas em controvérsias envolvendo vacinas no *Facebook*¹²³. Antes, em 2017, a *ProPublica* encontrou, entre categorias de interesses que a plataforma oferece para que empresas direcionem propagandas segmentadas, termos e expressões como “*History of ‘why jews ruin the world’*”¹²⁴, entre outras. Do banco de dados que a agência de reportagem desenvolveu, procurando por palavras-chave da temática *TI*, encontrei ainda as categorias “*mind control*” e a onipresente “*New World Order*”¹²⁵.

A relação problemática das plataformas com o conhecimento não diz respeito tão somente à natureza do conteúdo que circula e à capacidade de distinção das pessoas entre o que é verdadeiro ou falso, mas ao tipo de comunidades epistêmicas que elas tanto acolhe, como criam e estimulam. Neste sentido, noto a assimetria da produção de conhecimento presente na dinâmica das plataformas, ou seja, como o sujeito influenciável não é só personagem das tramas do conspiracionismo, mas também o objeto do investimento de um conjunto de saberes que procura modular o comportamento a partir de dados digitais e análises algorítmicas.

Segundo Marres (2008), uma oposição normativa entre conhecimentos bons e ruins obscurece os campos de saber, como o behaviorismo e a economia comportamental, por exemplo, que desempenham papel central na organização e hierarquização do direcionamento de conteúdos pelos sistemas de recomendação. De modo que as redes sociais digitais não são marcadas apenas por uma crescente proliferação de informações falsas, mentirosas e duvidosas e pelo questionamento do conhecimento e da ciência, mas manifestam também a valorização de regimes específicos de saber, de pesquisa e de investigação que acabam por transformar as plataformas em laboratórios (Bruno, 2018), nos quais os usuários são tratados como cobaias comportamentais, em uma dinâmica disputa entre ser influenciado e ser influenciador. Neste sentido, a plataformização da internet

deu origem a um verdadeiro exército de cientistas de dados sociais que monitoram, medem e procuram intervir nesse teatro comportamental. Os fatos

¹²³ <https://www.theguardian.com/technology/2019/feb/15/facebook-anti-vaccination-advertising-targeting-controversy>

¹²⁴ <https://www.propublica.org/article/facebook-enabled-advertisers-to-reach-jew-haters>

¹²⁵ <https://www.propublica.org/datastore/dataset/facebook-ad-categories>

continuam reinando, mas o fazem fora do domínio público: não estamos observando o dismantelamento total da autoridade dos fatos – os especialistas continuam a exercer uma autoridade considerável em contextos institucionais e comerciais –, mas o dismantelamento muito mais específico dos fatos públicos, da Internet como um espaço onde o conhecimento pode ser praticado publicamente, entre especialistas E cidadãos¹²⁶ (Marres, 2018, p. 437, ênfase da autora).

Shoshana Zuboff (2015; 2019) descreve o uso de dados pessoais e relacionais digitais por parte das empresas de tecnologia como o fundamento de uma nova dinâmica econômica, que chama de negócio de realidade (*reality business*, em inglês), e o aponta como fenômeno da expansão na ciência de dados: da mineração dos dados para a mineração do real, da extração de informações para a extração de realidade. A *realidade*, transformada e mensurada por dados digitais, se transforma em mercadoria, e o comportamento é comodificado e monetizado. Segundo a autora, as informações sobre os comportamentos dos corpos, mentes e coisas são a matéria-prima de “uma dinâmica compilação universal em tempo real de objetos inteligentes no interior de um domínio global infinito de coisas conectadas. Este novo fenômeno cria a possibilidade de modificar os comportamentos das pessoas e das coisas tendo por objetivo o lucro e o controle” (Zuboff, 2019, p. 56).

A autora aponta que essa nova lógica é uma forma nova de acumulação do capital, o *capitalismo da vigilância*, em que não há indivíduos, apenas elementos minúsculos dentro de um organismo de abrangência global. A autora chama esse organismo de “Grande Outro”, que por sua arquitetura distribuída produz oportunidades para “observação, interpretação, comunicação, influência, predição e, por fim, modificação da totalidade da ação. Ao contrário do poder centralizado da sociedade de massas, não há como escapar do Grande Outro. Não há lugar para estar onde o Outro não está” (ibidem, p. 44).

Segundo a autora, quando as plataformas usam da vigilância para recomendar um conteúdo ou uma possibilidade de ação, com base no comportamento online das pessoas usuárias, as empresas deixariam de estar atendendo suas necessidades reais e expressas, distorcendo estes anseios. Tendo o modelo da Google como matriz, Zuboff trata a produção, processamento e análise automatizados dos dados digitais como uma relação sem "reciprocidade construtiva"

¹²⁶ Livre tradução para: "(...) given rise to a veritable army of social data scientists who monitor, measure, and seek to intervene in this behavioral theatre. Facts continue to reign but they do so outside the public realm: we are observing not the wholesale dismantling of the authority of facts—experts continue to exert considerable authority in institutional and commercial settings—but the far more specific dismantling of public facts, of the Internet as a space where knowledge can be practiced publicly, among experts AND citizens".

(idem, 2019, p.51), uma *indiferença formal* (p. 34), uma espécie de traição ao que ela chama de soberania dos consumidores e uma ameaça ao que aponta como “autodeterminação psicológica” (p. 45) dos indivíduos. Este processo de modificação de comportamento, ainda segundo Zuboff, afastaria as pessoas de sua autenticidade, incutindo nelas desejos falsos e compulsivos com o objetivo de gerar lucro para as plataformas. Ainda, confere à Google um poder de conhecer "muito mais sobre sua população de usuários do que estes sabem sobre si mesmos" (p. 50).

Cabem algumas considerações, entretanto. Como aponta Morozov (2019), alinhada ao liberalismo político e econômico (e à concepção liberal de sujeito, acrescentaria), Zuboff toma a dinâmica do capitalismo digital como uma questão de escolha, negligenciando fatores estruturais como a oligopolização e as lógicas de concorrência. Por outro lado, a nostalgia da promessa das "subjetividades de autodeterminação" (Zuboff, 2019, p. 31), característica dos estágios iniciais da internet, também tem implicações na maneira como são caracterizados os atores, a dinâmica e a efetividade dos perigos do capitalismo de vigilância.

Chama atenção que este processo de centralização seja traduzido pela imagem de um *Grande Outro*, reverberando a figura de um agente externo vigilante, onipotente e controlador, comum nos delírios paranoicos (Quinet, 2006). Neste sentido, ao fazer o trocadilho orwelliano e convocar a figura do *Grande Outro*, esvaziando em parte os apontamentos discursivos, materiais e subjetivos que elabora sobre o capitalismo de vigilância, Zuboff estabelece uma relação de oposição entre os indivíduos, moradas por excelência da autonomia, e as instâncias coletivas que agem deliberadamente para exercer controle. É uma caracterização que se aproxima dos complôs de narrativas conspiratórias em duas de suas características, conforme Melley:

primeiro, é preciso conceber a organização não como um sistema de relacionamentos e estruturas complexas, mas como uma *totalidade* unificada. Segundo, é preciso imaginá-la como uma agência ativa e viva, contra a qual, em sua *determinação* em subjugar e incorporar, é preciso lutar. Para salvar o agente liberal em perigo da incorporação por um corpo controlador maior, em outras palavras, esse corpo social deve ser imaginado como um *indivíduo liberal*, como um agente com coerência e identidade próprias, uma espécie de superindividual¹²⁷ (2000, p.58, grifo no original)

¹²⁷ Livre tradução para: "First, one must conceive of the organization not as a system of complex relationships and structures, but as a unified *totality*. Second, one must imagine it as an active, living agency, against whose *will* to subdue and incorporate one must struggle. In order to save the imperiled liberal agent from incorporation into a larger controlling body, in other words, that social body must itself be imagined *as a liberal individual*, as an agent with a coherence and identity of its own, a sort of superindividual".

Na rede do mapeamento de canais *TIs*, esta figura dos superindividuais pode ser percebida na recorrência de menções às empresas de tecnologia, mas de um modo tanto literal também em empresários do setor, em especial os mais célebres, como Mark Zuckerberg e Elon Musk. Os *TIs* apresentam, em tom de denúncia, entrevistas, falas e comunicações desses agentes, atribuindo uma grande relevância e depositando uma excessiva crença nos discursos deles. Zuboff constrói seu argumento ancorada, também ela, nos discursos das empresas, analisando dois artigos do economista-chefe da *Google*, Hal Varian. Não é intenção vulgarizar os apontamentos de Zuboff, mas apontar que é preciso ter cautela com o que é alardeado por quem vende aplicações comerciais de ferramentas da ciência dos dados. Especialmente por se tratar de um setor que tem, ele mesmo, o marketing e a venda de anúncios entre suas principais atividades.

Capitalismo de vigilância é um conceito produtivo para comunicar o modo pelo qual a coleta e produção de dados pessoais, e sua análise algorítmica, operam na produção de subjetividades contemporâneas, e para perceber como o neoliberalismo não tem necessariamente como alvo pessoas coerentes e individualizadas (Rouvroy e Berns, 2016). Ajuda-nos, também, a notar as dinâmicas assimétricas de poderes entre as grandes empresas de tecnologia e as pessoas usuárias e seus trabalhadores e trabalhadoras, bem como o substituição do "Estado de direito e a necessidade da confiança social como base para as comunidades humanas por (...) recompensas e punições, estímulos e respostas" (Zuboff, 2019, p 59). Ao mesmo tempo, mostra os limites de uma concepção individualista de autonomia, que ao imaginá-la constantemente em perigo acaba por reforçá-la. É um círculo vicioso que tem consequências importantes para os modos de enfrentamento das assimetrias de poder em jogo no capitalismo orientado por dados.

4. Conhecimento e a recomendação como mercado

Uma estranha caixa preta computacional com IA está agora se tornando a força motriz da nossa sociedade. Vocês vão me dizer que não seremos bichinhos de estimação?

(...) E sim, isso se aplica à política, para certos candidatos, mas isso é apenas o começo, apenas o começo.

Eles estão definindo tudo o que está acontecendo na sociedade, de modo paralelo. E eles têm um pequeno ponto na matrix para todos.

(...) pense em todas as vezes que você clica no like do Facebook, todas as vezes que você informa os dados do seu cartão de crédito e sempre quando você responde a uma pesquisa.

(...) as muitas compras, as crenças e os valores que você propagandeia sobre si em qualquer plataforma de mídia social, no Twitter ou seja lá onde eles coletaram estas coisas. E eles sabem potencialmente mais sobre você do que você próprio.

O vídeo "*Society Is Being Programmed By A Black Box*"¹²⁸ do canal *Truthstream Media*¹²⁹, parte do cluster Mídia *alt-right*, discorre sobre as relações corporativas do magnata Robert Mercer, em especial com a consultoria de marketing político *Cambridge Analytica*, para abordar os perigos da ampla coleta de dados na elaboração de estratégias usadas por campanhas eleitorais. O caso ganhou ampla repercussão em março de 2018, o *New York Times*¹³⁰ e o *The Guardian*¹³¹ publicam séries de matérias e reportagens, com base no depoimento e em documentos vazados por Christopher Wylie, um ex-empregado consultoria revelando que a empresa utilizou, indevidamente e sem o consentimento das pessoas envolvidas, dados de cerca de 87 milhões de perfis do Facebook. Estas informações foram, segundo Wylie, usadas para inferir traços de personalidade do eleitorado americano e, com base neles, direcionar individualmente propaganda política a favor de Donald Trump durante as eleições presidenciais americanas de 2016.

No centro da controvérsia, digna de um roteiro de *thriller* político-empresarial e com versões contraditórias a depender do relato de cada envolvido, estão dois pesquisadores com ligações com a Universidade de Cambridge. O primeiro é Aleksandr Kogan, professor do departamento de psicologia da instituição, que foi contratado pela *Cambridge Analytica* para desenvolver e disponibilizar no Facebook o aplicativo de teste de personalidade *thisisyourdigitallife*. A empresa de consultoria promoveu o aplicativo por meio de ferramentas

¹²⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=rQmIPK7DQh8>

¹²⁹ <https://www.youtube.com/user/TRUTHstreammedia/>

¹³⁰ <https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>

¹³¹ <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>

como o *Mechanical Turk* da Amazon¹³² e atraiu cerca de 270 mil pessoas para responder o questionário do teste, o que só poderia ser realizado após a permissão de acesso do teste às informações contidas no perfil do Facebook delas.

A trapaça estava no fato do *thisisyourdigitallife* não apenas compilar os resultados de cada questionário, mas extrair os dados relacionados aos perfis pessoais na plataforma e, especialmente, coletar também as informações digitais de amigos de quem respondeu o questionário¹³³. A base inicial de 270 mil escalou, então, para cerca de 87 milhões de pessoas que tiveram os seus dados extraídos sem aviso ou consentimento. Mais do que inferir traços de personalidade específicos dos 270 mil iniciais, as informações coletadas foram combinadas, como um teste de campo, para encontrar padrões e criar um sistema algorítmico capaz de prever resultados para outras pessoas.

Um detalhe que gostaria de chamar atenção é que o vídeo do *Trusthstream* foi postado em 12 de abril de 2017, portanto, 11 meses antes do caso vir à tona. Em setembro de 2016, Alexander Nix, então diretor-executivo da *Cambridge Analytica*, proferiu palestra intitulada *The Power of Big Data and Psychographics* (O poder do Big Data e da psicometria, em português), no encontro anual da Concordia Summit. Em tom autolaudatório, triunfante e sem demonstrar pudor ou ressalvas aos usos antiéticos das ferramentas, Nix relata o trabalho desenvolvido pela empresa na campanha do senador Ted Cruz para influenciar e persuadir o eleitorado americano durante as primárias do partido republicano naquele ano. Diante da exaltação pública dos métodos de persuasão da publicidade segmentada por perfis psicométricos a partir de dados pessoais e relacionais digitais, um comentário certo no vídeo pontuava: nós nem deveríamos ter precisado de um *whistleblower*¹³⁴.

O caso envolvendo a *Cambridge Analytica* demonstra como tentativas de inferir características psíquicas e emocionais das pessoas usuárias, ao combinar saberes do campo da

¹³² O *Mechanical Turk* (<http://www.mturk.com/>) é uma plataforma em que "solicitantes (*requesters*)", em sua grande maioria empresas, oferecem algum tipo de remuneração financeira para pessoas realizarem microtarefas automatizadas ou que não requerem maiores qualificações. Estas tarefas vão desde, por exemplo, responder questionários ou ter o movimento de globos oculares monitorados, para fins de pesquisa, a atividades em que humanos são melhores que máquinas, como a identificação de uma música, transcrição de gravações, classificação de fotos, etc. O nome faz referência ao *Turco*, um suposto autômato que jogava xadrez e foi popular na Europa entre os séculos 17 e 18. A alegada inteligência artificial da máquina era, na verdade, fruto de um ilusionismo mecânico e visual que permitia a uma pessoa operar o dispositivo escondida dentro dele.

¹³³ Esta extração de informações de terceiros dependia, no entanto, das configurações de privacidade escolhidas por cada pessoa usuária.

¹³⁴ O vídeo da fala pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8Dd5aVXLcC>

psicologia com as técnicas e pressupostos da ciência de dados (Stark, 2018), vêm ganhando destaque na definição de estratégias para o direcionamento de conteúdo nas plataformas (Bruno, Bentes e Faltay, 2019)¹³⁵. Os *TIs*, como visto anteriormente, mostram a confiança e a ênfase que as leituras paranoides dão ao ato de expor os potenciais efeitos da tecnologia, ao tomar as suas promessas como equivalentes aos seus resultados. Neste tópico, me debruço em enunciados sobre a eficácia da influenciabilidade dos sujeitos e da possibilidade de intervenção no comportamento a partir do conhecimento produzido por meio de dados pessoais e relacionais que informam sistemas algorítmicos de direcionamento de conteúdo.

A relação entre modos paranoides de sentido e o sujeito influenciável a ser explorada neste tópico versa sobre a forma como sistemas algoritmos pretendem nos conhecer. Mais do que debater a validade científica de tais procedimentos, a discussão se dará em como os fluxos sem precedentes em volume e variedade de dados constantemente coletados fornecem as bases epistemológicas de ferramentas que identificam padrões, extraem conexões e dão forma às intervenções no comportamento. Interessa perceber, assim, procedimentos de uma “paranoia matemática” presente nos próprios sistemas (Pasquinelli, 2015).

4.1. Dataficação do comportamento

O embasamento para tornar os dados e a análise automatizada em ativos políticos veio das pesquisas capitaneadas por Michal Kosinski, ex-vice-diretor do Centro de Psicometria da Universidade de Cambridge, doutor em Psicologia pela instituição e atualmente professor do *Graduate School of Business* da Universidade de Stanford. Com uma gama de colaboradores,

¹³⁵ Um dos episódios mais significativos dos limites éticos de explorar comercialmente momentos ou condições de fragilização das pessoas usuárias por plataformas aconteceu em maio de 2017 quando um relatório interno produzido por dois altos executivos da filial australiana do Facebook foi vazado. A divulgação revelou que a companhia monitorava em tempo real posts, fotos e vídeos compartilhados por jovens para determinar quando estes usuários supostamente se sentiam ansiosos, bobos, fracassados, derrotados, nervosos. Elaborado como uma apresentação para um dos principais bancos australianos, o documento pretendia mostrar a capacidade da empresa de reunir informações psicológicas sobre uma numerosa base de dados: cerca de 1.9 milhão de estudantes de ensino médio, 1.5 milhão de universitários e 3 milhões de jovens trabalhadores. Fonte: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/01/facebook-advertising-data-insecure-teens>. Questionada, a resposta da empresa veio em forma de nota pública afirmando que “não oferece ferramentas para atingir pessoas com base no seu estado emocional” Fonte: <https://newsroom.fb.com/news/h/comments-on-research-and-ad-targeting/>. Tal declaração, entretanto, não encontrou eco em Sean Parker, co-fundador e primeiro presidente da plataforma, que criticou diretamente o Facebook por, segundo ele, “explorar vulnerabilidades psicológicas humanas” desde o seu início. Fonte: <https://www.thetimes.co.uk/article/facebook-exploits-human-weakness-admits-former-boss-sean-parker-smkxd2059>

entre os quais se destaca David Stillwell, Kosinski está no centro das pesquisas que reivindicam que informações e rastros pessoais digitais combinados com testes psicométricos e análises automatizadas podem revelar características psíquicas e comportamentais das pessoas. A hipótese foi aventada a partir dos experimentos em torno do aplicativo *MyPersonality*, que oferecia, durante 2007 e 2012, a pessoas usuárias do Facebook uma série de questionários psicométricos em troca das informações dos perfis dessas pessoas. Majoritariamente baseado na metodologia do “*Big Five*”, ou Cinco Grandes Fatores, que analisa e calcula a incidência de cinco características na personalidade das pessoas - a abertura à experiência, a realização, a extroversão, a socialização e o neuroticismo (Hutz e Bandeira, 2003), Kosinski e sua equipe compararam o resultado do modelo psicométrico com os dados digitais das pessoas, desde dados demográficos, como gênero, idade, localização, a traços comportamentais como as curtidas, posts e compartilhamentos na plataforma. Isso permitiu, segundo os pesquisadores, descobrir correlações aparentemente invisíveis entre o comportamento online e o caráter psicológico das pessoas usuárias com grande precisão e eficácia.

Da produção em série sobre suas pesquisas e metodologia, com cerca de 60 publicações, gostaria de chamar atenção para três pontos da obra de Kosinski. O primeiro ponto refere-se ao destaque das encruzilhadas éticas de seus experimentos, que vai sendo colocado progressivamente de maneira mais explícita, em especial, as questões relativas à privacidade das pessoas envolvidas e aos possíveis usos nocivos que o método pode engendrar. Porém, a preocupação figura com certa dubiedade. Podem tanto ser interpretados como alertas, mas também como elementos discursivos para reforçar a eficácia do experimento. Conforme os próprios autores: “empresas, instituições governamentais ou até mesmo os amigos do Facebook podem usar um software para inferir atributos que um indivíduo talvez não tenha pretendido compartilhar, como inteligência, orientação sexual ou visões políticas”¹³⁶ (Kosinski et al, 2013a). Importante pontuar ainda que as publicações não são artefatos indiferentes às redes discursivas, econômicas, políticas e infraestruturais do capitalismo de dados, já que entre os financiadores da pesquisa estão a Boeing, a Microsoft, a Fundação Nacional de Ciência do governo americano e a

¹³⁶ Commercial companies, governmental institutions, or even your Facebook friends could use software to infer attributes such as intelligence, sexual orientation or political views that an individual may not have intended to share (Kosinski, Stillwell, Graepel, 2013)

Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (*Darpa*), ligada ao Departamento de Defesa norte-americano.

O segundo ponto refere-se à defesa que parte das suas publicações faz da predominância da alegada objetividade das análises algorítmicas em relação à interpretação humana, mesmo quando se está em jogo dimensões tão subjetivas como personalidade e sexualidade. No artigo *Computer-based personality judgments are more accurate than those made by humans* (Youyou, Kosinski, Stillwell, 2015), os autores afirmam que um conjunto simples de algoritmos necessitam de 10, 70, 150 e 300 curtidas no Facebook para prever melhor a personalidade de uma pessoa que, respectivamente, uma colega de trabalho, alguém que mora com você ou um amigo, um membro da família e cônjuges.

Por sua vez, um de seus artigos mais recentes (Wang; Kosinski, 2018) defende que conjuntos de algoritmos podem inferir com maior precisão do que humanos a orientação sexual de pessoas a partir de padrões de informações visíveis nos rostos humanos. Baseada na teoria dos hormônios pré-natais, que confere “um sexo ao cérebro” (Nucci, 2010) e defende que a orientação sexual e atributos físicos como morfologia, expressividade e aparência dos rostos seriam indícios da exposição do feto a determinadas descargas hormonais, o estudo afirma que, ao ter acesso a uma fotografia, os algoritmos acertam a orientação sexual de 81% dos homens e 74% das mulheres. Já com acesso a cinco fotografias, essa taxa de acerto sobe para 91% nos homens e 83%, nas mulheres. Apresentadas a humanos, as mesmas amostras tiveram como taxa de acerto de 61% nos homens e 54% nas mulheres com uma fotografia. A ambição dos autores foi explícita: “Essas descobertas aumentam nossa compreensão das origens da orientação sexual e dos limites da percepção humana (ibidem)”.

Por fim, o terceiro ponto que destaco e permeia os dois anteriores refere-se à mudança da produção discursiva, epistemológica e de governo sobre pessoas e populações. É uma questão que ultrapassa o escopo da produção do grupo de pesquisadores reunidas em torno do Kosinski e que irei destrinchar adiante e no próximo capítulo. Em *Psychological targeting as an effective approach to digital mass persuasion* (Matz; Kosinski; Nave; Stillwell, 2017), os autores procuram demonstrar que a persuasão de marketing dirigido a partir da combinação de técnicas psicométricas e dados digitais efetivamente funcionava no ambiente off-line. Kosinski et all. alegam que anúncios criados pelo experimento para marcas reais de fato aumentaram as vendas e procura de produtos dentro de um grupo de controle. Ao comentar as recentes legislações de

proteção de dados pessoais digitais nos EUA e Europa, eles fazem, outra vez, o seguinte alerta-propaganda:

nenhuma das medidas atualmente em vigor ou em discussão aborda as técnicas descritas neste artigo: nossos experimentos empíricos foram realizados sem coletar qualquer informação em nível individual das pessoas envolvidas, mas revelaram informações pessoais que muitos considerariam profundamente privadas. Consequentemente, as abordagens atuais estão mal equipadas para abordar o potencial abuso de informações on-line no contexto do direcionamento psicológico (ibidem)¹³⁷.

Os limites da abordagem neopositivista podem ser rapidamente apontados, entretanto é importante enfatizar que não diminui seus perigos políticos e máquinas de subjetivação. Com efeito, um dos aspectos contraditórios do caso Cambridge Analytica-Facebook foi que, apesar de trazer infortúnios graves às empresas – A Analytica foi fechada e Mark Zuckerberg e seu império enfrentam fortes reveses legais, financeiros e de credibilidade pública –, o imbróglcio também serviu para intensificar a concepção de eficácia dessas estratégias. Em outras palavras, que as plataformas conseguem produzir intervenções efetivas para influenciar indivíduos e populações e que os sujeitos podem de fato ser manejados e controlados de maneira precisa pelo conhecimento advindo de dados digitais e da mediação de sistemas algorítmicos de direcionamento de conteúdos.

O caso mostra aspectos inquietantes do crescente aumento da mediação tecnológica em todos os espaços e aspectos da vida. Um primeiro enfoque a se destacar é o fato de que toda interação e presença que emerge ou é desenvolvida através de suas redes deixam rastros de informação que podem ser facilmente capturados, recuperados, armazenados e analisados. Na clivagem mnemônica destes dispositivos, em que a ação deliberada passa a ser o esquecimento, a produção de arquivo, os bancos de dados, é mais que o padrão, mas a condição própria de funcionamento das plataformas. Definida por códigos (Lyon, 2007), a paisagem tecnológica contemporânea aumenta não somente o poder de produção e captura de informação em micromonitoramentos automatizados e permanentes, mas também o armazenamento e o processamento de volume exponencial de dados (Mayer-Schoenberger e Cukier, 2013, p.101),

¹³⁷ Livre tradução para: “none of the measures currently in place or in discussion address the techniques described in this paper:Our empirical experiments were performed without collecting any individual-level information whatsoever on our subjects yet revealed personal information that many would consider deeply private. Consequently, current approaches are ill equipped to address the potential abuse of online information in the context of psychological targeting”.

fenômeno conhecido pelo termo *Big Data*. Esta crescente ordem de grandeza produz uma nova modalidade de monitoramento que envolve a agência e delegação de sentido a humanos e não-humanos, instituições estatais e/ou corporativas em uma *assemblage* da vigilância (Heggerty e Ericson, 2007-2010) ou vigilância distribuída (Bruno, 2013), sendo promovida através de promessa de eficiência, comodidade e seguridade permitida pelos regimes de saber e verdade que promoveriam (boyd e Crawford, 2011).

Embora a coleta de informações para entender, administrar, regular e antecipar fenômenos do mundo já acumule milênios de uso, entre os primeiros registros estão os censos do antigo Egito, a capacidade de processamento computacional de dados suscita uma modulação ao exercício estatístico (Kitchin, 2013, p. 262-263) devido a suas características: enorme volume; alta velocidade; enorme diversidade na variedade de sua estrutura, sendo relacional, associativa e flexível; grande abrangência, buscando o escrutínio de populações ou sistemas inteiros.

Assim, um segundo aspecto a ser pontuado é que estes bancos de dados não são mais um repositório de informações estático para consulta ou acesso futuro, mas possuem uma performatividade responsiva. Cada clique em um site visitado, cada mensagem enviada, não enviada¹³⁸, e mesmo falar perto destes dispositivos¹³⁹, em suma, as mais diversas ações e interações carregam a possibilidade de ser monitoradas e agrupadas em uma miríade de bancos de dados que, processados e analisados automaticamente e em tempo quase presente, retroagem e articulam os conteúdos que veremos a seguir. Constróem uma trilha personalizada projetada a partir das supostas relevância ou eficácia das informações que presumidamente as pessoas usuárias desejam ou deveriam conhecer, consumir, ler, ouvir. O escopo de atuação do monitoramento digital, mediado algorítmicamente, assim, diz menos respeito a um paradigma da evidência – ainda que coexista extensivamente –, ou seja, apontar agentes responsáveis por uma determinada ação já ocorrida, do que um índice regido por um paradigma de cálculo futuro: o anseio em modular comportamentos, desejos e condutas.

Importante notar que, como nos mostra Foucault (1987; 2005; 2008a) ao discorrer sobre as sociedades modernas, a legitimidade do monitoramento e processamento de informações sobre as pessoas não está assentada apenas em estruturas disciplinares e punitivas, mas também em ferramentas positivas de governo voltadas para a promoção de saúde, bem estar, segurança,

¹³⁸ <http://newsfeed.time.com/2013/12/16/facebook-is-keeping-track-of-every-post-you-write-and-dont-publish/>

¹³⁹ <https://exame.abril.com.br/tecnologia/samsung-pede-que-clientes-evitem-discutir-assuntos-pessoais-em-frente-de-sua-smarttv/>.

educação e organização da vida das populações. As sociedades contemporâneas, por sua vez, hipotecam grande parte de suas esperanças neste processo de *datafication* (Sadin, 2015): a transformação de toda e qualquer ação em dados quantitativos através de monitoramento intermitente e posterior análise em modelos preditivos (Mayer-Schoenberger and Cukier, 2013), de modo que os mecanismos digitais “expressam a co-presença de diferentes tempos, o tempo da sua produção e, subsequente, a predição de momentos futuros”¹⁴⁰ (Thrift e French, 2002, p. 311).

Por sua vez, o processo de dataficação oferta a possibilidade da elaboração de estratégias de intervenção com base em propriedades que excedem a observação, o entendimento e a manipulação humana direta, levando o uso de dados e sua interpretação automatizada e algorítmica a serem promovidos e validados pelos regimes de verdade que produzem. Porém, é importante pontuar que "a dataficação é por si um movimento retórico, porque diz que os mais importantes aspectos da realidade são aqueles que podem ser expressos como dados" ¹⁴¹ (McQuillan, 2017). Acrescentaria como parte desse movimento retórico, a ideia de que a plasticidade e flexibilidade dos processos de formação de desejos e preferências dos sujeitos encontram a sua melhor expressão e modos de aferição nos dados produzidos através das redes sociotécnicas das plataformas. E mais: a própria noção de que comportamentos e estados emocionais podem ser mensuráveis e calculados. É importante, assim, questionar não só as plataformas, mas como a própria ciência dos dados e suas ferramentas adquirem predominância explicativa e operacional nos mais diversos contextos. Conforme Foucault (2008, p.52) e a relação de verdade e poder:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Uma perspectiva um tanto ingênua toma os dados como matéria bruta que serve de base para a construção da informação e do conhecimento, atribuindo ao seu resultado um suposto apartamento e independência dos processos sociais que os produzem, como se fossem algo pré-existente ao processo de captura, pré-analíticos e pré-factuais, em uma suposta existência a priori

¹⁴⁰ Livre tradução para: "(...)it expresses the co-presence of different times, the time of its production and its subsequent dictation of future moments".

¹⁴¹ Livre tradução para: "Datafication itself is a rhetorical move, because it is saying that the important aspects of reality are ones that can be expressed as data".

da interpretação e da argumentação. Interessante, neste sentido, observar o vocabulário associado ao termo: bruto, coletado, armazenado, minerados, raspados¹⁴².

É sintomático também uma suposta distinção que corriqueiramente se faz entre dado e informação. Ao primeiro é conferido um caráter essencialmente neutro, apolítico e objetivo, como liames que irradiam do mundo sem carregar enviesamentos ou valores, enquanto o último implica alguma atribuição intencional de sentido. Os dados são entendidos, assim, como representações fidedignas do real, ontologicamente anteriores à interpretação, sendo abstratos, agregáveis e indubitáveis, capturando e transpondo fielmente o mundo em números, símbolos, textos e imagens. Lisa Gitelman (2013) desconstrói essa premissa: a ideia de *raw data*, ou dado bruto, é uma redundância em termos, já que dados não são fatos, mas fontes de informações possíveis de serem interpretadas de acordo com métodos a serem empregados para sua criação e captura. De modo que “o dado precisa ser imaginado para existir e funcionar como tal, e a imaginação do dado implica uma base interpretativa”¹⁴³ (ibidem, p.3). As ferramentas não apenas leem, descobrem e capturam o que age, mas participam da produção do que supostamente apenas monitoram.

Assim, tensionar as noções de eficiência e verdade dessas técnicas não é escamotear os perigos políticos e seus modos de subjetivação. A ciência dos dados não é simplesmente um método, portanto, mas também uma ideia organizadora. E como ideia organizadora, não apenas reconhece os fatos, mas os transforma. Sua legitimidade não vêm apenas do poder de enunciação, da sedução dos seus argumentos, mas tem uma dimensão performativa, suas técnicas agem diretamente produzindo mundos, de modo que:

Algoritmos dão a impressão de envolver duas formas relacionadas, mas bastante diferentes de automação. Na primeira fase, eles automatizam o processo de submeter os dados à análise, assumindo tarefas que seriam impossíveis de ser realizadas manualmente. Mas os resultados destas análises ajudam a automatizar o segundo e muito diferente conjunto de operações: a tomada de decisões¹⁴⁴(Barocas, Hood e Ziewitz, 2013, p. 5)

¹⁴² Raspagem de dados (data scraping) uma técnica computacional na qual um programa extrai dados de saída legível somente para humanos.

¹⁴³ Livre tradução para: "(...) data need to be imagined as data to exist and function as such, and the imagination of data entails an interpretive base."

¹⁴⁴ Livre tradução para: "Algorithms seem to involve two related, but very different forms of automation. In the first instance, they automate the process of subjecting data to analysis, undertaking tasks that would be impossible to perform manually. But the results of these analyses help to automate a second and very different set of operations: decision-making".

Os dados digitais, mais do que fantasmagorias do passado, se apresentam como espectros de passagem das instruções dos programas, em suas potencialidades e virtualidades, para a dimensão sensível da ação conduzida pelos agentes. Os dados não existem antes de sua criação; não surgem espontaneamente e seu surgimento, muito menos, é algo inevitável. Antes, respondem a contextos sociotécnicos em que tornam-se valor fundamental para a construção de ferramentas de poder como atributo legitimador de regimes de verdade e de conhecimento. Se o dado não diz nada por si só, é necessário frisar também que informação estruturada a partir deles só pode ser interpretada quando traduzida para linguagem computacional. Reside aí o problema epistemológico em apontar uma equivalência fidedigna entre números e cálculos das ações e performatividades de objetos, humanos, outros seres vivos e o ambiente, como se um resultado e uma interpretação algorítmica fosse, respectiva e equivalentemente, o mesmo resultado das ações e performatividades.

Assim, os dados, seus depósitos e suas aplicações são mutuamente construídos, em coletivos sociotécnicos, formado por humanos e não-humanos, ligados por um conjunto de práticas, relações discursivas e materiais que têm objetivos e propósitos específicos e operam seguindo determinadas diretrizes. Todas e quaisquer ferramentas e estruturas que produzem, armazenam e interpretam os dados são expressões de conhecimento e poder, modulam as questões que podem ser formuladas, como são formuladas, como são respondidas, o que e quem pode ser objeto de exame e quem ou o que pode examinar (Lauriault, 2012).

Gostaria, novamente, de trazer um enunciado de um executivo das plataformas. Em uma entrevista de 2017¹⁴⁵, Jim McFadden, então chefe do grupo de engenheiros responsável pelo sistema de recomendação do *YouTube*, afirmou que o novo método de direcionamento de conteúdo da plataforma, que passava a utilizar o aprendizado de máquina e redes neurais, era bastante eficaz por conseguir identificar "relações adjacentes" entre vídeos de modo que um ser humano nunca seria capaz de identificar. Neste sentido, um dos únicos documentos públicos que destrincha um pouco o opaco funcionamento do sistema de recomendação da plataforma é o artigo *Deep Neural Networks for YouTube Recommendations* (2016), escrito pelos engenheiros do Google Paul Covington, Jay Adams e Emre Sargin.

¹⁴⁵<https://www.theverge.com/2017/8/30/16222850/youtube-google-brain-algorithm-video-recommendation-personalized-feed>

Resumidamente, os autores relatam que o mecanismo combina informações das pessoas usuárias e dos vídeos em duas etapas, nomeadas de "*geração de candidatos*" e "*ranqueamento*". Na primeira, os dados das pessoas são usados para construir um conjunto de centenas de potenciais vídeos a serem incluídos na fila de reprodução automática. O procedimento de filtragem colaborativa desempenha uma função importante nessa etapa. A técnica utiliza grandes quantidades de dados digitais sobre o comportamento, atividades ou preferências para construir previsões tendo como fundamento a identificação de características semelhantes entre grupos de pessoas (Lury; Day, 2019, p. 22). A premissa é simples, escreve a própria Google: "se o usuário A é semelhante ao usuário B e o usuário B gosta do vídeo 1, então o sistema pode recomendar o vídeo 1 ao usuário A (mesmo que o usuário A não tenha visto vídeos semelhantes ao vídeo 1)"¹⁴⁶.

Para inferir esta similaridade entre pessoas há a combinação do que os engenheiros da Google chamam de características binárias - informações como gênero, idade, localização, os canais que assinam e se a pessoa está logada ou não a uma conta; e os atributos contínuos, o comportamento prévio da pessoa, como o histórico de conteúdo assistido, as interações na plataforma e o histórico de buscas realizadas, por exemplo (Covington, Adams e Sargin, 2016). Esse processo, então, filtra de um grande corpus, algumas dezenas de vídeos que possuem indicativos de ser relevantes para uma determinada pessoa.

O procedimento posterior de hierarquização dessa amostra atribui uma pontuação para cada vídeo utilizando um maciço conjunto de informações capazes de descrever tanto os vídeos quanto os usuários, cálculo cujas variáveis e seus pesos não são revelados pela plataforma. Entre alguns elementos que o artigo deu pistas de serem fortes indícios para a pontuação dos vídeos estão o tempo de visualização, o nível de interação dele comparado com conteúdos de mesma temática e o contexto do canal que o postou. Ou seja, a probabilidade de um vídeo ser indicado para uma determinada pessoa é maior se as pessoas que os algoritmos da plataforma consideram parecidas com ela assistirem a esse vídeo na íntegra e interagirem muito com o canal do qual a postagem é parte, por exemplo. Apenas os vídeos com *scores* mais altos serão exibidos na lista de dezenas de recomendações para as pessoas.

Neste sentido, Covington, Adams e Sargin (2016) afirmam que um dos problemas em oferecer, dentro de um corpus de milhões de possibilidades, uma pequena fração visível de

¹⁴⁶ Tradução para: If user A is similar to user B, and user B likes video 1, then the system can recommend video 1 to user A (even if user A hasn't seen any videos similar to video 1). Fonte: <https://developers.google.com/machine-learning/recommendation/overview/candidate-generation>

conteúdo personalizado e atraente (em inglês, eles escrevem *engaging*) ocorre porque as pessoas tendem a gostar de vídeos novos. Os autores não apontam o motivo de afirmarem a preferência por conteúdos recentes. Uma das possíveis razões deve-se ao fato de, em 2012, após observar uma queda significativa do número de vídeos visualizados, a plataforma mudou a forma de suas recomendações algorítmicas. Ao invés de recomendar vídeos com grande número de cliques, o *YouTube* passou a privilegiar vídeos que apresentavam maior tempo de visualização para o direcionamento dos conteúdos¹⁴⁷.

Classificar os vídeos pelo número de cliques tende a privilegiar postagens mais antigas, mas essa mudança alterou também o objetivo do direcionamento. As recomendações deixaram de prever a probabilidade de uma pessoa clicar ou não em um conteúdo para privilegiar o tempo presumido que gastariam assistindo a determinados vídeos. Assim, postagens com muitos cliques perderam a precedência do direcionamento para aquelas que apresentam maior tempo de exibição. O número de vídeos assistidos não mudou muito, mas o tempo gasto pelas pessoas na plataforma apresentou um aumento de 50% a cada ano¹⁴⁸.

No artigo, ainda, os engenheiros argumentam que embora existam formas explícitas para avaliar a possibilidade de um vídeo ser de interesse para um determinado perfil de usuário - como curtidas e descurtidas e pesquisas de mercado - este tipo de informação é geralmente esparso. E, mais, para calcular o tempo presumido de visualização de um vídeo novo para uma pessoa específica ou para um grupo de pessoas com perfis semelhantes, estas informações seriam menos importantes que informações implícitas do comportamento progresso delas (Covington, Adams e Sargin, 2016, p.3).

A mudança do sistema do *YouTube* não foi um caso isolado. Está relacionada ao abandono, por parte das pessoas responsáveis pelas criações de mecanismos de recomendação, da suposição de que uma usuária está sempre interessada nos itens com maior e melhor avaliação explícita. McNee, Riedl e Konstan (2006) afirmam que embora essa premissa seja verificável para sistemas de classificação, ela não apresenta resultados consideráveis em recomendadores. Os autores argumentam que a boa classificação de um item tende a revelar mais sobre o repertório e a relação progressa das pessoas com o conteúdo - se já o assistiu ou se escolheu deliberadamente

¹⁴⁷ <https://www.businessinsider.com/youtube-watch-time-vs-views-2015-7>

¹⁴⁸ <https://www.theverge.com/2017/8/30/16222850/youtube-google-brain-algorithm-video-recommendation-personalized-feed>

não o assistir, por exemplo - do que um indicativo que dê forma à ação futura¹⁴⁹. A precisão das previsões de avaliação é enxergada como insuficiente para o julgamento de satisfação das pessoas ao usarem sistemas de recomendação, que, segundo os autores, consiste na oferta de itens novos, que elas não pensariam ou escolheria por si só (idem, 2006).

Um outro problema deste método decorre da escassez da manifestação de informações explícitas em amostras com grande número de pessoas. Direcionar a recomendação pela expectativa da acuidade depende de um corolário: as pessoas precisam também manifestar as contraprovas de maneira explícita - como avaliar positivamente ou negativamente um conteúdo, por exemplo - para continuar produzindo os dados que alimentam esse tipo de classificação. Por si só, a predição de como as pessoas irão classificar um item contribui para aumentar a escassez de dados das populações existentes e dificulta a montagem de perfis de grandes populações (Oar; Kim, 1998). Não se mostrando viável, portanto, para um modelo de negócios cujas virtudes são a rapidez e a flexibilidade no processamento de grande número de dados pessoais, como o das plataformas.

A adoção de variáveis implícitas buscou suprir a lacuna de informações explícitas disponíveis. As plataformas passam a privilegiar a produção de métricas a partir da identificação de padrões observáveis da interação das pessoas com suas interfaces (idem, 1998). São percebidos como evidências dos juízos e preferências das pessoas, por exemplo, o tempo médio gasto em *posts* ou vídeos, a pausa em um vídeo, pular uma música recomendada ou um *story* etc. Os preceitos da economia comportamental subsidiam este paradigma ao atribuir que decisões e atitudes são definidas, majoritariamente, não por escolhas racionais e autorreflexivas, mas como fruto de vieses cognitivos (Kahneman, 2012), de modo que os sujeitos seriam "previsivelmente

¹⁴⁹ No artigo, os autores trazem um exemplo que ilustra bem seus argumentos: "(...) uma vez estávamos ajudando uma loja de música on-line com recomendações usando um algoritmo de filtragem colaborativa. A recomendação mais comum foi para o "*Álbum Branco*" dos Beatles. Do ponto de vista da precisão, essas recomendações eram certas: a maioria das pessoas gosta muito desse álbum. Da perspectiva da utilidade, porém, as recomendações foram um fracasso completo: toda pessoa já possuía o "*Álbum Branco*" ou optou especificamente por não possuí-lo. Mesmo tendo uma avaliação bem alta, as recomendações do "*Álbum Branco*" quase nunca foram seguidas pelas pessoas usuárias, porque as recomendações não agregavam quase nenhum valor". (McNee, Riedl e Konstan, 2006, p. 1100). No original em inglês: "(...) we once were helping an online music store with recommendations using a User-User Collaborative Filtering algorithm. The most common recommendation was for the Beatle's "*White Album*". From an accuracy perspective these recommendations were dead-on: most users like that album very much. From a usefulness perspective, though, the recommendations were a complete failure: every user either already owned the "*White Album*", or had specifically chosen not to own it. Even though it was highly ratable, "*White Album*" recommendations were almost never acted on by users, because they added almost no value".

irracionais" (Ariely, 2008). A condução das condutas e as estratégias para influenciar os indivíduos e populações voltam-se, então, para a criação de ambientes de captura. Empresas investem no design de interfaces e na organização da arquitetura da informação para a elaboração de um sistema adaptativo e flexível cujos algoritmos procuram capturar e analisar os dados na maior velocidade possível. A eficiência de um mecanismo de direcionamento de conteúdo passa, então, a ser medida pela capacidade em capturar a atenção e reter pelo máximo de tempo a pessoa conectada.

Ao apontar as diferenças entre um paradigma preditivo e um paradigma da “captura” (Bruno, Bentes, Faltay, 2019) em sistemas de recomendação, Nick Seaver (2018) realiza uma analogia com os estudos sobre as armadilhas para animais. Ao traçar esse paralelo, Seaver aponta para a emergência de uma virada captológica (*captological turn*) que implica não apenas uma mudança no funcionamento desses sistemas, mas também em um deslocamento de como são percebidos e operados a satisfação e o desejo das pessoas, ou ainda, as formas de produção de conhecimento sobre o sujeito e as estratégias de intervenção para persuasão e influência sobre o comportamento.

Foge do escopo uma análise mais detalhada da relação de continuidade e ruptura dos dois paradigmas¹⁵⁰, o que quero destacar aqui é como as formas de produção do conhecimento dos sujeitos nas mediações algorítmicas não mais miram em pessoas individualizadas e coerentes, mas voltam-se ao escrutínio do valor das relações entre as pessoas (Lury; Day, 2019) mensuradas e quantificadas por padrões de dados (Rouvroy e Berns, 2016).

4.2 O estilo paranoide dos algoritmos

Retomo, assim, a exaltação da identificação das relações adjacentes defendidas por McFadden e o artigo dos engenheiros do *YouTube*, para apontar como esses procedimentos de identificação de padrões estatísticos dentro das questões dos sistemas de recomendação podem apresentar características de uma “paranoia matemática” (Pasquinelli, 2015). Covington, Adams e Sargin (2016) afirmam que um dos problemas que enfrentam na elaboração do sistema de recomendação deve-se ao fato que as ferramentas de aprendizado por máquinas preveem ações futuras com base em comportamentos prévios, apresentando frequentemente vieses em relação às

¹⁵⁰ Ver Bruno, Bentes, Faltay, 2019.

novas postagens. Para contornar esse problema, afirmam, o treinamento inclui também vídeos incorporados em outros sites, ou seja, que não foram recomendados pelos algoritmos da plataforma e é considerada a possibilidade de injetar aleatoriedade no sistema.

Da problemática apontada por eles, poderia essa característica de recursividade dos algoritmos de recomendação dar forma a um estilo paranóide? A saber: como os teóricos da conspiração, essas ferramentas seriam boas em reconhecer padrões e regularidades, mas veriam sentido e significado onde há apenas indícios. Para McQuillan (2016), os sistemas algorítmicos são baseados em encontrar associações e conexões em dados aparentemente aleatórios. Com uma interpretação obscura em que não há margens para negociações externas ou contraprovas, e se alimentando privilegiadamente de dados anteriormente disponíveis ou de seus próprios resultados, o autor aponta que são mecanismos condicionados a encontrar padrões mesmo onde esses padrões não possuam significado direto ou sejam apenas coincidências.

Diante de uma enormidade de informações, segundo Pasquinelli (2017), a mediação algorítmica, a qual chama de *visão algorítmica*, é constituída pelos procedimentos de indução estática: o reconhecimento de padrões e de anomalias em dados passados, com a esperança de projetar essa capacidade em dados futuros. Segundo o autor (2015), esta visão algorítmica não é uma propriedade ótica, mas, antes, uma percepção geral da realidade por meio de correlações, dados digitais, modulações e cálculos.

Casos de preconceito ou discriminação algorítmicas, para o autor (2017), seriam, assim, exemplo da fixação da visão algorítmica em um padrão bastante específico, ou efeitos do problema de sobreajuste. Termo usado na estatística e na ciência da computação, em especial na aprendizagem de máquina, o sobreajuste designa o problema que ocorre quando um modelo apresenta uma precisão estatística muito ajustada a um conjunto de dados. Isso explicaria o fato que algoritmos treinados em dados que apresentem um viés racial, de gênero e de classe “irão refletir, amplificar e distorcer esse viés”. Por exemplo, “sistemas de reconhecimento facial que foram treinados em bancos de dados de rostos de pessoas brancas falharam miseravelmente em reconhecer os negros como seres humanos” (ibidem).

Um exemplo visual de sobreajuste pode ser encontrado no programa de visão computacional *Deep Dream* criado pela Google a partir do projeto *Inceptionism*. Destinado a aperfeiçoar o reconhecimento de imagens e baseados em modelos neurológicos humanos, o programa treinou os algoritmos de suas redes neurais para reconhecer padrões através da

repetição de certas características associadas a determinados objetos, como forma, tamanho e distância entre elementos. Cada rede, segundo os engenheiros da empresa, tem entre dez a trinta camadas destinadas a analisar um aspecto visual das imagens. Os pesquisadores, entretanto, afirmam que "embora sejam ferramentas muito úteis baseadas em métodos matemáticos bem conhecidos, na verdade, entendemos surpreendentemente pouco por que certos modelos funcionam e outros não"¹⁵¹ (Mordvintsev, et al., 2015). O projeto consistiu em um tipo de engenharia reversa para investigar o modo como as redes neurais reconheciam os padrões. Escrevem os engenheiros:

Uma maneira de visualizar o que acontece é virar a rede de cabeça para baixo e pedir para melhorar uma imagem de entrada de forma a obter uma interpretação específica. Digamos que você queria saber que tipo de imagem resultaria em "Banana". Comece com uma imagem cheia de ruído aleatório e depois ajuste gradualmente a imagem em direção ao que a rede neural considera uma banana (...). Por si só, isso não funciona muito bem, mas funciona se impomos uma restrição prévia de que a imagem deve ter estatísticas semelhantes às imagens naturais, como os pixels vizinhos que precisam ser correlacionados¹⁵² (idem, 2015).

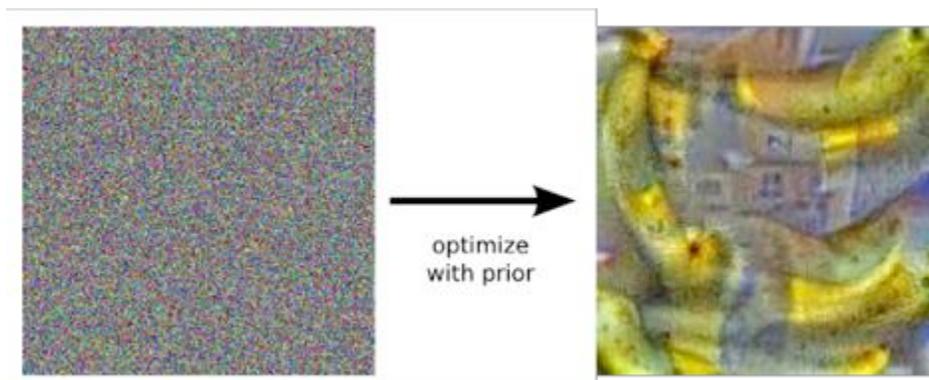


Figura 43: Exemplo de imagem gerada pelo código do *Inceptionism* que produziu figuras de bananas a partir do reconhecimento de padrões visuais em ruídos. Fonte: <https://ai.googleblog.com/2015/06/inceptionism-going-deeper-into-neural.html>

Ao colocar o código do programa para interpretar e modificar algumas imagens de acordo com as camadas de compreensão, o resultado foi a profusão de uma estética marcada pela

¹⁵¹ But even though these are very useful tools based on well-known mathematical methods, we actually understand surprisingly little of why certain models work and others don't.

¹⁵² One way to visualize what goes on is to turn the network upside down and ask it to enhance an input image in such a way as to elicit a particular interpretation. Say you want to know what sort of image would result in "Banana." Start with an image full of random noise, then gradually tweak the image towards what the neural net considers a banana (...). By itself, that doesn't work very well, but it does if we impose a prior constraint that the image should have similar statistics to natural images, such as neighboring pixels needing to be correlated. Fonte: <https://ai.googleblog.com/2015/06/inceptionism-going-deeper-into-neural.html>

apofenia, fenômeno cognitivo de enxergar padrões ou conexões em dados aleatórios. (Figuras 44 e 45). O termo foi cunhado em 1958 pelo neurologista e psiquiatra alemão Klaus Conrad¹⁵³ para descrever a segunda etapa de seu modelo que divide a experiência esquizofrênica em estágios. Anteriormente aos episódios de delírio há o estágio do *trema*, em que o paciente percebe-se imerso em uma atmosfera opressiva na qual intui que "algo está acontecendo", mas não consegue elaborar sentido (Mishara, 2010). As sensações associadas a este estágio são a suspeição generalizada, alienação, medo, mas também uma excitação antecipatória.

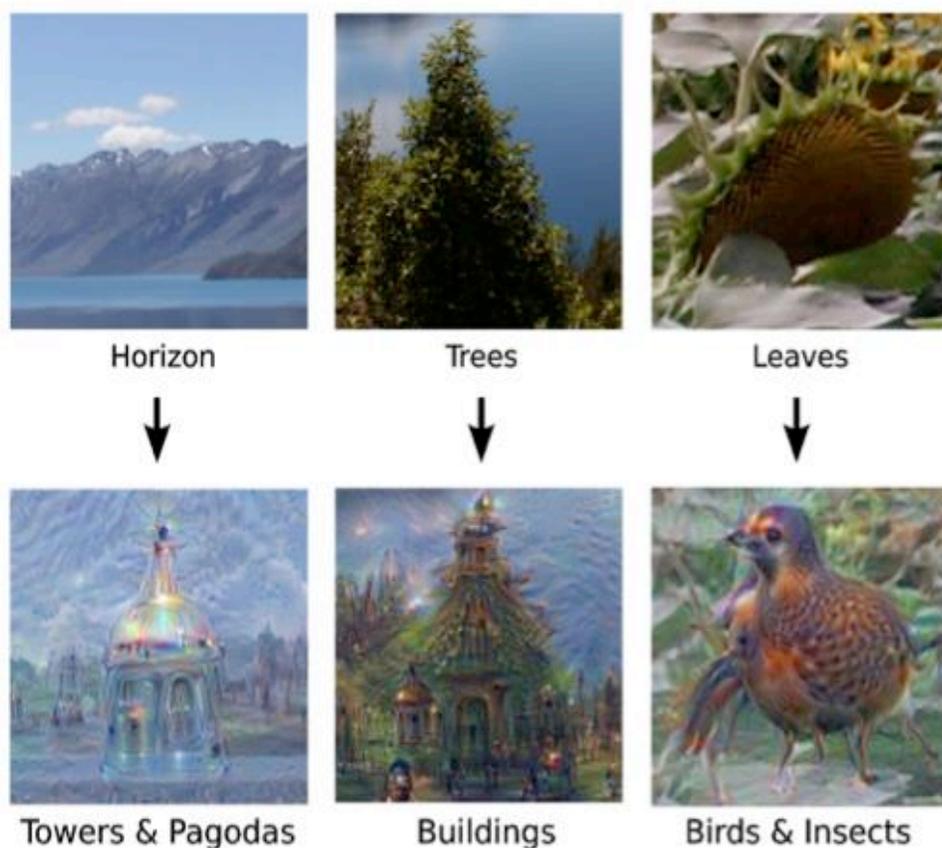


Figura 44: Imagens interpretadas e modificadas pelo *Deep Dream* de acordo com os padrões de reconhecimento dos algoritmos. Fonte: *Inceptionism: Going deeper into Neural Networks* https://photos.google.com/share/AF1QipPX0SCI7OzWilt9LnuQliattX4OUCj_8EP65_cTVnBmS1jnYgsGQAieQUc1VQWdgQ?key=aVBxWjhwSzg2RjJWLWRuVFBBZEN1d205bUdEMnhB

¹⁵³ Necessário apontar que Conrad foi filiado ao Partido Nazista e fez parte de um grupo de psiquiatras que defendia o caráter genético e hereditário da manifestação de tendências psicóticas. Ver: WEISS, Sheila. **The Nazi Symbiosis: Human Genetics and Politics in the Third Reich**. Chicago: University of Chicago Press, 2010; e JAY, Joseph. **The Gene Illusion: Genetic Research in Psychiatry and Psychology Under the Microscope**. New York: Algora, 2004.



Figura 45: *O grito* (Edvard Munch, 1893) modificado pelo *Deep Dream* com algoritmos treinados a reconhecer rostos de animais Fonte: *Inceptionism: Going deeper into Neural Networks* https://photos.google.com/share/AF1QipPXX0SCI7OzWilt9LnuQliattX4OUCj_8EP65_cTVnBmS1jnYgsGQAieQUc1VQWdgQ?key=aVBxWjhwSzg2RjJWLWRuVFBBZEN1d205bUdEMnhB

Interessante aqui na aproximação da percepção paranoide com os sistemas de recomendação é como Conrad descreve a situação atencional dos pacientes nesse estágio. Segundo Mishara (2010), o foco dos pacientes volta-se para estímulos irrelevantes e para pensamentos e conexões associativas imprevisíveis e perturbadoras, de modo que aspectos normalmente despercebidos do ambiente perceptivo "adquirem características inteiramente novas. Tudo que encontra-se na periferia atencional de alguém, o que está por trás, ou que não faz parte do atual foco temático"¹⁵⁴ (Conrad, 1958 *apud* Mishara, 2010) ganha predominância e

¹⁵⁴ The perceptual background acquires entirely new characteristics. Everything that lies in the periphery to one's attention, what is behind, or not part of the current thematic focus".

se espalha por todo o campo perceptivo. Ainda, segundo Conrad, o que ainda não é percebido adquire relevância antes mesmo da pessoa orientar o seu foco de atenção e produzir sentido. No modelo de Conrad, a apofenia é o estágio posterior. Há a transformação da angústia delirante em uma elaboração ilusória de significado por meio da conexão entre significados aparentemente não relacionados. A pessoa deslocaria a referência da realidade para si, em um "processo de experimentar repetidamente e monotonamente significados anormais em todo o campo experimental circundante"¹⁵⁵ (Conrad, 1958 *apud* Mishara, 2010).

Como o delírio sistematizado, com alto grau de coerência, clareza e organização, característica que marca a paranoia na psiquiatria clínica (Kraepelin, 1904; Dunker, 2003), o sobreajuste e a apofenia são exemplos dos limites que fazem as mediações algorítmicas “girar paranoicamente em torno de padrões estabelecidos, ao invés de ajudar a revelar novas correlações” (Pasquinelli, 2017). Os pesquisadores da Google relatam que a importância do experimento se deu pela descoberta que redes neurais treinadas para discriminar entre diferentes tipos de imagens possuem informações suficientes para também gerar suas próprias imagens. E isso é relevante porque as redes são treinadas, segundo Mordvintsev, et al., (2015, grifo meu), "simplesmente mostrando a elas muitos exemplos do que queremos que eles aprendam, esperando que eles extraíam a *essência* do assunto em questão (por exemplo, um garfo precisa de uma alça e de dois a quatro dentes) e aprenda a ignorar o que não importa (um garfo pode ter qualquer forma, tamanho, cor ou inclinação)"¹⁵⁶.

McQuillan (2017) aponta que o neoplatonismo maquínico da ciência dos dados intenta revelar "uma ordem matemática oculta no mundo que é superior à nossa experiência direta", de modo que, por exceder à capacidade de compreensão humana, seus ordenamentos e organizações a permitem ser mais convincente que os resultados efetivos que produz. A infinidade de correlações que podem potencialmente ser encontradas também traz, afinal, questões fundamentais sobre causalidade e ferramentas de verificação, já que “as correlações denotam uma probabilidade de que as coisas terão o mesmo resultado no futuro. O que elas não revelam é porque este deve ser o caso” (Hildebrand, 2008, p.40). Se quase tudo pode ser mostrado como

¹⁵⁵ process of repetitively and monotonously experiencing abnormal meanings in the entire surrounding experiential field

¹⁵⁶ Livre tradução para: "(...) by simply showing them many examples of what we want them to learn, hoping they extract the essence of the matter at hand (e.g., a fork needs a handle and 2-4 tines), and learn to ignore what doesn't matter (a fork can be any shape, size, color or orientation)".

real, ou melhor, se quase qualquer correlação pode ser identificada em meio ao caos, como sabemos o que de fato importa ou o que é verdade? (Chun, 2018).

Os conspiracionistas suspeitam que há intencionalidades onde outras pessoas enxergam coincidência e contingência, já as máquinas em seus sonhos profundos criam padrões a partir de ruídos informacionais, de modo que ambos detectam uma estrutura onde outros veem caos, encontram significados onde outros não os percebem (Melley, 2000, p. 8). Assim, como a crença em teorias da conspiração reflete um método sistemático de processamento de informação que enseja uma visão de mundo geral capaz de explicar os eventos, uma outra aproximação que podemos fazer entre sistemas de recomendação e teorias da conspiração é sua pretensão de serem irrefutáveis. São métodos de organização da realidade em que erros e lacunas não significam equívocos e falhas e, portanto, a necessidade de abandono ou revisão das perspectivas interpretativas, mas elementos indiciários que reforçam a aplicabilidade de suas perspectivas. No caso das conspirações, estas incoerências são percebidas como indicativos da intencionalidade de complôs ocultos que agem para mascarar a suposta verdade por detrás de um evento. Enquanto nos sistemas de recomendação, imprecisões são outros conjuntos de dados que podem alimentar tanto os processos indutivos que extraem padrões e regras de correlação entre elementos (Bruno, 2013, p.58), como também as experimentações criadas para calibrar as metodologias (Pasquinelli, 2015), como no *Inceptionism*.

Entretanto, a diferença entre os porta-vozes paranoídes e os sistemas algorítmicos é que a expressividade estilística dos primeiros está na construção narrativa de sentido, enquanto os últimos a apresenta em suas conclusões provisórias. A ironia do experimento da *Google*, é que "em uma façanha genial, o *Inceptionism* consegue visualizar o inconsciente das redes de *prosumer*: imagens vigiando os usuários, registrando constantemente seus movimentos oculares, comportamentos, preferências"¹⁵⁷ (Steyerl, 2016). As redes neurais se superidentificam com o próprio conjunto de treinamento delas, se tornam paranóicas e, assim, oferecem uma visão do seu funcionamento interno (Apprich, 2018). Os algoritmos, ao tentar filtrar informações inteligíveis das enxurrada de informações produzidas digitalmente, simplesmente reproduzem o imaginário com o qual foram alimentados. Steyerl (2016, p.14) pergunta: "os padrões 'reconhecidos' no atual

¹⁵⁷ Livre tradução para: "In a feat of genius, inceptionism manages to visualize the unconscious of prosumer networks: images surveilling users, constantly registering their eye movements, behavior, preferences".

mar de dados são apenas superstições sem sentido? A apofenia é uma forma atualizada de adivinhação?"¹⁵⁸.

A mediação algorítmica, baseada em conhecimento estatístico, criam perfis que não apenas prescrevem e prometem prever o futuro, mas também fundamentam estratégias de intervenção em tempo quase real para influenciar e modular os comportamentos e os ambientes digitais (Rouvroy e Berns, 2016). Reduzem, assim, "a relativa indeterminação do futuro a (...) uma sequência computacional" (Reigeluth, 2014) e, assim, ajudam a fabricar o futuro e como o futuro deve ser a partir das suas intervenções.

De fato, para identificar algo, primeiro os sistemas algorítmicos precisam aprender o que reconhecer. O experimento da Google mostra que mesmo onde não há nada representado ou escondido a ser identificado, os algoritmos começam a "ver" o que haviam sido treinados a enxergar anteriormente. Segundo Steyerl (2018), "em um loop bastante previsível, eles acabam 'reconhecendo' as coisas que foram ensinadas". A Google chamou esse modo de produção de imagens de *sonho profundo*, "mas, em um sentido muito materialista, essas entidades estão longe de ser alucinações. Se são sonhos, esses sonhos podem ser interpretados como condensações ou deslocamentos da disposição tecnológica atual"¹⁵⁹ (idem, p. 9).

O estilo paranoide dos algoritmos posiciona o debate sobre como as aplicações das ciências dos dados e seus métodos para informar estratégias de previsão de personalidades e de intervenção nos comportamentos também apresentam perigosas tendências em elaborar sentido identificando padrões de regularidade onde há apenas ruído. É importante ressaltar, assim, como a operacionalidade das estratégias em torno do sujeito influenciável se fundamenta nas possibilidades de *dataficação* do mundo e no monitoramento intermitente do comportamento das pessoas nas plataformas. Mais do que debater a validade científica de tais procedimentos, como já dito, interessa perceber como esse recurso circular de regressão estatística pode extrapolar para práticas sociais e modos de subjetivação. A modularidade dos sujeitos não precisa ser uma radiografia precisa dos corpos e psiquês humanas para ter efeitos e impactos. Ou seja, assim como a questão principal sobre teorias da conspiração não é tanto se são verdadeiras ou falsas,

¹⁵⁸ Livre tradução para: "Are the patterns "recognized" in the sea of data today just superstitious mumbo- jumbo? Is apophenia an updated form of divination?"

¹⁵⁹ Livre tradução para: "(...) in a quite predictable loop they end up "recognizing" the things they were taught"; "(...) in a very materialist sense, these entities are far from hallucinations. If they are dreams, those dreams can be interpreted as condensations or displacements of the current technological disposition."

não devemos tratar os modelos epistemológicos de sujeito que são operados pelas plataformas como boa ou má ciência, mas a partir do que produzem.

Assentadas na suposta objetividade e neutralidade dos modelos de análise maquínicos, em suas conexões de dados e informações tênues, inacessíveis e incomensuráveis à apreensão humana, a legitimidade dos processos de mediações algorítmicas se fundamenta na pretensão de desenvolver uma nova forma de ordenamento e governo da vida social e individual. Mais, trazem resultados acionáveis que, pela flexibilidade nos usos e velocidade das aplicações, são especialmente sedutores para contextos em que o risco ou o lucro estão em jogo. Conforme aponta Mbembe (2014, p.13), a dataficação da realidade se conjuga com uma racionalidade neoliberal que quantifica o mundo para atribuir a essas ordens de grandezas um valor de mercado. As plataformas, em seus sistemas de captura e monitoramento, transformam todas as ações, interações e transações em dados que são tratados e trocados como commodities, com o objetivo de financeirizar todos os aspectos da vida social (Harvey, 2015).

A propagada “inteligência” dessas tecnologias coincide com a invisibilidade e opacidade de seus mecanismos. Como mostra o *Inceptionism*, devido à incomensurabilidade da escala de informações que trabalham, as classificações dos algoritmos preditivos podem extrapolar as razões pelas quais foram criados e treinados, em um reforço do caráter recursivo do *machine learning*. Aqui não quero repetir que os algoritmos são muito complexos e que seus efeitos não podem ser entendidos ou postos em deliberação, mas também não cair na armadilha de que tornar todos os procedimentos transparentes ou auditáveis seja a solução dos problemas¹⁶⁰. O’Neal (2015), argumenta que a questão está menos em demandar acuidade de decisões, mas perguntar a que racionalidade ou objetivos o uso de métodos automatizados e quantificados obedece. Ao utilizar como exemplos casos de concessão ou recusa de crédito e de serviços de seguridade, como planos de saúde e financiamento estudantil, ela afirma: “os principais objetivos do credor são dados precisos e lucro. O objetivo do público é ter um sistema financeiro que não exacerba as desigualdades atuais ou coloque pessoas em espirais de dívida”¹⁶¹.

Os fluxos sem precedentes em volume e quantidade de dados coletados constantemente fornecem a base comercial de um recente setor que tenta prever e moldar o comportamento das pessoas e, como conseqüência, redefinir nossa compreensão de pertencimento, visibilidade e

¹⁶⁰ ver capítulo anterior.

¹⁶¹ Livre tradução para: “The lender's main goals are accurate data and profit. The public's goal is to have a financial system that does not exacerbate current inequalities or send people into debt spirals”.

participação. Uma forma de análise cujos métodos e discursos sobre a personalidade e o comportamento individual e coletivo não interpreta o passado, mas, orientada por cálculos e previsões, se concentra em especular sobre o futuro. A ciência dos dados e seus intérpretes, majoritariamente, informam que suas conclusões provisórias são projeções probabilísticas e não explicações causais. Entretanto, essa é uma importante observação que é ignorada frequentemente - e convenientemente. Conforme Steyerl (2016):

Na prática, você se torna coextensiva com a constelação de dados que você projeta. As pontuações sociais de todos os tipos - notas de crédito, pontuações acadêmicas, níveis de ameaças - bem como monitoramentos comerciais e militares dos padrões de vida afetam a vida real de pessoas reais, reformatando e radicalizando hierarquias sociais por meio de ranqueamentos, filtragens e classificações¹⁶².

O argumento aqui em apontar a dimensão retórica da eficácia das estratégias que se alimentam de dados digitais para influenciar o comportamento tem como objetivo reconsiderar da ciência dos dados e de suas aplicações como proposições e declarações políticas que precisam ser deliberadas e examinadas. No entanto, a ciência de dados não é simplesmente "construtivismo social por meios computacionais. É um processo material que participa da produção social" (Mcquillan, 2017, p. 10). A questão que se impõe: quando nossos regimes de organização política, conhecimento social e experiências subjetivas são sancionados e promovidos por uma autoridade legitimada pela objetividade numérica, quais modos de sociabilidade e subjetivação podem surgir dos regimes regressivos de mediações paranoides da realidade?

Para o capitalismo alimentado por dados, o sujeito influenciável é uma "verdadeira santidade epistemológica", como diz Foucault (2002, p. 205) sobre as históricas de Charcot, nas quais em suas "sugestibilidade mórbida", tudo se desdobra entre quem conhece e quem é conhecido. Dito de modo irônico, as plataformas, assim como Charcot, produzem efetivamente o que identificam¹⁶³. O debate sobre os mundos que podem ser construídos por redes algorítmicas vai além de questões pontuais das plataformas ou de características cognitivas e comportamentais

¹⁶² Livre tradução para: "In practice you become coextensive with the data-constellation you project. Social scores of all different kinds—credit scores, academic scores, threat scores—as well as commercial and military pattern-of-life observations impact the real lives of real people, both reformatting and radicalizing social hierarchies by ranking, filtering, and classifying".

¹⁶³ Sobre o tema ver: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. Mais especificamente sobre a relação entre os discursos sobre a histeria e sistemas automatizados de reconhecimento de emoções e sentimentos, ver VEN, Ruben van de. Choose How you Feel; you Have seven Options. **Institute of network cultures**, jan. 2017. Disponível em: <http://networkcultures.org/longform/2017/01/25/choose-how-you-feel-you-have-seven-options/>.

de indivíduos, é preciso endereçar o problema focando as bases teóricas de produção de entendimento dos sujeitos e para quais fins elas são mobilizadas.

Ainda, o que a característica aparência das mediações algorítmicas pode nos revelar sobre possíveis efeitos regressivos nos modos de socialidade e subjetivação em uma infraestrutura informacional que torna a vida apartada das ferramentas e serviços das grandes empresas de tecnologia uma tarefa quase impossível? A indicação que seguirei no próximo tópico é de que a percepção paranoide se desenvolve como tentativas de organização e negociação de sentido frente às fragmentadas e, potencialmente regressivas, mediações algorítmicas. Como escreve Deleuze (2005), a partir da obra de Foucault, o poder não é atributo, mas relação:

[...] a relação de poder é um conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta. (Deleuze, 2005, p. 37).

A apofenia para Bratton (2013) não é falha e nem virtude perceptiva ou imaginativa, mas uma habilidade inevitável diante das mediações tecnológicas e de suas consequências apenas parcialmente decifráveis. "Se a paranoia era uma narrativa padrão da Guerra Fria", escreve Steyerl (2018), "a apofenia acontece quando a narrativa se desintegra e a causalidade deve ser reconhecida - ou inventada - em meio a uma cacofonia de *spam*, informações distorcidas, conteúdos mentirosos e tagarelice em dispositivos tecnológicos"¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Livre tradução para: "If paranoia was a standard Cold War narrative, apophenia happens when narrative breaks down and causality has to be recognized—or invented— across a cacophony of spam, spin, fake, and gadget chatter".

5. Subjetividades paranoides

Adivinhe quantas vezes eu recebi um anúncio do YouTube para medicamentos para esquizofrenia?

Aconteceu quatro vezes quando eu estava no trabalho. Sim, acabei de reproduzir um vídeo do YouTube.

(...) vocês sabem como são os anúncios, como eles funcionam com algoritmos e outras coisas, eles são baseados em onde você mora e no que você está dizendo. E tem essas pessoas que acreditam que eles são baseadas também no que você está pensando.

(...) Quero dizer, é tudo horripilante, mesmo que seja baseado apenas nas coisas que você está dizendo em voz alta. Captam certas palavras-chave ou palavras que demonstram interesses e então cospem de volta na forma de anúncios. Sim, é simplesmente horrível.

(...) eu recebi quatro anúncios separados para medicamentos para esquizofrenia hoje.

(...) simplesmente não há fim para o gaslighting. É engraçado como eles empurram você a se sentir de uma certa maneira quando você está na comunidade da verdade ou na comunidade do Efeito Mandela, especificamente, ou na comunidade TI. Você sabe que começará a receber anúncios para um remédio antipsicótico¹⁶⁵.

O depoimento acima está em um vídeo da cartografia aqui criada, sendo um dos mais ilustrativos sobre a percepção dos TIs acerca do funcionamento dos sistemas de recomendação de anúncios tanto pela literalidade, quanto por demonstrar que a interpretação do grupo não pode apenas ser encapsulada como delirante. Comunica também como a popularização da palavra *algoritmo* passou a traduzir os processos de coleta, processamento e análise de dados pelas plataformas. Em outras palavras, dúvidas em tons paranoides sobre o funcionamento dos sistemas de recomendação não podem ser considerados simplesmente delírios, surgidos no imaginário de um indivíduo, mas também demonstram como as pessoas percebem, observam e interpretam a participação da vigilância intermitente do comportamento e os processos automatizados como mecanismos centrais nas suas práticas midiáticas.

Conforme Gillespie (2016, p. 69), quando as pessoas sabem que estão sendo observadas, elas se comportam de maneiras específicas, ajustando taticamente seus modos de agir e de ser,

¹⁶⁵ Transcrição e tradução para: "(...) guess how many times I got a YouTube advertisement for schizophrenia medication? It was all of four times right when I was at work. yes, I just play YouTube video. (...) you know how the advertisements are all like they work on algorithms and stuff and they are based on where you're living and what you're saying. And some people even think they're based on what you're thinking. (...) I mean it's all horrifying even if it's solely based on on things you're saying out loud. It's picking up certain trigger words or words of interest and then you know spitting them out back at you in the form of advertisements. yeah it's just horrifying. (...) I got four separate advertisements for schizophrenia drugs today. (...) there's just no end to the gaslighting, it's just funny how they (...) push you to feel a certain way when you're in the truth community or the Mandela affect communities specifically or the TI community. you know you're gonna start getting advertisements for like anti-psychotic medic".

"quando as intervenções algorítmicas são públicas, senão no funcionamento, mas em seus resultados, elas também são observadas, levadas em consideração e contestadas estrategicamente" ¹⁶⁶. Ou seja, o desempenho do "algoritmo" não se relaciona apenas às sequências de instruções e regras matemáticas ou no reconhecimento de padrões (Introna, 2016), mas está também inscrito no que Bucher (2016) chama de "imaginários algorítmicos". A autora cunha esse termo para nomear as maneiras pelas quais os algoritmos são articulados, experienciados e contestados em domínio público e como indivíduos podem se sentir desconfortáveis, recompensados ou surpresos com os conteúdos que lhe são ofertados e com os modos pelos quais são categorizados.

A pergunta que guiava o capítulo anterior questionava como os algoritmos percebem os sujeitos. Neste, o interesse se volta para como, por consequência, essa visada algorítmica influencia na percepção que as pessoas têm de si nos encontros com as redes algorítmicas. Retomando o vídeo sobre a atuação da *Cambridge Analytica*, o narrador se perguntava "*como podemos ser autênticos para nós mesmos quando é isso que volta do que divulgamos?*", em referência ao pressuposto de que o conteúdo direcionado aos perfis é definido pelo monitoramento do comportamento pregresso das pessoas. Neste capítulo, focando em modos de subjetivação paranoide, as questões a serem debatidas levam em conta as tensões entre os procedimentos de como os algoritmos nos interpretam e como eles "entregam" de volta um conteúdo personalizado em perfis de redes sociais que inscrevem como reflexos das próprias pessoas.

Como discutido no capítulo anterior, o exame dos algoritmos mira menos a produção de conhecimento aprofundado do indivíduo, do sujeito unificado, e mais os traços psíquicos e de informações subjetivas que não são mais unificados no 'eu', não tem mais o sujeito individuado como referente. A compilação de dados de populações constroem "tipos" pela identificação de padrões relacionais entre as pessoas, nos quais os indivíduos são sempre "mais e menos do que um" (Lury e Day, p. 15). A autonomia individual aqui não é posta em *ameaça*, ao tomarmos a percepção dos *TIs* da tecnologia como algo que *ataca*, como uma intrusão externa no íntimo dos sujeitos. Antes, mas no ofuscamento da distinção entre categorias de vida offline e online, ou

¹⁶⁶ Livre tradução para: "(...) when algorithmic interventions are also public, in their outputs if not their workings, then they too are observed, taken into account, and strategically contested".

seja, da constituição da imagem de si entre a integridade e unidade corporal e os modos de subjetivação personalizados.

Convoco neste capítulo o dispositivo da confissão como um dos modos centrais pelos quais os sujeitos se inserem em circuitos de revelação de si para outros em redes algorítmicas. Este tipo específico de confissão - automática e motivada por escolhas deliberadas, permanente e pública – se fundamenta no chamado à participação e à conexão. A revelação de mais informações sobre si é recompensada em termos de maior comodidade e de precisão ou relevância acerca dos desejos, aspirações e das possibilidades de maior conexão em redes. Uma forma relacional de capital que concede vantagens a quem investe em melhores associações. Um desejo de exteriorização do eu (Sibilia, 2016) que opera o intermitente monitoramento de si engendrado pelas mediações algorítmicas não apenas como um dispositivo de controle, mas também de visibilidade, pertencimento e reconhecimento. Ainda, assim, uma alteridade que

Os modos de subjetivação paranoide ante a percepção de influenciabilidade dos sujeitos em redes algorítmicas pode ser definido como uma produção de sentido frente à desorientação política e subjetiva dos meandros e assimetrias de uma cultura da participação que toma as métricas das plataformas como modos de mediação e valoração dos sujeitos em duas escalas: o caráter fragmentado, divisível e parcial da dimensão vestigial dos dados e a dimensão declarativa dos discursos. As redes algorítmicas não são apenas processos computacionais abstratos; eles também têm o poder de encenar realidades materiais moldando a vida social e subjetiva em vários graus, "o que as pessoas experimentam não é a receita matemática como tal, mas sim os humores, afetos e sensações que o algoritmo ajuda a gerar"¹⁶⁷ (Bucher, p. 32). Neste sentido, a discussão que se desenvolve aqui procura mostrar como a percepção de influenciabilidade dos sujeitos apresentam tendências a fomentar subjetividades com características paranoides através da instabilidade das fronteiras do eu, da construção recursiva de si e de uma mediação social privada e parcial que é tomada como toda a realidade.

5.1 Paranoia tecnológica entre individualidades e dividualidades

¹⁶⁷ what people experience is not the mathematical recipe as such but, rather, the moods, affects and sensations that the algorithm helps to generate

Segundo Fredric Jameson em seu texto sobre a pós-modernidade (1991), os complexos dispositivos tecnológicos são o "logotipo cultural ou código preferencial" nas narrativas do pós-guerra fria que empregam a teoria da conspiração e a "paranóia de alta tecnologia" como representações importantes das redes capitalistas globais. Jameson se equilibra entre as duas formas de abordagens sobre teorias da conspiração que apontei anteriormente: ora pende para a defesa do caráter produtivo das teorias da conspiração, as apontando como articulações de sentido para sentimentos de ansiedade, confusão e desordem do "capitalismo tardio", ora apontando como "uma tentativa degradada - através da figuração de tecnologia avançada - de pensar a totalidade impossível do sistema mundial contemporâneo"¹⁶⁸ (idem, p. 36). De acordo com o autor, nestas narrativas, a tecnologia se apresenta como projeções da debilidade do indivíduo diante de "circuitos e redes de um suposto arranjo global de computadores", agentes de informação tão "mortíferos quanto autônomos que, ao mesmo tempo, competem e são ligados entre si, de uma maneira que extrapola em muito a capacidade de entendimento de uma mente média"¹⁶⁹ (ibidem).

As simplificações excessivas, "degradadas", das redes de poder nestas narrativas seriam, portanto, decorrentes da incomensurabilidade dos objetos que elas pretendem figurativamente dar a ver. Interessante notar que ao voltar ao tema em *The geopolitical aesthetic* (1995), Jameson substitui o adjetivo pejorativo. Logo na introdução do texto, escreve que alguns dos objetos do corpus fílmico que analisa apresentam: "a figuração da conspiração como uma tentativa - 'inconsciente' (...) - para pensar um sistema tão vasto que não pode ser abrangido nas categorias da percepção desenvolvidas natural e historicamente, com as quais os seres humanos normalmente se orientam"¹⁷⁰ (Jameson, 1995, p. 1-2, grifo meu). Não fica muito evidente o uso pontual de "inconsciente" por parte do autor, ele ainda trata as representações conspiratórias

¹⁶⁸ Livre tradução para: "(...) must be seen as a degraded attempt -through the figuration of advanced technology -- to think the impossible totality of the contemporary world system".

¹⁶⁹ Livre tradução para: "(...) degraded attempt -through the figuration of advanced technology -- to think the impossible totality of the contemporary world system" (...) "circuits and networks of some putative global computer hookup" (...) "of autonomous but deadly interlocking and competing information agencies in a complexity often beyond the capacity of the normal reading mind".

¹⁷⁰ Livre tradução para: "(...) the figuration of conspiracy as an attempt - 'unconscious' (...) - to think a system so vast that it cannot be encompassed by the natural and historically developed categories of perception with which human beings normally orient themselves".

como em sua maior parte inconscientes pois "apenas nesse nível mais profundo de nossa fantasia coletiva que pensamos sobre o sistema social o tempo todo"¹⁷¹ (p. 9).

Neste sentido, há indicativos na sua proposição de inconsciente político dos textos (1992), em que defende uma hermenêutica que resgata ou exponha a interpretação política subjacente aos textos. O ponto fundamental da sua hipótese continua o mesmo. As narrativas conspiratórias e suas representações globalizantes apresentariam o dilema do cruzamento de duas ordens incompatíveis de incomensurabilidade: o sujeito individual que se vê emaranhado em uma organização social totalizante e oculta (1995, p. 33). Diante do que ele coloca como "paralisia generalizada do imaginário coletivo ou social", os discursos conspiratórios costumam uma rede potencialmente infinita, com a justificativa plausível da invisibilidade de seus atores. Assim, não importaria tanto a confirmação e verossimilhança das hipóteses aventadas, mas a intenção da explicação, já que representar a dinâmica social como um todo é uma forma necessariamente "protocognitiva" (idem, p. 36).

Da análise de Jameson destaco dois pontos. O primeiro é sua forma de enquadrar as teorias conspiratórias – "degradadas", "protocognitivas" ou fantasias inconscientes - me parece redutora. Na sua crítica à pós-modernidade ou capitalismo tardio, o autor também não escapa do generalismo das relações de poder político e econômico em categorias como "sistema", "totalidade social", em um excesso de determinismo. Afinal, seria possível uma interpretação não degradada ou não fantasiosa das relações de poder que são em si entendidas como uma totalidade? Não cabe desconsiderar as assimetrias de poder e os interesses políticos e econômicos específicos que influenciam o comportamento e a conduta, orientam os modos de ser e de produzir sentido, ao contrário, mas por quê tratar delas como uma totalidade? Conforme aponta Knight (2002, p. 60), nas narrativas conspiratórias, a trama é usualmente percebida como um sistema estruturado que ameaça a individualidade ou é mesmo antitética ao individualismo, um entendimento que tem um encadeamento lógico: "se a conspiração começa com a autorrepressão (do indivíduo), então a teoria da conspiração - a apreensão da conspiração por aqueles que não

¹⁷¹ Livre tradução para: "(...) it is only at that deeper level of our collective fantasy that we think about the social system all the time".

estão envolvidos nela - começa com uma tentativa de defender a integridade do eu contra a ordem social"¹⁷².

Por sua vez, esta totalidade do cenário tecnopolítico, se a tomarmos como a soma das relações sociais, não é percebida como uma ausência. Conforme apontei no capítulo 4, narrativas contemporâneas a imaginam como uma violação do corpo, como uma forma de implantar, literalmente, a ordem social no íntimo dos sujeitos (Santner, 1997; Melley, 2000). Segundo Steyerl (2018), no cenário tecnopolítico contemporâneo, esta "totalidade" surge na forma de "caminhões com cargas oceânicas de dados", em que as relações sociais são "destiladas como metadados de contato, gráficos relacionais, mapas de disseminação de infecções ou apenas um monte de notícias falsas"¹⁷³.

O segundo ponto que destaco é a pista da incomensurabilidade. Dialoga e dá boas indicações tanto sobre os instrumentos tecnológicos que os *TIs* atribuem enquanto causadores do sofrimento, como também com os imaginários algorítmicos (Bucher, 2016) que envolvem os sistemas de recomendação das plataformas. Esse aspecto encontra bastante ressonância, ainda, com a hipótese aqui lançada e com as ilustrações modernas trabalhadas anteriormente. Porém, a percepção de que a causa dessa defesa da integridade do sujeito seria algo da ordem da totalidade é endossar justamente uma concepção substancialista de agência e de poder, como se as duas dimensões fossem de posse ou dos sujeitos ou do "sistema".

Como discutido no capítulo anterior, a direção da visada dos algoritmos mira menos a produção de conhecimento aprofundado do indivíduo, do sujeito unificado, e mais os traços psíquicos e de informações subjetivas que "não são mais unificados no 'eu', não tem mais o sujeito individuado como referente. Inteligência, afetos, sensações, cognição, memória, força física são agora componentes cuja síntese não reside mais na pessoa, mas, sim, no agenciamento ou no processo (empresa, mídia, serviços públicos, educação escolar etc)" (Lazzarato, 2014, p.30). O conhecimento a partir do reconhecimento de padrões de parcelas da personalidade de uma gama enorme de perfis, "concatena as partes em vez de isolá-las e unificá-las" (Raunig, 2016, p.23), com o objetivo de fazer previsões acerca do comportamento em larga escala, não

¹⁷² Livre tradução para: "(...) if conspiracy begins with self-repression, then conspiracy theory - the apprehension of conspiracy by those *not* involved in it - begins with individual self-protection, with an attempt to defend the integrity of the self against the social order".

¹⁷³ Livre tradução para: "(...) distilled as contact metadata, relational graphs, infection-spread maps, or just a heap of fake news".

tendo como referência majoritária a dimensão da individualidade, mas da dividualidade (Deleuze, 1992; Bruno, 2013; Rodriguez, 2015):

O alvo não é mais o indivíduo, o conteúdo de seu discurso, a ideologia de sua ação. O velho sujeito atrelado à forma jurídico político discursiva, com seu corpo físico e consciência moral e ideológica, cede lugar de prioridade aos seus vários perfis que lhe são atribuídos de modo automático e alimentados por seus “traços” deixados cotidianamente (Telles, 2018).

No caso das plataformas e dos sistemas de recomendação, e este é um ponto importante, o deslocamento das tecnologias de produção de conhecimento dos sujeitos para a dimensão dividual não se dá com o apagamento da esfera individual, mas sim com a sua modificação. Apesar da organização do conteúdo ser estruturada em perfis e vendidas como formas de hiperindividualização, a personalização não é sobre indivíduos distintos, mas a construção de um compositório aplicáveis a um segmento de indivíduos. A própria noção de indivíduo é transformada em "mais ou menos do que um" (Lury e Day, p. 15). Ou seja, há uma dupla escala de produção de conhecimento que articula e comporta ao mesmo tempo, no vocabulário de Lazzarato (2014), os processos de sujeição social – a atribuição a nós de características individuais como um corpo, uma sexualidade, uma profissão, uma nacionalidade – e servidão maquínica, a operação e agenciamento maquínico de subjetividades em níveis pré-individual e supraindividual.

5.2 Corpo individual x subjetivação dividual

Diferentes noções e vocabulários vêm sendo propostos para descrever como o processo de dataficação está alterando o senso de identidade nas redes sociotécnicas de dados e algoritmos. Haggerty e Erickson (2000) lançaram a ideia de duplos ou sócias de dados, como espécies de *doppelgängers* digitais que abstraem "os corpos humanos de suas configurações territoriais e os separam em uma série de fluxos pontuais. Esses fluxos são então remontados em diferentes '*data doubles*', que podem ser examinados e direcionados para intervenção"¹⁷⁴ (idem, p. 606). Smith (2016) aponta para como os *data-proxys*, significantes representacionais da identidade criados em trocas e associações a partir de transformação do corpo em uma interface de fluxos de dados.

¹⁷⁴ Livre tradução para: "(...)abstracting human bodies from their territorial settings and separating them into a series of discrete flows. These flows are then reassembled into distinct 'data doubles' which can be scrutinized and targeted for intervention".

Essa figura abstrata, segundo o autor, transforma os sujeitos em conjuntos formados por dispositivos e sensores que atuam para converter movimentos corporais, ações e dinâmicas em dados circulatorios. Cheney-Lippold (2017) aponta para os *digital selves*, aos quais, construídos algorítmicamente, seriam caminhos não para nosso autoconhecimento, mas para tornarmos conhecidos por outros agentes. Pasquale (2015, p. 39) aponta para um "self algorítmico", noção que utiliza para argumentar que, ao sermos analisados algorítmicamente, ou seja, como um "conjunto de pontos de dados sujeitado a mecanismos de reconhecimento de padrões"¹⁷⁵ apresentamos a tendência de analisar as outras pessoas de forma similar. "Self algorítmico" é também a nomenclatura usada por Azar (2017) para definir um eu que é "desencarnado, mas programado afetivamente para intervir nas interações online e offline do usuário, promovendo certos comportamentos (afetivos) em relação a outros"¹⁷⁶.

Stark (2018), por sua vez, propõe a noção de "sujeito escalonável", em inglês, *scalable subject*, como uma versão apurada da ideia de *data double* para enfatizar como saberes psicológicos são mobilizados nas intervenções e mensurações operadas por aplicações computacionais. Os sujeitos escalonáveis seriam formados a partir do constante agrupamento de rastros de dados psíquicos e emocionais. Não seriam corpos de dados estáveis ou dados duplicados, mas modelos em constante mutação convocados à medida que as informações se tornam disponíveis para ser adicionadas, combinadas e agregadas aos conjuntos de dados pré-existentes. O monitoramento intermitente do comportamento humano transforma as ações dos indivíduos em dados infinitamente móveis e comparáveis, em que o objetivo não é precisão, mas desenvolver intervenções de acordo com critérios variáveis e modelos de condutas aos quais as pessoas devem entrar em conformidade (Stark, 2018). Especificamente, esses corpos escalonáveis posicionam o corpo humano como interfaces porosas que vazam sinais e informações biológicas, alterando os limites do espaço pessoal. As fronteiras da integridade corporal são testados por serviços e dispositivos de detecção de estados psíquicos e emocionais, processos que vão se tornar predominantes na formulação das autoconcepções de identidade dos sujeitos (McStay, 2018; McStay e Urquhart, 2019).

Em comum a estas perspectivas, o corpo que emerge em redes instruídas pela produção e consumo de dados é reconfigurado como uma fronteira na qual informações são emitidas,

¹⁷⁵ Livre tradução para: "(...) set of data points subject to pattern recognition engines".

¹⁷⁶ Livre tradução para: "(...) algorithmic self, one that is disembodied yet affectively programmed to intervene in the user's online and offline interactions and promote certain (affective) behaviours over others".

valoradas e comercializadas. São concepções dos processos de constituição de sujeitos e modos de subjetivação que se relacionam com a angústia da integridade e intrusão corporal bastante frequente nos vídeos dos *TIs*. Uma imagem, em especial, é muito recorrente nos vídeos do grupo, ilustrando os diversos alvos corporais do direcionamento do uso de ferramentas tecnológicas e os efeitos, conseqüentemente, causados: arritmia cardíaca, leitura do pensamento, zumbidos artificiais no ouvido, etc (Figura 46)¹⁷⁷. O vídeo "*RNM SYSTEM DESIGNED TO REMOTELY CAPTURE BRAIN WAVES OF VICTIM & FABRICATE STORIES MENTAL SUGGESTIONS*"¹⁷⁸ do canal *Bryan Tew* é construído apenas em torno dessa imagem a descrevendo como a exposição dos efeitos de um sistema de ressonância magnética nuclear. Tal sistema seria: "*projetado e programado para capturar remotamente traços (bits) aleatórios das ondas cerebrais das vítimas (sentidos, pensamentos, emoções, etc.) e depois fabricar palavras-gatilhos, FABRICAR sugestões mentais baseadas no que quer que seja capturado. E injetando de volta no subconsciente da vítima, à velocidade da luz, para interrogar, assediar, distrair e torturar mentalmente a vítima até a submissão às influências do sistema*"¹⁷⁹. Mais interessante ainda é a forma como o usuário descreve o ataque da máquina, identificado como um "*supercomputador de ressonância magnética nuclear*", o dispositivo seria "*designado para reconstruir (repattern) minhas memórias e pensamentos através de programação neurolinguística, modulação dos sonhos, etc*"¹⁸⁰.

¹⁷⁷ A imagem ganhou repercussão após ser divulgada no site do *MuckRock*, agência de jornalismo sem fins lucrativos dos EUA que auxilia pessoas e organizações a solicitar informações governamentais. Segundo o jornalista responsável pela divulgação, após questionar o *Washington State Fusion Center*, órgão do Departamento de Segurança Interna, sobre o monitoramento de grupos antifascistas e de supremacistas brancos, ele recebeu, por e-mail, entre uma série de arquivos, um ficheiro intitulado "*EM effects on human body.zip*". Misturado entre documentos sobre contraterrorismo, detecção de atividades criminosas, planejamento de desastres e segurança cibernética o arquivo continha documentos exibindo diversas pesquisas sobre possíveis sinais eletrônicos de baixa intensidade emitidos pelos corpos que poderiam ser usados para técnicas de controle da mente e dos corpos.

¹⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=zMi27i-7wyU>.

¹⁷⁹ Livre tradução para: "(...) RNM System is designed and programmed to remotely capture random bits of the victims brain waves (senses, thoughts, emotions, etc.) and then to fabricate Keyword FABRICATE stories Mental Suggestions based on whatever it captured injected back into the subconscious of the victim at speed of light to mentally interrogate harass distract and torture the victim into submission to the system's influences.

¹⁸⁰ Livre tradução para: "(...) The RNM Supercomputer attacking me is designed to repattern (reconstruct) my memory and thought process with neuro-linguistic programming, dream modulation, etc".

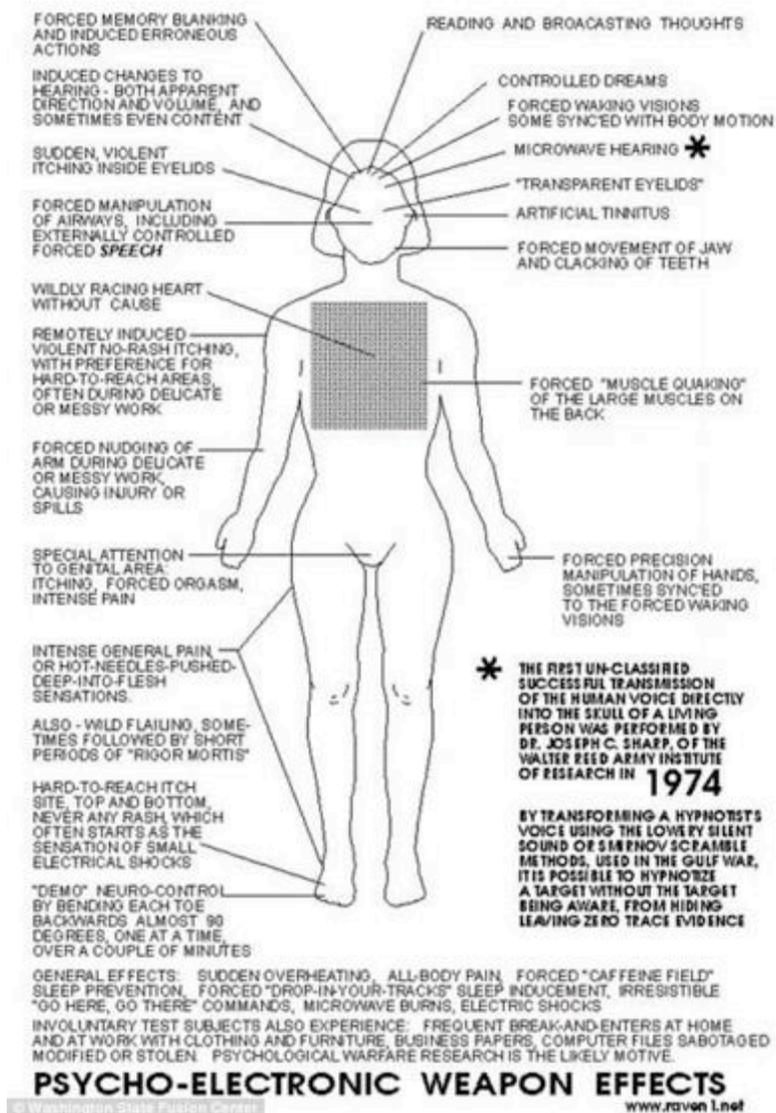


Figura 46: Imagem que apresentam supostos efeitos do controle remoto da mente no corpo humano.
 Fonte: <https://www.muckrock.com/news/archives/2018/apr/18/fusion-center-em/>

Em suas nuances e diferenças, os neologismos comunicam sobre a produção e processos de fragmentação, fusão e agregação dos dados e os modos pelos quais indivíduos e populações são tornados objetos e sujeitos por poderes e saberes. São noções bastante tributárias das considerações de Deleuze (1992) sobre as sociedades de controle e sobre a transição da produção de corpos e sujeitos dos "moldes" do poder disciplinar para as modulações, que seriam como próxima a uma "moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro" (Deleuze, 1992, p. 221).

O post-scriptum de Deleuze e o conceito de controle é extremamente útil e frutífero para entendermos como as tecnologias de poder deixam de operar predominantemente com a norma disciplinar e a produção de individualidade para privilegiarem a modulação das diferenças e a condução das individualidades através do reconhecimento de padrões de componentes parciais da subjetividade. Porém, acho importante tomar cautela no uso das proposições do autor. Se Foucault constrói o conceito de disciplina a partir da observação de uma série de processos históricos e institucionais em procedimentos localizados para enxergá-los como modelos de tecnologias de poder, Deleuze em seu curto texto lança uma série de hipóteses e observações especulativas, que, por mais acuradas e pregnantas, ao serem manejadas como um conjunto teórico finalizado podem desembocar em certo generalismo sociotécnico que mais ofusca do que ilumina os fenômenos que procura analisar. Em suma, o texto é de grande auxílio para investigar os modos de sociabilidade e subjetividade do presente, não a sua explicação. Conforme Chun (2008b, p.9), a leitura de Deleuze é persuasiva, embora possa ser paranoica ao aceitar a propaganda da realidade tecnológica como prova da efetivação de seu projeto, ao confundir possibilidade como probabilidade, “atribuindo imaginativamente ao controle o poder que ele ainda não possui e ao apagar seus fracassos”.

Uma das características que me chamou atenção nos *TIs* é o fato das suas produções serem manifestações exageradas do que é aparentemente simples no “normal”, como diz Freud sobre os psicóticos. Se as tecnologias de comunicação afetam a experiência do corpo ao promover a mediação generalizada (Vaz, 2006), para os *TIs* esse efeito não é algo que "apenas" monitora e induz, mas que *ataca* e produz sofrimentos. Essa consideração é importante porque as noções que trouxe anteriormente me parecem ser interpretações de que os dados formariam entes, seja na forma de um *alter ego* computacional e virtual, seja como instrumentos para a intrusão do poder nos corpos de indivíduos e populações. Ou seja, são de menor auxílio para compreender como os sujeitos habitam, experimentam, compreendem e atuam em uma vida midiaticizada alimentada por dados e algoritmos. Em especial, sobre o corpo produzido em redes físicas e digitais, um

(...) magma se encontra atualmente em plena ebulição e, nesse caldeirão, tanto a tecnociência, como o mito cientificista, constituem ingredientes fundamentais. Porque já não se trata mais daquele corpo maquínico que protagonizara a modernidade industrial: cada vez mais, deixamos de ser aquelas engrenagens carnis que se consideravam habitadas por uma interioridade enigmática — profunda, densa, oculta e essencial, inclusive transcendental, além de animadas por uma misteriosa energia vital —, cujos segredos últimos se consideravam

misteriosos, incognoscíveis, refratários à penetração tecnocientífica. Os corpos contemporâneos são compatíveis com outra geração de máquinas e com outros universos de sentido, não apenas tecnocientíficos, mas, também, políticos, econômicos e socioculturais (Sibilia, 2011, p. 650-1).

Neste sentido, me parece mais interessante abordar os modos de subjetivação em redes algorítmicas não tomando estas associações como entes que dão forma, mas como elementos de constituições relacionais. São relações nas quais as aplicações devolvem às pessoas imagens e discursos de si - métricas, grafos, estatísticas - com as quais elas negociam. Em perfis de plataformas, os regimes de quantificação e cálculo de parcelas de nossa subjetividade têm como objetivo orientar o comportamento de indivíduos particulares, no que Lury e Day (2019) apontam como um processo da ordem da *personalização*. Direcionando conteúdo que sugere ser da relevância e interesse das pessoas com base no monitoramento do comportamento, a promessa dos mecanismos de recomendação é convencê-las de que as conhecem melhor do que elas mesmas.

Porém, como visto no capítulo anterior, o fazem a partir de padrões relacionais, identificando características similares entre um segmento de pessoas. Segundo as autoras, por meio de formas de "desagregação e agregação" e "inclusão e exclusão" de uma variedade de contextos e aspectos, o repetido e recursivo monitoramento do comportamento classifica os indivíduos em ordens parciais de categorias comercializáveis. A compilação de dados de populações constroem "tipos" pela identificação de padrões relacionais entre as pessoas, nos quais os indivíduos são sempre mais e menos do que um (idem, p. 15). A autonomia individual aqui não é posta em *ameaça*, ao tomarmos a percepção dos *TIs* da tecnologia como algo que *ataca*, apenas como uma intrusão externa no íntimo dos sujeitos, mas no ofuscamento da distinção entre categorias de vida offline e online, entre as dimensões individual, percebida como da ordem da unidade, e individual, fragmentada. Em outras palavras, da constituição da imagem de si entre a integridade e unidade corporal e os modos de subjetivação relacionais da personalização das redes algorítmicas. Ou ainda, sujeitos que, ao se enxergarem capturados em suas próprias redes, estão em uma negociação constante entre ser *mais ou menos que um*, entre a dimensão vestigial dos dados e a dimensão declarativa dos discursos.

5.3 Confissão e participação em redes algorítmicas

A personalização em perfis, assim, se configuram como um processo bidimensional engendrado por dados e algoritmos que leva em conta as dimensões vestigiais e declarativas como constantes fonte de informação para a constituição de subjetividades. Ancorado em Raunig (2016) defendo que, ao convocarmos Foucault, são modos de sociabilidade e subjetivação assentados menos no clássico panóptico e mais no dispositivo de confissão. A confissão figura, apesar de não ser o único, como um dos mais abrangentes mecanismos de atribuição de verdade sobre um sujeito, tecnologia em que o sujeito se constitui na produção de um discurso de verdade sobre si (Foucault, 2004, 2005, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011). Se Foucault apontava que, em regime disciplinar, o poder para funcionar induzia os sujeitos a produzir verdade, de modo que “somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la” (2008b, p. 29), os dados e as análises algorítmicas geram verdades sobre indivíduos e populações através de estatísticas ou metodologias correlacionais, ao invés da relação causa/efeito (Hildebrand, 2008). Não buscam, portanto, o exercício de escrutínio da interioridade, mas um exame da exterioridade e exteriorização do corpo e da performatividade dos sujeitos em aspectos setorizados da existência. O que me interessa é perceber como os mecanismos de recomendação em sua relação com a sociabilidade e a vigilância digital produzem uma modalidade de confissão específica em redes algorítmicas.

A imersão na interioridade é preterida em favor de modo de análise da exterioridade e de produção de verdade sobre sujeitos numéricos e alardeadamente objetivos. Para Raunig (2016) é uma relação de poder entre quem enuncia, ou produz a informação, e o agente responsável pela sua decodificação e interpretação, de modo que nos constituímos enquanto sujeitos e participamos do processo de sujeição, característica de um processo duplo de servidão/serviço da confissão e do poder pastoral em termos foucaultianos, "de um sujeito cujos méritos são identificados de maneira analítica, de um sujeito que é sujeitado em redes contínuas de obediência, de um sujeito que é subjetivado pela extração de verdade que lhe é imposta" (Foucault, 2008a, p. 243).

Há certas considerações que são pouco abordadas e detalhadas na aproximação que Raunig empreende entre o algoritmo e o poder pastoral. Dois pontos, especialmente, merecem maiores detalhamentos posteriores: a disposição que o pastor se coloca ao sacrifício em nome do rebanho e como, sendo um tipo específico de confissão, a produção de verdades de si em redes

sociais, de forma involuntária e intermitente, eclipsa o exame de si fundamentado em uma economia moral de pecados e punições. O ponto que destaco da analogia é recuperar a característica do poder pastoral de ser, ao mesmo tempo, coletivo - o rebanho - e individualizante, voltando-se para cada uma das ovelhas. O compartilhamento de traços e parcelas de si correlaciona-se, portanto, não com um apagamento do que pode ser entendido como um eu unificado. Paradoxalmente, sendo o resultado dos cálculos de informações características de uma pessoa e de um grupo de pessoas semelhantes e interpretados por um agente supostamente objetivo, o algoritmo, esta autodivisão de si, a produção de subjetividades ancoradas na dimensão individual do *profiling*, é a base da constituição de um indivíduo identificável em perfis de redes sociais.

Segundo Raunig (2016, p.119): “assim, em vez de supor o núcleo do eu autêntico na privacidade e deixá-lo lá, ele é procurado e produzido na prática expressiva da confissão nas redes sociais, a fim de também afastar o perigo de afastamento, de disjunção da vida constituída em redes sociais”¹⁸¹. Um outro aspecto da confissão das redes sociais é que estes mecanismos engendram uma tecnologia confessional permanente, em que o exame do sujeito, de si e pelos outros, é objeto de escrutínio automático, contínuo e devassante; involuntário, no sentido de não deliberado, já que delega a processos maquínicos a manifestação de aspectos sobre si; e público, é para ser ouvida, lida e observada por outros, sem ter, obrigatoriamente, o endereçamento a um agente específico.

A perspectiva de Raunig é interessante por posicionar as dinâmicas da influência, do sujeito que se percebe influenciável e que intenta influenciar, compatibilizando os usos em níveis declarativo e vestigial do comportamento. O compartilhamento de vislumbres de si está correlacionado com a constituição de um sujeito identificável numericamente nos perfis de plataformas digitais. Um sujeito que não é um indivíduo, mas o resultado de informações e dados descontínuos do que pode ser entendido como um "eu" e no qual é atribuído um valor, uma clivagem que borra incisivamente delimitações entre categorias como autonomia e controle, subjetividade e objetividade, servidão e serviço, individual e dividida. Um desejo de exteriorização do eu (Sibilia, 2016) que opera o intermitente monitoramento de si engendrado

¹⁸¹ Livre tradução para: "So rather than supposing the core of the authentic self in privacy and leaving it there, it is sought and produced in the expressive practice of confession in the social networks, in order to also ward off the danger of delivery, disjunction from the life-sustaining social networks".

pelas mediações algorítmicas não apenas como um dispositivo de controle, mas também de visibilidade, pertencimento e reconhecimento.

Nas plataformas, a extração de padrões e correlações são embasados por uma dinâmica que privilegia a mensuração da participação como valor e virtude. Assim, o que você demonstra que gosta, seja através de curtidas ou do tempo gasto em um vídeo, por exemplo, se torna fortes indícios do que você é. De modo que o que os algoritmos desses sistemas inferem que é do seu interesse se torna o que você é para eles, ou seja, o que você prefere é como preferencialmente você é. De certa forma, o que você gosta se torna o que você é, resumido no jogo de palavras em inglês que Lury e Day (2019) trazem: "*People like you like things like this*". Um modo de produção de subjetividades que encontram semelhanças nos pacientes da máquina de influenciar de Tausk, que escreve: "Esses doentes são, eles próprios, o que lhes agrada no mundo exterior; é por isso que não encontraram o caminho do mundo exterior" (1990, p. 56).

Com efeito, a própria constituição de um *feed* personalizado, parece um mecanismo próximo à defesa paranoica de "construir um meio social privado e narcísico que aspira a valer por toda realidade" (Safatle, 2011). Uma organização do visível e da informação constituída a partir do comportamento anterior da pessoa, como uma versão maquínica do delírio de grandeza que Freud (1911/2010, p.62-63) aponta nos casos de paranoia, o relacionando à fixação do narcisismo e ao engrandecimento do Eu, em que o indivíduo "toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor" (Freud, 1911/2010, p. 52). Como relatado anteriormente, os sistemas de recomendação partem de um preceito simples: se a pessoa usuária 1 é parecida com a pessoa usuária 2, logo o conteúdo que interessa ou tem relevância à pessoa 1 pode ser recomendado para a pessoa 2. Ou seja, o direcionamento de conteúdo parte da premissa de "amor como amor pelo mesmo" (Chun, 2018, p. 77), de que iremos desejar o que potencialmente já gostamos, que queremos continuar sendo o que já somos e que o interesse de outras pessoas parecidas conosco é provavelmente também do nosso interesse.

Lury e Day se referem à personalização como um modo de inclusão recursiva, no qual o indivíduo e sua categorização, o tipo/*profiling*, são repetidamente especificados sempre de uma nova maneira (p. 25). Não é apenas o tipo que é ajustado ao indivíduo, o indivíduo é formulado pelo tipo e reformula o tipo em um *loop* recursivo constante. O indivíduo e o tipo estão indissociavelmente ligados, são constantemente reformulados. A própria percepção de integridade, do senso de identidade e da constituição de si é, assim, excessivamente dependente

do outro. Mas uma alteridade que nos é tanto mais opaca quanto constituída também por nós, pelo nosso comportamento, pela nossa participação.

Na subjetividade moderna esta alteridade estava inscrita, privilegiadamente, no olhar normatizador do coletivo (Bruno, 2013), de modo que a autonomia e a realização de si estavam associadas ao recolhimento de uma interioridade relativamente opaca “capaz de escapar e resistir ao olhar do outro, o que permitia a sua associação com uma esfera de liberdade e resistência” (idem, p. 66). Nas práticas de inclusão recursiva da personalização, esta alteridade não está inscrita na norma, uma estrutura de consistência de contornos mais rígidos, mas em virtudes maleáveis e flexíveis em recorrentemente reelaboração. São antes atributos de realização e constituição de si, como a visibilidade, o pertencimento e admiração, que se realizam na proximidade do outro, na exteriorização e na participação. São constituições alterdirigidas, “construções de si orientadas para o olhar alheio” (Sibilia, 2016, p. 48). Menos da ordem da proibição, da limitação e do impedimento e mais na incitação do desempenho, de um indivíduo que precisa estar à altura do seu *tipo* ou, ao menos, saber negociar com ele.

Neste sentido, os exageros dos *TIs* auxiliam a enxergar como a precariedade, ou melhor, a instabilidade dessa constituição de si associada a virtudes cujos parâmetros estão em constante mudança podem ser percebidas como atemorizantes. Ainda que não seja, necessariamente, inscrita em modos de interdição e proibição, sendo mais da ordem da performance e do desejo, esta associação excessiva do indivíduo ao outro é estabelecida por parâmetros que nos são opacos. As virtudes dos indivíduos e tipos nunca é fornecido com antecedência, mas emergem de métricas flexíveis de participação cujos requisitos, em constante mudanças, apregoam o fazer e o ser melhor, veremos mais deste aspecto adiante. Nestas práticas, a constituição de individuação se dá em diagrama no qual toda relação possível é "parcialmente ordenada, de tal maneira que 'um você' é você semelhante a outros 'vocês', isto é, *quase*, mas não exatamente o mesmo que outros 'vocês', e *nunca* capaz de se consolidar como um 'nós'¹⁸² (Lury e Day, 2019, p. 12, grifo meu). Assim, não é difícil imaginar tendências paranoides que percebem e tomam a instabilidade da personalização, a relação do indivíduo e da sua categorização em padrões, também como um elemento de ansiedade, desorientação e mesmo de *ameaça*. Conforme aponta Santner (1997) sobre o caso Schreber, o jurista alemão descobre que

¹⁸² Livre tradução para: "(..) is partially ordered in such a way that the you that is 'a you' is similar to other 'yous', that is, nearly but not quite the same as other 'yous', and never quite able to be consolidated as an 'us'".

o poder não apenas proíbe, modera, diz 'não', mas pode também funcionar no sentido de intensificar e ampliar o corpo e suas sensações. Dito de maneira um pouco diferente, Schreber descobre que a autoridade simbólica em estado de emergência é transgressora, exhibe uma obscena superproximidade do sujeito: ou seja, nas palavras dele, exige o gozo (idem, p. 47)

Convoco a tecnologia da confissão como um dos pontos centrais dos modos em que os sujeitos se inserem em circuitos de revelação de si para outros em redes algorítmicas justamente pela característica espontânea das pessoas em expor de maneira relativamente livre aspectos pessoais e privados em plataformas sociais. Este tipo específico de confissão - automática e motivada por escolhas deliberadas, permanente e pública – se fundamenta no chamado à participação e à conexão. A revelação de mais informações sobre si é recompensada em termos de maior comodidade e de precisão ou relevância acerca dos desejos, aspirações e das possibilidades de maior conexão em redes. Uma forma relacional de capital que concede vantagens a quem investe em associações, de modo que as pessoas que se dão melhor são aquelas que estão melhor conectadas.

É um modo de se pôr em discurso que conjuga-se com o empreendedorismo de si, aqui entendido como “uma série de regras para a conduta da existência diária de uma pessoa: energia, iniciativa, ambição, cálculo e responsabilidade pessoal” (Rose, 2011, p. 215). Privacidade não figura, necessariamente, como um valor em obsolescência, mas é entendida menos como um direito ou um elemento das relações sociais e mais como um atributo individual que pode ser gerido pela pessoa segundo uma certa racionalidade econômica. Em suma, uma ferramenta do capital humano (Foucault, 2008b, pp. 303-304), um valor que precisa ser investido por meio de escolhas que calculam os custos e benefícios em âmbito pessoal (Dardot e Laval, 2016, p. 346).

Os dados são tratados e trocados como commodities, sendo a privacidade um mecanismo próprio e circunscrito ao indivíduo para o seu gerenciamento, com fins a potencialização de dividendos, permitindo e admitindo, assim, práticas vigilantes em áreas tradicionalmente entendidas como do âmbito privado e pessoal. Como Foucault (2005, p. 29) afirma em sua analítica da relação entre poder e verdade: "o poder não para de questionar, de nos questionar; não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ela a profissionaliza, a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas, e temos de produzir verdade para produzir riquezas".

Na personalização, o *you* que é constituído e abordado é específico, mas, ao mesmo tempo, um *you* que é, mais ou menos, como todo mundo, ou seja, o requisito em ser igual, ou melhor parecido, tem o corolário em ser *melhor* que o outro (Chun, 2011). O estímulo ao aperfeiçoamento é calibrado recursivamente para estabelecer novas formas de estratificação das relações entre indivíduos e populações, novos dados e novos *tipos*. Na premissa de ser igual, mas melhor que o outro, estas práticas de otimização de si se relacionam com a figura do self-empendedor, um ente subjetivo que "deve aspirar à autonomia, lutar por realização pessoal em sua vida terrena, interpretar sua realidade e destino como uma questão de responsabilidade individual e encontrar significado na existência moldando sua vida através de atos de escolha" (Rose, 2011, p. 210), e que faz da "concorrência interindividual uma justa competição" (Ehrenberg, 2010, p. 13). Competição constante, por sua vez, que é elemento-chave pela angústia e insatisfação por não termos garantias se nossas condutas e comportamentos são não só suficientes, mas superiores, de excelência, melhores que os demais. Há, assim, uma busca infundável por aperfeiçoamento numa cultura de avaliação em constante mudanças de expectativas e indicadores (Ferraz, 2014).

São categorizações que não dependem apenas de suas ações, mas das ações de seus similares, ou vizinhos, no jargão das redes - em que você é constantemente comparado e envolvido com outras pessoas a partir da divisão da população em tipos. Os modos de produção neoliberal de subjetividade, segundo Chun (2018), destroem a sociedade ao proliferar "bairros". As redes algorítmicas antecipam e prevêm um conjunto enorme de ações singulares enquanto identificadores de padrões coletivos mais amplos. Através desta forma analítica de hábitos, as ações individuais se fundem em "quimeras monstruosamente conectadas" (idem, 2018). A dinâmica de personalização das plataformas, constroem sujeitos tanto como perfis sociais individuais quanto como mercadorias em circulação. os inscrevendo em modos de subjetivação neoliberais e de processos de economização da vida que são dependentes tanto das suas ações individuais quanto obedecem a princípios de inteligibilidade que fogem propriamente da nossa compreensão. Domínios que anteriormente não eram compreendidos como econômicos - como as relações sociais, a sociabilidade e o comportamento – se transformam em aspectos que podem ser monetizados (Brown, 2018), de modo que

além de o mercado funcionar como chave de decifração (*princípio de inteligibilidade*) do que sucede à sociedade e ao comportamento dos indivíduos, ele mesmo generaliza-se em meio a ambos, constituindo-se como (se fosse a)

substância ontológica do ‘ser’ social, a forma (e a lógica) mesma desde a qual, com a qual e na qual deveriam funcionar, desenvolver-se e transformar-se as relações e os fenômenos sociais, assim como os comportamentos de cada grupo e de cada indivíduo (Costa, 2009, p. 174)

Enquanto produção de valor nas plataformas, a relação circular entre as instâncias individuais e dividuais na dinâmica do sujeito influenciável pode ser descrita por duas etapas que se retroalimentam e funcionam consecutiva e continuamente. Na primeira, dividual e opaca, os dados de indivíduos e populações são usados para a identificação de padrões de similaridades e para a formação de grupos; esses padrões agregados auxiliam intervenções no que inferem ser características de influenciabilidade dos sujeitos com fins ao direcionamento de conteúdo. Por sua vez, a segunda etapa, personalizada e visível, a recomendação e organização da informação e do visível é mensurada pelas práticas de participação - dar likes, avaliar, compartilhar, comentar, etc. Enquanto perfis em redes sociais, a influenciabilidade dos sujeitos, aqui, está na capacidade dele em amplificar suas ações, seduzir outros usuários a responder aos seus conteúdos, em suma, se orientar na navegação por dados e algoritmos e otimizar a sua participação nestas redes, garantindo visibilidade, boas métricas e grande engajamento. Quanto mais participam, mais dados produzem e o círculo continua à procura de novas associações, padrões de comportamento e "redes de vizinhança" que criam contornos para informar quem somos, quem podemos conhecer e qual conteúdo pode nos ser recomendado.

5.4 Subjetividades paranoides e espelhos de si

A personalização dos sistemas de recomendação apresentam, assim, angústias em dois níveis: a ordem do ser visto e do ser reconhecido, da visibilidade e do pertencimento. Somada à falta de transparência e inteligibilidade da interpretação algorítmica sobre as informações que estamos voluntária e involuntariamente compartilhando de modo ininterrupto, Kate Crawford (2014) aponta a instauração de uma *ansiedade vigilante*: o medo de que todos estes dados sejam muito reveladores do nosso “eu íntimo”, mas que não sendo suficientemente precisos provocariam deturpações de quem somos e podemos ser.

O modo de percepção paranoide da influência da tecnologia pode ser entendido como uma defesa que tanto intensifica quanto ameniza a percepção da integridade e unidade subjetiva, sugerindo que existe, de fato, um núcleo essencial de personalidade que pode ser acessado.

Confere, assim, a este núcleo, ainda que eclipsado, vago e impreciso para nós mesmos, uma verdade sobre os sujeitos que, através de mecanismos precisos, pode ser possível de ser descoberta e/ou *manipulada*. Assim como o *aparelho de sugestão*, presente na análise de Tausk do aparelho de influenciar, tem paralelos com a maneira como redes sociais e plataformas como *YouTube* utilizam mediações algorítmicas constituindo, assim, uma organização subjetiva fortemente ancorada no narcisismo.

Por exemplo, ao tomarmos como fato que sistemas de recomendação algorítmicos efetivamente funcionam, podemos entender que não precisamos ser persuadidos, mas apenas monitorados, já que o conteúdo seria apenas reflexos de dados que nós já produzimos (Horning, 2018). Ou seja, o algoritmo não nos influencia propriamente, apenas revelaria o que somos. De modo que podemos identificar uma tentativa de manipulação dos algoritmos quando, na verdade, queremos repudiar nossos atos; rejeitá-los como falhos quando queremos provar a superioridade de nossa racionalidade em relação à interpretação maquínica do que somos; ou, ainda, tomar crédito pelo que eles nos oferece, percebendo-as como responsivos ou espelhos de nosso comportamento anterior.

Ao invés de termos que produzir um discurso de verdade sobre nós, ele nos é apresentado enquanto uma evidência. Ou seja, mesmo quando sentimos perseguidos ou vulneráveis à influência dos algoritmos, essa tentativa de persuasão nos oferece provas esperançosas de que realmente temos uma unidade subjetiva, singular, desejos ocultos e idiossincráticos verdadeiros. Que o individual permanece uma unidade fundamental da persuasão, ao invés da massa, população ou públicos-alvo (Horning, 2018), e que há uma escolha entre ser manipulado ou não. Ou uma inversão: não somos influenciados pelos algoritmos, mas nós que os influenciemos, já que nosso comportamento online determinaria o que eles são obrigados, em seus próprios termos, a nos mostrar. De toda forma, uma dinâmica próxima ao esforço paranoico no qual o processo de unificação do eu a partir de fora (Freud, 1911/1996, p. 78; Lacan, 1953-54/1986)¹⁸³.

Tomada ao pé da letra a assumpção sobre a eficácia dos sistemas de recomendação é praticamente impossível reconhecer erros ou falhas deles. Mesmo as incompatibilidades entre o que os indivíduos pensam de si, de seus gostos e desejos, e o que é ofertado para eles pelos

¹⁸³ Faço referência à frase de Freud, em sua análise do caso Schreber, que ficou célebre na psicanálise sobre os mecanismos da psicose: "Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna de fora" (1911/1996, p. 78).

algoritmos serviriam, nestes casos, também como contraprova de que os sistemas de recomendação funcionam. Mas seriam operados para influenciar os sujeitos e modular os comportamentos para atingir a objetivos das próprias plataformas ou de terceiros. Alimentando, assim a suspeição generalizada que é a fortuna do conspiracionismo.

Nos campos das ciências das redes e dos dados, o princípio de que iremos nos interessar por algo que já nos interessa – ou que é do interesse de *tipos* de pessoas que seriam, na interpretação dos sistemas automatizados, parecidos conosco - é estruturado pela noção de homofilia. Cunhado pelos pesquisadores Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton, o termo procurava avaliar “a tendência da amizade ser formada entre aqueles que são semelhantes em determinados aspectos”¹⁸⁴ (Lazarsfeld e Merton, 1954, p. 23), no contexto da segregação racial e do planejamento e ocupação urbana nos EUA dos anos 50. Os autores identificaram que o processo de formação de amizades seguiam dois fatores distintos: a homofilia de status e a homofilia de valores. No primeiro fator, encontram-se categorias sociodemográficas como raça, idade, gênero, profissão, religião; enquanto no segundo estão abarcados os valores, atitudes e crenças das pessoas (McPherson; Smith-Lovin; Cook, 2001).

Abarcado na Teoria das redes e fundamentando os sistemas de recomendação, a homofilia figura como o princípio que estrutura a organização das relações sociais associando a intensidade de conexão e ligação pelo cálculo de similaridades. Com base no comportamento online monitorado, as redes algorítmicas privilegiam a homofilia de valor, como visto tanto na metodologia psicométrica da *Cambridge Analytica*, quanto na identificação de padrões subjacentes pelo mecanismo de direcionamento de conteúdo do *YouTube*.

Há o pressuposto, portanto, nestes sistemas, que as pessoas se sentem mais confortáveis, seguras e confiantes com outras pessoas que têm atitudes semelhantes (Lazarsfeld; Merton, 1954; McPherson; Smith-Lovin; Cook, 2001; Hanneman & Riddle, 2005). Entretanto, considerada como uma característica natural, a ideia que laços fortes se constituem pela identificação de grupos e redes de vizinhança baseados na intensidade de similaridades e diferenças, deixou de ser algo a ser confirmada ou ser explicada e passou a ser tratada como a explicação em si mesma para os agrupamentos. Adotada pelas plataformas, a lógica da homofilia sugere o pressuposto de que o ideal da constituição da imagem de si, no limite, o próprio senso de identidade ideal, é sermos consistentes com práticas e atitudes que reforçam as identidades em gostos, preferências e

¹⁸⁴ Livre tradução para: “a tendency for friendships to form between those who are alike in some designated respect”

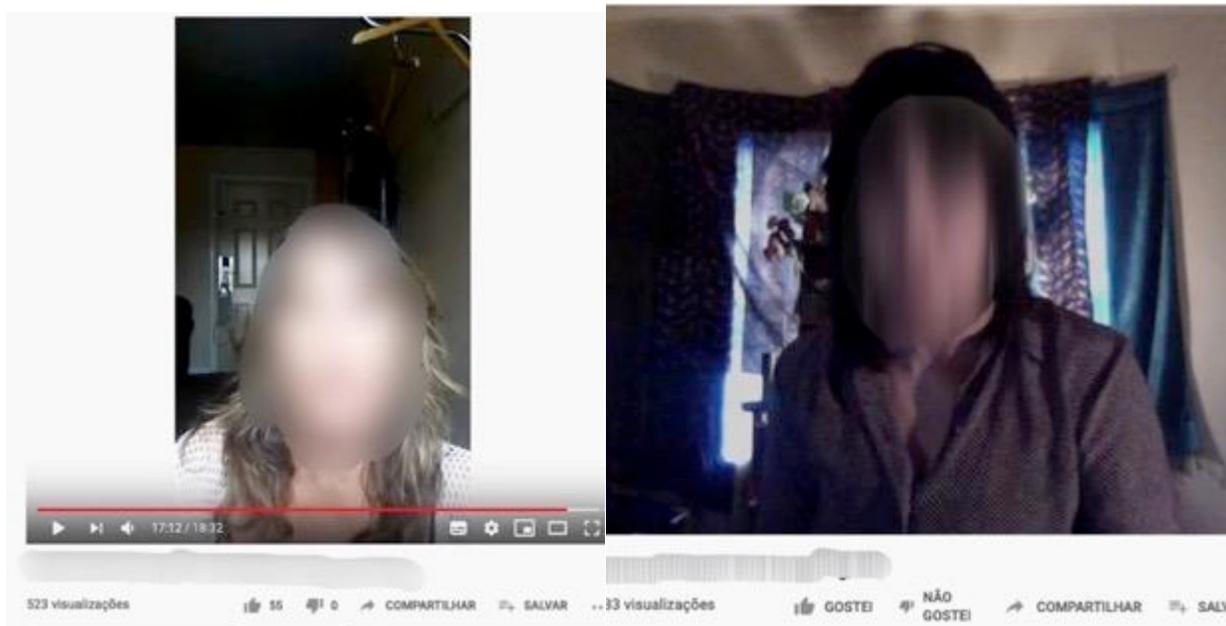
valores já estabelecidos. A homofilia se posiciona, assim, na dobra entre a estrutura em rede e a agência individual (Chun, 2018). Dito de outra forma, ao tomar a homofilia como um fenômeno natural em agrupamentos sociais, as redes algorítmicas irão apenas a encontrá-la. Irão apenas ver padrões de valores similares, já que foram treinadas para identificar privilegiadamente eles, formando grupos de acordo com instruções pré-estabelecidas, conforme visto no capítulo anterior. A homofilia nos sistemas de recomendação possuem a forte tendência, portanto, de criar e gerar a realidade que imaginam, podendo se tornar, assim, profecias autorrealizáveis.

Na produção de subjetividades e sociabilidades mediadas por algoritmos, de maneiras diferentes, as duas escalas – *dividual* e *individual* – a dinâmica facilitada pela homofilia opera no que Mbembe (2014, p.10) configurou como lógica de autoficção, autocomplatação e de enclausuramento presente no pensamento europeu ao “abordar a identidade não em termos de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, em seu próprio espelho”. O alvo, não explicitado, mas óbvio da crítica do filósofo é a psicanálise, em especial Freud, em sua atribuição do estágio do narcisismo no desenvolvimento e unificação do eu (1914/2010, p.13), e Lacan (1953-54/1986). Este último com o conceito de estágio do espelho afirma que a imagem do corpo, a partir do olhar desse outro refletido, “dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu” (ibidem, p. 96), fundamentando, assim, a formação do eu e da imagem assumida pelo sujeito.

Identidades e imagens de si são cada vez mais construídas na relação com os espelhos tecnológicos (Sodré, 2002). Ao trazer essa metáfora gostaria de destacar não somente a característica espelhar da personalização sustentada por dados e algoritmos, mas apontar também para as telas - tanto das câmeras, quanto dos ecrãs. Incorporada aos celulares, a câmera digital passou a figurar não somente atrás dos aparelhos, mas também na parte frontal, se transformando em um espelho que não só materializa as imagens, tornando-as visíveis, como as produz, as *selfies*. Trago esse aspecto para recuperar a característica, de dimensão declarativa, de como os corpos se apresentam em muitos vídeos dos canais dos *TIs*: quando as próprias pessoas se apresentam em seus testemunhos, muitas vezes como diários visuais registrados por celular. Muitos canais de *TIs*, como apontado no capítulo 3, são *first person media* e se apresentam como diários pessoais, confessionais e testemunhais. Na maioria dos casos são filmados no formato

vertical e possuem majoritariamente um tom autobiográfico sobre as experiências de perseguição e o sofrimento causados por instrumentos tecnológicos.

Gostaria de destacar a escolha do enquadramento vertical dos vídeos (Figuras 49 e 50). O corpo humano é evidenciado, centralizado, posto em posição de protagonismo, em muitos casos único elemento figurativo, reduzindo o cenário para destacar o agente narrativo do discurso. Quem enuncia este relato de si se posiciona como ator ou atriz central do discurso nas redes sociais. A enunciação das ações narradas sem rupturas e em um contínuo, sem cortes aparentes, opera efeitos de sentido do "dizer verdadeiro e de proximidade" (Pereira, 2018), em que a pessoa no vídeo, apresentando sua experiência em primeira pessoa, é, ao mesmo tempo, autora, narradora e personagem (Sibilia, 2016). Por sua vez, os cenários da intimidade, a sala de casa, o carro, ambientes relativos à rotina, contribuem para um "espetacularização do cotidiano" (Broullón-Lozano, 2015, p. 227) que corrobora para o efeito de "realidade". Assim, são escolhas que têm como objetivo persuadir a audiência - formada por amigos, seguidores e demais pessoas usuárias - do estatuto de verdade do que é enunciado.



Figuras 47 e 48: Exemplos de vídeos de canais que se dedicam a ser diários pessoais, geralmente filmados no enquadramento vertical.

Neste sentido, os usos confessionais da internet e a constituição de si alterdirigida (Sibilia, 2016) ajudam a abordar as contradições da autoinvenção de uma identidade coletiva dos *TIs*. Os membros do grupo temem a tecnologia que os atacam e fazem sofrer, mas usam de seus

instrumentos como recurso para expôr seus efeitos, criar e mobilizar uma comunidade com o objetivo de atingir pertencimento, visibilidade e reconhecimento. Nas plataformas, os indivíduos são atomizados, a fim de se tornar uma fonte de produção de dados e de padrões identificáveis para a publicidade e o direcionamento de conteúdo. Os modos de subjetivação paranoide podem ser encarados, assim, como um mecanismo de defesa e autocura, uma função protetora para reapropriar, ressignificar e produzir discursos de si e sobre o mundo. Porém, conforme aponta Broullón-Lozano (2015, p. 221), o uso e circulação das *selfies* cumprem uma função demonstrativa e social, demarcando o eu, em um aqui e agora. No caso dos *TIs*, a decifração de si encarna o drama do paranoico, que segundo Tarelho (2012) se desenrola de forma que "quanto mais ele tenta se livrar da alteridade, cuja ameaça é onipresente, mais aumenta a fragilidade do eu e mais persecutório se torna o mundo".

A produção dos *TIs* mostra que a percepção paranóide da tecnologia está ancorada na ambiguidade de uma cultura individualista que ao enxergar a individualidade em risco, trabalha por fortalecê-la. Se Tausk ao falar de seus pacientes afirma que a projeção das máquinas fantásticas era resultado da libido que se dirige "para a própria pessoa, permanece presa ao próprio ego, e não se encaminha para objetos do mundo exterior" (Tausk, 1910/1990, p. 56), a economia da participação das plataformas faz dos sujeitos influenciáveis reduzidos à personalização e às métricas flexíveis, tanto da dimensão individual-vestigial, quanto da dimensão individual-declarativa, gestores do próprios valores e virtudes.

O potencial de multiplicidade da dimensão individual é antecipadamente restringido pela lógica da centralização da internet, da produção de dados pela dinâmica da homofilia nas redes algorítmicas das plataformas, fechando o mundo que pretende abrir, transformando as redes sociotécnicas em câmaras de eco (Chun, 2018, p. 77), muitas vezes em redobramentos miméticos e recursivos. O sujeito influenciável destas redes é incessantemente bombardeado por imagens de mundo e por narrativas que as multiplicam ao infinito. Os efêmeros contornos que assumimos tornam-se mais rapidamente obsoletos pela rapidez demandada pela cultura da participação e por suas métricas, contribuindo para sentimentos de fragilidade e para uma interpretação fantasmática pelo sujeito que projeta o perigo de exclusão, seja por autodepreciação ou por persecutoriedade paranoide (Rolnik, 2018, p. 66). Na esperança de garantir uma suposta estabilidade e sensação de pertencimento, assim,

a subjetividade só dispõe de duas opções para determinar de quem é a culpa por seu estado instável, sendo ambas as opções fruto de construções fantasmáticas: o

próprio sujeito ou um outro qualquer escolhido para desempenhar o papel de vilão. Em outras palavras, ou a subjetividade introjeta a causa de sua desestabilização como uma suposta deficiência de si mesma, o que impregna sua angústia de sentimentos de inferioridade e vergonha; ou ela a projeta numa suposta maldade que lhe estaria sendo endereçada de fora, o que impregna sua angústia de sensações paranoides, ódio e ressentimento. (idem, p. 71)

5. 5 Subjetividades paranoides: nem cura, nem patologia

Para finalizar, trago o canal *Matthew Aaron*, um dos que mais exhibe conteúdos relativos a campanhas de organização e mobilização da comunidade, com vídeos que divulgam informes, textos, encontros, bem como convocações e registros de manifestações envolvendo o *Global Targeted Individual Movement* (Fig. 35). O nome é um pseudônimo do criador do canal, um homem que alega ter começado a sofrer assédio eletrônico quando estava trabalhando em um artigo sobre peixes bioluminescentes a ser publicado na revista *Nature*¹⁸⁵. Aaron investe na exposição da sua expertise técnica e acadêmica afirmando possuir doutorado em neurobiologia e uma vasta formação científica que inclui ainda genética, sistema sensorial, processamento de sinais e conhecimentos avançados em estatística e sobre o funcionamento bioelétrico dos músculos e de órgãos como coração e cérebro¹⁸⁶.

Gostaria de trazer um vídeo em especial, pois ele resume os três eixos identificados nesse percurso: a desconfiança na institucionalidade, e manifestação da esperança e da demanda por reconhecimento; o recurso ao discurso científico, porém referendado e legitimado por uma experiência direta; e o testemunho pessoal. Intitulado "*No-Touch Microwave Torture by Electronic Harassment—New Socio-Criminal Problem of Global Proportions*"¹⁸⁷, o vídeo é o registro de uma palestra proferida por Matthew Aaron no *1st Annual Unity & Hope Conference for Targeted Individuals*, ocorrida em Boston, EUA, em 21 de outubro de 2017. Aos 16 minutos no vídeo (Figura 51), Aaron relata:

Eu gostaria de mencionar uma suposta peça de evidência que, estou confiante, será substanciada eventualmente pelas autoridades federais, pela ciência dos materiais e por engenheiros de microondas. Afirmo que a placa de gesso mostrada aqui é uma placa de gesso contrabandeada contendo um sistema com transmissor e guia de ondas eletromagnéticas. Tenho bons motivos para mencionar esse material em

¹⁸⁵ <https://www.wired.com/story/mind-games-the-tortured-lives-of-targeted-individuals/>

¹⁸⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=AX9bEzxOa3A>

¹⁸⁷ https://www.youtube.com/watch?v=Wd0Wi_IJ-dU

minha apresentação por uma razão: tenho muitas e grandes amostras físicas desse material, o qual ficarei feliz em compartilhar com qualquer investigador federal que queira examiná-lo. Além disso, se minha denúncia for comprovada, esse é o tipo de evidência física que levaria autoridades policiais diretamente a alguns dos facilitadores e autores do assédio eletrônico. Tirei as duas fotografias mostradas aqui sob iluminação ultravioleta usando uma lâmpada fluorescente de luz negra. As características alaranjadas na placa de gesso e em seu interior, que apresentam um aspecto brilhante incomum quando você os observa a olho nu, só podem ser vistos sob luz ultravioleta. Essas características não podem ser vistas sob luz branca normal. Afirmando que esse material é usado como meio para transmitir e direcionar secretamente radiação de ondas eletromagnéticas ao longo das paredes de um apartamento ou quarto de hotel. Eles estão em alguns pontos dentro da placa de gesso e são muitos. A dolorosa radiação eletromagnética se espalha como finos feixes de agulha ocupando o espaço de um apartamento ou quarto de hotel. De fato, eu coletei pessoalmente as amostras aqui exibidas em minha antiga residência em Vancouver, que era o apartamento 1501 na Howe Street, número 1189, Genesis Tower. Acredito que fui assediado eletronicamente dentro do meu apartamento várias vezes por meio desse material ilegal contrabandeado. Acredito que a energia eletromagnética usada nesses ataques de assédio eletrônico foi transmitida através da placa de gesso por um gerador de ondas eletromagnéticas escondido atrás das paredes do meu apartamento ou em algum lugar próximo da Genesis Tower.



Figura 49: Trecho de vídeo em que Matthew Aaron apresenta uma suposta evidência do assédio eletrônico. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Wd0Wi_IJ-dU

Trago esse trecho porque ele é ilustrativo do fator que parece unir os *TIs* e suas narrativas e do porquê do meu interesse neles como objetos para discutir as mediações algorítmicas das plataformas e os deslocamentos por elas provocados nos modos de subjetivação e na percepção dos sujeitos sobre as relações de poder, de produção do conhecimento sobre os indivíduos e da

modulação do comportamento. Por um lado, como defende Sconce (2019, p. 283), há a sensação de impotência coletiva – seja ela política, econômica, cultural ou tecnológica. Por outro, a inquietação em dar a ver e ser visto pelas ferramentas indica a não adoção de uma declaração de derrota e, sim, uma produção de sentido que reconhece este deslocamento, o enfrenta e negocia, com as ferramentas, efeitos e consequências dele.

A mediação dessa troca é o eu, uma vez moderno e sob controle, mas agora cada vez mais consciente de que é, potencialmente, apenas um efeito de um sistema cibernético - eletrônico, semiótico ou talvez ambos. O primeiro passo para dominar ou (em um modo modernista mais residual) derrotar esse sistema é reconhecer, abraçar e mobilizar a identidade de alguém como um pacote de dados¹⁸⁸ (idem, 2019, p. 293)

Os psicóticos descritos por Tausk localizavam as possibilidades de poder e condução nas máquinas de influenciar, máquinas extraordinárias capazes de intervenções em um eu, anteriormente privado. A organização em uma comunidade, a autoinvenção de uma identidade coletiva e a produção de conteúdo por parte dos *TIs*, em conjunto com uma mudança significativa no modo como a informação e o conhecimento circulam e são autorizados, trazem alguns apontamentos novos.

As percepções e modos de subjetivação paranoide na onipresença da produção de dados digitais e análises algorítmicas, por sua vez, focam o poder atrás do poder - agências e atores obscuros que implementam objetivos secretos por meio de objetos do cotidiano. E que, embora rotineiros, continuam, ainda assim, extraordinários. Indicam que os sujeitos percebem e localizam as relações de poder, a produção de conhecimento e de verdade sobre os indivíduos e a própria constituição e exame de si como cada vez mais mediadas por ferramentas e processos comunicacionais, aparatos informacionais e tecnológicos. Isso não significa tomar a tecnologia, as aplicações comunicacionais e as plataformas digitais como agentes determinantes de fenômenos da sociedade contemporânea, mas como elementos que afetam como os sujeitos produzem sentido. De modo que atuar como influenciador e não como influenciado é um imperativo em “um sistema que reconhece a migração de poder para o complexo de informações:

¹⁸⁸ Livre tradução para: "Mediating this exchange is the ego, once modern and in control but now increasingly aware that it is, potentially, merely an effect of a cybernetic system—electronic, semiotic, or perhaps both. The first step to mastering or (in a more residual modernist mode) defeating such a system is to recognize, embrace, and mobilize one's identity as a data packet".

a informação procura me controlar, então eu controlarei as informações"¹⁸⁹ (Sconce, 2019, p. 292, grifo do autor).

No entanto, o “cuidado de si”, em termos foucaultianos, não deve ser “um fim em si mesmo, não se trabalha a si mesmo com a finalidade única de produzir certa relação consigo mesmo, isto é, unicamente *para si*” (Dardot e Laval, 2016, p. 343, grifo dos autores). Para traçar novos caminhos não basta repetir as pressuposições implícitas do problema, ou seja, que o indivíduo precisa ser preservado de intervenções externas que procuram conduzir suas condutas. Talvez a crítica aos sistemas algorítmicos devem estar menos em apontar o vazio ou narcisismo da autorreferência por números e a obsessão da cultura da participação por métricas, engajamento e impacto. De toda sorte, o apontamento dos modos de subjetivação paranoide como sintomas narcisistas também tem seus limites escancarados, ou seja, um exame cujas lentes de análise focam em características de uma subjetividade moderna que cada vez mais se torna obsoleta.

Em vez de uma causalidade determinística, temos restrições, dentro das quais há espaço para novas possibilidades. A agência não é um atributo de sujeitos ou objetos, mas se desdobra em articulações e alianças. Os modos de subjetivação paranoide aportam como indicativos da condição de profunda interdependência que partilhamos com outros agentes, humano e não-humanos em nossos modos de ser. Como aponta Hui (2017), a invenção do telescópio e do microscópio expuseram aos humanos magnitudes que não podiam ser compreendidas anteriormente, nos levando a um novo entendimento e uma nova relação com a natureza. Por sua vez, a crescente fauna tecnológica de monitoramento e captura algorítmica de dados pessoais em suas duas ordens de grandeza, a porção vestigial e dividida do rastro digital e a combinação deles em larga escala, impedem que apreendamos as finalidades e as implicações de nossas ações nestas redes.

Assim, nem cura, nem patologia. As subjetividades paranoide se apresentam como desdobramentos inevitáveis de uma vida cotidiana mediada por um excesso de reivindicação de poderes, verdades e possibilidades constitutivas de si, na qual os indivíduos se enxergam capturados em suas próprias redes. Romper com pressupostos que inscrevem as relações dos dados personalizados como a homofilia, noção tão banal quanto perigosa, passa por mudanças em práticas coletivas. Mudanças em reconfigurar fronteiras, compor novos contornos e estabelecer

¹⁸⁹ Livre tradução para: "(...) acting the influencer rather than the influenced is a structural imperative of a system that recognizes power's migration into the information complex: *information seeks to control me, so I will control information*".

critérios para melhor entender e, se não superar, conviver com a ansiedade paranóide causada pela confusão da imensidão de dados, informações e modos de mediações opacos e automatizados.

6. Considerações finais

*Quem quiser ser um sujeito político que comece
por ser rato de seu próprio laboratório*
(Paul B. Preciado, 2018)

Ao terminar esse texto, narrativas conspiratórias sobre o uso da tecnologia como ferramentas de "ataque" e de dominação dos corpos e mentes se disseminaram. A pandemia da Covid-19 coincidiu com o início da implantação de torres de 5G na China e em outros lugares do mundo. Não foi uma coincidência, defendem algumas pessoas. Segundo a hipótese, o sinal da tecnologia de conexão é a fonte da doença, responsável pela mutação de partículas de outros vírus mais comuns e menos letais, multiplicando-os incontrolavelmente. Variações da hipótese ainda afirmam que os sintomas da doença são similares aos efeitos da radiação eletromagnética e que os governos poderiam, deliberadamente, contaminar indivíduos específicos. Por meio do 5G, o coronavírus seria, nesta visões, ele mesmo uma forma tecnológica de controle estatal. Outras, ainda, acusam Bill Gates¹⁹⁰ de querer usar uma vacina contra o novo coronavírus para, secretamente, implantar microchips e "escravizar" a população do mundo¹⁹¹.

As narrativas tiveram ampla repercussão. No jargão das redes, a "bolha" do qual os *TIs* fazem parte estourou. No Reino Unido, torres de 5G foram incendiadas¹⁹². Na Nigéria, após um proeminente líder religioso ter defendido, na televisão, a relação entre a tecnologia de conexão e a doença¹⁹³, o governo do país teve que emitir um comunicado oficial para refutar a hipótese¹⁹⁴. Não foi suficiente para aplacar a desconfiança. O Senado nigeriano propôs ao governo a suspensão da implementação de torres da tecnologia até que sejam realizadas amplas investigações sobre seus supostos efeitos nocivos. Já a conspiração antivacina, envolvendo Gates, apresenta números expressivos. Pesquisa realizada pelo *Yahoo News/YouGov* aponta que 44%

¹⁹⁰ A hipótese envolvendo Bill Gates surgiu por causa de uma palestra proferida por ele em 2015 na qual o bilionário defendia que o maior risco para a sobrevivência da humanidade não era uma guerra nuclear, mas um vírus desconhecido que atingisse escala global. A imprensa estadunidense credita ao site *Infowars*, do conspiracionista de extrema-direita Alex Jones a difusão da versão de que Gates sabia antecipadamente sobre a pandemia do Covid-19. Fonte:

<https://www.nytimes.com/2020/04/17/technology/bill-gates-virus-conspiracy-theories.html>

¹⁹¹ O canal do Corbett Report, por exemplo, lançou o vídeo "*Bill Gates and the Population Control Grid*": <https://www.youtube.com/watch?v=igx86PoU7v8>.

¹⁹² <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/04/04/torres-5g-sao-incendiadas-no-reino-unido-por-conspiracao-com-coronavirus.htm>

¹⁹³ <https://edition.cnn.com/2020/05/19/africa/ofcom-sanctions-5g-conspiracy-theory-intl/index.html>

¹⁹⁴ <https://www.premiumtimesng.com/news/more-news/385992-nigerian-govt-denies-deploying-5g-network.html>

dos republicanos nos Estados Unidos acreditam que Gates planeja usar uma campanha de vacinação em massa contra a Covid-19 para monitorar bilhões de pessoas¹⁹⁵. No front das redes sociais, até abril, o assunto contabilizava, segundo a empresa de análise de mídia *Signal Labs*, 16 mil postagens no *Facebook*, com cerca de 900 mil curtidas e comentários, enquanto no *Youtube*, apenas entre os dez vídeos mais assistidos sobre o assunto, as visualizações já somavam cinco milhões¹⁹⁶.

O papel específico do modelo de negócios da *YouTube* e do seu sistema de recomendação na disseminação do conspiracionismo, de discursos de ódio e do ideário de extrema-direita vem sendo fruto de crescente escrutínio em diversas investigações. Como visto anteriormente, o sistema de recomendações do *YouTube* tem como propósito manter as pessoas a maior quantidade de tempo possível na plataforma, para que se gere lucro com a venda de espaços publicitários. Zeynep Tufekci (2018) foi uma das primeiras a apontar essa possibilidade, adjetivando o *YouTube* como "o grande radicalizador" político¹⁹⁷, e defendendo que o sistema algorítmico da plataforma teria "concluído que as pessoas são atraídas por um conteúdo mais radical do que aquele com que começaram (a assistir)". O efeito recebeu a alcunha de *rabbit hole*, "toca do coelho", metáfora utilizada para algo que transporta alguém a um estado alterado de consciência ou para uma realidade perceptiva alternativa ou surreal, referência à passagem de Alice, personagem de Lewis Carroll, ao País das Maravilhas. Na internet, é uma expressão usada para designar algo extremamente cativante e hipnótico.

A hipótese ganhou alguma tração ao ser referendada por Guillaume Chaslot, ex-engenheiro do *YouTube* em uma *thread* no *Twitter*¹⁹⁸, em 2019. Ao lado de outros pesquisadores, o engenheiro escreveu recentemente um artigo para aferir se as mudanças implementadas pela plataforma a fim de diminuir o alcance de conteúdos conspiratórios tinham surtido efeito. A conclusão dos autores foi de que houve um decréscimo na recomendação, tendo esse tipo de conteúdo ficado mais restrito a quem já o consumia previamente. O artigo, entretanto, não confirmava a hipótese da "toca do coelho" (Faddoul; Chaslot e Farid, 2020), conclusão semelhante à do artigo de pesquisadores da UFMG (Ribeiro et al, 2019), no que se refere ao

¹⁹⁵<https://news.yahoo.com/new-yahoo-news-you-gov-poll-shows-coronavirus-conspiracy-theories-spreading-on-the-right-may-hamper-vaccine-efforts-152843610.html>

¹⁹⁶ <https://www.nytimes.com/2020/04/17/technology/bill-gates-virus-conspiracy-theories.html>.

¹⁹⁷ <https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html>

¹⁹⁸ <https://twitter.com/gchaslot/status/1094359564559044610>

possível direcionamento de vídeos de extrema-direita pelos sistemas algorítmicos de recomendação.

Por ora, as pesquisas acumulam diferentes achados, controvérsias públicas e resultados inconclusivos. Uma delas, em especial, causou grande controvérsia entre jornalistas de tecnologia e pesquisadoras e pesquisadores. Publicada independentemente, "*Algorithmic Extremism: Examining YouTube's Rabbit Hole of Radicalization*" atestou que a plataforma "tem um potencial de atuar como uma força de des-radicalização" (Ledwich e Zaitsev, 2019, p. 11)¹⁹⁹. A metodologia e as conclusões do artigo foram amplamente refutadas, especialmente porque os pesquisadores coletaram dados de modo anônimo, sem estarem logados, o que impediria ter acesso a resultados personalizados - condição que seria indispensável para fundamentar suas conclusões²⁰⁰. O saldo dessas discussões, no momento, é a impossibilidade de se determinar precisamente como os algoritmos das redes sociais funcionam. Os meandros internos de como estes processos automatizados se desenrolam é um segredo corporativo conhecido apenas por alguns – e nem mesmo inteiramente, já que os mecanismos subjacentes são muito complexos e possuem uma escala que ultrapassa a compreensão humana.

Por outro lado, é assentada em boas evidências a premissa de que quanto maior é o nosso interesse num determinado assunto, mais vídeos sobre o mesmo tipo de conteúdo nos são oferecidos, tornando a navegação na plataforma uma trilha espiralar difícil de ser contornada. Como defendido no capítulo anterior, a recursividade destes sistemas carregam o grande potencial de reforçar as identidades e formas de existência centradas e reduzidas ao “individualismo paranoico, produtivista e consumista” (Lazzarato, 2014, p.37). Porém, a hipótese de que as características dos sistemas de direcionamento de conteúdo levariam a conteúdos mais extremados, contribuindo para a "radicalização" política das pessoas usuárias, me parece um salto interpretativo de difícil sustentação. Mesmo se restringindo a investigação ao consumo de conteúdo em uma plataforma, a formação de preferências e visões políticas é um processo cuja complexidade escapa ao escopo de uma análise de padrões de recomendação personalizadas. Envolve também caminhos de visualização específicos de uma pessoa usuária que interage ao longo do tempo com um sistema automatizado, por sua vez encarregado de escolher sugestões

¹⁹⁹ Livre tradução para: "(...) has the potential to act as a deradicalization force".

²⁰⁰ Um resumo da controvérsia causada pelo estudo pode ser acessado aqui:

<https://www.tubefilter.com/2019/12/30/youtube-radicalization-study-extremist-content-wormhole-rabbit-hole/>

personalizadas de um corpus dinâmico e praticamente infinito. Neste sentido, Rieder, Matamoros-Fernández e Coromina (2018) afirmam que

precisamos reconhecer que uma perspectiva estática que enquadra um algoritmo de ranqueamento como uma relação estável entre entradas e saídas não é adequada para uma plataforma do tamanho e da sofisticação técnica do YouTube. Por um lado, os usuários reagem aos *rankings* de várias maneiras, clicando, assistindo e – no caso dos criadores de conteúdo – ajustando as estratégias deles ao que é considerado eficaz em um determinado momento. Por outro lado, as técnicas algorítmicas adotam cada vez mais uma perspectiva probabilística e experimental, na qual os parâmetros são constantemente testados contra um resultado desejado e adaptados de acordo com o comportamento do usuário. Um algoritmo poderia, por exemplo, prever o sucesso de um vídeo recém-postado, classificá-lo favoravelmente num *ranking* e relegá-lo rapidamente se o seu desempenho não for bom²⁰¹

Assim, os autores defendem uma mudança no foco de investigação – de, em vez de privilegiar a análise dos algoritmos de ranqueamento, focar no que denominam culturas do ranqueamento (“*ranking culture*”, em inglês)²⁰², processos constituídos por “agências distribuídas e heterogêneas que convergem para a produção de listas de resultados reais”²⁰³. Estas culturas de ranqueamento, ainda segundo Rieder, Matamoros-Fernández e Coromina (2018), envolvem usuários, criadores de conteúdo e a intervenção das próprias plataformas que circunscrevem e determinam de várias formas as operações de hierarquização e organização da visibilidade, de maneira sempre provisória, com o objetivo de construir respostas para requisições diversas.

É uma proposta interessante, por fugir de discussões que enfocam a problemática oposição e/ou hierarquização entre a atuação dos algoritmos e o que diria respeito ao comportamento humano. Aqui, a demanda por transparência e abertura das caixas-pretas não refere-se apenas ao entendimento da arquitetura da informação das plataformas, mas também à forma como a infraestrutura técnica é apropriada pelas pessoas usuárias e como esses dois

²⁰¹ Livre tradução para: “(...) we need to recognize that a static perspective that frames a ranking algorithm as a stable relation between inputs and outputs is not adequate for a platform of the size and technical sophistication as YouTube. On the one side, users react to rankings in various ways, by clicking, watching and – in the case of content creators – adjusting their strategies to what is considered effective at a given moment. On the other side, algorithmic techniques increasingly espouse a probabilistic and experimental outlook where parameters are constantly tested against a desired outcome and adapted according to user behaviour. An algorithm could, for example, forecast the success of a newly posted video, rank it favourably and relegate it quickly if it fails to perform.”

²⁰² Apesar do anglicismo horrível, optei pela uso de “ranquear / ranqueamento” porque a tradução mais próxima para o português de *to rank / ranking* seria “classificar / classificação”, que não dá conta do sentido de uma distribuição hierarquizada que o termo em inglês comporta, em especial quando usado no contexto de processos algorítmicos. Por sua vez, uma possibilidade seria traduzir por “recomendar / recomendação”, mas também seria uma alternativa reducionista do termo, já que “algoritmos de recomendação” ou “cultura de recomendação” se referem a usos específicos destes processos de organização hierarquizada para a apresentação da organização da informação e do visível para as pessoas usuárias.

²⁰³ Livre tradução para: “(...) the distributed and heterogeneous agencies that converge in producing actual result lists”.

elementos formam uma associação que produz resultados específicos, em termos de produção de conteúdo, e de circulação da comunicação, do conhecimento e da informação (Rieder, 2016).

É importante notar que, quando se trata da formação de preferências e de visões políticas, estas não podem ser reduzidas ao aspecto de vida midiática das redes sociais sem que se leve em conta modos preeminentes de sociabilização e de subjetivação mais amplos e que estão subjacentes às redes algorítmicas. A análise de Ribeiro et al (2019) trouxe um achado importante neste sentido, apontando evidências do percurso de radicalização política na plataforma ao observar os comentários dos vídeos. Deixados por pessoas usuárias nos vídeos de canais influentes da extrema-direita estadunidense, eles frequentemente expressavam visões, incluíam *links* e faziam indicações em referência a fontes de conteúdo ainda mais extremadas.

Recupero dois apontamentos feitos no quarto capítulo, no que diz respeito à maneira que o estilo paranoide e sua carregada expressividade lançam um chamado à ação, mas também a aspectos da estratégia retórica de canais conspiracionistas. São discursos que, uma vez intercalando elementos factuais, dão grandes saltos argumentativos. E apresentam conclusões que lançam dúvidas e não são explícitas com os discursos de ódio, como o *reallygraceful*. Há pistas que precisam ser melhor investigadas de em que medida a circulação e disseminação desses conteúdos devem-se também ao convite para a mobilização e aos chamados para "completar" o sentido implícito do que estes vídeos enunciam. Em outras palavras, o que levaria as pessoas que os assistem a participar diretamente da construção dos discursos e a produzir discursos e interpretações próprias, muitas vezes, de teor ainda mais extremo.

Após as revelações de Snowden, ficaram obsoletas quaisquer especulações sobre conspirações, tramoias secretas e atividades escusas nos bastidores das instâncias de poder envolvendo o uso de tecnologia. Há indícios plausíveis, por toda parte, que podem corroborar as mais diversas narrativas. Isto tem relação umbilical com as plataformas e a centralidade que passam a ter na vida social e subjetiva. Aspectos como a falta de maiores regulações e responsabilizações, e a organização flexível, maleável e participativa do visível e da informação, são condições que permitem um monitoramento onipresente e distribuído, e que também beneficiam a produção e circulação de informações descentralizadas e surgidas nas margens do debate público. Potencialmente, todo tipo de conteúdo pode ganhar grande amplificação e se tornar público. Mas estes discursos podem ser totalmente mentirosos, regressivos e odientos. No

conspiracionismo generalizado, a única paranoia que ainda faz sentido é a "pura realidade" (Steyerl, 2018).

É um cenário cada vez mais inverossímil para a maioria das pessoas, mas que talvez ganhe sentido justamente entre especialistas que lidam com probabilidades – um grupo do qual fazem parte, como discutido nos capítulos 4 e 5, um batalhão de engenheiros e cientistas de dados ligados às grandes empresas de tecnologia. As empresas de tecnologia e suas plataformas não são apenas o epicentro do capitalismo contemporâneo, mas também se posicionam como oráculos singulares de nosso futuro sociotécnico. Devido às grandes quantidades de informações que circulam por suas redes, reúnem cada vez mais condições para identificar tendências em potencial, exercem, assim, uma força centrípeta no capitalismo alimentado por dados. Quanto mais dados são criados a partir de seus parâmetros de reconhecimento de padrões, mais diversos são os modos pelos quais são capacitadas a informar o futuro.

Parte desses especialistas vêm ganhando destaque pela retórica contundente com que denunciam a exploração de vulnerabilidades psíquicas e emocionais por meio das plataformas. É um grupo composto por ex-funcionários dessas grandes companhias, como Chaslot, e tem Tristan Harris como o nome de maior visibilidade. Harris trabalhou na Apple e na Google e chegou a iniciar um mestrado no *Stanford Persuasive Technology Lab*, coordenado por B.J. Fogg, pesquisador que cunhou o termo “captologia”. Atualmente, é co-fundador do movimento *Time Well Spent* e do *Center for Humane Technology* e comanda também o podcast *Your Undivided Attention*²⁰⁴, em que se dedica a alertar para os efeitos nocivos da tecnologia e da economia da atenção. A descrição do podcast diz que o programa "*vai expor configurações (design) ocultas que têm o poder de sequestrar nossa atenção, manipular nossas escolhas e desestabilizar nossas comunidades do mundo real. Elas vão explorar o que significa tornar-se sofisticado no que diz respeito à natureza humana, entrevistando hipnotizadores, mágicos e especialistas da dinâmica de cultos, das adulterações eleitorais e dos poderes da persuasão. Como podemos escapar dessa implacável corrida rumo ao núcleo do cérebro?*"²⁰⁵ – uma descrição que poderia ter facilmente encontrado em algum dos vídeos que me deparei durante o mapeamento realizado. É curioso

²⁰⁴ <https://humanetech.com/podcast/>

²⁰⁵ will expose hidden designs that have the power to hijack our attention, manipulate our choices and destabilize our real world communities. They'll explore what it means to become sophisticated about human nature, by interviewing hypnotists, magicians, experts on the dynamics of cults and election hacking and the powers of persuasion. How can we escape this unrelenting race to the bottom of the brain stem?

perceber como membros desse grupo de ex-funcionários²⁰⁶ frequentemente se assemelham à figura do *whistleblower*, convertendo seu testemunho em confissão, e procurando conferir, assim, uma legitimação e um efeito de verdade ao que falam. Em um *Ted Talk* que proferiu, Harris assim iniciou sua comunicação: "*eu sei porque eu costumava estar em uma daquelas salas de controle. Eu era um designer ético na Google quando eu estudei como você poderia conduzir eticamente o pensamento das pessoas*"²⁰⁷.

Sublinho, neste sentido, que o debate sobre os modos de sociabilidade e subjetivação contemporâneos não pode ser protagonizado pelas premissas dos tecnobehavioristas – arrependidos ou não. Iniciativas como as de Harris lançam luz sobre as engrenagens das maquinarias das grandes empresas de tecnologia, mas o endosso às críticas que ele faz pode incorrer em enxergar o problema de maneira míope ou parcial. Os problemas do capitalismo de dados não estão reduzidos apenas às questões pontuais das plataformas ou a agentes mal intencionados que manipulam as brechas destes sistemas. Antes, as questões a serem enfrentadas estão relacionadas à infraestrutura informacional que torna a vida apartada dessas ferramentas uma tarefa quase impossível, mas também às bases epistemológicas mobilizadas no desenvolvimento do design das interfaces, da arquitetura das plataformas e de seus sistemas de recomendação e, por fim, à possibilidade de que se tornem mensuráveis, classificáveis e comercializáveis aspectos como a formação de comunidades, as relações pessoais e mesmo a vida emocional e psíquica dos indivíduos.

Crucialmente, como discuti no quinto capítulo, é importante apontar que os algoritmos e o *Big Data* são uma maneira de ver e interpretar o mundo, e uma maneira imensamente poderosa. Suas redes criam e geram a realidade que imaginam, podendo se tornar, assim, profecias autorrealizáveis. Fundamentados pela computação, pelas áreas das ciências de dados e das redes, e combinados com métodos e saberes de outros campos, os algoritmos e dados são convocados por modos de ser cujo sistema de valores – como prestígio, reconhecimento, estima, satisfação, etc – cada vez mais é calculativo. Conforme formulada atualmente, a ciência das redes é a ciência do neoliberalismo – como afirma Chun, numa provocação: "não se deve culpar a ciência das redes pelo neoliberalismo – ou alegar que os cientistas das redes são inerentemente neoliberais –

²⁰⁶ Chaslot e Harris ganharam mais recentemente a companhia de Brittany Kaiser, ex-funcionária da Cambridge Analytica. Kaiser vazou alguns emails da empresa e lançou neste ano o livro "*Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque*".

²⁰⁷ https://www.ted.com/talks/tristan_harris_how_a_handful_of_tech_companies_control_billions_of_minds_every_day/transcript

mas destacar o fato de que muitas das ideias que a ciência das redes produz atualmente estão profundamente entrelaçadas com o sistema neoliberal que eles pressupõem"²⁰⁸ (2018, p. 74).

O tecnodeterminismo paranoico e o tecnosolucionismo heroico são apenas dois lados da mesma moeda. Uma perspectiva próxima ao que Simondon (2007, p.32) designou como uma “idolatria da máquina” com fins à “aspiração tecnocrata ao poder incondicional”, cujo “desejo de potência consagra a máquina como meio de supremacia, e faz dela o encantamento moderno”, de modo que a máquina “representa de modo bem evidente e inevitável um ser puramente mítico e imaginário”. Relações sociais profundamente coercitivas parecem estar em toda parte, e difíceis de se enfrentar. Por outro lado, a tentativa de se recuperar uma antiga "normalidade" ou de insistir nas formas estabelecidas pode ser fonte de mais delírios e ilusões. Ora, se não cabe retomarmos a noção de subjetividade como reduzida à experiência do sujeito – numa compreensão de si enquanto unidade individual estável – e tampouco parece efetiva as iniciativas de classificação - como informações falsas, imprecisas ou verdadeiras - dos conteúdos que circulam pelas plataformas, como proceder em alternativa?

Dois episódios de caráter anedótico oferecem algumas indicações. Em artigo que analisa o boicote à campanha de vacinação contra a pólio, capitaneada por líderes religiosos e políticos no norte da Nigéria em 2003, Maryam Yahya (2007) recupera a fala de um barbeiro a respeito dos temores de que as vacinas fossem deliberadamente contaminadas com agentes anti-fertilidade e com o vírus do HIV: “Se o homem branco queria realmente nos destruir, há muitas outras maneiras mais fáceis de fazê-lo. Podem envenenar a nossa Coca-Cola, os biscoitos que compramos, os doces e até mesmo o remédio para dor de cabeça que você pode comprar em quiosques²⁰⁹”. No relato feito por Eve Sedgwick no ensaio *Paranoid Reading and Reparative Reading* (2002, p. 123), por sua vez, a autora descreve um diálogo em que questiona Cindy Patton, socióloga e historiadora americana especializada na epidemia da AIDS, acerca dos rumores e teorias conspiratórias sobre a criação ou disseminação deliberadas do HIV. Patton elenca as possíveis deduções que poderiam ser realizadas com a comprovação de que o vírus seria uma arma biológica: que as vidas de pessoas de África e de comunidades diaspóricas são descartáveis, que gays e usuários de drogas são odiados, que os militares pesquisam formas de

²⁰⁸ Livre tradução para: "(...) this is not to blame network science for neoliberalism—or to claim that network scientists are inherently neoliberal—but to highlight the fact that the many insights network science currently produce are deeply intertwined with the neoliberal system they presuppose".

²⁰⁹ If the White man really wanted to destroy us, there are many other easier ways to do it. They can poison our coca-cola, the biscuits we buy, the sweets and even panadol that you can buy in the kiosks for headaches

matar populações e que pessoas poderosas negligenciam catástrofes ambientais e sociais. E arremata: "supondo que viéssemos a ter a confirmação de todas essas coisas – o que saberíamos, então, que já não sabemos?"²¹⁰. O barbeiro nigeriano e a socióloga americana trazem pistas de que, afinal, “a paranóia conhece algumas coisas bem e outras mal” (Sedgwick, 2003, p.130). Por exemplo, o conhecimento público de casos como o escândalo da *Cambridge Analytica*, e a exposição, como Harris faz, de técnicas e procedimentos que procuram persuadir e seduzir as pessoas para o consumo, "revelam" algo que não é propriamente um segredo. O marketing político e, de forma mais abrangente, o próprio campo da publicidade e da propaganda, sempre se utilizaram de técnicas de persuasão e controle (Domingues, 2016).

Neste sentido, e num cotejo com a discussão empreendida no terceiro capítulo, noto que, para Venturini e Rodgers (2019), a grande lição do caso *Cambridge Analytica*, e em especial para quem pesquisa plataformas e redes digitais, não diz respeito a trazer à tona que somos monitorados por agentes políticos poderosos, o que afinal de contas não é nenhuma novidade para quem se dedica a estes objetos. Antes, percebe-se como o debate público pode ser profundamente poluído pelo marketing computacional, ou seja, "que a influência da análise de redes sociais é maior quando serve ao propósito para o qual foi desenvolvida – promover o tipo de atenção superficial exigida pela publicidade e entretenimento contemporâneos". Neste sentido, os autores não poupam as investigações de cunho científico e acadêmico empreendidas com base em *APIs*. Essas pesquisas, segundo eles, são culpadas em parte por prestigiar o uso de dados de plataformas, reduzindo, assim, a diversidade de métodos digitais e sucumbindo à estratégia discursiva das empresas, em consolidar seus próprios parâmetros como os melhores termômetros para aferir o debate público e fenômenos sociais.

A dura provocação é pertinente à medida que reduzir a investigação de fenômenos sociais e modos de subjetivação digitais aos parâmetros estabelecidos pelas próprias plataformas – ou privilegiá-los diante de outros – trazem limitações não apenas de ordem metodológica, mas especialmente políticas. A questão não passa por abandonar estas ferramentas, mas perceber que dados de redes sociais não podem ser usados ingenuamente e sem levar em conta seus contextos de produção, bem como os do próprio campo, e suas limitações e vieses (Venturini et al, 2018). Sabemos como a separação entre informação e ruído vem se mostrando fundamental como dimensão política. Quem é politicamente reconhecido? E é visível como o quê? Um grupo? Um

²¹⁰ Supposing we were ever so sure of all those things - what would we know then that we don't already know?

indivíduo? Uma categoria específica da população? Um *tipo* personalizado? Talvez um influenciador com boas métricas e um alto nível de engajamento em redes sociais?

Ao apontar a ciência dos dados como um modo de interpretar o mundo, e ao mesmo tempo desconfiando da sua eficácia e dos efeitos que ela promete produzir, pretendi mostrar como precisamos ir além da análise dos modos de ser e agir informado pelos próprios parâmetros das plataformas. Se os dados falam por si, investigar como e para quem eles operam se torna limitante, e mesmo obsoleto. A este respeito, Mcquillan (2017, p. 10) diz de uma "injustiça epistêmica", quando os *insights* da ciência dos dados são privilegiados em detrimento do testemunho ou do entendimento das pessoas e comunidades – mesmo quando elas são os assuntos centrais da investigação.

Thrift (2009) afirma que dificilmente observarmos práticas automáticas que simplesmente se reproduzem sem deformações. Apesar de relativa estabilidade, elas se fundamentam através de conjunto de métodos basilares que, no entanto, no curso de sua ação, frequentemente falham ou, se não tanto, necessitam de constantes ajustes para manter seu desempenho. São empreendidas, assim, improvisações e desvios de rota que podem fundamentar novas performances e técnicas. A ação, perpetuada através de coletivos sociotécnicos formados por agentes humanos e não-humanos, nos permite inferir e atentar para o governo dos algoritmos não imaginando que pessoas e grupos vão responder passivamente a uma equação matemática de controle. Antes, que os dispositivos e códigos de vigilância e de participação produzem efeitos e transformações específicas na conduta e nas ações dos indivíduos e dos sistemas automatizados. Estes, por sua vez, também respondem aos estímulos da vigilância e da participação, seja permitindo, constringendo ou ressignificando suas finalidades.

Aqui, nos aproximamos de um duplo movimento. Por um lado, os coletivos sociotécnicos permitem a constituição de mecanismos de controle e influência algorítmicos, caracterizados por “um certo tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis” (Rouvroy e Berns, 2015, p.42). Por outro, também é através deles que podemos vislumbrar as agências envolvidas em determinado dispositivo, ou seja, não apenas como produtos passivos. São agências que podem lançar dobras, problematizar, traduzir; contribuir para que os indivíduos desenvolvam técnicas de si face aos

processos de vigilância e participação, controle e transparência, bem como de interatividade e monitoramento.

Cabe, portanto, reconsiderar a ciência dos dados e de suas aplicações como um conjunto de proposições e declarações políticas que precisam ser deliberadas e examinadas. Contudo, a celebração dos erros e inconsistências do direcionamento de conteúdos personalizados – a brecha entre previsão e realidade, projeto e trajeto – não deve ser tomada apenas com sarcasmo ou chiste. Como mostra o artigo dos engenheiros do *YouTube*, recomendações aleatórias são também utilizadas para provocar e estimular um comportamento espontâneo, refinando o direcionamento de conteúdo destes sistemas (Covington, Adams e Sargin, 2016).

Fundamentalmente, a proposição de insistir na fluidez das categorias de identificação parece não ser suficiente. O governo dos algoritmos já opera nesse sentido (Rouvray e Berns, 2016; Telles, 2018). São necessárias novas teorias de conexão que não pressuponham voluntarismos e preferências individuais, bem como uma "noção perigosamente banal e recíproca de amizade" (Chun, 2018), como a homofilia. Ao retomarem os arquivos das pesquisas de Lazarsfeld e Merton (1954) sobre a formação de laços de amizade interracialis que embasaram a criação do conceito, Kurgan et al (2019) descobrem que várias informações foram suprimidas para que os autores chegassem às suas conclusões. Por exemplo, a de que pessoas negras se mostraram mais abertas e favoráveis à integração racial do que pessoas brancas. Ao tentar mapear tensões e relações raciais privilegiando preferências individuais, a pesquisa não levou em conta o fator estrutural do racismo.

A homofilia, neste sentido, não é um fenômeno natural em agrupamentos sociais, mas teria sido identificada por uma metodologia viciada. Ironicamente, segundo Kurgan et al (2019), a boa intenção da pesquisa, imbuída em demonstrar a possibilidade de integração em um contexto de segregação racial institucionalizada, terminaria, anos mais tarde, construindo pressupostos que contribuiriam para a formação de processos de exclusão e segregação. Segundo Chun (2018), a homofilia não apenas apaga conflitos que estão na base da sociedade, mas também naturaliza a discriminação. De modo que a "segregação" é o que é encontrando, construído e justificado quando a homofilia é assumida como fenômeno natural.

De toda forma, é este o limite em que esbarra também a pesquisa aqui desenvolvida: ao fazer uso das ferramentas das ciências dos dados e das redes para mapear a relação entre paranoia e tecnologia, a recursividade dos pressupostos homofílicos só encontram mais elementos e

conexões paranoides. Os exageros dos *TIs* não são apenas modos psicopatológicos, reflexos da impossibilidade ou instabilidade pelas quais as pessoas produzem sentido nas associações com tecnologia, na relação de si para consigo e com o mundo. Há também um caráter afetivo nesses imaginários, uma vez que a elaboração da ameaça como proveniente do outro, de fora, representa um certo ganho, pois pelo menos é atribuído um "onde" do qual a instabilidade aterrorizante deriva (Tarelho, 1999). Os *TIs* enxerga as relações e encontros das pessoas com as tecnologias enquanto uma disputa, uma perseguição ou um ataque, mas faz uso dessas mesmas ferramentas para construir uma autoidentidade coletiva. Trata-se de uma dimensão contraditória que nos comunica o desejo das pessoas em falar, produzir discursos sobre si e sobre o mundo. Precisamos escutá-las e estabelecer formas de diálogo.

Os limites dos *TIs* são os das "leituras paranoicas", ou seja, um modo de produção de sentido orientado a denunciar a origem, externa, da alteridade que ameaça. Ao convocar a ideia de leitura paranoica, Sedgwick (2013, p. 130) a define como conjunto de práticas e lógicas interpretativas que elaboram e organizam as relações simbólicas. A saber: a paranoia é antecipatória; a paranoia é reflexiva e mimética; a paranoia é uma teoria forte; a paranoia é uma teoria de afetos negativos; a paranoia deposita sua fé na exposição.

Destaco esta última característica. Boa parte das investigações e pesquisas, esta tese inclusa, se dedicam ao gesto de expor. Identificar, apontar e nomear é de fundamental importância para construir movimentos de investigação, crítica e contestação. Por exemplo, os *TIs* dão a ver que, em alguma medida, somos experimentos de poderosos laboratórios de redes tecnológicas, construídas por atravessamentos e mobilizações de relações de poder, formas de saber e modos de ser. Neste sentido, iluminam o debate sobre a influenciabilidade dos sujeitos - e as dinâmicas de persuasão, participação e pertencimento que a sustentam – como algo que precisa ser constantemente produzida e reproduzida e não atributos a serem descobertos e manejados por ferramentas e práticas, mais ou menos eficazes, com as melhores ou as piores intenções.

Nos modos de produção de subjetividade e sociabilidade nas redes algorítmicas, e perpassando tanto a homofilia quanto noções como câmara de eco, bolha e toca de coelho, devem também ser consideradas as relações de classe, raça, sexualidade e gênero. Esperar que as consequências ou efeitos nocivos e regressivos dos encontros entre humanos e máquinas sejam reduzidos a regular identificações específicas de padrões é um esforço cuja recompensa não parece ser tão efetiva. Ou melhor, ajuda a ofuscar o crucial: produzir conhecimento sobre os

mecanismos de exclusão econômica, sexistas, racistas e classistas que são centrais e subjacentes aos modos de ser e de nos relacionar nas redes.

Entretanto, Sedgwick (2013) argumenta que, apesar da exposição ser importante para a organização de movimentos e coletivos no enfrentamento às situações e condições de opressões sistêmicas, é preciso evidenciar a produção de tessituras diferentes de subjetivação e de lutas políticas que vão além de enxergar processos regressivos como onipresentes e totais. O desafio para podermos escapar das previsões paranoides da governança algorítmica, portanto, se apresenta na construção de visões diferentes que produzam desdobramentos alternativos das relações de poder, produção de sentido e de modos de constituição de identidades e subjetividades. A autora nomeia como *leituras reparativas* as compreensões e visões dos fenômenos sociais e subjetivos que podem propiciar outros modos de subjetivação e de construção de comunidades. – leituras e possibilidades de ação que vão além da ideia de desvelar, expor e denunciar o que é prejudicial, catastrófico e violento. As leituras reparativas são aquelas que apontam para linhas de fuga das teorias de afetos negativos e das teorias fortes da paranoia e de compreensões universalistas:

ler de uma posição reparadora é renunciar à determinação paranóica, consciente e ansiosa (...); para alguém que lê reparativamente, pode parecer realista e necessário experimentar surpresas (...) porque pode haver terríveis surpresas, no entanto, também pode haver boas. A esperança, muitas vezes uma fratura, até mesmo uma coisa traumática de experimentar, está entre as energias pelas quais a leitora posicionada reparativamente tenta organizar os fragmentos e os objetos que encontra ou cria. Porque a leitora tem espaço para perceber que o futuro pode ser diferente do presente, também é possível que ela tenha possibilidades eticamente cruciais, profundamente dolorosas, de alívio profundo, como se o passado, por sua vez, pudesse ter acontecido de maneira diferente da maneira como realmente aconteceu²¹¹. (idem, p. 146)

Inspirada no conceito de "posição" de Melanie Klein²¹², Sedgwick afirma que as leituras paranoides e reparativas são “posições relacionais heterogêneas e cambiantes” (Sedgwick, 2003:

²¹¹ to read from a reparative position is to surrender the knowing, anxious paranoid determination (...) to a reparatively positioned reader, it can seem realistic and necessary to experience surprise. Because there can be terrible surprises, however, there can also be good ones. Hope, often a fracturing, even a traumatic thing to experience, is among the energies by which the reparatively positioned reader tries to organize the fragments and part-objects she encounters or creates. Because the reader has room to realize that the future may be different from the present, it is also possible for her to entertain such profoundly painful, profoundly relieving, ethically crucial possibilities as that the past, in turn, could have happened differently from the way it actually did

²¹² Neste sentido, escreve Sedgwick sobre Klein: "(...) eu acho particularmente agradável seu uso do conceito de posições - a posição esquizóide/paranóide, a posição depressiva - em oposição a, por exemplo, estágios ordenados normativamente, estruturas estáveis ou diagnósticos de tipos de personalidade". (2003, p. 128)

128), o que acarreta na tendência à oscilação, por parte de sujeitos, investigações ou projetos políticos, e mesmo à combinação dessas diferentes estratégias de interpretação e intervenção (Ramalho, 2018). Sobre a disseminação de conteúdos mentirosos em plataformas e redes sociais, por exemplo, os limites das iniciativas de checagem das informações é patente quando se leva em conta o enorme volume de conteúdo sendo circulado e disseminado. Cabe, neste sentido, desenvolver novas estratégias que assegurem o papel central do conhecimento na vida pública, um que leve em conta as transformações do que seria um "fato público" nas sociedades digitais contemporâneas (Marres, 2018, p. 425). É algo que não é restrito ao aspecto tecnológico e cujos efeitos e consequências não recaem apenas em investigações e formações de grupos e comunidades online. Pode nos oferecer também novas e necessárias compreensões de democracia e do comum.

Assim, ao considerar o futuro como um cenário de intensificação da vida mediada por processos automatizados, também precisamos examinar suposições teóricas, metodológicas e práticas dentro das humanidades. O futuro reparativo estaria, então, nos novos padrões que podemos criar juntos, novas formas de relação e de "colaborações incomuns que respeitam e desafiam métodos e *insights*, entre disciplinas e instituições" (Chun, 2018), padrões de realidade pelos quais devemos prestar contas e nos responsabilizar (Haraway, 1988).

A lembrança à Haraway não é à toa. Uma cultura encantada pela produção de dados, cálculos e métricas tem o potencial de desencadear, como efeitos colaterais, a obrigação autoimposta de manter-se em constante estado de alerta e a exigência do aperfeiçoamento. Pode desencadear nas pessoas ainda sentimentos de ansiedade e mesmo interpretações fantasiosas e exageradas das dinâmicas de participação da vida midiática – como a manipulação, a hipnose e a lavagem cerebral –, que se alimenta das próprias informações produzidas por elas próprias. A disseminação de narrativas paranoides envolvendo a tecnologia que aflorou na pandemia da Covid-19, no momento que finalizo o texto, volta a atualizar o imaginário tecnológico anacrônico dos *TIs*. O controle remoto das mentes e dos corpos pelo 5G e a inserção de *chips* põem a materialidade do corpo de volta à centralidade. Um senso pervasivo da ameaça de contaminação pela precariedade dos limites e fronteiras corporais próximas do imaginário ciborgue. Imagens que, como nos fala Haraway (2009), sugerem saídas do labirinto de dualismos por meio dos quais explicamos para nós mesmos as ferramentas que criamos.

Para entender as consequências e potencialidades sociais e subjetivas dos algoritmos, a crítica de seu funcionamento não é suficiente. A performatividade e operacionalidade das redes algorítmicas é relacional: algoritmos produzem efeitos nas pessoas, as pessoas produzem efeitos com e nos algoritmos. As dificuldades em descobrir ou acessar os encontros entre pessoas e algoritmos não podem ser impeditivas para novos métodos e práticas de investigação. É uma questão de onde procuramos e propiciamos estes encontros, e eles estão além dos parâmetros das plataformas. Demarcar novas estruturas de inteligibilidade é a tarefa urgente, nos diz Preciado (2018, p. 370), para arrancar os biocódigos das mãos particulares dos tecnocratas, exigir deles a propriedade coletiva e comum e recuperar o direito de participar na construção de ficções biopolíticas. Cabe então criarmos formas de navegar por redes algorítmicas que se assemelhem a um convite, não uma lástima. Como escreve Haraway (2009, p. 37), construímos “um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção.”

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Patrick Magalhães Monteiro de. Considerações psicanalíticas sobre o delírio de influência. **Estilos clin.**, São Paulo, v.16, n.1, p.116-131, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 21 de março de 2018.
- AKRICH, M. The de-scription of technical objects, In Bijker, W.E. and Law, J. (editors) **Shaping technology/ building society**. MIT Press, pp. 205 – 224, 1992.
- AMOORE, Louise; PIOTUKH, Volha (eds). **Algorithmic Life: Calculative Devices in the Age of Big Data**. London: Routledge, 2016
- ARADAU, Claudia; BLANKE, Tobias. Politics of prediction: Security and the time/space of governmentality in the age of big data. **European Journal of Social Theory**, 20(3), 373–391, 2017.
- ARIELY, Dan. **Previsivelmente irracional: as forças ocultas que formam as nossas decisões**, Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- ASPREM, Egil; GRANHOLM, Kennet. **Contemporary Esotericism**. Abingdon: Routledge, 2014.
- AUPERS, Stef. (2012). “Trust no one”: Modernization, paranoia and conspiracy culture. **European Journal of Communication**, 27(1), 22–34. 2012
- AZARIAS, Wiverson. "Não confie em ninguém-Teorias da Conspiração como Mitologia Política". **Revista Alabastro**, v. 2, n. 6, p. 45-51, 2015.
- BALE, Jeffery M. 2007. "Political Paranoia V. Political Realism: On Distinguishing between Bogus Conspiracy Theories and Genuine Conspiratorial Politics". **Patterns of Prejudice** 41 (1): 45–60. 2007
- BARKUN, Michael. **A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America**. Berkeley: University of California Press, 2003
_____. “Conspiracy Theories and the Occult,” in **The Occult World**, ed. Christopher Partridge (New York: Routledge, 2016), 701–09.
- BARTH, Luís Fernando Barnetche; FOLBERG, Maria Nestrovsky. Da pseudociência paranóica à ciência da paranóia. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 67-82, Jun. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.
- BASTOS, Marco Toledo; ZAGO, Gabriela; RECUERO, Raquel . Encontros e Desencontros entre TAR e ARS: O Laço Fraco entre Teoria e Método. **Contemporanea** (UFBA. Online), v. 12, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/12294>. Acesso em: 03 de março de 2019.
- BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Hal. **Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics**. Oxford University Press, 2018.

BENTES, Anna Carolina Franco. **Quase um Tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo a partir do Instagram**. 2018 Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BEZERRA JUNIOR, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: Plastino, Carlos Alberto. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BIGO D; ISIN E; RUPPERT E. Data politics. In: Bigo D, Isin E and Ruppert E (eds) **Data Politics: Worlds, Subjects, Rights**. Abingdon: Routledge, 1–17, 2019.

BIRMAN, Joel. Vitor Tausk. In: **Tausk e o aparelho de influenciar**. (Org.) Joel Birman. São Paulo: Escuta, 1990.

BOGOST, Ian. “The Cathedral of Computation.” *The Atlantic*, Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/01/thecathedral-of-computation/384300/>. Acessado em: 17 de maio de 2018.

_____. Facebook’s Dystopian Definition of ‘Fake’. **The Atlantic**. 28 mai. 2019. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2019/05/why-pelosi-video-isnt-fake-facebook/590335/>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

BOYD, Danah; CRAWFORD, Kate. “Six Provocations for Big Data”. *A Decade in Internet Time: Symposium on the Dynamics of the Internet and Society*, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1926431>. Acesso em: 22/01/2017.

BROTHERTON, Robert. “Towards a Definition of ‘Conspiracy Theory’.” **PsyPAG Quarterly: Special Issue: The Psychology of Conspiracy Theories** 88 (Sep): 9–14. 2013.

BRÜCKNER, B. “Animal Magnetism, Psychiatry and Subjective Experience in Nineteenth-Century Germany: Friedrich Krauß and his Nothschrei”. **Medical History** 60(1), pp.19–36, 2016.

BRUNO, Fernanda. “Contramanejo para câmeras inteligentes: vigilância, tecnologia e percepção”. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 47-63, 2012.

_____. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.

_____. “Algoritmo da felicidade”. **Revista DR n.1**, 2015. Disponível em: <http://www.revistadr.com.br/posts/algoritmo-da-felicidade>. Acessado em: 13 de agosto de 2016.

_____. “A economia psíquica dos algoritmos: quando o laboratório é o mundo” **Nexo**. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/A-economia-ps%C3%ADquica-dos-algoritmos-quando-o-laborat%C3%B3rio-%C3%A9-o-mundo>. Acessado em: 12 de agosto de 2018.

BUCHER, Tania. Objects of intense feeling: The case of the Twitter API. In: **Computational Culture**, n.3, 2013 Disponível em: <http://computationalculture.net/objects-of-intense-feeling-the-case-of-the-twitter-api/>. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

_____. . The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**, 20(1), 30–44, 2016. doi:10.1080/1369118x.2016.1154086

BURGESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

BUZATO, Marcelo. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, JÚLIO; LEFFA, VILSON J. (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender**. 1ed. São Paulo: Parábola, 2016, v. 1, p. 33-48.

BYFORD, Jovan. **Conspiracy Theories: A Critical Introduction**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

CALLON, Michel. **The Laws of the markets**. Oxford: Blackwell, 1998.

CALLON, Michel; MUNIESA, Fabian. Peripheral Vision. **Organization Studies**, 26(8), 1229–1250. 2005.

CARPENTER, P. K. Descriptions of schizophrenia in the psychiatry of Georgian Britain: John Haslam and James Tilly Matthews. **Comprehensive psychiatry**, n. 30 (4), p. 332–338, 1989

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 63, n. 1, 2019.

CHENEY-LIPPOLD, J. A new algorithmic identity soft biopolitics and the modulation of control. **Theory, Culture & Society**, 28(6), 164–181, 2011.

CHUN, Wendy. CHUN. “On ‘sourcery’, or code as fetish”. **Configurations** 16(3): 299–324. 2008a.

_____. **Control and Freedom: Power and Paranoia in the Age of Fiber Optics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008b

_____. "The Enduring Ephemeral, or the Future Is a Memory". **Critical Inquiry**, 35(1), 148–171. 2008c.

_____. Queering Homophily. In: Clemens Apprich, Wendy Hui Kyong Chun, Florian Cramer u.a. (Hg.): **Pattern Discrimination**. Lüneburg: meson press 2018, S. 59–97. DOI: <https://doi.org/10.25969/mediarep/12350>.

CLARKE, Roger. **Introducion to dataveillance and information privacy and definition of terms**. 2013. Disponível em: <http://www.rogerclarke.com/DV/Intro.html>. Acesso em: 18/08/2015.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **EDUCAÇÃO E REALIDADE**, v. 34, p. 171, 2009.

COVINGTON,P.; ADAMS, J.; SARGIN, E. Deep neural networks for YouTube recommendations. In: Proceedings of the 10th ACM conference on recommender systems, 191–198, 2016.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo e os fins do sono**. São Paulo: Contraponto, 2014.

CRAWFORD, Kate. “The anxieties of big data”. **The New Inquiry** (30 de maio de 2014). Disponível em: <http://thenewinquiry.com/essays/the-anxieties-of-big-data/>. Acessado em: 18 de janeiro de 2018.

D'ANDREA, Carlos. Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos. **GALÁXIA (PUCSP)**, v. 1, p. 28-39, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/34208/25695>. Acesso em: 09 de dezembro de 2018

DANIELS, Jesse. The Algorithmic Rise of the “Alt-Right.” Contexts, 17(1), 60–65, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1536504218766547>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins.** – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DASTON, Lorraine. **Algorithms before computers.** Palestra proferida na Universidade de Washington, em 19 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.internet-history.info/media-library/mediaitem/2540-lorraine-daston-on-algorithms-before-computers.html>. Acessado em 13 de dezembro de 2017.

DASTON, Lorraine; ERICKSON, Paul; KLEIN, Judy L.; LEMOV, Rebecca; STURM, Thomas; GORDIN, Michael D. **How Reason almost Lost its Mind: The Strange Career of Cold War Rationality.** Chicago: Chicago University Press, 2013

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity.** Cambridge: MIT Press, 2007.

DEAN, Jodi. **Conspiracy Cultures from outerspaces to cyberspace.** New York: Cornell University Press, 1998.

DELEUZE, Gilles. “Pos-Scriptum: Sobre as sociedades de controle”. **Conversações, 1972–1990.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia,** tradução de. Luiz B. L. Orlandi. — São Paulo: Ed. 34, 2010.

DUNKER, Christian. “Sobre a compreensão psicanalítica da paranóia”. **Mental,** Barbacena , v. 1, n. 1, p. 23-37, dez. 2003 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272003000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 14 de fevereiro de 2018.

_____. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano.** São Paulo: Ubu, 2017.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.** Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Ed. Zahar, 1994.

ESPOSITO, Elena. Future and uncertainty in the digital society. Paper presented at the Alexander von Humboldt Institut für Internet und Gesellschaft, Berlin. 2018, March 15

EVANGELISTA, Rafael. Mentiras lucrativas: modelos de negócio da web exploram radicalismos e ameaçam democracias. **COMCIÊNCIA (UNICAMP)**, v. 210, p. 1, 2019. Disponível em: <http://www.comciencia.br/mentiras-lucrativas-modelos-de-negocio-da-web-exploram-radicalismos-e-ameacam-democracias/>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

FADDOUL, Marc; CHASLOT, Guillaume e FARID, Hany. **A longitudinal analysis of youtube's promotion of conspiracy videos**. arXiv preprint arXiv:2003.03318, 2020.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. “Mutações da subjetividade contemporânea: performance e avaliação”. **Cadernos de Psicanálise** (Círculo Psicanalítico/RJ) , v. 36, p. 31-41, 2014

FINN, Ed. **What algorithms want: imagination in the age of computing**. Cambridge, MA: MIT Press, 2017.

FOSTER, Hal. **Prosthetic Gods**. Cambridge: MIT Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **A história da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005a.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do Poder**. 23a. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b. ^[1]_{SEP}

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Subjetividade e verdade**: curso no College de France (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FREUD, Sigmund. “‘O Caso Schreber’ e outros textos (1911-1913)”. **Obras Completas, Vol. 10**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. “Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)”. **Obras Completas, Vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

GALLOWAY, Alexander. **Gaming: Essays on Algorithmic Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

_____. **The Interface Effect**. Cambridge: Polite Press, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1992.

GITELMAN, Lisa. **Raw data is an oxymoron**. Cambridge MA: MIT Press, 2013.

GILLESPIE, Tarleton. #trendingistrending: when algorithms become culture. In: **Algorithmic Cultures: essays on meaning, performance and new technologies**. ed. / Robert Seyfert; Jonathan Roberge. Oxford : Routledge, 2016

_____. The politics of ‘platforms’. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347–364, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444809342738?journalCode=nmsa>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

_____. **Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media**. Yale University Press, 2018.

GOLEBIEWSKI, Michael; BOYD, Danah. Data Voids: Where Missing Data Can Easily Be Exploited. **Data & Society Report**. Out. 2019. Disponível em: <https://datasociety.net/library/data-voids/>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

GRIFFIN, Charles J.: Jedidiah morse and the bavarian illuminati: An essay in the rhetoric of conspiracy, **Central States Speech Journal**, 39:3-4, 293-303T, 1988.

GROHMANN, Rafael. A noção de engajamento: sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, 2018.

GROYS, Boris. **Under Suspicion: A Phenomenology of Media**, trans. Carsten Strathausen. New York: Columbia University Press, 2012.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Tradução: Lúcia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HACKING, Ian. **Representar e Intervir – Tópicos Introdutórios de Filosofia da Ciência Natural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012. 400 p

HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. “The surveillant assemblage”. In: **The surveillance studies reader**, ed. Sean P. Hier and Josh Greenberg, 104-116. Berkshire: Open University Press. 2000/2007.

HANNEMAN, R. A; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, 2005.

HARAWAY, Donna. “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective” **Feminist Studies**, Vol. 14, No. 3, pp. 575-599, 1988.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed., Trad. Tomaz Tadeu, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

HASLAM, John. **Illustrations of Madness**. London: G. Hayden, 1810.

HAGGERTY, Kevin; ERICSON, Richard. The surveillant assemblage. In: **The surveillance studies reader**, ed. Sean P. Hier and Josh Greenberg, 104-116. Berkshire: Open University Press. 2000/2007.

HILDEBRANDT, Mireille. “Defining profiling: a new type of knowledge?” In: HILDEBRANDT, Mireille.; GUTWIRTH, Serge. (Orgs). **Profiling the European citizen**. Cross- disciplinary perspectives. Dordrecht: Springer Science, 2008.

HORNING, Rob. “Anxiety of Influence”. **Real Life**, mai, 2018. Disponível em: <http://reallifemag.com/anxiety-of-influence/>. Acessado em 14 de junho de 2018.

HUI, YUK. “Cosmotechnics as Cosmopolitics”. **e-flux journal** 86 (Novembro de 2017). Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/86/161887/cosmotechnics-as-cosmopolitics/>. Acessado em: 19 de novembro de 2017.

HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R. Avaliação Psicológica no Brasil: Situação Atual e Desafios para o Futuro. In: Yamamoto, O. H.; Gouveia, V. V. (org.). **Construindo a Psicologia Brasileira: Desafios da Ciência e Prática Psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 261-277, 2003.

HELMOND, Anne. The platformization of the web: Making web data platform ready. **Social Media+ Society**, 1(2), 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2056305115603080>. Acesso em: 11 de dezembro de 2018

JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991.

JAY, Mike, **The air loom gang: the strange and true story of James Tilly Matthews and his visionary madness**, London and New York, Bantam Press, 2003.

_____. **The Influencing Machine: James Tilly Matthews and the Air Loom.** Londres: Strange Attractor Press, 2012.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**; tradução Cássio de Arantes Leite. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

KAPLAN, JEFFREY; Lööw orgs., **The Cultic Milieu: Oppositional Subcultures in an Age of Globalization.** Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002.

KELLY, Kevin. 2012. "The Quantified Century." Quantified Self Conference, Stanford University, Palo Alto, CA, September 15–16. <http://quantifiedself.com/conference/Palo-Alto-2012>.

KILLEN, Andreas. **Berlin Electropolis: Shock, Nerves, and German Modernity.** Berkeley: University of California Press. 2006.

KITCHIN, Rob. "Big data and human geography: opportunities, challenges and risks", **Dialogues in Human Geography**, 3 v.3, p.262–7, 2013

_____. Kitchin, R. **The data revolution: big data, open data, data infrastructures and their consequences.** London: Sage, 2014

_____. **Thinking critically about and researching algorithms: Information, Communication & Society**, v. 20, n. 1, p. 14–29, jan. 2016.

KITCHIN, Rob; LAURIAULT, "Tracey, Towards Critical Data Studies: Charting and Unpacking Data Assemblages and Their Work" (July 30, 2014). The Programmable City Working Paper 2; pre-print version of chapter to be published in Eckert, J., Shears, A. and Thatcher, J. (eds) **Geoweb and Big Data.** University of Nebraska Press. Forthcoming. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2474112>. Acesso em: 19/12/2016.

KOSINSKI, M.; BACHARD, D.; STILLWELL, D.; KOHLI, P.; GRAEPEL, T. "Manifestations Of User Personality In Website Choice And Behaviour On Online Social Networks". **Machine Learning Journal (MLJ)**, 2013a. Disponível em: <http://www.michalkosinski.com/ml2014.pdf>. Acessado em: 14 de junho de 2018.

KOSINSKI, M.; YOUYOU, M.; STILLWELL, D.; KOHLI, P.; GRAEPEL, T. "Computer-based personality judgments are more accurate than those made by humans". **Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)**, 2015. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/112/4/1036.full>. Acessado em: 14 de junho de 2018.

KRAEPLIN, Emil. Paranoia (Verrücktheit) 1904. Traduzido [por A. Austregésilo] da obra do Prof. Emil Kraepelin, Die Psychiatrie, Leipzig, 1904, v. 2, p. 590. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.13 no.2 São Paulo, Junho de 2010.

KRAMER, Adam D. I.; GUILLORY, Jamie E; HANCOCK, Jeffrey T. “Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks”. In: **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Jun 2014, 111 (24), 2014. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/111/24/8788.full>. Acessado em: 18 de junho de 2017.

LACAN, Jacques. **O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **O Seminário Livro 3 (1955-56)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LANGLEY, Paul; LEYSHON, Andrew. Platform capitalism: the intermediation and capitalisation of digital economic circulation. **Finance and society**, 3(1), 11–31, 2017. Disponível em: Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

LATOUR, Bruno. On technical mediation: Philosophy, sociology, genealogy. In: **Common Knowledge**, fall, V3. N2., 1994a ,disponível em <<http://www.brunolatur.fr/articles/article/54>> Acessado em: 13 de março de 2019.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo:UNESP, 2000

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. **Políticas da natureza**. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-Edusc, 400 p., 2012.

_____. **Facing Gaia**. Trad: Catherine Porter. Cambridge, UK ; Malden, MA : Polity, 2017

_____. **Down to earth: politics in the new climatic regime**. Cambridge, UK: Polity Press, 2018.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. Vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997 [1979].

LAW, John. LAW, John. **Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/research/resalph.htm#law>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

_____. STS as method. In: FELT, Ulrike et al. (Eds.). **The handbook of science and technology studies**. 4. ed. Cambridge: MIT Press, 2017. pp. 31–57. Disponível em: <http://heterogeneities.net/publications/Law2015STSAsMethod.pdf> Acesso em: 11 de agosto de 2019.

LAZARSFELD, Paul F.; MERTON, Robert K., Friendship as Social Process: A Substantive and Methodological Analysis in: **Freedom and Control in Modern Society**, ed. Morroe Berger, 18–66. New York: Van Nostrand, 1954. Disponível em: https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.498862/2015.498862.Freedom-and_djvu.txt Acessado em: 19 de agosto de 2019.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo; Helsinque: n-1 Edições; Edições Sesc São Paulo, 213p., 2014.

LERNER, V.; LIBOV, I.; WITZTUM E. “Internet delusions: the impact of technological developments on the content of psychiatric symptoms”. **Isr. J. Psychiatry Relat. Sci.** 43, pp.47–51, 2006.

LEWIS, Becca. **Alternative Influence: Broadcasting the Reactionary Right on YouTube**. New York: Data & Society, 2018. Disponível em: <https://datasociety.net/output/alternative-influence/>. Acesso em 15 de março de 2019.

LURY, Celia; DAY, Sophie. Algorithmic Personalization as a Mode of Individuation. **Theory, Culture & Society**, 2019.

LYON, David. **Surveillance Studies: An Overview**. Cambridge: Polity, 2007; 256 pp

MACKENZIE, Adrian. “The production of prediction: What does machine learning want?”. **European Journal of Cultural Studies** 18(4–5), pp.429–445, 2015.

MARRES, Nootje. Why we can't have our facts back. **Engaging Science, Technology and Society**, v. 4, p. 423-443, 2018. Disponível em: <https://estsjournal.org/index.php/ests/article/view/188/162>. Acesso em: 17 de setembro de 2019.

MARRES, Noortje; GERLITZ, Carolin. “Interface Methods: Renegotiating Relations between Digital Social Research, STS and Sociology.” **The Sociological Review** 64, no. 1 pp. 21–46, fev. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-954X.12314>. Acesso em: 20 de março de 2019.

MARTINS, Karla. As bordas do copo amassado: considerações sobre a melancolia e a função da lucidez a partir da escrita de Graciliano Ramos. **Polêm!ca**, v. 10, p. 30-44, 2011.

MATZ, S. C.; KOSINSKI, M.; NAVE, G.; STILLWELL, D.; “Psychological targeting as an effective approach to digital mass persuasion”. **Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)**, 2017. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/early/2017/11/07/1710966114>. Acessado em: 14 de junho de 2018.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big Data: A Revolution That Will Transform How We Live, Work and Think**. Londres: John Murray, 2013.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MCPHERSON, M., SMITH-LOVIN, L., & COOK, J. M. Birds of a feather: homophily in social networks. **Annual Review of Sociology**, 27, 415-444, 2001.

MCQUILLAN, Dan. “Algorithmic paranoia and the convivial alternative”. **Big Data & Society**, 3(2), 2016. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2053951716671340> . Acessado em: 13 de junho de 2017.

_____. Data Science as Machinic Neoplatonism. **Philosophy & Technology**, 31(2), 253–272, 2017.

MCSTAY, A. **Emotional AI: The rise of empathic media**. London: Sage. 2018.

MCSTAY, A., & URQUHART, L. ‘This time with feeling?’ Assessing EU data governance implications of out of home appraisal based emotional AI. **First Monday**, 24(10), 2019.

MELLEY, Timothy. **Empire of Conspiracy: The Culture of Paranoia in Postwar America**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2000.

_____. **The Covert Sphere: Secrecy, Fiction, and the National Security State**. Ithaca and London: Cornell University Press, 2012.

MELLO, Luiz Carlos. **Flores do abismo** (2000). Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/flores.pdf>. Acessado em: 24 de setembro de 2018.

MISHARA, A. L. Klaus Conrad (1905–1961): delusional mood, psychosis, and beginning schizophrenia. **Schizophrenia Bulletin**, 36(1), 9-13, 2009.

MIROWSKI, Phillip. The future(s) of open science. **Social Studies of Science**, 48(2), 171–203, 2018.

_____. Hell Is Truth Seen Too Late. **boundary 2**, 46 (1): 1–53, 2019.

MONTAÑO, Sonia. A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 24, núm. 2, maio-agosto, 2017

MORAES, Fabiana. Subjetividade. **Revista Extraprensa**, 12(2), pp. 204-219, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>. Acessado em: 12 de janeiro de 2020.

MORDVINTSEV Alexander; OLAH, Christopher; TYKA, Mike. Inceptionism: Going Deeper into Neural Networks, in: **Google Research Blog**, 17, jun. 2015. Disponível em: <https://research.googleblog.com/2015/06/inceptionism-going-deeper-into-neural.html>. Acessado em: 23 de junho de 2019.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MUNIESA, F., MILLO, Y., & CALLON, M. An Introduction to Market Devices. **The Sociological Review**, 55(2_suppl), 1–12. doi:10.1111/j.1467-954x.2007.00727.x (2007).

NOBLE, Safiya. **Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism**. New York: New York University Press, 2018.

NOVEMBER, Valérie; CAMACHO-HÜBNER, Eduardo; LATOUR, Bruno. Entering a risky territory: space in the age of digital navigation. In: **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 28, 2010, pp. 581-599. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/117-MAP-DIGITAL-GB.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

NUCCI, Mariana. **Hormônios pré-natais e a idéia de sexo cerebral: uma análise das pesquisas biomédicas sobre gênero e sexualidade**. 2010. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)–Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O'CALLAGHAN, D., GREENE, D., CONWAY, M., CARTHY, J., & CUNNINGHAM, P. "Down the (White) Rabbit Hole: The Extreme Right and Online Recommender Systems". **Social Science Computer Review**, 33(4), 459–478. 2015.

O'NEIL, Cathy. "How to Talk About Big Data and Lending Discrimination". **American Banker**, Setembro de 2015. *Academic OneFile*. Disponível em: <http://go.galegroup.com/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capes&v=2.1&id=GALE%7CA428228759&it=r&asid=c468ccee029e12d593a884676e5125cb>. Acesso: 14/01/2017.

PAN, E., REN, J., LINDOFER, M., WILSON, C., & CHOFFNES, D. Panoptispy: Characterizing Audio and Video Exfiltration from Android Applications, **Proceedings on Privacy Enhancing Technologies**, 2018(4), 33-50, 2018.

PARISI, Luciana. **Contagious Architecture: Computation, Aesthetics and Space**. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

_____. "Reprogramming decisionism". **e-flux journal** 85 (Outubro de 2017). Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/85/155472/reprogramming-decisionism/>. Acessado em 19 de dezembro de 2017.

PASQUALE, Frank. **The Black Box Society: The Secret Algorithms that Control Money and Information**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

PASQUINELLI, Matteo. “The Eye of the Algorithm: Cognitive Anthropocene and the Making of the World Brain”. **Spingerin Magazine**, 2014. Disponível em: <http://matteopasquinelli.com/eye-of-the-algorithm/>. Acessado em: 12 de janeiro de 2018.

_____. “Anomaly Detection: The Mathematization of the Abnormal in the Metadata Society”. **panel presentation at Transmediale Festival**, Berlin, Germany, 2015a. Disponível em: <http://matteopasquinelli.com/anomaly-detection/> Acessado em: 19 de janeiro de 2018.

_____. **Alleys of Your Mind: Augmented Intelligence and Its Traumas**. 23–34. Lüneburg: Meson Press Leuphana University, 2015b.

_____. “Machines that Morph Logic: Neural Networks and the Distorted Automation of Intelligence as Statistical Inference”. **Glass Bead**, 1. “Logic Gate: The Politics of Artificial Mind”, 2017. Disponível em: <http://www.glass-bead.org/article/machines-that-morph-logic/>. Acessado em 23 de janeiro de 2018.

PECINI, André. Da plataforma da web à sociedade de plataforma: impacto da mediação digital na sociabilidade e subjetividade. **VI ComCult**, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018. Disponível em: http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT8_Andre%CC%81-Pecini-UFRJ.pdf. Acessado em: 03 de maio de 2019.

PIPES, Daniel. **Conspiracy: How the Paranoid Style Flourishes and Where It Comes From**. New York: Free Press, 1997.

PODOLL, K; HABERMEYER, E; NOLLER, B; EBEL, H; SASS H. "The internet as a delusional topic in paranoid schizophrenia". **Nervenarzt**, 71, pp.912-914, 2000

PRECIADO, Paul-Beatriz. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia** (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RAUNIG, Gerald. **Dividuum: Machinic Capitalism and Molecular Revolution**. MIT Press, 2016.

RAMALHO, Fabio. Para habitar um mundo de imagens e sons: práticas minoritárias no audiovisual. **Revista Imagofagia**, v. 17, p. 499-521, 2018.

RECUERO, Raquel. **Introdução à Análise de Redes Sociais Online**. 1. ed. Salvador: EDUFBA. 2017. 101p.

RIBEIRO, M. H.; OTTONI, R.; WEST, R.; ALMEIDA, V. A. e MEIRA, W. Auditing Radicalization Pathways on YouTube. In: **Proceedings of the ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency**, 2019.

RIEDER, Bernhard. **YouTube Data Tools** (Version 1.11) [Software], 2015. Disponível: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>.

RIEDER, B. Closing APIs and the public scrutiny of very large online. In: **Politics of Systems**. 27 mar. 2016 Disponível em: <<http://thepoliticsofsystems.net/2016/05/closing-apis-and-the-public-scrutiny-of-very-large-online-platforms/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

RIEDER, Bernhard; ABDULLA, Rasha; POELL, Thomas; WOLTERING, Robbert; ZACK, Liesbeth. Data Critique and Analytical Opportunities for Very Large Facebook Lessons Learned from Exploring “We are all Khaled Said”. **Big Data & Society**, 2(2), 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2053951715614980>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

RIEDER, Bernhard; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, Ariadna; COROMINA, Òscar. From Ranking Algorithms to ‘Ranking Cultures’: Investigating the Modulation of Visibility in YouTube Search Results. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, 24(1), pp. 50–68, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1354856517736982>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

RODRIGUEZ, Pablo Estenban. “Prólogo”. In SIMONDON, Gilbert. **El modo de existencia de los objetos técnicos**, pp. 9-24. (M. Martinez & P. Rodriguez, Trad.s). Buenos Aires: Prometeu Libros, 2008.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ROLNIK, Suely. **Esfemas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. “Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?” **Revista Eco-Pós** (Online), v. 18, p. 36-56, 2015.

SADIN, Éric, **La Vie algorithmique. Critique de la raison numérique**. Paris: L’Échappée, 2015

SANTNER, Eric. **A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SCHÜLL, Natasha Dow. "Digital containment and its discontents", **Historyand Anthropology**, 2017.

SCOTT, John. **Social network analysis: a handbook**. 2nd. New York: Sage Publications, 2000.

_____. Social network analysis: developments, advances, and prospects. **SOCNET 1**, pp. 21–26, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13278-010-0012-6>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018

SCOTT, John. e CARRINGTON, P. J. (Ed.). **The SAGE handbook of social network analysis**. London: SAGE publications, 2011.

SEDGWICK, Eve. **Touching feeling: affect, pedagogy, performativity**. Durham e Londres: Duke University Press, 2003.

SHULLENBERGER, Geoff. "Influencing machines". **Real life** (23 de maio de 2017). Disponível em: <http://reallifemag.com/influencing-machines/>. Acessado em: 13 de janeiro de 2018.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu; MACHADO, Débora.; OLIVEIRA, Carla.; SOUZA, Joyce. Análise das plataformas de compartilhamento online e de suas práticas colaborativas. **Eptic On-Line (UFS)**, v. 20, p. 7-23, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/9610>. Acesso em: 11 de setembro de 2019.

SIMON, Linda. **Dark light : electricity and anxiety from the telegraph to the X-ray**. Orlando: Harcourt, 2004.

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existencia de los objetos técnicos**. M. Martinez & P. Rodriguez, Trad.s. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2007.

SODRÉ, Muniz. 2002. **Antropológica do Es-Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear em Rede**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.Petrópolis, 2002.

SMITH, G. J. D. "Surveillance, Data and Embodiment." **Body and Society** 22: 108–139, 2016.

SPREM, Egil; DYRENDAL, Asbjørn. "Conspirituality Reconsidered: How Surprising and How New is the Confluence of Spirituality and Conspiracy Theory?" **Journal of Contemporary Religion** 30, no. 3: 367–82. 2015

SPRENGER, Florian. **The Politics of Micro-Decisions: Edward Snowden, Net Neutrality, and the Architectures of the Internet**. Luneberg: meson Press eG., 2015

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. Malden: Polity Press, 2017

STÆHR, A. "The appropriation of transcultural flows among Copenhagen youth – The case of Illuminati. Discourse", **Context & Media**, 4-5, 101–115. 2014.

STEENSEN, Steen. Journalism's epistemic crisis and its solution: Disinformation, datafication and source criticism. **Journalism**, v. 20, n. 1, p. 185–189, 19 jan. 2019.

STENGERS, Isabelle. **As políticas da razão**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. *No Tempo das Catástrofes*. São Paulo, Cosac Naify, Coleção EXIT, 2015

STEYERL, H. A Sea of Data: Apophenia and Pattern (Mis-)Recognition. **E-flux**, [S.l.], n. 72, Apr. 2016. Disponível em:

<<https://www.e-flux.com/journal/72/60480/a-sea-of-data-apophenia-and-pattern-mis-recognition/>.

Acessado em: 24 de janeiro de 2020.

STRIPHAS, T. “Algorithmic culture”. **European Journal of Cultural Studies**, v. 18, n. 4-5, p. 395-412, 2015.

TAN, Stephen; SHEA, Catherine; KOPALA, Lili. Paranoid schizophrenia with delusions regarding the internet (letter). **Journal of Psychiatry and Neuroscience**, v.22. p.143, 1997.

TARELHO, Luiz Carlos. Projeção e sofrimento psíquico na paranoia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 463-473, jul./set. 2012

TAUSK, Victor. “On the Origin of the ‘Influencing Machine’”. In: **Schizophrenia. Journal of Psychotherapy Practice and Research**, v. 1, n. 2, Spring 1992.

TEIXEIRA, Antonio. **A soberania do inútil e outros ensaios de psicanálise e cultura**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 156p

THRIFT, Nigel. **Knowing Capitalism**. Londres: Sage, 1ª edição, 256p. 2005.

THRIFT, Nigel; FRENCH, Shaun. **The Automatic Production of Space**. Transactions of the Institute of British Geographers, N.27, 309–335, 2002.

TUFECKI, Zeynep. **We're building a dystopia just to make people click on ads**. Palestra proferida no TED Taks, Monterey (California), set. 2017. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/zeynep_tufekci_we_re_building_a_dystopia_just_to_make_people_click_on_ads?language=pt-br

TURNER, Christopher. The Influencing Machine. **Cabinet Magazine Issue 14 / Doubles**. 2014. Disponível em: <http://cabinetmagazine.org/issues/14/turner.php/>. Acessado em: 18 de junho de 2017.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas. “Understanding Social Media Logic”. **Media and Communication**, v.1, pp. 2-14, 2013.

VAN DIJCK, Jose; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VAN ZOONEN, Liesbet. "I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture". **European Journal of Communication**, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.

VENTURINI, Tommaso; BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan; ROGERS, Richard. “A Reality Check(List) for Digital Methods”. **New Media & Society** 20(11), 2018. pp. 4195–4217. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444818769236> Acesso em: 23 de novembro de 2019.

VENTURINI, Tommaso.; LATOUR, Bruno. The Social Fabric: Digital Traces and Quali-quantitative Methods. In: **Proceedings of Future En Seine**, 2010. Disponível em: <http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2011/08/TheSocialFabric.pdf> Acesso em: 03 de novembro de 2018.

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders and JACOMY, Mathieu. Actor-Network VS Network Analysis VS Digital Networks Are We Talking About the Same Networks? In: Vertesi, Janet, et al., Org. **DigitalSTS: A Field Guide for Science & Technology Studies**. Princeton University Press, 2019. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01672289>. Acessado em 12 de dezembro de 2019.

VENTURINI, Tommaso; ROGERS, Richard. “‘API-Based Research’ or How Can Digital Sociology and Digital Journalism Studies Learn from the Cambridge Analytica Affair.” **Digital Journalism**, 2019. Disponível em: http://www.tommasoventurini.it/wp/wp-content/uploads/2019/02/VenturiniRogers_ApiResearch_Preprint.pdf. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

WANG, Y.; M. KOSINSKI, M. “Deep neural networks are more accurate than humans at detecting sexual orientation from facial images”. **Journal of Personality and Social Psychology**, 114(2), pp. 246-257, 2018. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/record/2018-03783-002>. Acessado em 12 de abril de 2018.

WEST, Sarah Myers. “Data Capitalism: Redefining the Logics of Surveillance and Privacy”. **Business & Society**, jul., 2017. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0007650317718185#articleCitationDownloadContainer>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018.

WILLIAMSON, Ben. Psychodata: disassembling the psychological, economic, and statistical infrastructure of ‘social-emotional learning’, **Journal of Education Policy**, 2019. DOI: 10.1080/02680939.2019.1672895

YAHYA, Maryam. Polio vaccines—“no thank you!” barriers to polio eradication in Northern Nigeria, **African Affairs**, V.106, N.423, P.185–204, Abr, 2007 Disponível em: <https://doi.org/10.1093/afraf/adm016>. Acessado em: 19 de abril de 2019.

ZIEWITZ, Malte. “Governing Algorithms: Myth, Mess, and Methods”. **Science, Technology & Human Values**, Setembro de 2015. Disponível em: <<http://sth.sagepub.com/content/early/2015/09/30/0162243915608948.refs>>. Acesso em: 03/06/2017

ŽIŽEK, Slavoj. “The Matrix, or, the Two Sides of Perversion”. In: IRWIN, William (org.). **The Matrix and Philosophy: Welcome to the Desert of the Real**. Chicago: Open Court, 2002

ZUBOFF, Shoshana. “Big Other: Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization”. **Journal of Information Technology**, n. 30, pp.75–89, 2015.

_____. “Google as a Fortune Teller: The Secrets of Surveillance Capitalism”. **Frankfurter Allgemeine Zeitung**. 5 de março de 2016. Disponível em: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/debatten/the-digital-debate/shoshana-zuboff-secrets-of-surveillance-capitalism-14103616.html?printPagedArticle=true>. Acessado em: 18 de agosto de 2018.

Anexos

Anexo 1 - Tabela com os 491 canais mapeados na rede TI

Id	Nome	Inscritos	Vídeos	Visualizações	Mod	Temática
UCz7OMKe4XKTVsqvCxCQKhuvw	EYA	12500	960	27221	39	Mandela Effect
UCY5sEVe818GcbXshPmuvviw	thegreatestoftheseislove	1280	3	13	39	Mandela Effect
UCFRR4znECjPSV1V0OQCWg4A	Meegs B	5760	315	6542	39	Mandela Effect
UCq_bjeJc7HcifC5pyWIAyJA	EndTimes Bible Intelligence	1330	20	1238	39	Mandela Effect
UCZcBSEIUCs8xwXMK5jIBSUw	HARBINGER OF THE HARVEST	1550	31	940	39	Mandela Effect
UCURC-iCzVpz1JI010tIaZ8Q	Dr. Claudia Albers PhD	31100	1652	54472	39	Mandela Effect
UCL8wQnv6qB7rZtEYfY3vPtw	River of Life Christian Fellowship	16700	786	23947	39	Mandela Effect
UCWJgNI1v0ekjq9kIjHs2tLQ	TRUTH SHOCK TV	139000	166	137544	39	Mandela Effect
UCD8jzC25XCxRnMTAJ3y3dxg	PLANET X NEWS	85200	2170	219829	39	Mandela Effect
UC6OEvHSwOMWx1wmrWaeLm4w	USA Headline News	20700	19	144	39	Mandela Effect
UCYsECILsnZ8_c9uwihh-Ycg	Aneko Press	8450	37	7243	39	Mandela Effect
UCSK9NSk5bxOnJB9yNsujyQ	Christian Sermons and Audio Books	125000	5059	382915	39	Mandela Effect
UCY-UU3bN4FkMILC-CMd8N5w	reallygraceful	255000	134	212916	39	Mandela Effect
UCfRQ7RkUaRZF7WUzdvnDda	The Supernatural - God is NOT dead	50000	306	43371	39	Mandela Effect
UCNqkB9BhN0cVXlanwIsNL8w	XtremeRealityCheck	103000	331	168505	39	Mandela Effect
UCXGfOyYfdCJLmxfXYKqadTg	Jubilee Bible	177	66	23	39	Mandela Effect
UCLeAiDIcXrtNsrWmpXSPThg	Rich Moore Christian Music	441	2	8	39	Mandela Effect
UCoicbcqWs_mXu7y-w6mpStA	TRUTH SHOCK TV 2	2300	3	81	39	Mandela Effect
UCStE6_g3oP7DO5poxBvwOkA	extragraceful	14700	5	589	39	Mandela Effect
UCc11duGvK17QfPbVOWHjgNg	photohelix	38200	164	59416	39	Mandela Effect

UCcnbZ5M9WF7TjvSNoAA9og	Jesusfreak Computergeek	5910	522	4668	39	Mandela Effect
UCSoUtjqc-LjPxPVZiAPYidQ	The Final Days	25000	31	13538	39	Mandela Effect
UC8CR4YylkNCu5UqLqpMZ3_A	wakeuporelse	2970	4	1756	39	Mandela Effect
UC6j13fd74U1DbkEEqmrmphQ	In The Name Of Jesus We Stand	156	40	27	39	Mandela Effect
UC8gFJTjYqm_A7KtjRr2lzYg	UpUplifted	82	13	27	39	Mandela Effect
UCHtAC9056nRVJSicq5ZDDuQ	Braddah Eon	316	56	223	39	Mandela Effect
UC4LxUIH22C0zIUaDIzu7t0Q	Dolly HadBraces	312	41	126	39	Mandela Effect
UCFt0NILvZnchz4ezQeh-Auw	David Zublick Channel	158000	141	68040	39	Mandela Effect
UCQJA8H309An3Y3ErbPnJSgQ	Rocco Donato	87	12	11	39	Mandela Effect
UCBizESL5Wcvexs2eB6h0txQ	Dana Ashlie	125000	43	67313	39	Mandela Effect
UCpZG4Vl2tqg5cIfGMocI2Ag	CFC India	39600	1442	70052	39	Mandela Effect
UCPPkrC9R5ED2R2JRTaQgETw	NCCF Church	6420	859	9725	39	Mandela Effect
UCrCrDXX620kopfSffPxrDTA	SermonIndex.net	185000	7449	543818	39	Mandela Effect
UCzb_MA3_pKeFOmA5-RcWqVg	Affected Collective	49200	50	40687	39	Mandela Effect
UCul300ELNnKXyxFosz1HyJA	Trey Smith	345000	55	382878	39	Mandela Effect
UCYrblcR6lmpA73Cdf3hqdpQ	Jesus Christ My Redeemer	341	17	304	39	Mandela Effect
UCU1K6BYUpbE-qU-bS1MKjOA	Alien Resistance	6550	41	8652	39	Mandela Effect
UCL2vG9wSyB40UCvO-vFy-6w	zion4131	70200	1536	165239	39	Mandela Effect
UC5zTBzYzNlg7YsyQFZSrpw	Once Upon a Timeline	5300	211	6232	39	Mandela Effect
UCHfUwziF7fMIUlx cJHBngTA	NeEd InPuT	6000	247	8199	39	Mandela Effect
UCzaVyRJPgEgYhZ DE_ulkWBw	Nicholson1968	98300	224	90394	38	Guerra Religiosa
UCxYVEXvAmOFF dSpl0xEHe9A	Follower of Yahweh & Son Yeshua	1240	375	1747	38	Guerra Religiosa
UCbkz3VbonxJ5dOp lezsRdUg	Lion and the Lamb	29800	35	3086	38	Guerra Religiosa
UCrUhdbsCjuwxAk 8twKqmqz9Q	Isaiah 11:6	35	0	0	38	Guerra Religiosa
UCo8fiE2-	TheScariestmovieev	470000	578	1075387	38	Guerra Religiosa

s0SZu6Onb8INLMQ	er					
UCuftdXePz6z73Wsg8Ao5ITg	ODD Reality	256000	120	285673	38	Guerra Religiosa
UChWMAo1ITUpb1Zzcf4IUuJQ	Vosto Vlad	18600	81	8514	38	Guerra Religiosa
UCgmJxiQ0ou2CV5kfVr3_uHQ	Cunnedas Ramble	42	346	33	38	Guerra Religiosa
UCp5x5kxCgg_A220jNIsLyfA	A Call For An Uprising	324000	1089	533016	38	Guerra Religiosa
UClr-dzHl3xQ3XZOpRalw7XA	DoUSEEwhatEYEC	41100	130	49261	38	Guerra Religiosa
UCIY1qAHQ-TcQ92Tg0ddH28w	Nicholson1968 Playlist	3830	175	3467	38	Guerra Religiosa
UCimu0lavuWvcPxN5k0_IHDw	KJ Osborne	67400	56	122157	38	Guerra Religiosa
UCjGpyaFt010cxAUczIHPF7w	scrawny2brawny	89200	17	57441	38	Guerra Religiosa
UCv_-yc055n1fxFFTYpdaKBg	A Call For An Uprising	484000	883	748509	38	Guerra Religiosa
UCx8HvV9W98-Ult-f1s2ml2w	omegaman	23700	3623	32997	38	Guerra Religiosa
UCBvbZKrrXA2pdBIB6ny5m5Q	TinaPlakinger TreadingOnSerpents	951	108	738	38	Guerra Religiosa
UCHE92x768p8h-fMrqhsnE1Q	dutchsinse	355000	2690	674571	38	Guerra Religiosa
UC3NFHqD3AAU90eqhI5XvOFA	theJonathanKleck	137000	1227	319887	38	Guerra Religiosa
UCe1b2AenwrKvmNV2TIUYGWw	James Arthur Jancik	1860	231	3063	38	Guerra Religiosa
UC9-Mn8xGQpTpuY-6kGQByLg	Ella F	8550k	181	9482	38	Guerra Religiosa
UC8P-H3FcTRAu5kUrnjtfx-A	timetoface thechange	597	21	425	38	Guerra Religiosa
UCEF3IXFT-0H8kGHFB1xK0zQ	Floyd S	217	15	12	38	Guerra Religiosa
UCKMmTFer79x10mxqv-ZynYg	Remnant Faith	3	0	0	38	Guerra Religiosa
UCi62JvN-lUn7hVL3ffofADA	Jeff P	45100	213	51123	38	Guerra Religiosa
UCrcQ5JFUqWnniYozQhGnRhQ	Ramola D Reports	5220	321	6529	38	Guerra Religiosa
UC3q-ByZ2eoOikcEiajMYXXA	Israeli News Live	293000	2654	653163	38	Guerra Religiosa
UCzgiy1ILy6_jwdG	WSO	117000	561	119166	38	Guerra Religiosa

3nrxW-nQ						
UC5C0zEGR-Deg-5QRLebsiA	Watchman On The Wall 88	79800	603	76631	38	Guerra Religiosa
UCjsoQpzk-XQOt4YM6nzq_-Q	Jonathan Cahn	164000	1661	208173	38	Guerra Religiosa
UC8Uz8z7Tud85WbGaEfdtNuA	Warrior4god13	1870	48	1386	38	Guerra Religiosa
UCk_uPqSuvOP8zaanKyDjz7Q	Shaking My Head Productions	201000	769	257966	38	Guerra Religiosa
UCz4Qb-1lIttNRgB_lQDm6eA	A & © Productions	547000	128	546707	38	Guerra Religiosa
UCtREs3ByfAfMQ8L7VweEmzw	Big Judah	35400	267	68309	38	Guerra Religiosa
UCSjfkCZ8J6cJIYsvQ7_ojdw	Many Fishers	6620	63	1821	38	Guerra Religiosa
UC1YzAHkedRJHv08z0LMY9A9Q	Many Fish	37300	740	28543	38	Guerra Religiosa
UC5EtLmidKchvadyrEotfENg	RISE	305000	222	440550	38	Guerra Religiosa
UCJQtaCAhN4JgVTDR12oQrdw	Spy Kitten TV	282000	41	545810	38	Guerra Religiosa
UCcno7BrCjkJchSsVPj5d6g	EntertheStars RELOADED	53900	1090	82338	38	Guerra Religiosa
UCdDLjPgXkYM8cAf5eDSwvyA	MKP Studios	266000	640	274818	37	alienigenas
UC4F3j3ed_ToM3H2YLLD5vw	secureteam10	2100000	1031	5877075	37	alienigenas
UCfFTN5LATY7Ex6D2ROuZrXQ	FindingUFO	85900	464	186550	37	alienigenas
UCyMO1IkzJm-NPAk1B6b54Kg	Think Anomalous	30900	33	32966	37	alienigenas
UC9mVNQu54jwGfeNBWICb7w	UFO Seekers	242000	128	226962	37	alienigenas
UCsM8hfIf3lrgDpp8d06kwA	UFOCaseReview	6360	16	5040	37	alienigenas
UCOLK00GYbCw5TJB9XDXPT4w	mavi 777	13900	150	23926	37	alienigenas
UCkATHUuOd4hJv4v-A48mTCw	Jarrah White	14300	895	90552	37	alienígenas
UCvGSwUV_NV2_jtgYyXc6BIQ	Top Extract	1420000	274	3708345	37	alienígenas
UCaKT08hGquo224OgF70EGMQ	mavi777 UFO ALARM	47000	382	33252	37	alienigenas
UCId0XvEF-tDbWFyx9EPDO-w	FactsByJames TV	1120	47	122	37	alienigenas
UCyppg9EtN2SWf7YCP0p_scg	Exploring With Erick	4680	48	532	37	alienígenas
UC4eR_m8FI0bVB7P_BEzX3fw	ApexTV	1160000	202	2380766	37	alienígenas

UCEFqqzS9rGU6W7ALVa7Pu2g	The Hidden Underbelly 2.0	35300	1227	295614	37	alienigenas
UCRvqbNvO49VqC8wVSR1V2UA	Disclose Screen The Grimreefar	26900	409	73267	37	alienigenas
UCigst2rYHuYHAcO9LST-qkg	The Lost History Channel TKTC	153000	274	104796	37	alienígenas
UCFk448YbGITLnzplK7jwNcw	New Thinking Allowed with Jeffrey Mishlove	66000	1021	67002	37	alienígenas
UCcavSftXHgxLBWwLDm_bNvA	CO.AG Music	34500	787	42110	37	alienígenas
UC9YiM2p7prjjeICDPc3j6yw	Light up the Dark	21400	45	20753	37	alienígenas
UC1rT6VKePijHAz2YIpkYYyA	The Creepy Leisure	332	9	137	37	alienígenas
UC_Dyl25HoYRQ7ARKRAdHeRg	ThinkingAllowedTV	50000	180	65821	37	alienígenas
UCG9_3MP30-PDAMuEte8HUNw	scienceandnonduality	125000	728	163556	37	alienígenas
UCioXkPux5YDBEf2DWcqnlsw	MKP Studios 2	2350	1	15	37	alienígenas
UCQ7xxNQDS57PXlAmJR0OLrA	Jaskinho	125000	102	125716	37	alienígenas
UCJLkqgDlpHqPh-6EeJQ0PiA	AfghanFTW	152000	682	94096	37	alienígenas
UCDzDekH88FXNKKYB4dGUDkQ	Jake Dufner	501000	528	563849	37	alienígenas
UCeLYYC0Q-6yWiWWS0Oyg8pA	Mikey Manfs	1350000	494	1607612	37	alienígenas
UCKIP4O4y37eHHwS3XM4fHAA	TRENDY	44900	4	101149	37	alienígenas
UCEToPMxkKs9mVqVZQiezLYw	LunaCognita	28700	37	255203	37	alienígenas
UCn3npsPixgoi_xLdCg9J-LQ	AstroBackyard	83200	126	60935	37	alienígenas
UCzQdkHKOTVT_c hwgDcau4sg	SETI Institute	44500	698	52540	37	alienígenas
UC2fZO9Lm4ah0O9w795bDqwg	Mutual UFO Network (MUFON)	58600	383	61439	37	alienigenas
UCOORVvRfvVDaX1LRGtk0Hfw	aerodynamite79	46	2	96	37	alienígenas
UC8H4I-wJxntGNuJSjZTsgjg	MarkIron1	13	1	0	37	alienígenas
UCYprlZiqvb4knUgX996sqQA	Djclyve	3590	565	27775	37	alienígenas
UCHgFvfiXSLiNs_7uUfPjakw	Wil Tracer	1	0	0	37	alienígenas
UCxIPQuLWmZ3FBK7A-K8gKmw	OpenMindsTV	43500	609	85389	37	alienigenas
UCDBQ-	AldosWorld TV	2690000	486	3652015	37	alienígenas

7zPSmk5rdzxEYIndr g						
UCZhUolzN9vMdkj WrnT9DQ2A	Stromedy	907000	383	1054583	37	alienígenas
UCze0j8smPcfTjYD AUh-vqTQ	Jimi	34100	3	3719	37	alienígenas
UChMP5nRHcz0Rx oMm0qRR2uw	Streetcap1	95900	1722	468690	36	alienígenas
UCGgSY0uFZWvIaa mVOi2N1KA	Gary McKinnon	6860	37	1861	36	alienígenas
UCW2_idrnPLgX5j wsHN4wIoQ	newandromeda35	9150	92	123202	36	alienígenas
UCtHg0Cdx1PQ8xk kvnwGRMUQ	John Lenard Walson Flipping Telescopes restoration	22500	157	7855	36	alienígenas
UCX80zx4_vJ79Fi- bHx_mbGQ	Martyn Stubbs	4940	320	30285	36	alienígenas
UCBp949ZaEVSF3q E5JXVYXew	Ufoevidence101	7890	560	34995	36	alienígenas
UCEI3czkK- KxYJBNrctAA7Hg	Bjvdrn Hellmark	608	18	773	36	alienígenas
UCvoWm9wBSG1o Hdrb5_TuP0A	bosb33r	1240	569	14104	36	alienígenas
UCtmHYwSvTODmf QvyuFcNksg	ThoughtTraveler	21700	155	202110	36	alienígenas
UCTiL1q9YbrVam5 nP2xzFTWQ	Suspicious0bservers	438000	3670	1316945	36	alienígenas
UC_NS4MiiHAFo3 CYI7fRSLtQ	The Lion Whisperer	1310000	258	1754160	36	alienígenas
UCAnp9kbTZgHc9lc QKIMXrsg	UFO Lou s Channel	26500	422	47903	36	alienígenas
UChX6lqOO1KI8tikl Wd48PEA	OBG Chat	571	64	177	36	alienígenas
UC9mUBjOwJzrau WdsoHd6rqg	Lighting The Void Radio	5000	342	3985	35	Podcasts Paranormalidade
UCLnCclXb3s_dEG G1mXKMUIQ	Ground Zero With Clyde Lewis	8210	98	4163	35	Podcasts Paranormalidade
UCbmJUAC- TwyP3Gg8LDgDpe A	Freeman Fly	120000	374	151330	35	Podcasts Paranormalidade
UCpA1Ayd0r0iymb HTigLC8tQ	Health Matters Now !	3860	79	129	35	Podcasts Paranormalidade
UCpdCpPEScuSnF6r 6P0hw3-Q	Dreaming Jaguars	1010	16	349	35	Podcasts Paranormalidade
UCDZADijrc4zoZB Kg_tegMRQ	The Caravan of Lore	166	33	23	35	Podcasts Paranormalidade
UCWM1wjKwXShA 8_FmrMGSMIQ	Steven Cambian	1130	99	12295	35	Podcasts Paranormalidade
UC9Xgi2ivPqRTb0R	End Of Days	1610	60	1295	35	Podcasts

uuUonLQg						Paranormalidade
UCjqOmg0rCPPGNaE22kRB6fg	Beyond The Strange	1750	227	1158	35	Podcasts Paranormalidade
UCJqQFVEWSzTSdyjE5fCFuXg	See You On The Other Side Podcast	235	275	168	35	Podcasts Paranormalidade
UC96nWWUaiOsfzkILA8K8NbQ	The Cosmic Keys Podcast	402	51	60	35	Podcasts Paranormalidade
UCCmMWkxjLdiiMQXKPA7yx3g	The Malliard Report	19	0	0	35	Podcasts Paranormalidade
UC5lhJe0H45KXigr4IOeeFcg	Jeff Harman	280	2	3	35	Podcasts Paranormalidade
UCOrYqt7DgcrPV_hl2BUWxEw	Sci-Spi	453	288	317	35	Podcasts Paranormalidade
UCIz29e7qEHd_GXbtuRElleg	mindandmagick	53700	324	63204	35	Podcasts Paranormalidade
UC7TvL4GIQyMBLIUsTrN_C4Q	corbettreport	350000	1601	708235	34	Mídia alt-right
UCnYKjBrI1ErwhDprla7Unwg	Tragedy and Hope	33700	142	37002	34	Mídia alt-right
UCtsGrT91y9vVttv8FYoujiA	wikiworldorder	616	200	959	34	Mídia alt-right
UCbE3nGd3Yto59BN-taoOEAQ	Media Monarchy	18100	733	28131	34	Mídia alt-right
UCVEaFSr-ijdTa_QE4PPSkVJw	Truthstream Media	490000	730	864373	34	Mídia alt-right
UChwwoeOZ3EJPobW83dgQfAg	WeAreChange	622000	2292	1332755	34	Mídia alt-right
UCgAQCMCKu4N9BOhU9C-hs5w	AsYLuM of GhoSTs	2410	38	2486	34	Mídia alt-right
UCvtTGZEcS8mbWdB7prg4QNw	GlobalResearchTV	34600	449	46299	34	Mídia alt-right
UC_aCWjriNB5_HaS7MNU5x5w	Informed Dissent	4360	11	706	34	Mídia alt-right
UCh_0ePvLZymjkivjMdjAsyA	News 4 A Change	27000	368	20874	34	Mídia alt-right
UCdHZela1qTNM9Iiw2YxenIw	Newsbud	63700	826	87865	34	Mídia alt-right
UCixeYLxo6md2Mpnpu6xfIgA	skeptiko	8300	262	10993	34	Mídia alt-right
UCM6EbmEfrTbrQ_31bUx5h3w	Corbett Report Extras	56400	172	50816	34	Mídia alt-right
UC9Upeo5r049TigW66nThqUQ	8thEstate	819	53	531	34	Mídia alt-right
UCc8gB8z72rwcfgnVM_AUj9g	MondialisationTV	1210	45	1548	34	Mídia alt-right
UCoUZfgT-Fpsy_pCc-ITls1w	LukeNeedsBreak	500	62	33	34	Mídia alt-right
UCbTAyG0YJfzbwZjvTm38KJA	JoyCamp	21600	106	24402	34	Mídia alt-right
UCDBw21ZYjQ852l	RonPaulOrDie	1840	145	3628	34	Mídia alt-right

qmDYDaNWw						
UCbLR4DBY2-JizGV9y1jhbhg	thunder caddy	19	5	3	34	Mídia alt-right
UCxzwrfHzzhhIf69UZzM-ew	PresidentTerrorist	134	26	206	34	Mídia alt-right
UC-dg9LupY1bZWwDomPhrAuw	Robert Gass	90	0	0	34	Mídia alt-right
UCMN1wu8DysvVd02BCSi8e8A	FreedomsPhoenix	760	68	80	34	Mídia alt-right
UCBN54-yDmg-lsAoBzHHCWIQ	SchoolSucksPodcast	12100	259	11080	34	Mídia alt-right
UCgXPKK0uhQDvmpNJW0Jkcfw	Meriah Heller	1790	147	581	34	Mídia alt-right
UCL-c_zvZ3lhIU7NU1ikxgmQ	AE911Truth	52000	1089	83961	34	Mídia alt-right
UCzzQnR2e5VIgziK3SiJ6ulG	Watchman Reports	178000	990	272507	33	Yahshua
UCo1UY2cC9rOPofsjW528fLA	AliJeh Yah Reik	21400	356	27252	33	Yahshua
UCnMnY7ei0CbNDgmu_0s4IQA	Redirecting	155000	1595	269836	33	Yahshua
UCkfGQ4cCWGP-bWf7djQxY1Q	SophiYah Yisrael	8220	64	5401	33	Yahshua
UCxmlw1zFnls45HU6slDdpXQ	Rebecca MarieYah	5790	67	4729	33	Yahshua
UC7FV322AMo5UTa94y5YUJkg	Shekinah	167	5	62	33	Yahshua
UCeEJi30fi6LwqCkGig7FGVQ	The Watchman On The Wall	5470	42	1037	33	Yahshua
UCCRCF6rdLLmsWs4MuqYxPcQ	Watchman on the Wall	3960	128	2230	33	Yahshua
UCx2Jcxkgqexq18JsZ4QzdPg	Chalkboard Lessons	2250	44	1674	33	Yahshua
UC94fm4OfOQZSJm21URi7BKA	Virtue Vibe Magazine	3810	100	12660	33	Yahshua
UCxRX0xEo2-flXxObsXbqFeg	Yochanan Talks	139	10	47	33	Yahshua
UCz78WK9PwXQ78aUFdDYWfFg	Kell Kat Sibbles	9	2	1	33	Yahshua
UCgQ1WVXhx9zM YCB2WFY654g	Shannan Amira	73	10	31	33	Yahshua
UCd1BwLPPKXBgReBnimOX6JA	Evolutionary Energy Arts	63200	1641	162596	32	Guerra Religiosa
UCF6kkR2Q_EiCYNW0VFu_kg	EEARTS	3770	78	897	32	Guerra Religiosa
UCaWesQ4Xnef9GafslJkS_8w	JailBreak Overlander	23600	139	7666	31	Sobrevivencialismo
UChz00vupzP_mNPI	Ronny Dahl	272000	479	505649	31	Sobrevivencialismo

YD8GSmBw						
UCcDC6kQcOgMw1fNTwgiBn_Q	RFB II	83500	244	56573	31	Sobrevivencialismo
UCkgNx6AVxTvtkhvd4_XJwzA	Aussie Four Wheelers	132000	238	531217	31	Sobrevivencialismo
UCuNfok7ozooi0LZgp6JJS4A	RichieFromBoston	345000	2047	872564	31	Sobrevivencialismo
UC4uigKTUs2ls3IjLWCXFpDQ	DirtSunrise	3060	150	2327	31	Sobrevivencialismo
UCKX0j67xybR2Ce7h5NMXL_g	Captain Gnarkill	10200	271	16690	31	Sobrevivencialismo
UCbjw-VrJCUb8PTGoiDI2UMw	iamjake	155000	518	224696	31	Sobrevivencialismo
UCg40yNbF_DcDXKn2XTZCwzQ	LROR	26300	187	99244	31	Sobrevivencialismo
UCokbcF52AEExNQ30h7vi6yQ	Last Line Of Defense	235000	243	230174	31	Sobrevivencialismo
UCBVVRqSng6m7ri0Idy4FfNA	The Apprentice of Honor	787	63	1507	30	Prepper
UCSi64g0azbv5ULkDLxMN9tw	southernprepper1	123000	607	222623	30	Prepper
UCp1Gh7UFie1X_FDm2pFAIA	[AGW] Open Source Intelligence	33600	491	66562	30	Prepper
UCE9P50fJMTIUiNtDWBifY3g	sootch00	897000	1346	2606182	30	Prepper
UCbhaasx1vaOf6jpYQ6FMoKw	SkinnyMedic	106000	721	89619	30	Prepper
UCo7NyUTt89FvSMoZ96WMQMw	antisocial	1070	40	1832	30	Prepper
UCRhoHvv62afc5iQ0BoSAihQ	7 TRUMPETS PREPPER	62300	800	103819	30	Prepper
UC3oD3f_j3Tvpw9EFAWTaSHw	Counter Tyranny Ops	19000	7	360	30	Prepper
UCvDPH3Z9Cq7zXw_ejZ19mzQ	1984veritas	1570	64	2480	30	Prepper
UCEHsSWvrGV5IA63OV3J6vhA	StormCloudsGathering	506000	128	440092	30	Prepper
UCZvASsM_PMrmeNQwtoTFYUA	The Holy Bible	474	12	862	30	Prepper
UCGBfyxawe_aHWXHWJamnhEw	PronStarKilluminati	16600	117	37980	30	Prepper
UCwnKziETDbHJtx78nIkfYug	CaspianReport	426000	304	469184	30	Prepper
UCBHE7ALflUOtBw0_kct3XmA	TruthFullOfLies	401	13	61	30	Prepper
UCqYf0XacrXizu9KIIkqq3g	ThePatriotNurse	325000	376	258556	30	Prepper
UCTffHQaauyH58rH45n5grsw	BCtruck rebuild repair repurpose	53900	1548	259409	30	Prepper

UCUII-BCgYQk819IWeA7SZlg	Alpha Charlie Concepts	8480	389	12609	30	Prepper
UC1Db_ywSIPnO97KX4aECq0g	hourofthetime	1500	17	1225	30	Prepper
UCYPxalaaPmc1C3VJua0zKPQ	11Juna11	2000	22	4591	30	Prepper
UCHDugBF3ywx4dZc8C 1MtEA	Earthlasthope2	6740	209	55598	30	Prepper
UCIpy0ENjX4z4939VoCIeGA	thirdworldassassin	2240	363	7030	30	Prepper
UCxiEtqPja47nnqsJNrdOIQQ	Kent Hovind OFFICIAL	150000	1449	189351	30	Prepper
UCaJexUt7jimj1zY4jHa0QMQ	Counter Tyranny Operative	1680	96	4990	30	Prepper
UCagvXgdBBJ3d1a1nxu7QbEg	Advanced Mick	2350	242	4042	30	Prepper
UC5k2gKT5wWo655t6XC7e-lg	KJVM - Bryan Denlinger	32800	1259	102516	30	Prepper
UCc4iogeOUXNw1RZSNT0IMeg	Corey Gil-Shuster	144000	856	610122	30	Prepper
UCpwwZwUam-URkxB7g4USKpg	RT	3750000	47393	29535578	29	Canal de notícias
UCKRw8GAAtm27q4R3Q0kst_g	thejuicemedia	250000	168	271113	29	Canal de notícias
UCcZrL-2b-gYK3l4yDld4XIQ	RT America	1040000	25969	4831573	29	Canal de notícias
UCcT2Z7Dw_lZWLJm_V1rlQKA	AdamVsTheManRT	24600	654	63667	29	Canal de notícias
UCY8x1K2FMBw-jm-WCPbcHEg	The Big Picture RT	150000	9155	487148	29	Canal de notícias
UC2mtXUpAYLYJI Z2deSPhlqw	RT en Espa [±] ol	3010000	58630	18318231	29	Canal de notícias
UCa4-HJHEZ1YUBp5xWNHYJPQ	TheAlyonaShow	46800	4877	295696	29	Canal de notícias
UCsP3Clx2qtH2mNZ6KolVoZQ	RT Arabic	3480000	68770	16556165	29	Canal de notícias
UCsD8_MggErrIHB7Sb_Zm_0Q	marinahfw	6440	90	1952	29	Canal de notícias
UCI-JLc7fB6aX2G85NuJlHAQ	primetimeru	28600	2851	109622	29	Canal de notícias
UC1ZRNf5khuJFrtacQsFqV6w	RT Sport	50700	1391	260471	29	Canal de notícias
UCyvaZ2RHEDrgKXz43gz7CbQ	Redacted Tonight	216000	2111	374377	29	Canal de notícias
UCYbKxAhRyV5JO bJN2a3b46Q	What Do You Mean!?	1280	130	381	29	Canal de notícias

UChD-zWutlego-bcHKOatFWA	AMTV	664000	145	82657	29	Canal de notícias
UCEdJ7XnXNekCKNaVBNCeigQ	AMTV2	11700	0	0	29	Canal de notícias
UC2-i3KuYoODXsM99Z3-Gm0A	friendlyjordies	346000	431	693109	29	Canal de notícias
UCeE3lj6pLX_gCd0Yvns517Q	Ozzy Man Reviews	3590000	483	9958174	29	Canal de notícias
UCzuqE7-t13O4NIDYJfakrhw	Democracy Now!	603000	10934	1699520	29	Canal de notícias
UCzYBW4-xkmpYMtdyrXkTeQ	Ralph Nader Radio Hour	13200	194	7486	29	Canal de notícias
UClt01z1wHHT7c51KcU8pxRQ	hbomborguy	499000	68	520360	29	Canal de notícias
UC2PA-AKmVpU6NKCGtZq_rKQ	Philosophy Tube	541000	339	305208	29	Canal de notícias
UCCY5Jg_6yAofD1v9sZ6oDag	Hugo The Poet	5730	123	5658	29	Canal de notícias
UCG29FnXZm4F5U8xpqs1cs1Q	Empire Files	175000	108	79020	29	Canal de notícias
UCG-G8LLr38fQUNZU8K0t-EA	Greg Hunter	233000	1191	793870	28	Mídia alt-right
UC-7vnmA1Zf1cRyqs9aR77ag	TheGreatestTruthNeverTold	172000	1774	401509	28	Mídia alt-right
UC1mp-CySclyhxjA4f14WQ	X22Report Spotlight	164000	408	254034	28	Mídia alt-right
UCB1o7_gbFp2PLsamWxFenBg	X22Report	500000	3214	1734753	28	Mídia alt-right
UCyk94IY4SR7ecVwXdAfZ5Mg	BrotherJohnF	15100	996	51658	28	Mídia alt-right
UC2nQYgJfe9I_tgWpqqJorUg	SGTreport	573000	1310	1146662	28	Mídia alt-right
UCsAUuQLEn3hZQiQAUoOwXxQ	X22 Report News Flash	19400	169	9092	28	Mídia alt-right
UCSpbMzPqGwGcSLxjS8KkVFQ	Golden State Mint	855	355	725	28	Mídia alt-right
UCupvZG-5ko_eiXAupbDfxWw	CNN	7920000	147029	55600714	28	Mídia alt-right
UCXIJgqnI2ZOINSWNOGFThA	Fox News	3820000	61430	29529765	28	Mídia alt-right
UCCs_FjJR8A7rompHCnW0-3g	Gerald Celente	96100	653	105784	28	Mídia alt-right
UCvKx-	Goldmoney	21400	657	49200	28	Mídia alt-right

9WFcDW4aq9Pw4h7-jA						
UC16niRr50-MSBwiO3YDb3RA	BBC News	5580000	10735	13888510	28	Mídia alt-right
UCZaT_X_mc0BI-djXOIfhqWQ	VICE News	4780000	4346	13423098	28	Mídia alt-right
UCNbIDJNNgaRrXOD7VIIIMRQ	One America News Network	482000	8766	873188	28	Mídia alt-right
UCeYx1CCc8QkSET3kB-JaGCg	SilverShieldGrp	7090	330	27347	28	Mídia alt-right
UC-oIdByeQwwH4ULueUV592w	The Morgan Report	24900	855	51525	28	Mídia alt-right
UCkfhOGWF6011V1RnbviYG3g	The Daily Coin.org	8390	330	17946	28	Mídia alt-right
UCaOwdwEgtnRDJigoD2WveGQ	Expanded Music	62700	744	501878	27	canal de musica italiana
UCYKEoD4XcCZFv0LMSHj7z8Q	Italian Records	692	83	1520	27	canal de musica italiana
UCnKb14N6z0-4Qj2ut4Yx6jw	dance1stchurch	525	4	9	27	canal de musica italiana
UCPRWvviOxE8ISM78MBwsozA	Expanded Music Sync	76	15	7	27	canal de musica italiana
UCZpMWNazpvmIEm0Kb2dgHqQ	Paul Carpenter	1620	209	23494	27	canal de musica italiana
UC6P5LLx8JAJFgI1NJQf_WQg	FlowQualityMusicInc	208	24	701	27	canal de musica italiana
UC8ikqOd1LgEyJ9N-4-UtO_A	Olli Vincent	18300	93	76362	27	canal de musica italiana
UCA40DfiXpjNhQMrfA4HkJiQ	Zunda	371	5	4073	27	canal de musica italiana
UCyXyOxY6IkD-TIXz3HSrJzg	DJ CERLA	3130	26	9353	27	canal de musica italiana
UCTfi27MS74xy55XKD4WVj0g	Alexander Robotnick	16200	63	30334	27	canal de musica italiana
UCxqJkDgnYFRigxZTEPGU-Q	SimonePisapia	246	5	2248	27	canal de musica italiana
UCS4OINprSQ9EGhSNNu-mhHA	KeeJayFreak	146	11	1595	27	canal de musica italiana
UCk1uX7oPz_HQeLI_fmMSQOg	do donot	83	31	15	26	Pregação religiosa
UCuBFBa81XEv-VI3GGy9FJvA	Living For Christ	245000	227	493338	26	Pregação religiosa
UCBR4WLqe5fivikfxn9Tcn1A	Chris LaSala	46500	515	99612	26	Pregação religiosa
UC6swjmUTHGAp5ea3Ox2ITcw	Todd White - Lifestyle Christianity	342000	362	295974	26	Pregação religiosa
UCuokfiOch6-Yfmj1MmbNFJQ	Shelley L.	8630	164	5562	26	Pregação religiosa

UCrIwFOr6neZfQL3 XiW07YIQ	Anonymous Bread	45800	316	58572	26	Pregação religiosa
UC1rzFQHITAgRrE qwHaopTw	LifestyleChristianit yU	839	102	78	26	Pregação religiosa
UCL4Q- DRbW4IHvWcS4Pw ej3g	Kay Nash	19900	154	15733	26	Pregação religiosa
UCx9N8LWTPB8N U3J-pWBWNWg	No Greater Love	27400	183	44193	26	Pregação religiosa
UCfVHX45NZHZi2 LMulQAb9Ug	DanniiLovesJesus1 979	1000	26	361	26	Pregação religiosa
UCD_4S- b0THFAJ58YWZSq z0A	Smoke & Mirrors	692	22	246	26	Pregação religiosa
UCyx- fuT0GUuYGom- Fgl3xyQ	Lifestyle Christianity	25600	59	8570	26	Pregação religiosa
UCaPx8KU_oFjMv9 uTT96i_w	Shelley Sherrill	164	6	13	26	Pregação religiosa
UCFqeiZX8X9SCdH j7uaiWPFA	Voice of the Martyrs USA	19600	340	25286	26	Pregação religiosa
UCQdya7nKDG5cjP 5oDRlqEtg	Open Doors USA	14200	395	21106	26	Pregação religiosa
UClrFMiY- Gle5LUa571eyQQg	Ark Of Grace Ministries	14400	392	20898	26	Pregação religiosa
UCYgXnEL9Mas1k RSn7CbiEFA	Ernest West	4700	1948	12669	26	Pregação religiosa
UC0bUlqfLBoSJkE YUktzH8OQ	Inez Marrinan	19600	80	11259	26	Pregação religiosa
UC3O9Hq5GbNx8vc zcSJZCeZA	Christian Pierre	8510	280	10110	26	Pregação religiosa
UCMO5BBg2TXmg limxS86gEig	Jesus is truth	12000	93	7883	26	Pregação religiosa
UCg_W9EI6Hnk6oG wrYTXBDCw	Edna Harding	3250	338	1349	26	Pregação religiosa
UCUQUMPeRPVA5 4dOb4cn9-jA	One hundred and forty-four thousand Saints of God	4080	21	2961	26	Pregação religiosa
UC- w12rgELNPN1fUjqT A614Q	S O C A R	238	11	117	26	Pregação religiosa
UCIC12qwJdZ7cjtD Avof17dQ	kizilhack	695	7	3528	26	Pregação religiosa
UCm6u_sCZtC70G yRh6uCurQ	HeartCry Missionary Society	36800	460	12906	26	Pregação religiosa
UCPRaRSQgORh_ sUymWqBMIw	Julian Stann	383	156	464	26	Pregação religiosa
UCq1Tz2vU0WMI7z AsZRTM4fw	truthrabbit	70400	209	199430	26	Pregação religiosa
UCsRdVEgtH4ecyyv	Prophets Among	103000	387	158272	26	Pregação religiosa

medsCKqQ	Us					
UC9QNFC89EAlra2 XTA- Xnvg	Evangelist Michael Thomas	23700	755	13758	26	Pregação religiosa
UCU5bnMBIjkFVwo qwBRjeYGg	Alex J	75	68	57	26	Pregação religiosa
UCMDzGg9QxBsU- BaR4N8sNZw	Rhonda Empson	18400	720	49764	26	Pregação religiosa
UCpQHof7mqhXjsN W_T5yAlfQ	dockids	74300	2947	269099	26	Pregação religiosa
UCdUHE_fK- VDvqnWIS5PLjRQ	Karolyne Roberts	114000	128	35577	26	Pregação religiosa
UCY4HXJcaKJxk4g WzLYyHug	SuperChannel- Orlando	2660	10	1720	26	Pregação religiosa
UCmrVJGUS1u5- Hsm BFS 1YA	Living Waters	480000	2339	952175	25	Conteúdo religioso
UCicvc24eAbFp- thRrBnSP2A	Answers in Genesis	118000	820	171610	25	Conteúdo religioso
UC7os_6qEV_UcU- qolZEzRjw	The Good Fight Radio Show	415	6	12	25	Conteúdo religioso
UCE1PSKHiQli4WF 9ZTHGJCRg	Good Fight Ministries	105000	118	147122	25	Conteúdo religioso
UCE2zZBaWVeNsq 5JdIALlJkQ	Living Waters Europe	15400	135	13111	25	Conteúdo religioso
UCy5H0uunC2qMk0 iOF4SHKUw	Acts17Apologetics	402000	1036	921806	25	Conteúdo religioso
UCQgOARFMG18vr iKmdsmn1Ew	Creation Today Ministry	11300	800	20494	25	Conteúdo religioso
UCwFrI64absE3Zo8 025TfVeQ	Ark Encounter	9210	159	81475	25	Conteúdo religioso
UCx7yOdZIZFrGCA SCpMXBSxQ	Creation Museum	4030	70	80143	25	Conteúdo religioso
UC7rHaT6MFLlOG N5e9kuCq7w	Buddy Davis	1330	77	408	25	Conteúdo religioso
UC7u2HaYBKDaLP cWmldxgGEA	Mike Winger	99500	352	93610	25	Conteúdo religioso
UCOtG1fKGni_YH apU4RMMRQ	Ken Ham	7290	392	5615	25	Conteúdo religioso
UCWYwFV9K5Ei0ji TtfnDpXQ	drcreigvideos	71100	1301	182895	25	Conteúdo religioso
UCZsYiEYNuSawvp 3885rVx6A	The Wild Brothers	4720	101	2885	25	Conteúdo religioso
UCJ5PQfYe6er4rrt4 LLu7EKg	FaceLikeTheSun	259000	875	430246	25	Conteúdo religioso
UCXHkMZGwB9g4 rW4BV45ISbA	ReasonableFaithOr g	54400	772	53302	25	Conteúdo religioso
UCwimRSkUtQws36 8ZEXlidsdg	VenomFangX	25200	1	151	25	Conteúdo religioso
UCQDc5idYQE2T6I YKT3bUN7A	ONE FOR ISRAEL Ministry	177000	414	270204	25	Conteúdo religioso
UCBMJt5aU_EJMhr	VOCAB MALONE	16600	642	16548	25	Conteúdo religioso

sK45kg2Hw						
UCK9clHWD7H4Hx Flr2KreJ2w	STRvideos	41700	832	45344	25	Conteúdo religioso
UC23yiJV4Bkagj5dk H-UyHFfA	wazooloo	7370	277	18837	25	Conteúdo religioso
UCh9R5JcmoP5-z- b7gyGXWcw	theTRUTHgroup	4220	235	23199	25	Conteúdo religioso
UCDMOEj6lneZWgr p-r8KqXIQ	Ravi Zacharias International Ministries	394000	388	349300	25	Conteúdo religioso
UCdlxWNzGGPKzQ LMXkkyZkUQ	Wretched	282000	2120	733346	25	Conteúdo religioso
UC1okSIA8UEY8O qvtjGHFvzA	Whaddo You Meme??	42000	167	30898	25	Conteúdo religioso
UC9EG- _kBAOaj_Y- 8Vri0uig	Blessed Hope Chapel	1190	513	516	25	Conteúdo religioso
UCedYGs_lqq1uNet 0u7qlSyQ	Cross Examined	145000	636	247973	25	Conteúdo religioso
UC- wOxG8p_Nk5nFkSx ZOxq6w	PfanderFilms	25800	371	40873	25	Conteúdo religioso
UCIEBnUpbzNPIKoI AwrRzIAA	The Jay Show	2870	50	1064	25	Conteúdo religioso
UCO9OJ3ov9E- stKHjc1lmHXg	Living Waters Down Under	685	10	230	25	Conteúdo religioso
UCKutRuXaoPM_JC re4N5HP7Q	OFI Multilingual	1260	83	636	25	Conteúdo religioso
UCNzS3IEQaAfwof wltbEBwuw	David Rives Ministries	7360	335	10869	25	Conteúdo religioso
UCYrvDS8VI- YI9sYCTdgyzIw	Revivus Ministries	142	34	93	25	Conteúdo religioso
UCIOUm- DHXOGU9QNl6cF mcWg	FEBC	2850	142	7313	25	Conteúdo religioso
UCXkgIl5W-HXG8- srQdyAbDw	oneminuteapologist	54400	1034	61219	25	Conteúdo religioso
UCPRJ7X3hyFvm- 3Jo8rVWYOW	Soteriology101	23800	295	31027	25	Conteúdo religioso
UCyUPngKLxiB3xk UfHVDxGeg	FreedomProject Media	21600	1233	56920	25	Conteúdo religioso
UC1OTzT2nFceNrX hr_ZQICsA	Living Waters Español	36000	138	21752	25	Conteúdo religioso
UCgkoN5fod5z7lhF DdHrt30Q	Inemind	21700	106	22005	25	Conteúdo religioso
UCepxnLs6GWAXA yI8m2U9s7A	Michelle Qureshi	62300	115	75401	25	Conteúdo religioso
UCf0MDB_oF7huA 78BNADx9sQ	DCCI Ministries	12700	773	33111	25	Conteúdo religioso
UCiHiuZ8o_pLIGMj	İöêlè·Û·İäşİû°İóð /	92	18	12	25	Conteúdo religioso

srVM4WBw	ONE FOR ISRAEL Korean					
UCbINn3x-intLp88Zrf8acpg	ASKDrBrown	99000	1750	202879	25	Conteúdo religioso
UCux-_Fze30tFuI_5CArwsmg	Capturing Christianity	20500	130	12101	25	Conteúdo religioso
UC69a1SBisk8MjzKhRAWLAMg	WWUTT	25200	263	41323	25	Conteúdo religioso
UCQMwm-DeHyFK5VPp6KySR5Q	The Gospel Coalition	72800	1453	94981	25	Conteúdo religioso
UC1mMdnLWLuGIMjTwe3UTX4A	Dikayo	210	85	1065	25	Conteúdo religioso
UCbblDZSO8DpPvJDEBPnIBaA	truth4U2C	1030	124	4419	25	Conteúdo religioso
UCAfMe69LAQWdU3sKmZiaSw	Answers in Genesis Canada	68	8	7	25	Conteúdo religioso
UC79duPKj9pUjbaQAyMq1r9A	Answers VBS	8400	413	52154	25	Conteúdo religioso
UCefPpd-HJMYzrRuS8B_xE7w	Jeremiah Cohen	60200	438	90411	24	Gang stalking
UCJdA-A2qgWQ7CY0iWeoYRyQ	lambdamage	637	111	467	24	Gang stalking
UCiUVVE5s_i1XbRZ5J6zQbHg	War On The Saints	2110	104	1063	24	Gang stalking
UCii83uiUQaM7yuRmteM9JOA	Glitch in the matrix.	28	1	1	24	Gang stalking
UCTXqy8snolmd-JgnsF3nHgg	Zeph Daniel	3200	1326	7809	24	Gang stalking
UCzTWdr_9IVWWmeStz5qDjoA	Derek Prince	144000	682	167822	24	Gang stalking
UCd3SL3ws4enkxHljRIectqA	Derek Prince Ministries Video Bible School	6410	402	5850	24	Gang stalking
UCo-DFQO7UkigYzhfgTAy7lg	sg10it	2	1	1	24	Gang stalking
UCrHADU8H0P2Q_79sAhYjlGA	Got Questions Ministries	125000	330	103000	24	Gang stalking
UCck11KG4bpCAsuqwZZOZwRw	Room 212 Photography/Productions	829	53	2936	24	Gang stalking
UCUy0htQzXCap__D2NckLiTA	David Lankford - The Voice of Evangelism	7770	356	4946	24	Gang stalking
UCq2RhadBDhrTPjzxsZ-s5Iw	josh sparrow	1470	432	1733	24	Gang stalking

UC3TN13-7XmrPuju9W0EXR Uw	Crazy Love	97500	330	76394	24	Gang stalking
UCK1y1lNXhB7iqsb Gj2t0dIw	Martha joy	280	0	0	24	Gang stalking
UCT9WliFG4d9VfY OkbTu0BGA	Stella	183	21	39	24	Gang stalking
UCh_kK0gh5IRJcA HgiiCgIwx	Bible Munch	26400	93	8824	24	Gang stalking
UCP3oHGdHfAcqQ 6Hue1C5WVg	Leche with Love	2	4	3	24	Gang stalking
UC4Z7Sa0CNRR_7 Rs8ZSPje9w	Derek Prince Ministries France	9100	42	9449	24	Gang stalking
UC22X7Ptd2OR6Fui Gg225wSw	VOE Audio Classics	257	30	18	24	Gang stalking
UCPwqh67p56Y-D7GDrEiqCqA	ExistentialWayDot Com KevinMeredith	1980	372	1827	24	Gang stalking
UC3H9iHqff4kcguN ZQWmGJAA	Honey Badger	1280	0	0	24	Gang stalking
UCUVtYG7yr15o9j LXXgFoZ3w	Christopher Butler	177	20	95	24	Gang stalking
UCditYPbUU3VFFx ow4JVCKaw	Matt Brown	27	0	0	24	Gang stalking
UCyMu20UvsNLGI NoOMnGxArw	Servant of Jesus The end times are close !	24	0	0	24	Gang stalking
UCLS0piLU_loOLH BGoR2y1ew	TeamJesusPreachers	2570	343	3434	24	Gang stalking
UCamPX32aC18L_WvH4ad8XcQ	Francis Chan	1120	22	41	24	Gang stalking
UCdnsx-54syGf17wt1yhczDg	alphaom0	90	39	326	24	Gang stalking
UCztEMadRsedQPp U8FzcmIBQ	Maranata Resource and Training Center	2730	190	6141	24	Gang stalking
UC_cOPOaele1rtS DM2tWe3A	Vulcan Wolverine	2690	1038	4494	24	Gang stalking
UCSbruy_8yff3oZ64 50bQzJw	Spiritual Warfare Deliverance Ministry John 3:16	4090	133	2462	24	Gang stalking
UCq1oaspex3mDx83 NIRqROjg	JOSEPH LILLIE	1870	142	4225	24	Gang stalking
UCSmg21GUdg-e8USUsSbGqEQ	Derek Prince Ministries Nederland	49700	184	39671	24	Gang stalking
UC07L3vsE8QedkIu Hsw-AshQ	OSINFORMERS	4390	84	8699	23	Gang stalking
UC33VKp5gaXluR_2BXkLkeDQ	satelliteterrorism3	205	3	106	23	Gang stalking

UCjTp8IH59-H3Bm7j34GDdjg	thetruthsgettingout	66	2	13	23	Gang stalking
UCPFn6CUJhOPdjE pvfXq4xig	fortherecord376433	116	49	102	23	Gang stalking
UCqjAiiyvb4E3fPzB zFjwxyw	targetguy777	135	6	15	23	Gang stalking
UCX_irQ6sX-CuLhIK3fKZreg	eyesoftruth12309	176	5	459	23	Gang stalking
UCwS_yUaZAKZFjE -fp4_pRw	RT Sterling	28	0	0	23	Gang stalking
UCEIBPz6jnZyZ_Ds V1ilWTLw	DeBastard Television	1280	22	1352	23	Gang stalking
UCWK134WuNK46 IMMuZKELeVQ	MINDKONTROL2 000	202	1	3	22	TI controle da mente
UCfGgheZ12YDUz4 phIR3dFvg	GangStalking Survival	5240	156	4859	22	TI controle da mente
UCRwgZT0HsAkc_i ZTc-SrmMA	STOP THE CRIMINAL CIA NWO	9130	513	21062	22	TI controle da mente
UCb8V6ho1t2g8UB OD72_hTYw	Matteo Rovereto	300	15	505	22	TI controle da mente
UC- L6quKwLBHkoR7J CXHjkgg	Indigo Ribbon	196	9	154	22	TI controle da mente
UCtHiXIHfmqyUOh 8o5mKISQ	PayDroV	86600	278	222691	22	TI controle da mente
UC_KJtBIAAqrd6R0 4YQry5-w	Kevin Canada	12000	588	20019	22	TI controle da mente
UC2wFahfmvTlrJvg HxTen1DA	freedomfchs	424	1	81	22	TI controle da mente
UCd16GYAqxmQDB e5F7iFbBOQ	lsc970	636	101	2626	22	TI controle da mente
UCfdBBrt1bbwcA1 HQFStKHfw	AlfredBender	65	3	190	22	TI controle da mente
UCMpxkUyQBKEIx 8yetQ_OJrQ	IndigoRibbonMont h	9	0	0	22	TI controle da mente
UCgEwb9DiE7X- dN7PS08adNQ	Targeting Must End	6630	42	7596	22	TI controle da mente
UCaQVZL5OEOIth -SIQcfoJYg	gangstalking	725	6	1049	22	TI controle da mente
UC7Ge41ZMYsXnC rl32lfHrew	ongangstalking	1050	7	757	22	TI controle da mente
UCT2yNvEKjfsOyK TijdsgrSw	Mysteryof Iniquity	3890	170	4473	22	TI controle da mente
UCgY0zKApie48JU W4t4w0pTg	bonnieleec	1980	3763	6934	22	TI controle da mente
UCB3gVkgU6tRoAz d0orDzwA	NAPPY HEAD ROOTS	5360	1360	13261	22	TI controle da mente
UChjs41NHWTkmJ f-sY3Cy4sg	THE WISDOM CAFE WITH LISA	1690	193	2140	22	TI controle da mente

	J.					
UCX9KQoN2QPDD QWcccSojnJQ	NUBIAN T.I.	164	86	184	22	TI controle da mente
UCqXf8- kCw4vtdUEMDS85 H8w	mynitemareneighbo rs	2400	7787	13004	22	TI controle da mente
UCKnIxfRqVE2GkN LvfuKOSpg	Electronic Harassment TI Explanations	149	5	85	22	TI controle da mente
UCvaAu9cZ7WH8u QSmAUC9Low	unitedtis	2080	29	3142	22	TI controle da mente
UC3JRH- l4GuErXaiHg9oah8g	wwwtotalitaerde	1640	121	3261	22	TI controle da mente
UCs2RjyYD3nQefc NI4n5CITw	ConstitutionLost	11200	482	16817	22	TI controle da mente
UCCB85oDzjz47QM IEL5QLGtQ	Energy Weapons	459	99	1307	22	TI controle da mente
UCKkQEpu6_xfMjb ef60JUBAg	noverichip	1250	30	5720	22	TI controle da mente
UC7OBXsj0SQVQO MzUTT05MZA	monikastoces	17	0	0	22	TI controle da mente
UCae9ALTYVeW4 QPRy-y1HP0g	qolspony	389	113	2026	22	TI controle da mente
UCBhIzsqkZ85xeU9 pZG0ZnHw	gangstalkingwatche r	585	416	3850	22	TI controle da mente
UC0RA72fxZMGRQ uVVVilzYog	eschenbach001	238	13	5855	22	TI controle da mente
UCSuaUUjxQXI7AI GY-zYD4Uw	Ioanna Iatridou	60	12	40	22	TI controle da mente
UCp1DIz73USoYrA Xyoba5eeA	reign6of6e6terror	89	14	239	22	TI controle da mente
UCsV9URnQlf0c8D 8YzbPC_iQ	s ahmann	285	34	298	22	TI controle da mente
UCJaq3rSjtBxq1Yk8 Y7Q9k4g	Johnverichiped	176	58	319	22	TI controle da mente
UCTkGApZ47sp_Oy OLBXcWakA	mikematloff	307	0	0	22	TI controle da mente
UCVutqZlrpkK6Uk YjhnUL2qw	helenkurdin	274	35	484	22	TI controle da mente
UCYwuiZoejKscBN sPFtsREvQ	lourdbot	165	3	289	22	TI controle da mente
UCew2hhXcn3Zaj3e Nbi2Z7Ow	SmileNow2	198	0	0	22	TI controle da mente
UC6Oe6Opo0Iz6niC Pdgw4Qgg	E. Felix Canez	527	29	1380	22	TI controle da mente
UCdKfk5UUTGJ1S Eumnxxyew6A	thegatos	51	21	183	22	TI controle da mente
UCQ- b098jRWEI8wpmg-- mVXg	Darksnow555	567	404	4822	22	TI controle da mente

UCbnS_qxu2BOFaB AkZYO5LaA	PayDroV Official	1480	18	788	22	TI controle da mente
UCmulJjxkCcVmFO JGfI7ox7w	PayDroV 3rd channel	91	4	48	22	TI controle da mente
UCLc9qpTvwjmFpT jvVMJRLOQ	Senchoon Lim	3	14	117	22	TI controle da mente
UCoL8yIBhtwVJ6Fc EtOg_XHg	JIMMYWEO	58	28	159	22	TI controle da mente
UCYBwwKx8Q5W4 eIe0mMWwtCA	Targeted Individual	4840	3429	8318	21	TI
UCfA7yPBVIOcCw nxxBLsNYfg	Kevin Christian	111	14	11	21	TI
UCfPs4XQDpyngLX XW5h6weew	Willow Warrior For Christ	435	5	81	21	TI
UC5jeTDY10jhDYS BXySSqGnQ	Shane Gibbs Targeted Survivor from the UK.	3210	138	2515	21	TI
UCxL9DqkP4u6d4D sgFrSMKyQ	MYSTiK WARRIORZ	257	811	460	21	TI
UCVs4uGobdQ1LU wcet_pLNfg	TI, ÆIRON, ÆiBmor e MD	117	12	23	21	TI
UCsijP8E6T- JffAauEqAlvVg	krishna marie	265	25	310	21	TI
UC6NAr_C8tGP6jti UwV4isew	Annabella monroe	263	11	90	21	TI
UCUu7nqk4G0EIP_ xnA0n2HNA	April Cassada	108	9	10	21	TI
UCHD8PrmGTGlg8 mPW_CTwpXg	Grace Tablada	39	189	33	21	TI
UCZzFRKsgVMhGT xffpZgTJIQ	Zak George, Æs Dog Training Revolution	2180000	354	1453416	21	TI
UCFgUJacl22fhq14 NDoUPq1Q	Sherry s Research and Reviews	438	39	169	21	TI
UChODZ3TIsraVwS trDanmarw	Jennifer Randall	100	165	418	21	TI
UCr8mQYdTahRni8 iZwzhFj0Q	zakgeorge	14500	163	8758	21	TI
UCZ79pHe1jmLMux c_VEIGjfg	Gospel Broadcasting Network	9100	3364	8913	20	Pregação evangélica
UCGxfHbfp4ZBpg4 TDg8v8G3A	World Video Bible School (WVBS)	146000	1040	186602	20	Pregação evangélica
UCX4FW9aNVIOW MSlyp8l3spQ	Biblical Truth	18300	304	28934	20	Pregação evangélica
UCYkqrw41Y2Xe9g jT6BWiM1w	Apologetics Press	4890	41	1752	20	Pregação evangélica
UCpK5nlBKwHxzM UjDiDM5Kkg	House to House Heart to Heart	2340	27	1381	20	Pregação evangélica
UCQviXmqPa6PRB	BibleTalk.tv	44400	1031	51699	20	Pregação evangélica

mukpy_gWeA						
UC_ghAqqXsC-2xh62LmP178w	TheGospelmeeting	530	18	255	20	Pregação evangélica
UCCp_atympa5PIwJz6y0gDTA	ChurchsofChrist	1900	185	2744	20	Pregação evangélica
UChY_bWMyRZH8tZMWyx3poaA	SearchTVMinistry	3530	295	3133	20	Pregação evangélica
UChtblIjGuxyjj4hw1zK1RvA	A Little Cup of Wisdom	59	14	18	20	Pregação evangélica
UChh56I6lr7PlnjeWQ5mthMg	Choctaw Church of Christ	590	1075	483	20	Pregação evangélica
UC4kmCLhA83wdG0U15I0v_Rg	Why Jon Left Documentary	110	1	143	20	Pregação evangélica
UCqri7oU62B9x7SnvniQdyhw	The Gospel of Christ	1920	335	290	20	Pregação evangélica
UCCqb5wNpKJnBR7BSOsjjBRQ	Bradley Scott	1380	5	583	19	TI
UCFQ_jw_Swc-ygl-yPLf4j8w	Christi Lynn	529	38	367	18	TI
UCinUys6MazpzTOUW5YfvdAA	Targeted Individual Finland	197	585	394	17	TI
UCQwRxVDzdhuaXOm6gQg2UBA	targeted citizen	852	454	838	16	TI
UCnQEzPwfpJsA1sAbTGC4nDA	Targeted in sanfrancisco	310	421	196	15	TI
UCsAKqtLCaNB_sPSSbFwyOA	Lindsay Baldwin Targeted Individual in Texas	229	468	337	14	TI
UCHMcSJaEVcyWaa3LBHFLv3A	Targeted Individual	8	93	4	13	TI
UCQlNqeK38khSOUmDsqkFDGw	Matthew Aaron	2000	30	1779	12	TI
UC3B89KpMwA1YcJ18D6UphAA	charles hall	568	244	494	11	TI
UCvIRnHLVIBle_Zj56iXM3lQ	Autumn Targeted in NZ	609	104	393	10	TI
UCCZSFVfMCsKHZiKu6RbJQ8w	Andreea Damask	556	75	396	9	TI
UCJQdh7PDEd_B8j7XhyvLDIA	Nexx Level	1430	247	1077	8	TI
UCO6ycg_dgIF9H10mrqs8jwg	Targeted Individuals Be Strong	2440	99	1413	7	TI
UC9n3caEW6m646gSR2iBI4UA	Gina Lyn	472	211	580	6	TI
UCviz60ZBDHOglZn5epoJwmA	Deserie Foley	513	9	323	5	TI
UC_cSBjn6kOZs2kCzsl_l30w	Oliver Duran Gavriy el Prince	1400	250	1845	4	TI
UCHb-	Janine Triumphant	3700	150	3313	3	TI

iw788FvEeexgBTp9 9JA	Individual					
UCRrT02UsAndYQt DHkmzyLlw	JubiLEENA Redeemed	1700	328	2060	2	TI
UCBiTO4PciErtokW PPpykxuA	Targeted in Ireland	4260	311	4938	1	TI
UCG5McsN18_T0Sp u9AUmSTyA	Bryan Tew	4400	2293	8436	0	TI